

O REI
DOS JAGUNÇOS

Manuel Benício



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 179

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

C*anudos e outros temas*, coletânea de artigos, reportagens, relatórios, ensaios, correspondências e o discurso de posse do autor no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. As reportagens de guerra foram retiradas do caderno de bolso de Euclides da Cunha, e alguns artigos são anteriores à sua atividade de repórter. As correspondências são dirigidas a Joaquim Nabuco e a Oliveira Lima. Esta coletânea enriquece a compreensão do Brasil proposta por Euclides e sua publicação inscreve-se nas comemorações dos 100 anos de nascimento do autor de *Os Sertões*.

VOLUME 2

A*campanha de Canudos*, relato direto, objetivo, documentadíssimo dos acontecimentos ocorridos no alto sertão da Bahia no fim do século XIX. O autor, Aristides A. Milton, foi companheiro de lutas de Castro Alves e Rui Barbosa. Diplomado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, exerceu a magistratura e mandatos populares. Escreveu ainda várias obras na área do Direito.

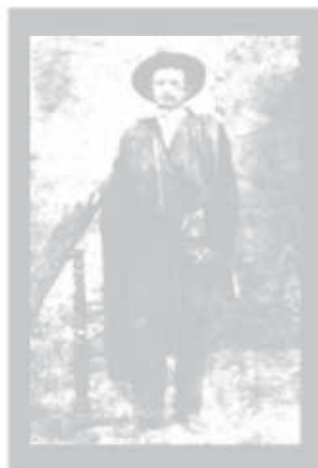
VOLUME 5

A *retirada da Laguna*, de Alfredo d'Escagnolle Taunay. Conhecido como visconde de Taunay, o autor escreveu seu nome no panteão dos heróis da pátria, na academia literária, nos anais políticos e, por fim, para ser mais amplo e exato, na cultura brasileira. Essa grande figura de homem de ação e literato produziu algumas joias da historiografia e da literatura brasileiras. Na literatura, escreveu o clássico *Inocência*, uma das expressões do mundo rural no século XIX. A maioria dos críticos é unânime em apontar *A retirada da Laguna* como livro fundamental sobre a nossa história militar.

Estudioso, pesquisador, espírito inquieto, intelectual de formação impecável, Taunay narra com estilo envolvente a heroica retirada da região paraguaia de Laguna. O lugar fora atacado precipitadamente por tropas brasileiras. O coronel Camisão, em meio à falta de suprimentos, informações e forças de cavalaria, bateu em retirada junto com 1.300 homens famintos, em terreno desfavorável, combalidos psicologicamente pela derrota e fisicamente por epidemias.

É um relato emocionante e rigoroso, fruto da observação e do diário de campanha com as anotações feitas por Taunay no fragor da luta e na retirada honrosa que causou 700 baixas, em “35 dias de dolorosa memória”.

VOLUME 149



Imagens de Canudos, por Flávio de Barros no ano de 1897

.....

O REI DOS
JAGUNÇOS



Mesa Diretora

Biênio 2013/2014

Senador Renan Calheiros

Presidente

Senador Jorge Viana

1º Vice-Presidente

Senador Romero Jucá

2º Vice-Presidente

Senador Flexa Ribeiro

1º Secretário

Senadora Ângela Portela

2ª Secretária

Senador Ciro Nogueira

3º Secretário

Senador João Vicente Claudino

4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Magno Malta

Senador Jayme Campos

Senador João Durval

Senador Casildo Maldaner

Conselho Editorial

Senador José Sarney

Presidente

Joaquim Campelo Marques

Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 179

O REI DOS JAGUNÇOS

Manuel Benício



Brasília – 2013

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 179

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2013

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho](http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho)

Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-438-2

.....

Benício, Manuel.

O rei dos jagunços / Manuel Benício. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

288 p. : il. – (Edições do Senado Federal ; v. 179)

1. Conselheiros, Antonio, 1828-1897. 2. Guerra dos Canudos (1897). 3. Sertanejo, usos e costumes. I. Título. II. Série.

CDD 981.05

.....

.....

Sumário

INTRODUÇÃO

por Celso Silva Fonseca

pág. 9

PRENOÇÃO

pág. 17

PRIMEIRA PARTE

Os visionários e cangaceiros

Os Maciéis

pág. 24

Antônio Conselheiro

pág. 39

Santas missões

pág. 55

Vida sertaneja

pág. 66

Canudos

pág. 120

SEGUNDA PARTE

Militares e políticos

Primeira e segunda expedições

pág. 135

Terceira expedição

pág. 149

Os jagunços em Canudos

pág. 171

Atenção!

pág. 195

Quarta expedição

pág. 203

Primeira coluna

pág. 207

Artimanhas e deserções

pág. 218

Avulsos da guerra

pág. 225

Desesperos

pág. 237

As investidas

pág. 245

Começo do fim

pág. 257

.....

Introdução

CELSO SILVA FONSECA

*Professor do Departamento
de História da Universidade de Brasília*

— **E** *H! PAI, como foi mesmo o negócio que aconteceu à família do jagunço?*

— Qual deles? Ah! Aquilo já é uma outra história.

Não raras vezes, assim se concluía uma sessão pré-sono em nossa casa de infância. O velho pai gostava de contar histórias que o faziam recordar casos passados, ouvidos ou lidos, e nos embalavam num sono prenhe de imaginações sem fim.

O rei dos jagunços, de Manuel Benício Fontenele, lembrou-me aqueles momentos, pois a leitura me fez supor que se trata de uma história vivida e também imaginada. O rei dos jagunços é o relato que foi possível redigir do que se sentiu, viu e entreviu da epopeia de Canudos.

O assombramento e o despojamento que o mundo da caatinga nordestina provocam nos que nela habitam, os tabaréus,

conferem a esse universo uma singularidade extraordinária para os olhos e os sentimentos daqueles que o visitam. O quase sempre vaqueiro – a rudeza do solo secundariza a atividade agrícola –, acompanhando o gado, perde-se no torvelinho das trilhas para se achar algures na umidade de um regato. A solidão dos seus dias, envolta pelos mugidos dos animais e os suspiros de sua alma itinerante, é perseguida, não raras vezes, pela desesperança que brota e se alastra à extensão de penúria das pastagens.

O definhamento do gado e a insolação da sementeira, quando irretorquíveis, cauterizam o homem da caatinga para resistir às misérias e, ainda que inconsciente, para suprir a si próprio na travessia das adversidades. Este mundo, de uma plástica e tonalidade amorfas, onde a sobrevivência se conta por meio das gotas de suor, fez-se palco de uma aventura extraordinária de homens, mulheres e crianças. E, como se a esses homens não bastasse a extremada luta empreendida para subtrair percentuais à desventura, este mundo sucumbiu a ferozes investidas das forças então legalistas. As milhares de vítimas, homens, mulheres, crianças, milícias estaduais e federais, foram o saldo de uma interpretação equivocada de alguns governantes e da coragem e destemor de muitos. Às interpretações deste episódio se reservam o juízo histórico e a indignação racionalizada daqueles que, porventura, as conheceram; às vítimas injustiçadas se reservam a vala comum do passado.

Aturdido e perplexo, Manuel Benício relatou a saga da Campanha de Canudos. O seu entendimento não se conteve, enquanto fundamento explicativo, nos paradigmas econômico, social, político, religioso, etc., do Nordeste no crepúsculo do século XIX. O seu entendimento foi aterrado por meio da invulgar realidade, da inexorável impiedade da miséria e, sobretudo – a marcar a existência de um homem –, por meio da espantosa crueza da ação de-

sencadeada pelo governo republicano para debelar uns insurretos fanáticos e, quiçá, monarquistas.

A este texto não se adscrive a pretensa pontualidade científica das análises históricas, nem a observância do rigor do método de investigação e do aporte teórico que o sustém. Não se trata de uma construção histórica seguindo a métrica metodológica obediente à precisão conceitual – as deduções correspondem à lógica do sistema teórico já estabelecido e os fatos encadeiam-se a comprovar a hipótese anteriormente firmada. Não. O rei dos jagunços é um relato do dia após dia de milhares de personagens que se fizeram anônimos pela réstia de vida que continham e transportavam. É o relato de insustentáveis esperanças gestadas num ventre desesperado na carne e no espírito.

É o relato de uma carnificina sem paternidade, embora alguns atores sejam citados, pois os que a fizeram também a sofreram e o resultado não logrou outra dimensão que o flagelo-desastre de todos.

É sabida a precariedade que grassava no Nordeste desde a segunda metade do século XIX. A política econômica governamental, na porfia de se conseguir um ajustamento que assegurasse aos produtos paulistas uma política cambial favorável à elevação do preço do café, afetava desproporcionalmente as condições gerais de vida da população brasileira.

O Nordeste, impossibilitado de desenvolver aquele cultivo – as condições climatológicas da região não favoreciam o plantio da rubiácea – e com uma incipiente atividade industrial, estivera alheio às benesses do planejamento econômico. O sertanejo, que se constituía uma subestrutura da formação social nordestina, estaria em desvantagens maiores, pois o capital, estão disponível, em poucas mãos, não se tornava produtivo porque aqueles que o dispunham

eram os mesmos beneficiários do subsídio repassado pelo Estado em troca do servilismo político.

O governo imperial, e a seguir o republicano, galvanizava os poços artesianos nordestinos, com o bônus do Tesouro nacional, dos soletrados na política de gabinete e abençoados pela assaz macezada economia da cana-de-açúcar, do fumo, do algodão, etc. A luxuriar os aposentos de alguns, os governantes condenavam os demais nordestinos à sofreguidão da sede.

O crescimento rumo ao Sul e a persistente concorrência dos produtores caribenhos confrangeram ainda mais a sobrevivência nordestina. Desde o cultivo do café no Centro-Sul, o governo central, a manter sua sustentação política, recompunha o Nordeste no cadinho dos desvalidos e, portanto, cientes das suas dependências. Do central ao regional, os governos se valiam das mútuas carências. O homem do campo, meeiro, vaqueiro, jornaleiro, capataz, chuço, jagunço, pistoleiro, capanga, cangaceiro se engalfinhavam a sustentar uma sobrevivência em que a morte tornava-se uma bênção e o matador, que de assassino não se chamava, um homem de convívio e lealdade.

Nesta realidade de abstenções, alastrou um rastilho de fé, de fanatismo e idolatria que, à busca da terra prometida, expunham as suas originalidades existenciais à sombra do umbuzeiro, à roda de uma aguardente, às dobras de um corpo feminino; enfim, aqueles homens pisoados pelas adversidades não esmoreciam pela contaminação dos fracassos, nem tampouco arrediavam o prazer de um átimo de paixão.

Manuel Benício narra-transpira essa história contorcido pela aspereza e o inusitado dos seus lances. Não lhe foi permitido o recuo para uma isenta interpretação dos fatos, nem sequer um itinerário paralelo àquele imposto às tropas e aos retirantes. A proteger-

se das investidas armadas dos jagunços, da escassez de alimentos e água e da tórrida temperatura, buscava recompor as cenas de horas a fio, esventradas pelos horrores dos recontros, com palavras que a razão e a sensibilidade permitiam. Nos extremos das forças e dos sentimentos, foi dando falas a homens-fantasmas, foi testemunhando acontecimentos que se assemelhavam a aventuras delirantes e foi pontuando histórias contadas elou vividas por personagens de uma real ficção. Manuel Benício registrou uma história de muitas histórias.

Há de se assinalar a linguagem utilizada pelo autor. É uma linguagem regional de época. Esta, em sequências, completa e sonoriza as ações empreendidas; endossa, pela justeza, a veracidade dos relatos dos atores e, sobretudo, exclama as exclamações dos ouvintes que, de fato, são espectadores auditivos. Os diálogos, afiados pela virulência verbal dos interlocutores – como que a esgrimirem com as palavras –, revelam uma cosmovisão na qual se atraem e se repelem homens e animais, deuses e bestas, o bem e o mal etc. A linguagem, com suas idiosincrasias e metáforas, transpira o sal da terra. Os vocábulos se inscrevem no texto como que a visualizar o que descrevem provocando uma metamorfose do objeto na palavra que o denomina. O vocabulário de Manuel Benício soletra a realidade nordestina com o sotaque da terra, do sol e, a sugar os lábios, com a escassez da água. O leitor, ao deparar a descrição dos recontros, se cobre ao estrondo dos disparos, se confrange com a aridez do solo, se enjoa com a salubridade da água, se repugna com a promiscuidade das relações e, certamente, se enternece com a simplicidade e a humildade do sofrimento. Os fatos e as palavras que os descrevem se confundem numa densidade humana.

Essa é a história de O rei dos jagunços, narrada por Manuel Benício Fontenele.

Poder-se-ia dizer que esta narrativa carece de fidedignidade histórica. O relato dos fatos não fora suficientemente documentado, além do que a fonte consultada não excedeu os depoimentos de tantos outros que, como o próprio autor, estiveram na Campanha de Canudos. Poder-se-ia inclusive dizer que a imaginação do autor preencheu as lacunas da memória e o silêncio dos relatórios oficiais militares. Poder-se-ia mesmo afirmar que a brutalidade e as atrocidades da Campanha, a ensandecer a todos, tenham dificultado um ajuizamento ponderado e verossímil dos fatos. O escritor-espectador sub-rogou um partido, pois a torrente de paixões dos agressores e dos agredidos o fizera presa do desequilíbrio emocional.

A considerar o estado da produção historiográfica à época, os recursos metodológicos à disposição dos pesquisadores, a insuficiência de estudos correlatos (etnológicos, antropológicos, etc.) e os paradigmas da doutrina positiva que, na maioria das vezes, suggestionavam a todos, não nos é aconselhável discordar das advertências dos possíveis críticos.

Mas pode-se contra-argumentar. Aliás, a construção histórica é uma verdade possível, é a incansável busca da medida do real ainda que sabendo, de antemão, que esta é simplesmente uma pretensão louvável. É-nos dado o fato, o acontecimento. A sua gênese e o seu desenvolvimento, enfim, a sua história é por nós construída. E o é a partir de uma investigação documental, de uma instrução teórica e, sem dúvida, de uma imaginação factível, existencial; ainda assim a concretude, a totalidade histórica fica, para aquele que a construiu, no limiar da realidade então ocorrida. É, tão-somente, a possível compreensão da realidade.

Manuel Benício, restituindo à Campanha de Canudos a carne, o sangue, o vestuário, o ornamento, o adorno da beleza e a dor, serviu-se da fórmula romântica. Serviu-se da imaginação que

o tempo lhe conferiu pela perspectiva. E isto, seguramente, não macula a História.

Resta-nos a indagação:

– E então, pai, o que foi feito de Beatinho, Taramela, João Abade, do menino Tiago, do administrador Vilanova e da linda Senhorinha?

– São outras histórias, meu filho. Para o sono de hoje, já tivemos realidade demais.

Brasília, maio de 1997.

PRENOÇÃO

É com a aquiescência do *Jornal do Comércio* que trasladamos, como enchimento histórico ilustrativo e notas à contextura deste livro, artigos referentes aos sucessos de Canudos.

A monografia dos Maciéis foi escrita sob informações do ilustre cronólogo cearense e homem de letras, o coronel João Brígido, que poderia assinar a primeira parte da obra tantos foram os recursos históricos e morais que despendeu para a contextura dela.

Afora os elementos oriundos de tão boa fonte, outros obtive com tempo, paciência e cartas enviadas aos amigos do Norte e oficiais que estiveram em mais de uma expedição a Canudos, rogando-lhes me coadjuvassem na organização ideal da crônica *O rei dos jagunços*.

Abastado de provas e documentos, meti ombros à tarefa, valendo-me, às vezes, de publicações oficiais que aludiam ao caso discorrido.

Deste modo organizei a presente obra em linguagem chã e brasileira, saturada de sintaxe e *vocabulos* adotados pelos nossos sertanejos, dando eu ao complexo um tom de romance (guardada a maior fidelidade histórica), pensando assim amenizar a aspereza do assunto e o enfaro de descrições enfadonhas de quem não tem estilo.

Tive tempo de escrever e pouca paciência para, depois de ter escrito a obra, refundi-la em tom melhor – tarefa fatigante e intolerável aos que escrevem despreocupados da fama a clássico português.

E só por este lado haverá protestaçoão indestrutível.

PRIMEIRA PARTE

OS VISIONÁRIOS E CANGACEIROS

.....

CADA cruz que se encontra nos aceiros dos caminhos, ladeando as travessias escuras de nossos campos, assinala um crime, um assassinato consequente de vingança. Às vezes, uma defronte de outra, duas cruzes, de braços abertos, estatelam-se à espera de um abraço conciliador que jamais se realiza.

São as certidões de óbito de dois valentões que se toparam, e, ali, a faca ou a bacamarte, mediram a força e a coragem.

A crença popular engrinaldou, em roda dos braços abertos das cruzes, ramalhetes e fitas, e a lenda sertaneja doira a origem de sua colocação ali, com fantasias heroicas que se transformaram depois em canções, entoadas ao tanger das violas matutas.

E ficam na memória do povo, célebres e exemplares, os nomes, os feitos, peripécias e episódios vermelhos dos terríveis cangaceiros que povoam os nossos sertões.

A história sanguinolenta das famílias dos Guabirabas, nos sertões de Pernambuco, ainda é cantada em noites de sambas sertanejos.

Estes episódios truculentos ainda hoje também se reproduzem em todos os sítios e povoados em que as famílias procuram preponderar uma sobre a outra pela importância que lhes advém da riqueza ou da valentia pessoal de seus membros, que adquirem fama terrível, em consequência de tropelias inauditas, praticadas a título de bravura. O sertanejo só admira e quer bem ao que é forte, porque o assusta.

A riqueza não é para ele o primeiro predicado para se ser respeitado; o talento, na significação em que empregam esta palavra (força física), e a valentia são as qualidades mais admiráveis entre a gente inculta.

Os cangaceiros matam quase sempre por vingança ou para aumentar a fama, escorando as vítimas em tocaias e atalhos. Acoitam-se nas fazendas sob a proteção dos fazendeiros, que se utilizam de seus hediondos préstimos para desforços pessoais e fins eleitorais.

As armas favoritas de que se servem são a faca *pasmado* ou *parnaíba* e o bacamarte, na coronha do qual fazem um sinal ou talho todas as vezes que com ele cometem um assassinio. São todos supersticiosos, crédulos, portadores de breves, bentos, patuás, que os inibem da morte em dadas circunstâncias, e rezadores de orações tremendas de futilidades, que fazem, acreditam, bradar aos céus, abrirem-se as portas, eles mesmos desaparecerem à vista de todos, as armas negarem fogo, quando lhes são alvejadas, e terem *parte* (pacto) com o Diabo.

Entretanto, por um contraste do fetichismo, que professam sem compreendê-lo, são religiosos, acreditando tanto nos mistérios da Igreja como na vinda do Anticristo a este mundo. É curial que saibam tocar viola, improvisar cantigas, o que os torna mais queridos e admirados pelas belezas femininas das brenhas nortistas. A sua fama atravessa centenas de léguas e dezenas de anos, cada vez mais se aureolando de um resplendor feiticeiro e notável. O cangaceiro, no entanto, que assassina por sugestão, de uma perversidade ingênita, por dedicação a seus protetores, por vingança, não mata para roubar e não se aproveita dos despojos de sua vítima.

Seria uma vergonha e desonra para ele este ato de improbidade e a sua fama ficaria excomungada pelos seus próprios parentes.

Um assassino é um valentão; um ladrão é um ente desprezível.

Adiante, e em seguida a este princípio, ver-se-á que, por ter sido acusado de um furto, em 1833, um tio de Antônio Vicente Mendes Maciel (Conselheiro), por nome Miguel Carlos Maciel, destemido cangaceiro dos sertões do Ceará, desenrolou-se uma série tremenda de episódios sangrentos, que vieram terminar com a morte do sobrinho (Conselheiro) em 1897, nos sertões da Bahia.

.....

Os Maciéis

OS MACIÉIS, que formavam, nos sertões, entre Quixeramobim e Tamburil, uma família numerosa de homens validos, ágeis, inteligentes e bravos, vivendo de vaqueirice e pequena criação, vieram, pela lei fatal dos tempos, a fazer parte dos grandes fastos criminais do Ceará, em uma guerra de família. Seus êmulos foram os Araújojos, que formavam uma família rica, filiada a outras das mais antigas do norte da província. Viviam na mesma região, tendo como sede principal a povoação de Boa Viagem, que demora cerca de dez léguas de Quixeramobim.

Foi uma das lutas mais sangrentas dos sertões do Ceará a que se travou entre estes dois grupos de homens, desiguais na fortuna e posição oficial, ambos embravecidos na prática das violências, e numerosas.

Boa Viagem, pequena povoação, estava em grande afinidade de interesses, pela sua indústria pastoril, com Santa Quitéria, Vila Nova e Tamburil, cujos valentões tinham muita fama por esses tempos, e influíam grandemente nas lutas sertanejas.

Eram do número deles o célebre José Joaquim de Meneses, oriundo de Pernambuco, corajoso até à temeridade; o afamado Vicente Lopes; os Mourões; João da Costa Alecrim, e outros.

Tomados às *Memórias*, de Manuel Ximenes, os primeiros episódios dessa luta, em que figura Meneses, já famoso por um combate, que sustentou contra os Mourões, em 8 de janeiro de 1833, na fazenda Serrote, de Francisco Xavier de Araújo Sales, querendo aqueles resgatar de seu poder, como fizeram, a viva força, o capitão Francisco Pereira do Nascimento, que ele trazia preso de Marvão (sítio Cumbe) dizendo ser escravo de seu pai.

Por esse tempo, ou pouco depois, os Maciéis, ou Carlos, como também lhes chamavam, foram considerados autores de uns roubos sofridos por Silvestre Rodrigues Veras, morador no termo de Vila Nova, e por Antônio de Araújo Costa, parente deste e morador em Boa Viagem, torpeza aliás atribuída também ao filho de um dos espoliados.

Compunha-se a família Maciel, por este tempo, do velho tronco, por nome Miguel Carlos Maciel, e do irmão Antônio Maciel, que morreram assassinados na estrada de Sobral a Quixeramobim.

Eram filhos do primeiro: Miguel Carlos, homem moço, ágil, de uma valentia assombrosa, que morreu assassinado por uma escolta dos Araújo e Veras, mais tarde, como sucedera a seu pai e tio;

Helena Maciel, mulher vingativa e terrível;

Francisca Maciel, que deu-se à prostituição, dando a luz, em Sobral, a uma filha que batizou com o nome de Brasilina e que veio mais tarde a casar-se com Antônio Conselheiro, seu primo.

Era pai de Brasilina o capitão Francisco Gomes Parente, pai do doutor do mesmo nome.

De outra filha do velho Miguel Carlos Maciel, que morreu também assassinada na Passagem, sertões de Quixeramobim, não nos foi possível conhecer o nome.

Eram todos estes filhos legítimos, havendo o velho Miguel mais um filho bastardo por nome Vicente Maciel, pai do Conselheiro.

Era este bastardo portador de um nome legendário na história criminal do Ceará, bonito, de tez ligeiramente morena, vigoroso e inteligente, mas retraído, taciturno, mau e perigosamente desconfiado, bem que muito cortês, obsequioso e honrado.

Tinha momentos terríveis de cólera, principalmente se tocava em álcool.

Era de uma valentia indômita e meio surdo.

Em um de seus momentos, deu tantas facadas na mulher que esta esteve sacramentada.

Abandonado o uso de bebidas, reconciliou-se com ela e comerciou, chegando a fazer sofrível fortuna e edificando algumas boas casas na Praça do Cotovelo, em Quixeramobim. Uma dessas casas pertence, hoje, aos herdeiros do coronel Teófilo Leça, a outra ao coronel João Paulino.

Casou-se Vicente Maciel em Quixeramobim com Maria Chana, da qual teve três filhos: Antônio (Conselheiro), Francisca e Maria.

Casando-se mais tarde pela segunda vez com sua parenta Francisca Maciel, teve desta uma filha por nome Rufina.

Todas essas moças, irmãs de Antônio Conselheiro, casaram-se, havendo prole somente de Francisca, que casou-se com Lourenço Correia Lima.

Deste casal existiam em 1895 quatro filhos: Maria, que casou com João Barbosa Lima, residente em Casinhas; Vicente e João, solteiros, residentes na Perdição, ao lado de Casinhas; e Amâncio Maciel de Lima, que está no Amazonas em lugar ignorado.

Depois do seu segundo matrimônio, o pai do Conselheiro se desmandou. Abandonando a vida de vaqueiro, para abraçar a do comércio, em Quixeramobim, não obstante ser analfabeto, a pouca fortuna que adquirira empregava em satisfazer a mania de edificar. O resultado foi cair em graves faltas. Apertado pelos seus credores da praça de Aracati, então empório do comércio do sul do Estado do Ceará, obteve prestações, dando como fiador o abastado fazendeiro de então, major João Bernardo.

A terrível mania, porém, não o abandonara, arrastando-o sempre a construir prédios e a desconstruir o seu crédito, contraindo com os avultados débitos o esfacelamento de seus bens e o de sua razão, já naturalmente mórbida.

Passaram estes depois de sua morte ao seu protetor, o major João Bernardo. Nos últimos tempos, Vicente Maciel era vítima de uma demência intermitente.

Embora não soubesse ler nem escrever, quando se dirigia a Aracati para fazer as suas compras, fixava previamente a soma delas, e, assim que, apartando fazendas, atingia a sua meta, dizia aos caixeiros: basta!

Sem discrepar num só real, havia a soma que fixara.

Contava admiravelmente de memória.

Faleceu a 5 de abril de 1855, deixando as três filhas solteiras ainda, e Antônio Vicente Mendes Maciel, seu filho, que mais tarde tornou-se célebre nos sertões da Bahia, em estado de sucedê-lo na gerência da casa, por isso que o seu bom comportamento o recomendou aos credores da massa.

De acordo com a madrasta e credores, Antônio assumiu a responsabilidade de todo o débito de seu finado pai.

Pelos anos de 1833 (teria Antônio Conselheiro então cinco anos), os seus ascendentes foram acusados, à boca pequena, de uns furtos sofridos, como atrás já narramos, por Silvestre Veras, fazendeiro do termo de Vila Nova e aparentado com os Araújo Costa.

A acusação tomou vulto; e, sendo os Maciéis considerados e benquistos no termo de Quixeramobim, sentiram-se com semelhante injustiça, a que nunca deram motivo, e protestaram ameaçadoramente contra os acusadores, vítimas do furto.

Uma noite em que Miguel Carlos Filho cavaqueava com outros companheiros na bodega de Manuel Procópio de Freitas, veio a assunto o caso.

– Pois, seu Miguel, disse um vaqueiro, trazendo a tiracolo o gibão, disse-me o Inácio que desconfiava de você.

– Que Inácio?, arguiu o acusado.

– O Inácio Mendes Guerreiro, agente do Correio, parente lá destas gentes.

– Ah! Então ele disse isto, que tinha sido eu?!

– Disse que desconfiava disto.

Houve uma pausa ameaçadora, que Miguel perturbou com a seguinte reflexão, cheia de cólera surda:

– Pois olhe, gente, a pecha não me pega. Na minha raça nunca houve ladrões. Onde os há é nesta família de desgraçados, que tem filhos que roubam os pais. Eles devem procurar mesmo no meio deles o roubador. Se dissessem que um Maciel mandou um para outro mundo, vá lá:

mas roubar, nunca; e quem o diz pode mandar tocar sino, que a morte é certa.

Silvestre Veras foi sabedor desta ameaça e declarou guerra de extermínio aos Carlos. Pertencente à poderosa família dos Araújo, relacionada com as autoridades locais, pôs em jogo a influência, forçando os Maciéis a abandonarem Vila Nova e virem para Quixeramobim.

Ainda aí a sua vingança os foi buscar. Munido de uma ordem de prisão, reuniu um bando de cangaceiros aos filhos e genros, fazendo-se antes de acordo com todos os parentes, e os foi prender naquela vila.

Os Carlos, avisados desta diligência, não fugiram. Entrincheiraram-se em casa e resistiram com valor e denodo, fazendo-a recuar.

Estas agressões e resistências de famílias a famílias não devem parecer cavilosas aos olhos dos que conhecem os costumes e o instinto do povo inculdo dos campos.

Lá, mais do que nas capitais, os poderosos estão fora da proteção igualitária da lei. A justiça é quase sempre o instrumento de desforço nas mãos das autoridades que a exercem e que são filhos da terra em que vivem, no meio de um turbilhão de ódios, ameaças e sugestões políticas e domésticas.

A título de prisão, amarram os que capitulam, para remetê-los às cadeias distantes, e no meio das estradas assassinam-os covardemente. Os Maciéis conheciam qual o seu fim, caso caíssem sem garantias nas mãos de seus inimigos.

Estes, não podendo realizar desta primeira investida a perversa intenção, convidaram o capitão do mato José Joaquim Meneses, que vindo de Fortaleza seguia para o Piauí, acompanhado de um bando de cangaceiros e do terrível Vicente Lopes, para auxiliá-los. Meneses retraiu-se. A muita instância, porém, propôs o seguinte:

– Pois seja. Vocês querem presos os homens, não é? Pois, sob a minha palavra de pernambucano, juro que os entregarei mediante o juramento de honra de que, se eles se entregarem sem resistência, não lhes tocarão num fio de cabelo.

– Está feito, disseram os Veras; damos nossa palavra de honra como só queremos entregá-los à justiça de Vila Nova.

Meneses entendeu-se com os Maciéis, que capitularam, e os trouxe à fazenda do Serrote, de propriedade de Chico Araújo, onde eles foram bem tratados.

Tendo de seguir viagem, passou-os às mãos dos Araújo, lembrando-lhes o compromisso que tomaram com ele para os prisioneiros. Dois dias depois eram os Maciéis, pais e filhos, algemados e seguiram o caminho de Sobral.

Previamente haviam os perseguidores desta família se entendido num plano maquiavélico e hediondo, que teria por fim o assassinato de todos os prisioneiros.

Enquanto a escolta ia pelos caminhos, estes eram flanqueados por um bando de assassinos, que, num momento dado e em lugar escuro, surgiram na frente dela, a título de tomarem os presos.

Neste momento seriam eles trucidados.

Miguel Carlos Filho, que, embora preso, era temido, fora amarrado por debaixo da barriga de um cavalo manso.

O pavoroso plano foi executado no primeiro dia de viagem. Simulando que vinham tomar os presos, apareceram os homens, disparando as armas.

Neste momento os facínoras caíram sobre os prisioneiros e assassinaram o pai de Miguel e um tio, por nome Antônio Maciel.

Outros conseguiram fugir, por milagre, porém feridos, e entre eles Miguel Carlos Filho. Esta hecatombe encheu de indignação as famílias do lugar onde os dois velhos chefes eram estimados.

Contundido, ferido gravemente no pé, por ocasião da carnificina, Miguel encaminhou-se pelos matos ao lugar Passagem, onde morava uma irmã, cujo nome a crônica não declina.

Escondeu-se na choupana em que ela morava, a fim de tratar dos ferimentos recebidos e pôr em execução, depois, o seu plano de vingança.

Um dia, pelas 9 horas da manhã, quando, ainda guardando o leite, conversava com a moça, ouvira rumor ao longe.

Esta, abrindo a porta, descobriu no aceiro do campo uma escolta.

Comandava-a Pedro Martins Veiga, espoleta dos Araújo.

– Foge, depressa, Carlos! É a tropa, disse, cheia de angústia, a pobre irmã!

Ele levantou-se, guenzo de um pé, bateu mão do bacamarte e aproximou-se da porta.

– Rende-te ou morres, cabra, gritou o espoleta, ao vê-lo!

E correu para aproximar-se da entrada da choupana com sua gente.

Miguel Carlos não respondeu, nem recuou. Levou a arma ao rosto e fez fogo.

Mesmo em cima do batente da porta caiu o primeiro, varado pela bala redonda do seu assinalado bacamarte.

Aturdida, a tropa estancou no primeiro instante.

Ele mordeu o cartucho e escovou de novo a arma.

A sua irmã, neste tempo, cheia de angústia, porém procurando salvá-lo, tentava arrastar de cima do batente o cadáver de um dos assaltantes, com o intuito de fechar a porta.

Pedro Martins adivinhou-lhe o intuito e descarregou-lhe em pleno peito o clavinote. Ela caiu como que fulminada.

Incontinênti a carga de chumbo grosso com que Miguel carregara a arma foi projetada toda no ventre do terrível chefe da escolta, que caiu estrebuchando.

E o bando, assombrado de tamanha bravura, recuou!

Fechada a porta, continuou a resistir, caçando os agressores agachados por trás dos toros do aceiro. Estes, porém, concordaram em se aproximarem da casa por uma das paredes do oitão, e incendiaram-na.

Miguel, como um leão, prisioneiro ao lado do cadáver de sua irmã e de um dos facínoras, não deu fé desta tática, por isto que, enquanto uns traziam lenha para atear fogo à casa, outros chamavam a sua atenção longe do alcance de sua arma.

Era quase noite quando a casa deu sinal de que ia se transformar em brasa e cinza. O bravo sertanejo não tremeu e esperou. Já noite, então, pisando o sangue da irmã que ia ser incinerada, procurou aproximar-se do fundo da choupana.

O fogo ali tinha lavrado com maior ligeireza e o chão estava cheio de brasas.

Havia um pote cheio d'água. Derramou-a por cima delas em direção à porta, abriu-a e passou rápido por entre os assassinos sem ser percebido.

Daí em diante os Maciéis não perdoaram mais a nenhum Araújo que passasse ao alcance da arma que traziam.

O juiz de direito de Quixeramobim, então, dr. Ibiapina, que mais tarde tornou-se célebre como missionário pelos benefícios que espalhou nos sertões do Norte, protegia os Maciéis e tentou dissuadir Miguel de seus planos de vingança. Teve, porém, de retirar-se do termo, no gozo de licença, e passou o exercício ao leigo juiz, Antônio Duarte de Queirós, parente dos Araújo.

Os Carlos viram-se perseguidos com ferocidade pela justiça, em mãos de seus rancorosos adversários.

Não lhes deram guarida também. A primeira vítima foi dos apanguados daqueles.

Palestrava Miguel, um dia, na taverna de Procópio Freitas, a quem atrás já nos referimos, quando um assecla dos seus perseguidores entrou naquele estabelecimento.

Miguel saiu incontínenti e foi tocaia-lo no riacho da Palha, que corre por detrás da vila.

Assassinou-o a facadas.

Chegando em casa, encontrou-se com seu amigo e companheiro Estácio José da Gama, a quem disse:

– Esses Araújo são uns cabras mofinos. Só atacam em magotes. Peito a peito, não são homens.

– Ora, isto é sabido, afirmou Estácio.

– Agora mesmo acabo de mandar de mimo ao diabo um deles. Assim que me viu, ficou amarelo como um defunto que já é.

– Ah! Então... resumiu-o?!

– Com três facadas. O mofino atirou-se na água do riacho; lá mesmo fui buscá-lo e deixei-o num banho de toda vida.

– Os outros vão se danar agora.

– Que me não caia mais algum à mão.

– Nem à minha, concluiu o companheiro dos Maciéis.

Entrara Helena neste tempo e ouvira as últimas frases. Era uma mulher alta e decidida.

– O que é que vocês conversavam?, arguiu curiosamente.

– Dizíamos, informou Estácio, que tinha sua queda pela corajosa moça, que triste do primeiro Araújo que passar a distância da ponta da nossa parnaíba.

– Ora!, fez ela com um tom duro e de escárnio. Eu sei de um que há de passar perto de nós para junto da felicidade que o espera na fazenda do Inácio Lopes Barreira, em Tapuiará. Se passa longe da faca, fica no alcance de qualquer clavinote ruim.

– Qual deles?, indagou o irmão Carlos.

– O Luciano Domingues de Araújo, filho do Luciano Costa, o chefe dos malvados desta redondeza, cujo pai fez assassinar ao nosso e matar a nossa irmã, Carlos! Ele vai casar com a filha do fazendeiro Barreira.

Helena lançou esta tirada com uma volubilidade cruel e ameaçadora.

– Ah! vão se casar!, murmurou Estácio pensativo.

– Que admiração! A minha pobre irmã é que não pôde fazê-lo, porque foi assassinada. Não haver um castigo que acabe com a raça daqueles ladrões!

Helena ia-se embravecendo, e nestas horas as suas feições tomavam um tom áspero.

– Fosse eu homem, ejaculava, e desta vez um Araújo pagaria, nas vésperas do noivado, a morte de minha irmã virgem.

Vendo os dois homens calados, retirou-se raivosa, resmungando.

Após curto silêncio, Estácio perguntou significativamente a Carlos:

– Então, o que dizes?

– Nunca se deve seguir pelo que as mulheres dizem; acarretam sempre desgraças.

– Veremos, retorquiu o outro.

E à noite Estácio soube, na taverna de Procópio, que o casamento estava marcado para dia próximo e que o noivo, acompanhado de sua comitiva, passaria por Quixeramobim para a casa da noiva, em Tapuiará.

No dia seguinte enveredou-se para as bandas de Tapuiará e, chegando em Uruquezinho, parou, sondando o terreno.

O caminho era estreito ali e a mataria fechava logo adiante de um lastrado de macambira que vinha acerrar a estrada. Atalhou por um lado onde não havia espinho e, alcançando a extremidade do lastrado imperfurável, armou uma tocaia ou espera, com ramos e galhos e árvores.

Nos dias seguintes em que apareceu a Helena, levava um ar macambúzio.

O instinto da mulher que se conhece amada adivinhava alguma coisa grave, elaborando-se no espírito do amante, em vésperas de desabrochar em flor que lhe agradasse o olfato. Não o interrogara, entretanto, a respeito da causa do entrovicamento de sua fisionomia e modos.

Achava-se com receio de uma desilusão, ao tempo que um desejo desesperado impelia-a a incitá-lo à pratica de uma ação que já sugestionara ao irmão e ao amigo deste.

Um dia antes do designado para o casamento de Luciano, o Estácio viera falar com Miguel e não o encontrara.

Helena não soubera dizer para onde tinha ido.

– Bem, até amanhã, disse o apaixonado da irmã de Miguel, despedindo-se.

– Até amanhã, Estácio, que é dia do casamento de Luciano.

Tinham nesta hora as mãos unidas no ar, em despedida, e se olharam como dois mistérios que se descobrem.

No dia seguinte, quando Luciano enfrentava com a emboscada de Estácio, precedendo a comitiva, um tiro certo lançou-o do animal abaixo.

O atordoamento consequente desta imprevista desgraça, no espírito de seus companheiros, deu tempo ao assassino para fugir.

Ainda moribundo, o desgraçado noivo foi conduzido em rede à casa de sua escolhida, onde, para dar uma satisfação a seus pundonores e cavalheirismo, casou, expirando em seguida.

Ficava assim viúva uma virgem dos Araújos, como virgem e solteira fora assassinada outra dos Maciéis!

Era uma pena de Talião modificada.

Acusados Maciel e Helena do crime de Uruquezinho, conseguiram escapar à tirania judicial do tempo, sob a orientação leiga de Antônio Duarte de Queirós, cunhado da viúva de Luciano Domingues de Araújo, a virgem.

Miguel Carlos tinha protetores poderosos, como todos os valentes célebres do interior das províncias.

Sobre Estácio José da Gama caiu toda a autoria do crime e ele o confessou quando preso, sem declinar os seus cúmplices morais.

Transcrevemos o documento que existe sobre o assassinato jurídico de Estácio, um dos muitos do período regencial, quando se ensaiava a nobilíssima instituição do júri, criada pelos códigos, que sucediam à draconiana ordenação do Livro 5º:

“Il^{mo} e ex^{mo} sr. – Acaba de me ser entregue o respeitável ofício de v. ex^a em data de 16 de maio do corrente ano, no qual há por bem estranhar-me a omissão e falta de não ter eu participado a v. ex^a as circunstâncias que deram motivo à punição do réu Estácio José da Gama, que há pouco sofrera a pena de morte por sentença do júri, cuja falta e omissão foi por mero erro de entendimento e não por malícia, uma vez que a lei não impõe esse dever.

“É verdade que no dia 14 de março deste mesmo ano foi o dito réu sentenciado à pena de morte pelo júri, por haver ele assassinado atraíçoadamente a Luciano Domingues de Araújo e pela sua plena confissão se veio ao conhecimento das circunstâncias agravantes de tão atroz delito.

“Foi nomeado Simão Lopes da Paz para formar sua defesa e, exigindo este do réu motivo para o poder fazer, teve em resposta que nada tinha a dizer que o defendesse, por ter sido ele o que perpetrou tão atroz delito; o que constou da certidão do oficial que presenciou, a qual se acha entranhada nos autos do processo, cuja sentença lhe foi intimada naquele mesmo dia 14, e no seguinte, pelas 4 horas da tarde, foi fuzilado, havendo-se procedido primeiramente às formalidades marcadas pelos artigos 39, 40 e 41 do código criminal, e se foi semelhante procedimento contrário à lei de 11 de setembro de 1826 e decreto de 15 de novembro de 1827, como v.

ex^a me faz ver no seu citado ofício, atrevo-me a afirmar a v. ex^a que ignoro inteiramente o que consta de tal lei e decreto, e por isto caísse em algum erro involuntário.

“Tenho informado a v. ex^a, com a sinceridade do meu costume, o que melhormente se verificará dos autos do processo que julgou o mesmo réu.

“Deus guarde a v. ex^a – Vila de Quixeramobim, 21 de junho de 1834. – Ilmo. ex^{mo} sr. tenente-coronel Inácio Correia de Vasconcelos (presidente do Ceará). – *Antônio Duarte de Queirós* – Juiz de Direito de Quixeramobim (leigo).”

Este ofício do juiz Queirós ao presidente Correia de Vasconcelos, que passou o governo a J. Mariano de Alencar em 6 de outubro de 1834, foi, em virtude de um que lhe remetera aquele, estranhando e condenando seu ato de desumanidade e violência. Foi caso que, sendo a 14 de março de 1834 Estácio condenado à pena última pelo júri de Quixeramobim, presidido pelo dito juiz, parente dos Araújo, estes, receosos de que a pena a que fora sentenciado o assassino de Luciano pudesse ser comutada, induziram a Queirós a fazê-la executar antes de qualquer petição de graça, e mesmo a não tomar conhecimento desta, se fosse entreposta.

Assim desobedeceram por cálculo e perversidade à lei de 11 de setembro de 1826, que dizia nos arts. 1º e 2º:

“Art. 1º A sentença proferida em qualquer parte do Império que impuser pena de morte não será executada, sem primeiramente subir à presença do imperador para poder perdoar ou moderá-la, conforme o art. 101, § 8º, da Constituição.

“Art. 2º Extintos os recursos perante os juizes, intimando sentença ao réu, para, no prazo de *oito dias*, querendo, apresentar a sua petição de graça, o relator do processo remeterá à secretaria de Estado competente as sentenças, por cópia, por eles escritas e a petição de graça ou certidão de não ter sido apresentada pelo réu, no prazo marcado, etc.”

Condenado a 14 de março de 1834, *no dia seguinte, a 15*, foi Estácio fuzilado, contra o rigor da lei que lhe dava ainda oito dias de vida para impetrar o perdão!

Estas sentenças atentatórias, e mais atentatória ainda a sua execução à justiça humana, são ainda hoje comuns nos longínquos sertões do Brasil, onde os camponeses incultos desconhecem o mais rudimentar princípio de direito.

O único direito que conhecem é o da resistência e da força.

Uma vez condenados, se, à força, não puderem fugir à pena, deixam-se levar às cadeias e, outrora, à morte, desconhecendo os recursos de perdão e comutação dos castigos judiciários.

Duarte Queirós, acusado deste atentado monstruoso, desculpou-se, como quis, em ofício, dizendo que o praticara sem malícia, ignorando a existência do decreto 26, atrás citado.

Assumindo o exercício da vara, o padre Ibiapina fez processar a Duarte Queirós, que saiu absolvido em júri.

Vamos fechar a história dos pais de Conselheiro com os episódios trágicos que precederam à morte do impávido cangaceiro, seu tio, Miguel Carlos.

Uma manhã saíra ele da casa de Antônio Caetano de Oliveira, casado com uma sua parenta, e foi banhar-se no rio que corre por trás dessa casa situada quase no extremo da praça principal da vila, junto à garganta que conduz à pequena praça Cotovelo. Nos fundos da casa indicada era, então, a embocadura do riacho da Palha, que, em forma quase circular, contornava aquela praça, e de inverno constituía uma cinta lindíssima de águas represadas.

Miguel Carlos estava já despido, com muitos companheiros, quando surgiu um grupo de inimigos que o esperavam acorados por entre o denso mata-pasto.

Estranhos e parentes de Miguel Carlos, tomando as roupas depositadas na areia, e vestindo-as, ao mesmo tempo que corriam, puseram-se em fuga.

Em ceroulas somente, e com a sua faca em punho, ele correu também na direção dos fundos de uma casa que quase enfrenta com a embocadura do riacho da Palha, casa na qual morava, em 1845, Manuel Francisco da Costa.

Miguel Carlos chegou a abrir o portão do quintal de faxina da casa indicada; mas, quando quis fechá-lo, foi prostrado por um tiro, partido do séquito que o perseguia.

Outros dizem que isto se dera quando ele passava pelo buraco da cerca de uma vazante, que havia por ali.

Agonizava, caído, com a sua faca na mão, quando Manuel de Araújo, chefe do bando, irmão do noivo outrora assassinado, pegando-o por uma perna, lhe cravou uma faca.

Moribundo, Miguel Carlos lhe respondeu no mesmo instante com outra facada na carótida, morrendo ambos instantaneamente, este por baixo daquele!

Helena Maciel, correndo em fúria ao lugar do conflito, pisou a pés a cara do matador do seu irmão, dizendo-se satisfeita da perda dele pelo fim que dera a seu inimigo!

Pretendem que os sicários tinham passado a noite em casa de Inácio Mendes Guerreiro, da família de Araújo, agente do Correio da vila.

Vinham a título de prender os Maciéis; mas só no propósito de matá-los.

Helena não se abateu com esta desgraça.

Nêmesis da família, imolou um inimigo nos manes de seu irmão. Foi ela, como ousou confessar muitos anos depois, quem mandou espancar barbaramente a André Jacinto de Sousa Pimentel, moço de família importante da vila, aparentado com os Araújo, a quem atribuía os avisos que estes recebiam em Boa Viagem, das vindas de Miguel Carlos.

Desse espancamento resultou uma lesão cardíaca, que fez morrer em transe horrorosos o infeliz, em verdade, culpado dessa derradeira agressão dos Araújo.

O fato de ter sido crime perpetrado por soldados do destacamento de linha, ao mando do alferes Joaquim Gregório Pinto, homem insolente, de baixa educação e origem, com quem Pimentel andava inimizado, fez acreditar muito tempo que fora esse oficial mal reputado o autor do crime.

Helena deixar-se-á ficar quieta e silenciosa.

Inúmeras vítimas anônimas fez esta luta sertaneja, que dizimava os sequazes das duas famílias, sendo a última dos Maciéis Antônio Maciel, irmão de Miguel Carlos, morto em Boa Viagem.

Ficou célebre muito tempo a valentia de Miguel Carlos, e era por ele e seus parentes a estima e os respeitos dos coevos, testemunhas da energia dessa família, dentre a qual surgiram tantos homens de esforço, para uma luta com poderosos, tais como os de Boa Viagem e Tamboril.

.....

Antônio Conselheiro

ANTÔNIO VICENTE MENDES MACIEL, que mais tarde adquiriu, sob o nome de *Conselheiro*, enorme prestígio no sertão da Bahia, nasceu pelos anos 1828 em Quixeramobim, no Ceará, como filho legítimo do negociante Vicente Mendes Maciel e sua primeira mulher, Maria Maciel, conhecida por Maria Chana.

Muito cedo ficou órfão de mãe, sendo sempre muito dócil, e de boa índole. O seu pai não poupou esforços para educá-lo, mandando ensinar o português, latim e francês. Morrendo-lhe o pai e tendo de assumir a direção dos negócios meio complicados, deixou o estudo, conhecendo muito pouco das matérias que aprendia com o professor Manuel Antônio Ferreira Nobre.

No tentâmem de salvar a casa, ele arcou mais de três anos, entregando aos credores o produto do que obtinha da massa que lhe havia confiado.

Ao novo comerciante faltavam predicados para bem merecer este honroso título.

Não tinha vocação nem atividade.

Maior obstáculo o acaso veio colocar em seu caminho, que mais a mais concorreu para tolher-lhe o passo de comerciante, com o qual não contava. É o caso!

Quando o nosso novel comerciante, e não menos novo chefe de família, assim lutava sem encontrar meio de bem safar-se, surge na cidade, depois de longa ausência, a sua prima Francisca, veterana vivandeira, acompanhada de uma filha menor, que então contava com o frescor e desalinho dos 15 anos, criatura cheia de encantos e arrebatadora sedução, verdadeiro mensageiro de Cupido, conquistou dentro de pouco tempo o coração do novel negociante e dele aceitou o nome de esposa, não obstante os protestos da viúva Maciel e a reprovação do major João Bernardo, principal credor! Diante de tantos obstáculos, impossível tornou-se para o sucessor de Vicente Maciel uma solução vantajosa para os seus já tão arruinados negócios!

Preciso, se não forçoso, urgia que a estes se pusesse um termo final, e foi o que fez o sucessor, liquidando com a própria massa, e ficando reduzido a dura pobreza, sem poder mover-se com facilidade, pois que, já casado, era igualmente pai!

Em tais emergências o que fazer? Ficar em Quixeramobim, onde já não podia contar com o seu protetor? Não.

Antônio Maciel, conhecedor da fama do tenente-coronel Joaquim José de Castro, de Tamboril, como homem probo e prestável, para ali se dirigiu em 1858.

Maciel não se julgava satisfeito em um lugar tão escasso de recursos e pediu a Castro que o recomendasse para Campo Grande, onde havia certa animação comercial.

Castro apresentou-o ao honrado major Domingos Carlos de Saboia, importante agricultor, negociante e influência política ali, mais tarde tesoureiro da Estrada de Ferro de Sobral. Bem que conhecesse ali o estimável cidadão João Mendonça, com quem entreteve longa intimidade, narrando as suas desventuras e de todos os seus descendentes, só o procurou dias depois. O major Saboia, atendendo à recomendação que trouxera e a seu bom comportamento, fê-lo seu caixeiro.

Neste tempo a sua mulher, por nome Brasilina, deu-lhe um filho, e foi em companhia deles e de sua sogra Francisca que chegara em Campo Grande em 1859.

Francisca, para honrar as barbas do genro, tratou de esquecer a antiga vida de vivandeira fácil, mandando aparar as bastas madeixas e vestindo saia e camisa de mangas compridas. Fazia em casa o papel de uma fiel criada, não obstante apresentar menos de 40 anos.

Brasilina, aparentando ter 18 anos, alta, magra, cor branca, cabelos pretos, rosto oval, nariz afilado, olhos grandes, pretos e vivos, era uma mulher bonita e muito prazenteira.

Saboia tratava, ao tempo da chegada de Maciel em Campo Grande, de vender todas as propriedades que ali possuía, o que, algum tempo depois, concluiu.

Maciel, ficando desempregado, anunciou-se advogado dos pobres, cujo meio de vida mal dava-lhe para passar, tanto mais que Brasilina deu-lhe outro filhinho do qual foi padrinho João Mendonça Justos, o autor de uma monografia do Conselheiro.

Em Campo Grande demorou-se ele dois anos, retirando-se em 1861, em condução que seu benemérito amigo e compadre João Mendonça pôs à sua disposição.

Foi residir em Ipu, onde começou a rabiscar no foro, deixando aí escritos registrados que o promotor de Tamboril e outros apreciaram. Seguiu para Santa Quitéria, onde esteve dous anos, tendo um filho bastardo que tomou o nome de Joaquim Aprígio, com uma senhora conhecida por Joana Imaginária.

Neste tempo, infrene desinteligência palmeara-lhe o lar. Brasilina dera-se a faceira, enchendo-lhe os dias de desgoto, a ponto de ele procurar nos braços de Joana Imaginária as doçuras de um amor que já não encontrava em casa.

A faceirice da esposa, porém, não lhe parecera tão notável senão depois do nascimento do bastardo, do que ela tivera conhecimento.

Frequentava-lhe a casa em Ipu um furriel que comandava uma pequena força de polícia, de que Maciel, com sobrada razão, suspeitou de amores com a sua garrida Brasilina.

Os profundos golpes que a desventura até ali descarregara sobre a cabeça eivada das doutrinas complexas e confusas pregadas pelos missionários vagabundos e estrangeiros, então, invadindo os sertões, a influência mística de sua amante, Joana Imaginária, traziam alquebrado o espírito do novo rábula. A dúvida sobre o procedimento da mulher era um cáustico que lhe atordoava a razão.

Um dia disse-lhe:

– Sigo amanhã para o Campo Grande e só voltarei três dias depois.

A mulher avisou ao amante desta ausência, que lhes ia prodigalizar três noites de rega-bofê.

Maciel, porém, houvera formado um plano com o fim de certificar-se da verdade que lhe era certa, muito embora as insinuações enérgicas de sua amásia.

Fingindo seguir viagem, ocultou-se em lugar que pudesse ver a casa. Não tinha intuítos assassinos.

Em seguida à entrada do furriel em seu lar, ele apresentou-se armado de clavinote, calmo e impassível como uma estátua.

Os adúlteros, lívidos de pânico, procuraram justificar-se. Ele porém já houvera tomado uma resolução inabalável e estranha.

– Queria só ver com os meus olhos o que os meus ouvidos têm ouvido dizer. Infelizmente é verdade. Sou demais na casa e retiro-me, levando os objetos que me são indispensáveis.

Assim fez, retirando-se para a casa do major José Gonçalves Veras, fazendeiro de certa nomeada que habitava na fazenda de Santo Amaro, termo de Tamboril, onde entregou-se exclusivamente ao magistério.

Era a primeira vez que um Maciel abrigava-se sob a sombra de um Veras descendente dos assassinos dos seus antepassados.

Seria isto o declínio da razão a obcecar-se ou a manifestação do esquecimento e do perdão às crueldades que sofreram os seus?

Desta época partem as primeiras meditações longas de Maciel.

Retirou-se daí para Campo Grande em 1865; visitou a ex-amante a quem recomendou, pela última vez, o filho.

Brasilina prostituíra-se, a exemplo materno, sucumbindo em Sobral, onde nascera, esmolando a caridade pública.

Maciel dera-se à vida de cogitações com intermitências nômades. Percorreu todo o Crato e voltou a Paus Brancos, onde morava o seu cunhado Lourenço Correia Lima, casado com a sua irmã Francisca Maciel.

Aí teve um acesso de loucura que ocasionou ferir a seu cunhado levemente quando tentava contê-lo.

Em atenção a seus precedentes e ao depoimento de Lourenço, as autoridades resolveram não tomar conhecimento do fato, para não agravar também a afecção cerebral.

De Paus Brancos seguiu de novo para o Crato, ponto de suas cogitações, acompanhando os missionários que andavam evangelizando.

É provável que, engrossando o número dos peregrinos que acaudalavam os missionários, ele atravessasse os sertões do Norte até a Bahia, nesta data do seu desaparecimento do Ceará, 1867 a 1868.

Correm seis anos sem que se tenha notícia de Maciel, quando em 1873, no termo de Itapicuru, na Bahia, aparece vestido de túnica azul de algodão grosso, alpargatas, com uma Missão Abreviada na mão, os olhos baixos, longas barbas e longos cabelos incultos, pregando a religião cristã da forma por que entendia os seus mistérios e dizendo-se ser enviado de Deus.

Os mais fervorosos de seus primeiros professos saíram dentre as mulheres. Mais tarde, os homens que viam e sabiam-no levando uma vida austera, desprezando gozos e prazeres mundanos, admiravam-no.

Nunca se negando à pratica do bem, antes procurando onde fazê-lo, humilde, respeitador e honesto, tornou-se um ser prodigioso no espírito dos matutos. A população rude acompanhava-o, sendo doutrinada num cristianismo obtuso, e à feição do vulgo fetichista, que tem de Deus sentimento o mais torpe.

Cerca de dois anos errou pelos povoados e fazendas, pregando e construindo capelas e cemitérios.

O clero baiano, que via nele um concorrente à sua influência, nem sempre consentia as suas prédicas nos curatos e povoações.

As crônicas de 1876 dão notícia da importância do já então Antônio Conselheiro, do seguinte modo:

“Apareceu no sertão do Norte um indivíduo, que se diz chamar *Antônio Conselheiro* e que exerce uma grande influência no espírito das classes populares, servindo-se do seu exterior misterioso e costumes ascéticos, com que se impõe à ignorância e simplicidade. Deixou crescer a barba e cabelos, veste uma túnica de azulão pouco asseada e alimenta-se tenuemente, sendo quase uma múmia. Acompanhado de duas professoras, vive a rezar terços e ladainhas, e a pregar e dar conselhos às multidões, que reúne ou lhe permitem os párcos; e movendo sentimentos religiosos, vai arrebanhando o povo, e guiando-o a seu gosto. Revela ser homem inteligente, mas sem cultura.”

À proporção que aos olhos e ao espírito dos sertanejos crescia o prestígio de Antônio Vicente, o clero azedava-se, denunciando-o como criminoso no Ceará, e influenciando no ânimo das autoridades civis no sentido de prendê-lo. Assim foi que em 1876 foi preso em Missão da Saúde, termo de Itapicuru, e escoltado para a Bahia contra a opinião de seus professores. A sua fama aureolou-se com o resplendor de mártir.

Neste mesmo ano foi remetido pelas autoridades da Bahia às do Ceará, onde se dizia ser ele criminoso.

Metido algemado dentro do porão de um navio, o desgraçado teria sucumbido à fome e sede se o seu organismo não estivesse habituado a longos jejuns.

Tinham-lhe raspado os cabelos da barba e da cabeça, entre insultos e zombarias.

Conselheiro, silencioso e humilde, trouxe todas estas afrontas, sufocando os soluços que se transformaram em lágrimas ardentes que lhe desceram pela face.

Chegou a Fortaleza, já em adiantado estado de demência, faminto, maltrapilho e açoitado!

Acompanhara-o o seguinte ofício:

“Secretaria da Polícia da província da Bahia, 5 de junho de 1876
-2ª Seção nº 2.182.

“Ilmo sr. Faço apresentar a v. s^a o indivíduo que se diz chamar Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido por Antônio Conselheiro, *que suspeito ser algum dos criminosos* dessa província, que andam foragidos.

“Esse indivíduo apareceu ultimamente no lugar denominado Missão da Saúde, do termo de Itapicuru, nesta província, e aí, entre gente ignorante, disse-se enviado de Cristo, e começou a pregar, levando a superstição de tal gente ao ponto de um fanatismo perigoso.

“Em suas prédicas, plantava o desrespeito ao vigário daquela freguesia, e cercado de uma multidão de adeptos começara a desassossegar a tranquilidade da população.

“Em virtude da reclamação que recebi do excelentíssimo vigário capitular, contra o abusivo procedimento desse indivíduo, que ia, além de tudo, embolsando os dinheiros com que, crédulos, iam-lhe enchendo as algibeiras os seus fiéis, mandei-o buscar à capital, onde, obstinadamente, não quis responder ao interrogatório que lhe foi feito, como verá v. s^a do auto junto.

“Era uma medida de ordem pública, de que não devia eu prescindir. Entretanto, se porventura não for ele aí criminoso, peço em todo caso, a v. s^a que não perca de sobre ele as suas vistas, para que não volte a esta província, para onde a sua volta trará certamente resultados desagradáveis pela exaltação em que ficaram os espíritos dos fanáticos com a prisão do seu ídolo.

“Deus guarde a v. ex^a.

“Ilmo sr. dr. chefe de Polícia da província do Ceará.

“O chefe de Polícia – *João Bernardo de Magalhães.*”

Este documento, atestado de uma grande violência aos direitos dos homens, se não prova de uma tolerância criminosa cujos resultados apareceram mais tarde, evidencia que o Conselheiro foi preso por suspeita de crimes de que os seus perseguidores o acusavam; que era um fanático monomaniaco digno de ser recolhido, neste tempo, a um hospício e não ser remetido ao Ceará que, decerto, nem é cadeia de criminosos nem casa de alienados.

A sua dementação deve ter-se agravado com os sofrimentos que padecesse em viagem e começara, porventura, a enfraquecer-se a sua razão com frequência que ele fazia as missões, que, na sua juventude e meninice,

abriram frades ambulantes, chamando aos reinos dos Céus os povos, caluniando o Diabo e o próprio Jesus.

De Fortaleza foi Conselheiro remetido para Quixeramobim, conforme se vê do ofício abaixo, sob nº 459.

“Chefatura de Polícia do Ceará, em 15 de julho de 1876

“Ao juiz municipal de Quixeramobim

“Nesta data segue, para aí ser posto à sua disposição, Antônio Vicente Mendes Maciel, *que se supõe ser criminoso* neste termo, conforme comunica-me o dr. chefe de Polícia da província da Bahia, que mo remeteu, a fim que, em juízo, verificando da criminalidade do referido Maciel, proceda como cumpre na forma da lei. (Assinado) *Dr. Vicente de Paula Doscais Teles.*”

Em Quixeramobim foi Maciel posto em liberdade pelo que se vê do ofício do juiz daquele termo ao chefe de Polícia, com a data de 1º de agosto de 1876.

Ei-lo:

“Acuso recebido o ofício de v. ex^a, datado de 15 de julho, no qual me comunicava que, naquela data, partia para esta cidade para ser posto à minha disposição Antônio Vicente Mendes Maciel, *que se supunha ser criminoso neste termo*, a fim de que eu, verificando a sua criminalidade, procedesse na forma da lei.

“Em resposta cumpre-me levar ao conhecimento de v. s^a que, tendo verificado não ser o referido Maciel criminoso, o mandei pôr em liberdade alguns dias depois de sua chegada a esta cidade. O juiz municipal – *Alfredo Alves Mateus.*”

Conselheiro, embora preso, açoitado, faminto e cadavérico, nunca abandonou uma pequena caixa de flandres com a imagem do Crucificado.

Livre, abraçara de novo um regime sóbrio e mortificante. Não comia carne, consistindo o seu alimento em cereais. Não dormia em cama, ou rede, preferindo uma mesa, um banco, ou o próprio chão, sem travesseiro, nem coberta.

Se alguém lhe dava, por exemplo, uma esmola de 4 mil réis, tirava mil réis, entregava o resto, dizendo:

– É muito dinheiro, não preciso mais.

Demorou-se poucos dias no Boqueirão, a meia légua da cidade, em casa de José Vieira, cuja mulher era sua parenta. Disse que ia de novo para o Crato, e, internando-se pelos sertões, aferventando as consciências de seus povoadores com a sua poderosa força sugestiva, foi deixando fama de santo e profeta milagroso até chegar de novo à Bahia.

Este aparecimento, contra toda expectativa do clero e das autoridades baianas, que pediam às do Ceará *que em todo caso não fosse ele criminoso não perdessem de sobre a sua pessoa as vistas*, produziu novas queixas e perseguições.

Ao infeliz, embora não criminoso, queria-se aplicar o regulamento das leis francesas que ordenam, embora postos em liberdade os forçados, estes fiquem sob a vista das autoridades.

O prestígio do Conselheiro era, porém, de tal grandeza que, com pesar de todos os clérigos, foi preciso tolerá-lo. Na sua fé, que soube inculcar no espírito dos camponeses, de que estava no desempenho de uma missão divina, as autoridades só deviam haver com extrema prudência.

De mais, as suas ideias eram boas, como as suas intenções; vesgas somente as noções que tinha das verdades.

Foram inúmeros, durante o tempo desta tolerância, os serviços que Antônio Conselheiro prestou aos sertões da Bahia, em Itapicuru, Chorrochó, Capim Grosso e diversos povoados em que construiu capelas e cemitérios, fazendo procissão com os seus devotos, conseguindo erigir, de uma fazenda, a atual vila de Bom Jesus, que construiu, povoou e engrandeceu!

O clero exasperava-se e desenvolveu nova perseguição ao benemérito fanático.

Vejamos os ofícios trocados em 1886 entre o poder eclesiástico e as autoridades civis da Bahia.

“N. 1 – Cópia. *Palácio Arquiepiscopal da Bahia, 11 de junho de 1887, il^{ma} e ex^{ma} sr.* – Chegando ao meu conhecimento, pela representação de alguns reverendos párocos desta arquidiocese, que o indivíduo de nome Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido nas populações pelo nome de Antônio Conselheiro, tem pregado doutrinas subversivas, fazendo um grande mal à religião e ao estado, distraindo o povo de suas ocupações e

arrastando-o após si, procurando convencer de que é o Espírito Santo, insurgindo-se contra as autoridades constituídas, às quais não obedece e manda desobedecer, apresso-me em dar de tudo isto ciência a s. ex^a para que se digne providenciar da forma que melhor entender. Reitero a v. ex^a os meus protestos de alta estima e consideração. – Il^{mo} e ex^{mo} sr. conselheiro João Capistrano Bandeira de Melo, M. D. presidente da província. (Assinado) *Luis*, arcebispo da Bahia.”

Os comentários que faremos sobre este ofício não são uma acusação aos sacerdotes, pois que muitos dão exemplo de vida honesta e cristã; são, porém, ao clero sertanejo, preocupado unicamente em política, rixoso, amancebado publicamente, não procurando o engrandecimento de suas paróquias nem da cultura religiosa de suas ovelhas.

Não caluniamos.

Consultando o *Itinerário das visitas feitas na sua diocese* pelo bispo de Pernambuco de 1833 a 1840, vimos que entre os prestimosos serviços que ele fez à Igreja, através dos sertões, conciliou 12 párocos, adversários políticos uns dos outros; reconciliou nove vigários com os paroquianos e dois com as irmandades.

Repreendeu 41 sacerdotes por irregularidades nas cerimônias, incúrias até a profanação e desmoralização da fé cristã, abusos, e por *certos procedimentos* que em conferência secreta o rev. prelado dava a conhecer aos seus vigários, que prometiam não mais praticá-los.

Entre estes 41 padres não incluímos 18 cujos nomes vêm incluídos no *Itinerário*, como amancebados escandalosamente nas freguesias e sede, vivendo nas mesmas casas com as concubinas e filhos, algumas daquelas parentes próximas dos incestuosos párocos.

Destes, foram alguns suspensos de suas ordens e jurisdição, oficiando o rev. prelado aos prefeitos daquele tempo para os corrigirem acerca de excessos cuja correção pertencia à polícia.

Citamos o *Itinerário* de D. João da Purificação Marques Perdigão, bispo de Olinda, porque foi ele que pacificou os cabanos da vila de Água Preta em Pernambuco, a célebre revolta de Panelas de Miranda e Jacuípe que, tendo começo em 1832, se estendeu até as Alagoas e durou mais de três anos, terminando pela intervenção do venerando prelado.

Não empregou ele para isto nem intriga nem degolamento geral, apenas, confessa no seu relatório, *eram satisfatórias as suas práticas, quando anunciada a doutrina com doçura e caridade, não perdendo de vista a liberdade inseparável do ministério apostólico.*

É o mesmo benemérito prelado que por meio de conselhos chamou à obediência civil e eclesiástica índios, quilombolas e matutos incultos e desconfiados que, referindo-se aos seus vigários, conclui: “As aflições de espírito me têm extenuado de maneira que não é possível gozar satisfação, principalmente, pelo *mau comportamento dos párocos*”.

E a verdade é que, clamando Conselheiro contra o concubinato em geral e especialmente o dos sacerdotes, chamando sobre as mancebas a cólera de Deus e as fornalhas do Inferno, estas, espavoridas e apavoradas, abandonavam a vida pecadora e se refugiavam contritas e arrependidas aos pés do leigo beato.

Neste catecumenato de *mulas sem cabeça* está um dos motivos das perseguições ao Conselheiro, cujas doutrinas D. Luís, arcebispo da Bahia, de acordo com as autoridades civis, quis desfazer por brandura, qualidade que os eclesiásticos dos campos não tentaram empregar sobre Conselheiro e seus professores.

Vê-se pelos ofícios seguintes que as autoridades baianas foram solícitas a atenderem à reclamação do ilustre sacerdote:

“N. 3. – Cópia – *Palácio da Presidência da Província da Bahia, em 15 de junho de 1887. 1ª Seção nº 1.142. Reservado* – Acusando o recebimento do ofício de v. ex^a rv^{ma}, de 11 do corrente, tenho a honra de passar às mãos de v. ex^a rv^{ma} o ofício, junto, por cópia, que nesta data dirijo ao ex^{mo} sr. ministro do Império, a respeito do indivíduo de nome Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido vulgarmente por Antônio Conselheiro, para quem solicito entrada no Hospício de Alienados, da corte, como atacado de monomania religiosa.

“Apenas for satisfeita a minha solicitação, expedirei com todas as cautelas as convenientes ordens para que o infeliz monomaniaco seja conduzido até esta capital e siga daqui para a corte, a fim de ser recolhido ao hospício. Renovo a v. ex^a rv^{ma} a segurança de minha alta estima e distinta consideração. Deus guarde a v. ex^a rv^{ma}, sr. arcebispo desta arquidiocese. (Assinado) – *João Capistrano Bandeira de Melo.*”

“N. 3. – Cópia – *Palácio da Presidência da Província da Bahia, em 15 de junho de 1887. 1ª seção nº 119* – Il^{mo} e ex^{mo} sr. – Conforme v. ex. se dignará de ver no ofício junto, por cópia, do rv^{mo} sr. arcebispo desta diocese, o indivíduo de nome Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido vulgarmente pelo nome de Antônio Conselheiro, está há algum tempo sob o domínio de monomania religiosa, que o impele a pregar doutrinas subversivas entre as populações que percorre, fazendo com isto grande mal à religião e ao estado, a ponto de distrair a muitos de suas ocupações, arrastando-as após si e pregando-lhes a desobediência às autoridades constituídas, o que é uma constante ameaça à ordem e tranquilidade pública, nos sertões desta província, infelizmente ainda muito incultos. Nesta emergência, já depois de terem sido esgotados pelo rv^{mo} sr. arcebispo os meios da prédica contra as ideias subversivas daquele indivíduo, venho rogar a v. ex^a que se digne obter do ex^{mo} sr. provedor da Santa Casa de Misericórdia dessa corte a admissão do infeliz monomaníaco no Hospício de Alienados, concorrendo assim v. ex^a para que cesse o estado de perturbação moral e material em que se acha grande parte do povo do interior desta província. Instando na minha rogativa, espero que v. ex^a, atendendo ao que hei exposto, dignar-se-á satisfazê-la com a brevidade que o caso urge.

“Deus guarde a v. ex^a. – Il^{mo} e ex^{mo} sr. conselheiro barão de Mamoré, ministro e secretário de Estado dos Negócios do Império. – *João Capistrano Bandeira de Melo.*”

“N. 4. – Cópia – *2ª Diretoria nº 2.808. Ministério dos Negócios do Império, 6 de julho de 1887.* – Il^{mo} e ex^{mo} sr. – Declaro a v. ex^a, em referência a seu ofício de 15 de junho último, que conforme me comunicou em data de 1º deste mês, a provedoria da Santa Casa de Misericórdia, não há presentemente, no Hospício Pedro II, lugar disponível para o alienado Antônio Vicente Mendes Maciel, parecendo à mesma provedoria que ele mais facilmente poderá ser recolhido ao Asilo de Alienados, aí existente.

“Deus guarde a v. ex^a – *Barão de Mamoré*, sr. presidente da província da Bahia.”

Não havia lugar para Conselheiro, no hospício!

Um monomaníaco que pregava doutrinas subversivas, um facinora que ensinava o desrespeito às autoridades constituídas!

No período que vai de 1876 a 1886 aparece o seguinte ofício de D. Luís, proibindo aos párocos as missões de Maciel.

Dava-se, porém, que o povo, comparando a vida austera e moralizada deste com a livre e pouco exemplar daqueles, seguia de preferência o profeta de Canudos.

“- CÓPIA. – *Circular. - Bahia, 16 de fevereiro de 1882* – Rev^{mo} sr. – Chegando ao nosso conhecimento que, pelas freguesias do centro deste arcebispado, anda um indivíduo denominado *Antônio Conselheiro*, pregando ao povo que se reúne para ouvi-lo doutrinas supersticiosas e uma moral excessivamente rígida, com que está perturbando as consciências e enfraquecendo, não pouco, a autoridade dos párocos destes lugares, ordenamos a v. rev^{ma}. que não consinta em sua freguesia semelhante abuso, fazendo saber aos paroquianos que lhes proibimos, absolutamente, de se reunirem para ouvir tal pregação, visto como, competindo na Igreja Católica, somente aos ministros da religião, a missão santa de doutrinar os povos, um secular, quem quer que ele seja, ainda quando muito instruído e virtuoso, não tem autoridade para exercê-la. Entretanto, sirva isto para excitar cada vez mais o zelo de v. rev^{ma}. no exercício do ministério da pregação, a fim de que os seus paroquianos, suficientemente instruídos, não se deixem levar por todo o vento de doutrina.

“Outrossim, se, apesar das advertências de v. rev^{ma}., continuar o indivíduo em questão a praticar os mesmos abusos, haja v. rev^{ma}. de imediatamente comunicar-nos a fim de nos entendermos com o ex^{mo} sr. dr. chefe de polícia, no sentido de tomar-se contra o mesmo as providências que se julgarem necessárias.

“Deus guarde a v. rev^{ma} – Revd. Sr. Vigário da Purificação dos Campos *Luís*, arcebispo da Bahia.”

A falta de uma vaga no hospício não podia justificar a tolerância de Maciel nos sertões, se ele fosse pernicioso.

O delegado de Itapicuru, que reconhecia, como se vê no ofício abaixo, a utilidade dos serviços prestados por Conselheiro ao povo, incitado pelo clero, fez carga contra o sóbrio beato.

“- *Delegacia da Vila de Itapicuru, 10 de novembro de 1886.* – II^{mo} sr. – É de meu dever levar ao conhecimento de v. s^a que no arraial do Bom Jesus existe uma súcia de fanatizados e malvados, que põem em perigo a

tranquilidade pública. Há 12 anos pouco mais ou menos, com pequenas interrupções, fez sua residência neste termo Antônio Vicente Mendes Maciel, vulgo *Antônio Conselheiro*, que por suas prédicas tem abusado da credulidade dos ignorantes, arrastando-os no fanatismo.

“Havendo suspeitas de que ele fosse criminoso no Ceará, província do seu nascimento, foi no ano de 1876 preso por ordem do dr. chefe de polícia daquela época, e para ali remetido.

“Regressando pouco depois, fez neste termo seu acampamento e presentemente está no referido arraial construindo uma capela a expensas do povo.

“Conquanto esta obra seja de algum melhoramento, aliás dispensável para o lugar, todavia os excessos e sacrifícios não compensam este bem, e, pelo modo por que estão os ânimos, é mais que justo e fundado o receio de grandes desgraças.

“Para que v. s^a saiba quem é Antônio Conselheiro basta dizer que é acompanhado por centenas e centenas de pessoas, que ouvem-no e cumprem suas ordens de preferência às do vigário desta paróquia.

“O fanatismo não tem mais limites e assim é que, sem medo de erro e firmado em fatos, posso afirmar que adoram-no como se fosse um Deus vivo.

“Nos dias de sermões e terço, o ajuntamento sobe a mil pessoas. Na construção desta capela, cuja fêria semanal é de quase cem mil réis, décuplo do que devia ser pago, estão empregados cearenses, aos quais Antônio Conselheiro presta a mais cega proteção, tolerando e dissimulando os atentados que cometem, e esse dinheiro sai dos crédulos e ignorantes, que, além de não trabalharem, vendem o pouco que possuem e até furtam para que não haja a menor falta, sem falar nas quantias arrecadadas que têm sido remetidas para outras obras do Chorrochó, termo do Capim Grosso.

“É incalculável o prejuízo a que esta terra tem causado Antônio Conselheiro. Entre os operários figura o cearense Feitosa como chefe, que com os demais fanatizados fizeram no referido arraial uma praça de armas, intimando a cidadãos, como o negociante Miguel de Aguiar Matos, para mudarem-se do lugar com sua família em 24 horas, sob pena de morte.

“Havendo desinteligência entre o grupo de Antônio Conselheiro e o vigário de Inhambupe, está aquele municiado como se tivesse de ferir

uma batalha campal, e consta que estão à espera que o vigário vá ao lugar denominado Junco, para assassiná-lo. Faz medo aos transeuntes passar por alto, vendo aqueles malvados munidos de cacetes, facas, facões, clavinotes; e ai daquele que for suspeito de ser infenso a Antônio Conselheiro.

“Nenhum dos vigários das freguesias limítrofes tem consentido nos lugares de sua jurisdição esta horda de fanáticos, só o daqui o tem tolerado e agora é tardio o arrependimento, porque sua palavra não será ouvida.

“Há pouco mandando chamá-lo para pôr termo a este estado de coisas, a resposta que mandou-lhe Antônio Conselheiro foi que não tinha negócios com ele, e não veio.

“Consta que os vigários das freguesias têm lido a pastoral do exmo. sr. arcebispo proibindo os sermões e mais atos religiosos de Antônio Conselheiro, e exortando o povo para o verdadeiro caminho da religião: nesta ainda não foi lida, sem dúvida pelo receio que tem o vigário de se revoltarem contra ele os fanatizados.

“O cidadão Miguel de Aguiar Matos, como outros, tem vindo pedir providências, as quais tenho deixando de dar por não contar com força suficiente para empreender esta diligência, que se for malograda, piores ainda os resultados.

“Cumprir dizer que Antônio Conselheiro, que veste uma camisola de pano azul, com barbas e cabelos longos, é malcriado, caprichoso e soberbo.

“Não convindo esta ameaça constante ao bem público, e antes cumprindo prevenir atentados e desgraças, solicito a v. s^a. um destacamento de linha para dispersar o grupo de fanáticos.

“Renovo a v. s^a os meus protestos da mais subida estima e consideração e respeito. Deus guarde a v. s^a. – Ilmo. sr. dr. Domingos Rodrigues Guimarães, M. D. chefe de polícia desta província, Luís Gonzaga de Macedo. (Conforme) *Joaquim José de Farias.*”

Daí avante a perseguição recrudescer e Antônio Vicente Mendes Maciel, continuando a sua vida de missionário errante, passou-se para além de São Francisco, apanhando a divisa das províncias.

Há notícia de que fora preso no Estado de Pernambuco e levado ao Recife, onde o fizeram passar por vexames e atrocidades, antes de ser posto em liberdade.

Deste episódio não conseguimos nenhum documento e reproduzimo-lo aqui sem foro histórico.

Em 1887, porém, apareceu de novo em sua terra natal para visitá-la. Fizera a viagem pelo sertão, apostolando e aumentando o número de seus prosélitos.

Talvez fosse ver os amigos e filhos, dum dos quais, filho da adúltera, do qual foi padrinho o advogado Luís de Mendonça, seu protetor em Ipu, não havia notícias.

Visitou em seu escritório, na Fortaleza, ao distinto advogado e homem de letras João Brígido, de quem fora colega de escola.

– E agora, Maciel, perguntou-lhe o ex-deputado João Brígido, para onde vai!

– Cumprir um voto a São Francisco, que fiz na Bahia.

– Mas aqui?!

– Não. Nos sertões de Canindé. Depois seguirei para onde me chamam os mal-aventurados.

Despediu-se e nunca mais voltou à terra de seus pais e de seus filhos, onde toda a sua família sofrera tantos desgostos e tanta sorte de injustiça humana e desgraças fatais.

.....

Santas missões

AS SANTAS MISSÕES, no Brasil, prolongam-se retrospectivamente até o começo de sua colonização.

Laiciada pelos padres da Companhia e outros mestres da fé cristã, no intuito de subjugar pelo prestígio do Evangelho o espírito bestial dos selvagens, de tal sorte se desenvolveu que os jesuítas tiveram de formar dentre os catecúmenos uma ordem de irmãos leigos com limitados poderes eclesiásticos como fosse o uso das samarras, burel e outros hábitos talares e provisões no sentido de propagar o cristianismo e exercer certos sacramentos através dos sertões incultos.

Os leigos distinguidos por esses privilégios clericais nem sempre honravam as vestes monacais.

Muitos, a título de esmolarem para a construção de obras pias, enriqueceram.

Outros, porém, de vida austera simples, e misteriosa, metidos dentro da túnica de algodão grosso de cor azul ou cinzenta, descalços, impressionaram a população com seus modos sonambúlicos, os seus atos exemplares e as suas palavras cheias da eloquência do coração.

Se os benefícios que trouxeram para a Igreja foram bons, más foram as consequências de suas propagandas errôneas, pois que não tinham conhecimentos bastantes para ensinar a verdadeira doutrina de Cristo.

Os mestres destes apóstolos leigos foram os beneméritos padres Anchieta e Nóbrega.

Não eram só portadores da fé, eram também os obreiros iniciadores da indústria, do comércio, da agricultura e do trabalho entre as cabildas selvagens.

Evangelizavam, ao tempo que aproveitavam as aptidões dos indígenas para os ofícios e artes manuais, glorificavam o trabalho, aplicando a caridade de todos para o levantamento de povoados, templos, fontes, etc. Deste modo a permanência de um frade ou leigo num lugar imprimia-lhe um caráter de extraordinário movimento.

As santas missões atraíam, onde eram localizadas, curiosos de léguas de distância.

A aldeia desenvolvia-se, povoava-se e mais tarde formaram as vilas e cidades de nossas costas e sertões brasileiros.

Pelos tempos adiante, bando de monges capuchos de São Bento e São Francisco tomaram aos ombros a tarefa da doutrinação dos campos. Eram estes na maioria estrangeiros, italianos tonsurados, delegados pelas comunidades para ensinarem a religião aos povos. Falando num vasconço áspero, pouco resultado tiraram. Adotaram, para se fazer compreender, gestos e pantomimas ridículas que provocavam o riso dos homens e o espanto das mulheres. A vida errante destes regulares leigos, que arrastavam atrás de si bandos de famílias, incutiu no organismo dos sertanejos a predileção que têm pelas viagens, pelas aventuras e pelo maravilhoso!

A falta de instrução suficiente no que diz respeito à fé, e deveres cristãos, o encanto de uma religião que nunca se lhes explicou bem, porque não sabiam, era um atrativo que, casado à curiosidade de ver e saber coisas novas, impulsionava-os andar léguas e léguas, acaudalando os missionários.

Os de espírito mais fraco e impressionável foram como Santa Teresa, avassalados por uma analogia mórbida.

E quantos não abandonaram as famílias, doando às igrejas com todos os seus haveres para se entregar ou à vida contemplativa de eremita ou à errante de missionário secular!

Era-lhes permitido o uso do mongil, contanto que servissem à Igreja, esmolando para as casas de caridade que os padres construíam nos sertões.

Dava-lhes mesmo certos privilégios regulares. Não admira, pois, que os pobres de espírito se contagiassem do messianismo dos monges e que os ricos de má intuição adotassem aquele meio de vida, para viver à farta, de mulheres e comilanças.

E foi assim que se formaram as romarias ambulantes por caminhos ínvios preparadas pela exaltação religiosa aos mais furiosos acontecimentos, desde a ignomínia à heroicidade, conforme a disposição momentânea dos apóstolos dos desertos.

*

Os acontecimentos que se desenvolvem até agora em derredor da vida de um rude sertanejo, preparando-o para a celebração vindoura, entram na categoria dos fatos comuns da vida humana, reproduzidos em todos os tempos entre todos os povos.

O ódio dos Maciés e Araújo, as vinditas resultantes deste sentimento mau entre as duas famílias, não é um caso esporádico de que os grandes poetas possam atualmente extrair novelas e dramas de contexturas singulares, nenhum sentimento exótico no Brasil. É uma herança congênita da humanidade, a imitação conatural dos sentimentos herdados dos índios e dos emboabas.

Antônio Maciel com as suas missões e visões, através dos campos e povoados, arrastando centenas de fanatizados por onde passava, reproduz em miniatura Pedro Eremita, dirigindo a primeira cruzada.

Acastelado dentro de Canudos, como um teocrata onipotente, dá a lembrar o filho da montanha do país de Milithche.

Ele, como Alaodim, fazia acreditar que quem morresse pela sua causa iria para o Paraíso.

As manobras e meios empregados para conseguir este fim talvez fossem diferentes. Em todo caso, exaltados como estavam os espíritos que em tudo viam milagres, animados de fortes paixões que sempre redobram de energia no seio de qualquer multidão unida pelo mesmo pensamento,

todos se exortavam uns aos outros, todos se faziam missionários da causa apostolada pelo austero eremita.

Pedro, Alaodim e Conselheiro julgaram-se encarregados pela voz de Deus de cumprir na Terra uma missão divina.

Seriam doidos, jamais criminosos, se circunstâncias imprudentes não degenerassem os sentimentos de seus professores em ódio contra os que investiam brutalmente contra a sua fé e liberdade.

A turba amante de expedições longínquas e perigosas, inspirada pela rudeza e curiosidade; mestiça, maltrapilha, infatigável e crente, lá veio, descendo do Ceará e engrossando o préstito de Antônio Conselheiro, desde que ele se abalou de Canindé.

Toda aquela mole sertaneja que, dia a dia, avolumava-se, a viver, a dormir numa promiscuidade suína, era um composto heterogêneo das diversas castas cruzadas do Brasil.

Junto à jovem tapuia domesticada e vagabunda, o caboré feroz, de faca à cinta e bacamarte ao ombro, tresandava o fortum acre da pele mal cuidada.

O preto crioulo, o africano quarentão, o curiboca bronzeado, o mameluco, o mulato, o branco, enfim toda casta de *cabra* descendente de raças puras e raças cruzadas e mestiças, confundia-se ali sem hierarquia moral.

Respeitavam-se pelo amor a seu chefe, temiam-se pelo respeito à força bruta e à perversidade de cada um.

As mulheres, sobrecarregadas de trouxas e vasilhames, ou com os filhos escanchados nos quadris, se não metidos em bruacas de couro ou caçuás sobre os ombros dos animais, acompanhavam os maridos, marchavam a pé, trazendo por cima das camisas apenas o saiote da cintura para baixo, deixando todo o braço nu até as axilas.

Algumas moçoilas traziam corpete de mangas compridas. Crianças taludas de ambos os sexos, nuas, ou vestidas de camisolas, esquálidas e esmolambadas, de cabeça ao sol, caminhavam no meio da romaria, tangendo os animais de carga.

Homens de ceroula e camisa por cima desta, chapéu de couro e alpargatas, outros de gibão a tiracolo e calça de algodão, seguiam esta cruzada de mendigos e maltrapilhos.

Era como um numeroso magote de ciganos, errando por países estrangeiros. Aleijados, doudos, donzelas, ladrões, doentes, assassinos, vagabundos, cantadores, mocambeiros, cegos, possessos, incestuosos, pobres, afortunados, prostitutas, a mais hedionda mescla que se pode aglomerar por monomania religiosa, estendia-se atrás do Conselheiro, o chefe, o pastor e o pai daquele ambulante pátio dos milagres. Era ele o guia do fantástico comboio humano, e só aos caçadores era permitido irem na frente do préstito ou flanqueando-o, à busca de caça. Homens de sua confiança e estima marchavam a seu lado, silenciosamente. Sóbrio de comidas, o velho beato era também de palavras.

Toda aquela multidão o tratava por *Meu Pai*, os habitantes dos sítios e povoados por onde passava chamavam-no também *Irmão Antônio*, bem que o nome de Conselheiro já fosse conhecido e afamado. Cães, ovelhas, caititus e outros animais amansados aquerenciados acompanhavam a procissão, retaguardada pelo gado adquirido por meio de esmolos. Às vezes um tiro detonado nas brenhas das caatingas anunciava a morte de uma caça.

Sucedia que grupos de homens e mulheres paravam por debaixo das sombras dos umbuzeiros que ladeavam a estrada e escavavam-lhe as batatas, deixando o solo fossado, como se uma vara de porcos bravos por ali houvesse passado.

As crianças galgavam o alto das fruteiras silvestres, jogando ao chão, para os menores e mulheres, punhados de frutos.

Os palmitos das macambiras e carnás, aceirando as estradas, eram arrancados e comidos mesmo em marcha.

Marginavam, durante horas, grandes cercados de algodão com os capuchos brancos abertos como fumaças de espingardas; verdejantes milharais apendoados e carregados de espigas; vazantes frescas alastradas de jerimuns, melancias maduras, macaxeiras, e batatais formosos; e, beirando as roças alheias, canaviais e fazendas, nenhum só lançava mão de um fruto, de um tubérculo, de um animal, sem permissão voluntária de seu dono.

Se em marcha tinham de descansar ao meio-dia para se abrigar do sol e mormaço, sob a sombra das árvores, e viam famílias moradoras daquelas bandas, brocando as matas para fazerem roçados, organizavam putirões e juntas que iam auxiliá-las.

E em uma hora faziam, gratuitamente, para os pobres agricultores, o trabalho de uma semana.

À noite, quando chegavam no sítio designado para a dormida, já os caçadores esperavam-nos com o produto de seu trabalho venatório. Abria-se o fogo, comia-se. Conselheiro e seus acólitos mais queridos puxavam a ladainha, acordando as solidões das selvas e iam dormir, em redes, no chão, em jiraus improvisados, na mesma promiscuidade fraternal da viagem.

Alguns, em noite de luar, largavam os cachorros nas matas e esperavam o sinal do levantamento da caça para ir-lhe ao encontro.

Em noite de escuro a caçada era feita iluminada a fochos fabricados do cerne esfarrapante do mandacaru, cardeiro, xiquexique e outros cactáceos.

Quando os moradores das povoações e fazendas tinham conhecimento da vinda ou passagem do Conselheiro por dentro de suas freguesias, formavam grandes préstitos que lhes iam ao encontro e entravam todos nos povoados ao som dos rojões, fogos do ar, tiros de ronqueiras e bacamartes, como sinal de regozijo e distinção.

Os romeiros, se tinham de demorar-se nestes lugares, armavam uma grande latada ou caramanchão onde estendiam as tipoias e jiraus para dormir, depois dos terços, ladainhas ou novenas tiradas pelo velho beato.

As latadas eram geralmente levantadas ao lado das capelas ou entre a frente destas e os cruzeiros.

Era sobre elas que o leigo missionário falava ao povo, exortando-o ao caminho da religião e do dever.

Tão numerosa fazia-se a multidão dos devotos, nas noites de prédicas, que não cabia dentro das igrejas.

Se a prática versava sobre a construção de uma obra pia ou de utilidade ao povo do termo, no dia seguinte romeiros, peregrinos, curiosos e habitantes metiam mãos à obra e, em poucos dias ou semanas, ei-la concluída. Durante este tempo uns se iam embora, outros juntavam-se ao operoso putirão. À noite, naqueles sertões despovoados e solitários, quantas vezes as vozes dos devotos não se ergueram, cantando benditos e entoando orações à Mãe de Jesus?

E quantas vezes, também, ao som das violas, os improvisadores matutos, num lamento quebrado, não entoaram loas e desafios?

Havia uma série de cantigas e sambas que o irmão Antônio proibia aos seus professos.¹

Fora desta sorte que descera de Canindé por Quixadá, Riachuelo, Icó, Missão Velha, Milagres, e atravessando os Cariris Velhos chegara em Paraíba, onde vamos encontrá-lo em 1887, rodeado de todo seu prestígio e numeroso bando, no município de Cabaceiras, ao pé do rio Paraíba, arranchado no povoado do Boqueirão.

O rio estreita-se ali entre dois serrotes a prumo, em um dos quais está colocada a povoação de 30 fogos.

Toda a zona do município é dada à criação de gado. A hoste dos sequazes abrigava-se sobre a latada já erguida, enquanto o seu chefe recolhera-se ao copiar duma velha fazenda em ruína. Pela tarde, ele saía e de pé, no alto da chapada cortada em rampa, olhava demoradamente o leito arenoso do rio, medindo com a vista a distância da bocaina por onde ele passara.

Beatinho, um dos seus fervorosos conversos, vendo-o cogitabundo, interrogou-o:

– Em que está maldando, meu pai?

– Maldo, irmão, no feitio de um açude cujo paredão tapasse de serro a serro esta grota funda por onde se escorre o rio. Não se poderia fazer isto?

– Tudo quanto o pai quiser se faz.

– Sim, irmão, com a graça da Divina Providência.

– Amém.

Beatinho narrou neste mesmo dia a intenção do seu profeta.

Seria uma obra gigantesca e imorredoura, capaz de ser concebida por cérebro visionário. Calcule-se que profunda base e altura não era

1 Da imensa variedade de sambas e batuques do Norte, um há que foi proibido pelos missionários por ser lúbrico, e cantado e dançado à meia-tinta da candeia mortiça. Para a madrugada a tal dança, que os sertanejos denominam de *coco do Piauí*, descamba em saturnal e nudez. O coco do Piauí é sapateado, terminando por umbigadas excitantes à luxúria e ao deboche.

preciso para fazer represar as águas do Paraíba a 30 léguas de sua foz e a 50 de sua nascente, na serra de Jubitacá?

A grande obra, entretanto, não foi iniciada, porque tarefa maior e conseqüente dela iluminou o espírito do santo empreiteiro.

Por onde deviam abrir o sangrador do açude a fim de dar escoamento às águas sobressalentes?

O terreno para trás elevava-se sempre como um imenso talude, em recortado de morros e penedias laterais.

O plano de um corte era irrealizável e muito mais trabalhoso do que o aterro.

Foi por isso que quando o vaqueiro do Caracará, entusiasmado pela ideia do açude, investiu-o, obteve a seguinte resposta:

– Não é o açude ou o paredão do açude que me mete medo, meu filho, é o sangradouro. Por onde fazê-lo para na primeira enchente dar escapula às águas, uma vez cheio o poço e represado?

No dia seguinte, a procissão madrugou e foi sestejar na fazenda do Marinho, pertencente ao cauía João Tomé.

Era época de verde e vaquejada. Havia já alguns dias que vaqueiros de todas as ribeiras pousavam na fazenda de João Tomé, esperando o dia das partilhas.

Toda esta gente montada em cavalos ou a pé foi ao encontro do missionário cearense.

O próprio velho João Tomé, que tinha de sustentar o povaréu, estava alegre: à sua avareza repugnavam os dispêndios inúteis, porém ele tinha feito o plano de aproveitar o prestígio do Conselheiro sobre os seus adeptos para a construção de um açude melhor que o bebedouro que possuía e era insuficiente a seu destino. O dispêndio seria unicamente de comida e alguma esmola no fim, cousa barata para uma tarefa em que ele calculara gastar dois contos de réis, só em dinheiro de jornais aos trabalhadores, artífices e ferramenta.

Era um plano de espertalhão e de usurário conhecido em toda a ribeira. Sovina, viúvo e mau chefe de família, trazia as três filhas moças maltrapilhas, abandonadas entre as pretas e pretos escravos, a trabalharem como se cativas fossem, tendo como estas a mesma educação.

Benta, Maria e Isabel eram os nomes delas. A caçula, Benta, que era quatro anos mais nova do que a primogênita, andava pelos 22 anos e fora criada, por morte da mãe, pela escrava Isidra, que neste tempo amamentava a um filho por nome Cândido. Mais alva do que as duas irmãs, tinha certa esbelteza selvagem no porte e um olhar de mobilidade estranha.

Nunca, nenhuma delas, saíra da fazenda para qualquer povoado próximo. Aí nasceram, cresceram como cabritas monteses, pastorando ovelhas, trabalhando nos roçados, ordenhando ubres, e fizeram-se mulheres, vendo muito poucos homens estranhos à convivência diária.

Mudas, cheias de um receio curioso e vago quando vissem um desconhecido, possuíam uma beleza chamboqueira e original que eletrizava os desejos.

Habitadas ao serviço da casa e da roça, não temiam de se embrenhar nas catingas e serros à busca de lenha, de ovelhas desgarradas e de frutos silvestres; com tal educação lhes era mais temível o encontro com um desconhecido do que com uma canguçu ou suçarana.

É mesmo acreditável que se um jovem vaqueiro as libertasse, um dia, das garras de qualquer animal feroz, matando-o, ao procurá-las, não as encontraria mais. Apesar do natural pavor que teriam experimentado, vendo-se assaltada pela fera e da gratidão instintiva em prol de seu salvador, teriam fugido, dominadas por um sentimento vago e vergonhoso que as atraía e ao mesmo tempo as arredava dos homens.

Esta prevenção inexplicável com homens não alcançava os de casa. Assim, os escravos tinham com elas certa liberdade imoral proveniente da convivência e do abandono em que as deixava viver o pai.

Um ano antes, Isabel, a mais velha, fora pedida pelo vaqueiro de João Tomé, um viúvo quarentão, caboclo, pai de dois rapazes e dono de umas 30 vacas. Marcou-se o dia do casamento e semanas depois chegou o noivo, de um vaqueiro, a deitar sangue pela boca em consequência de um espremão entre o cavalo e uma burara, quando perseguia um marruá.

Morreu em seguida, sem cerimônias de pranto e luto, e o velho Tomé tomou conta das vacas e dos órfãos.

Assim viviam largadas as filhas do velho Tomé entre pretos, escravos e moleques ariscos e maliciosos, o que justifica a fraternidade indecente que se estabeleceu entre todos.

O mais ousado de todos era o moleque Candinho, irmão de leite de Benta; dava preferência a esta, já mimoseando-a com veados, porcos e animais selvagens que apanhava vivos nos matos, já com graçolas de sátiro, ditos malignos e atrevimentos de guariba libidinoso, que seriam respondidos noutras esferas por castigos bem merecidos.

Elas riam-se, no entanto, ou, quando muito, repreendiam o moleque com ameaças e amuos fraternais.

Deram lugar estas ousadias perigosas a que uma vez um cafuzo, cria da casa, já mocetão, beliscasse Benta, sendo por ela repreendido com muito mau humor.

O cafuzo, com todo o desavergonhamento, respondeu:

– Uê, nhá Benta, pois o Candinho não brinca com você do mesmo modo?!

Ela vexou-se, sentiu-se vermelha até a alma e não respondeu.

Dentro em si, porém, tomou a resolução de acabar com aquelas liberdades de Candinho, embora não soubesse como. O cinismo do cafuzo fizera-a ver longe qualquer cousa de ruim na permissão de tanta confiança, especialmente ao seu irmão de leite. Na verdade que este era mais arrojado do que os outros, mas havia um quer que seja que o desculpava sempre, ou fosse por ser irmã de leite dele ou porque a agradava mais.

De uma feita, a primeira depois disto, em que o moleque tentou brincar com ela, retraiu-se e disse-lhe:

– Não quero mais destas brincadeiras comigo. É por estas e outras que o João tem o atrevimento de me faltar o respeito.

– Ah! o João, o que foi que ele lhe fez, nhá Benta?

– Vá lhe perguntar.

E retirou-se amuada.

Tempos depois, o João apareceu em casa todo contundido e de cabeça quebrada a queixar-se que o Candinho caíra de pau em cima dele sem dizer por quê.

Interrogado o Candinho, à noite, respondeu a Benta:

– Foi pouco, ainda.

– Mas por que bateste tanto no rapaz?

– Para não faltar o respeito mais a você, nhá.

– Ah! fez ela caindo em si.

Desde este dia cessaram as brincadeiras entre os dois, que se começaram a tratar com uma espécie de curiosidade contrafeita.

Candinho lhe oferecera um casal de maracajá novo e ela rejeitara.

– Dá às minhas irmãs. Eu já tenho tanto bicho que me deste.

– Mas eu peguei estes pra você, nhá Benta.

– Não quero.

– Bem. Então vou matá-los.

– Não faça isto!

– Ora se faço. Fazia até com um homem.

E jogou de encontro às pedras os dois gatinhos que morreram instantaneamente.

Feito isto, retirou-se deixando-a trêmula e espantada.

Deu então a fugir do moleque. Havia, no entanto, um sentimento de curiosidade estranha que a trazia subjugada no que dizia respeito a Candinho.

Acompanhava-o com a vista quando retirava-se para os vaquejos; muda, ouvia-o falar com as pessoas de casa, procurando descobrir alguma coisa de extraordinário nele e nela.

Seu instinto levava-a afinal a concluir que o irmão de leite lhe queria bem e desejava-a, o que a contrariou. Repugnava-lhe entregar-se a um preto.

A ideia, porém, desta ligação desentoada perseguia-a sempre, enchendo-a de um medo vago, de uma antevergonha misturada de desejos atordoantes.

Estavam as cousas neste pé quando o Conselheiro e sua gente chegaram à fazenda do Marinho.

.....

Vida sertaneja

ESTENDIDO na rede amarrada sob o alpendre da casa, o major Tomé ouvia e via os mugidos crebros e os vultos do gado, movendo-se dentro dos currais e pátios. Nos moirões das porteiras estavam sentados, aboiando,² para chamar ao curral as reses esquivas, o moleque Candinho e um preto espingolado por nome Pajoba, da comitiva do Conselheiro. Este sobre um toco de pau a modo de tamborete, cabisbaixo, junto a Tomé, ouvia-o, respondendo por monossílabos, enquanto pelos copiares e debaixo da grande latada já erguida jazia a maior parte dos seus fiéis, palestrando e rindo-se ao clarão lívido das coivaras que começavam a arder, lambendo o terreiro com chamas amarelaças e movediças.

Pelos borralhos das fogueiras extintas dormiam os cães, enquanto, pelo pátio largo, magotes de bezerros corriam, tranqueando, saudosos de ubres e adivinhando chuvas – na crença dos sertanejos.

Às vezes, no aceiro do campo, surgiam vultos de animais arre-dios dos currais.

Estes eram três. O geral ou de vaquejada em que se recolhe o gado que se pretende vender e, no tempo de safra, onde se recolhem as vacas de leite.

2 Aboiar na gíria pastoril nortista significa soltar altos e lentos brados a fim de chamar o gado ao curral. Os vaqueiros que *aboiam* bem criam fama.

Comunica-se por meio de uma porteira com o curral de *apartação*, onde se recebe dos outros currais ou de fora o gado sem distinção, para ser distribuído a outras acomodações ou destino.

Curral de *benefício* onde se ferra, *giza*, cura-se o gado e fazem-se as partilhas aos vaqueiros e dízimo. Os vaqueiros tratam os fazendeiros por *meu amo*, percebendo a porcentagem de um por quatro ou um por três bezerros apanhados, quando o amo dá montaria. Os couros dos animais mortos, o leite, o queijo pertencem aos vaqueiros. A porcentagem dos vaqueiros estende-se à criação de ovelhas, cabras e animais cavалares.

Os animais destinados ao dízimo são, na época das partilhas, *tronchados* (*de orelhas cortadas*), enquanto os outros são assinalados com *giz* ou ferro da ribeira (município) no lado esquerdo e com a marca do dono no lado direito. Fora estes sinais, fazem-se nas orelhas do gado recortes e furos de diversos feitios para evitar a confusão de identidade de ferros das ribeiras e fazendas. Muitas vezes os vaqueiros escoram o gado arredio nas bebidas e assinalam os orelhudos, sem *giz*, com os recortes adotados pelos fazendeiros.

O sistema empregado para queimar, com ferro em brasa, o couro do animal é interessante. Prendem-no num moirão e erguem-lhe a cauda, a modo de quem a quer quebrar, a fim de imobilizá-lo, e aplicam sobre as ancas ou pescoço o *giz* em brasa que o faz urrar de dor. A operação é, porém, rápida. Sobre a queimadura emplastra-se excremento fresco do gado *vacum* que suaviza a dor e obsta de apostemar a ferida.

Fora na fazenda do major Tomé que no ano de 1887 os vaqueiros daquelas bandas conchavaram-se encontrar, vindo de diversos cantos de criação, tangendo magotes de gados de vários donos, para aí dividi-los a quem pertencessem.³ Todos os dias entravam boiadas tangidas por homens bronzeados na cor e na vestimenta de couro, chapéu, gibão, guardas e guarda-peito.

A fazenda do Tomé era uma planície rodeada de penedos enormes, serras a prumo, só acessíveis aos bodes, medindo uma extensão de seis léguas em quadro.

3 Nos anos de safra os vaqueiros saem pelas fazendas vizinhas arrebanhando reses de outros, que depositam em ponto determinado para no fim fazer a apartação. A fazenda escolhida para a reunião do gado arrebanhado e dos vaqueiros entra em festa durante muitos dias e para ela convergem todos os vizinhos.

No alto dos moitões os dous vultos – Pajoba e Candinho – conversavam.

– Quantos bezerros pega seu amo nesta safra, seu Candinho?

– Uns 200, seu Pajoba; o verde foi bom e todas as fêmeas, quase, pejaram.

– E peste?

– Nenhuma, graças a Deus. Nem mesmo a caruara atacou o gado miúdo este ano. Também não houve morrinha nem intiguijamento. O mi-moso cresceu e fartou o gado que não precisou de comer pereiro nem icó.

– Então você apanha as suas 40 cabeças, este ano?

– Quem sou, seu Pajoba, para ganhar isto.

– Pois você não é o vaqueiro da casa?

– Nhô sim, porém sou escravo.

– Isto é que é o diabo. Lá na minha terra não há mais negro ca-tivo. Os últimos, o jangadeiro Chico Nascimento e João Cordeiro levaram para fora.

– Boa terra, seu Pajoba. Onde é?

– No Ceará, você querendo é dar o que fazer às alpargatas e ar-ribando lá está forro que nem um passarinho.

– Posso ser seguro no meio da viagem e é o diabo, depois.

– Qual o quê, homem! Por estes sertões adentro tanto faz branco como preto. Depois quase um ou outro é que possui escravos. Você nunca se atirou por estes mundões de Cristo?

– Já, duas vezes, quando fui comprar gado com o senhor Velho.

– Pois olhe, se tem medo de fugir para o Ceará é vir conosco, quando sairmos daqui. Desafio a quem vá buscá-lo entre nós. Assunte sobre o negócio e decida.

Houve uma pausa na palestra.

Candinho levantou um aboio alto, longo e melancólico como um som longínquo de vento zunindo pelos ocos de paus.

– Você tem um peito decidido, elogiou-o Pajoba.

– Qual. É que você não ouviu ainda o Manuel Quadrado aboiar. Aquilo sim é que é cabra danado em tudo.

– É vaqueiro destas bandas?

– Nhô sim. Vaqueiro e tem parte com os diabos, dizem.

– Te excomungo.

– Foi ele quem apadrinhou o barbatão da Laje Grande que não há quem o pegue.⁴ Já duas vezes casquei o cavalo em riba do bicho que sumiu-se como um teju, adiante de mim, nas catingas.

Neste ponto apareceu um outro personagem. Era um mulato cheio, de cabeça enorme e ares importantes: chamavam-no Raimundinho Doutor, em virtude de falar muito, contar pabulagens e prosas. De todo o bando era sem dúvida o mais instruído e a sua opinião era buscada como a sentença de um Salomão.

O Conselheiro confabulava muitas vezes com ele. Filho da Bahia, Raimundinho era gabola e palrador como em geral são os descendentes de Caramuru. Deixando a escola onde aprendera o latim e princípios de história, jogara-se pelos sertões, exercendo ora o lugar de sacristão, de engajado de comboieiro, de tangedor de gado, de tripulante de balsas no São Francisco e de vaqueiro em Cariris, onde fora dar com o costado, voltando do Amazonas. Nunca matara ninguém, mas quem o visse falar acreditava estar defronte de um dos maiores assassinos do mundo.

Por qualquer cousa, lá narrava ele uma façanha pavorosa em que tomara parte e mostrava pelos recortes que fizera no couce do bacamarte cerca de 40 mortes que cometera em momentos de raiva ou para descarregar o trabuco.

A narração destes sanguinosos sucessos, feita com uma fluência de termos e mímicas declamatórias congêntas aos baianos, dominava os ouvintes e o próprio Raimundinho Doutor assombrava-se de tantas patranhas que inventava no correr da conversa.

Interessante é que, à noite, ninguém o via sair além dos terreiros e é de acreditar-se que era o medo de ver aparecer as almas de tantos assassinados mentais que ele praticava o motivo desta estranha sensação e reserva.

– Boa noite, minha gente.

– Louvado seja, Doutor, disse Pajoba.

4 O novilho ou barbatão apadrinhado tem como protetor um feiticeiro ou indivíduo que tem pacto com o Diabo. Para segurar o bicho, acreditam os sertanejos, é mister saber encantamento e feitiço maior do que possui o padrinho.

– Então conversam?

– É verdade. Ponteávamos a respeito das qualidades de um garrote alçado que vai se pegar este ano.

– Olá! Isto é comigo. Gosto de derrubar a mucica, um bicho brabo.

– Não há de ser este, seu Doutor, que tem padrinho decidido.

– Sobre mandingas e orações ninguém me passa a perna. Sei de uma que só rezei uma vez e me arrependi, tamanha era a força dela.

– Pois até hoje não vi ainda ninguém que soubesse fechar o corpo melhor do que seu Quadrado. Aquilo é cuera.

– Pois havemos de ver se o garrote me escapa.

– Pois eu lhe digo ainda, seu Raimundinho, que bicho que seu Manuel Quadrado apadrinha é perder a fé de pegá-lo. Morre no mato como bicho brabo e só procura bebidas à noite.

– Só me falta um bom cavalo, disse o Raimundinho.

– Louvado seja, minha gente, disse uma voz.

Todos voltaram o rosto e deram com o vulto esguio e amarelaço de Manuel Quadrado, o curandeiro daquelas bandas.

– Para sempre, responderam.

– Sabe, seu Quadrado, continuou Candinho, aqui o seu Raimundinho disse que, se tivesse um cavalo bom, pegava o *Corneta* da Laje Grande.

– Se é por isto eu posso ceder-lhe o meu *Mata Garrote*.

– Oh! Aquilo é que é animal. Pegue na palavra, seu Raimundo.

– Dito e feito, concordou ele. Quando é o dia da pega?

– Nas vésperas da apartação.

– E o cavalo está a seu dispor, concluiu o Quadrado.

A buzina veio interromper a conversação, com seu ronco monótono, chamando para o terço.

Neste tempo o velho fazendeiro já tinha arrancado do missionário a promessa de deixar construído o açude novo, antes de retirar-se da fazenda.

Enquanto se desenrolavam estes e outros acontecimentos no logradouro do major Tomé, bandos de famílias da vizinhança chegavam para beijar a mão do missionário e assistir à prédica, à noite.

Horácio Vilanova, um rapagão insinuante, filho de Assaré, no Ceará, que se reunira aos romeiros e conhecia o sertão como bicho, horas antes tivera larga conferência com Conselheiro.

Muito traquejado da vida, pois que andava sempre viajando com o pai, negociante ambulante, conhecia muita gente no município de Cabaceiras, onde já estivera por vezes.

Informara a Antônio Conselheiro da vida íntima e doméstica de alguns devotos, o que servia de tema aos pregões do rude secular.

Vila Nova em pouco tempo soube adquirir no espírito de Maciel forte preponderância, a ponto de ser o encarregado de receber e repartir as esmolas que se lhe ofertavam.

Ele era para o Conselheiro o que um médium é para o magnetizador ou o que os *compadres* são para os mágicos ambulantes.

É possível que, administrando os bens da comunidade nômade, fizesse-o tão bem que lhe sobrassem alguns proveitos. Ninguém, entretanto, acusava-o desta improbidade, porque, embora um tanto cauíla, era afável, simpático e benquisto.

Em sua companhia vinham um irmão por nome Antônio, casado com uma prima, e uma menina entre moça e mulher, prometendo formosura e solidez, chamada Maria Pimpona.

Era irmã da mulher de Antônio, prima deste e de Horácio Vila Nova.

A moçoila era bastante espevitada, alegre e folgazona, meio incrédula dos milagres de Conselheiro, que metia a bula quando palestrava com os outros que a reprendiam em ar de riso.

Teotônia, a irmã dela, esperava que um dia ela se casasse com o primo.

No meio daquela mescla hedionda, onde a força bruta e a malvadez faziam a lei, este dominava pela delicadeza jeitosa de suas falas e maneiras convincentes.

Com o ronco da buzina chamando ao terço, a latada encheu-se a represar pelo pátio.

As coivaras inflamadas, pelo derredor, erguiam aos ares labaredas esgarçadas que davam um tom lívido à fisionomia dos devotos, lem-

brando uma conspiração de maltrapilhos. Aos poucos, o silêncio foi se estendendo entre todos. As mulheres contritas, de joelhos, batendo nos peitos, cochichavam rezas; o gado, ruminando, deitado nos currais e pátio, mugia monotonamente, de quando em quando.

Junto às coivaras coculavam montes de galhos secos e esfarrapantes de facheiro, destinados a tochas para caças noturnas, ou a iluminar os caminhos aos que se retirassem depois do terço.

O espírito de todos estava impressionadíssimo, encolhido dentro de uma sensação vaga de susto e contrição.

Iam ouvir a voz do santo e afamado missionário praticador de milagres, para quem não havia segredo nem mistério na alma dos pecadores.

Como que um peso estranho acalcava-lhes os ombros, fazendo-os cabisbaixos e submissos.

De súbito, no sopé de um serrote vizinho, apareceu uma chama amarela e movediça, que aumentava a olhos vistos, rente com o solo! Nesta ocasião, em que a atenção de todos voltava-se amedrontada para a extraordinária aparição, Conselheiro surgiu, sem ser visto por onde entrara, na espécie de altar sob a latada.

O murmúrio fê-lo erguer os olhos e descobrir o movimento do fogo-fátuo ao pé do morro.

– Que luz é aquela, Jesus!? Onde é? perguntavam cheios de pavor.

As opiniões divergiam e as mulheres benziavam-se. Os mais ousados, procurando acalmar o pânico, opinavam que eram fochos de caçadores, cavando tatus: outros que eram almas penantes de mulheres amancebadas com padres.

– Sim, concordara a maioria, aquilo é *zumbi* de mula de padre.

O velho Tomé, então, explicou que de tempos em tempos aparecia no *Serrote dos Caboclos* aquela luz, à noite. Havia uma furna embaixo, cheia de caveiras inteiriças e um penedo com inscrições e letreiros em língua desconhecida. A explicação tranquilizou um pouco os espíritos, em maioria convictos de que aquele fogo tinha alguma coisa com a vinda do missionário ali: era uma alma penada, talvez que vinha ao mundo pedir orações e penitências para sair do Purgatório.

Só então deram com o Conselheiro, em pé, de cabeça baixa, como que recebendo uma sagração invisível, ou ouvindo uma voz inaudível aos pecadores, no centro do altar improvisado.

A ideia dum milagre ficou firme no espírito de todos.

Entre o missionário, que apareceu sem ninguém ver, e o facho enviado por um poder divino, havia comunicação.

E nesta hora o fogo-fátuo escalava o penedo a prumo, por onde nem bode subia, galgava-lhe o cimo inacessível e projetava de lá a chama amarela com uma quietude e esmorecimento fantásticos!

Houve um *oh!* uníssono e a chama desapareceu no espaço como um santelmo que era.

O velho fazendeiro, que nunca vira tal fogo subir ao alto do penedo, estremeceu com este movimento e ficou pensando no poder sobrenatural do leigo sacerdote.

Os que acreditavam que a luz fosse de caçadores também reconsideraram tal juízo. Por aquele lajedo acima só lagartixa podia subir!

Fora um milagre feito pelo Conselheiro!

Tudo isto foi rápido, e, dominados ainda pela assustadora impressão, foram abalados pela voz profética do chefe, que, acompanhando com o braço, a subir, vagarosamente, uma cousa invisível, falara:

– Some-te, alma de amancebado: não busques perturbar os filhos do Senhor nas orações que serão hoje em desconto de teus pecados.

Começaram as rezas, então, por alma do que tinha aparecido em forma de chama no *Serrote dos Caboclos*. Remataram o terço cantado com uma ladainha entoada em um latim mestiço, monótono e imoral.

A esta operação maquinal como o diapasão dos monjolos escasseava todo o tempero de melodia; vozes agudas como clarins, roucas como trabucos, esganiçadas, de baixo bovino, bissonantes, de defluxos, tentavam, por um prodígio de vaidade artisticamente carola, sobrepujar uma a outra: e desta vozeria formidolosa rebentara como que uma vaia estonteadora à pobre alma penada do *Serrote dos Caboclos*.

Seguiu-se a prédica na qual o velho devoto, como sempre fazia, exortava a todos ao cumprimento do dever religioso, a trazerem à sua pre-

sença os amancebados, incestuosos, adúlteros e pecadores, a fim de convencê-los a seguir o bom caminho que leva ao Céu.

E dirigindo-se, de chofre, para um homem alto, o mais alto dos ouvintes, bradou com voz irada, ameaçadora e profética:

– Pai maldito, serás tu da raça das jararacas?

O homem todo estremeceu de alto a baixo como apanhado por poraquê. Era incestuoso, concubino da própria filha, assim lhe informara Vilanova.

Todas as vistas procuraram o acusado, que sentia-se aterrado. A interrogação inopinada do missionário atordoara-o, como uma rija pancada no alto do crânio.

Depois do efeito da pergunta, o missionário continuou:

– Pai maldito, serás tu da raça das jararacas que comem os filhos? Os bichos mais ferozes, os bichos mansos, todos os bichos, menos a jararaca, não se juntam com os filhos. Antes fosses tu um cavalo que melhores serviços prestarias ao mundo e não afrontarias a cólera de Deus: porque o cavalo, pai do lote, tange para fora deste as suas filhas, no tempo do cio, e tu, jararaca amaldiçoada, reduces as tuas à pratica de pecados e crimes monstruosos que bradam ao Céu, donde descera a tua perdição eterna.

Respondeu a esta apóstrofe atordoadora e profética o canto demorado de um galo.

É velha a crença entre os sertanejos de que tudo que se está dizendo, cantando o galo, se realiza para o bem ou mal do paciente.

Seja porque o anátema o esmagasse de vergonha ou o canto do galo o enchesse de terror, certo é que o incestuoso fugiu espavorido, através da noite escura.

Houve uma pausa de assombro, e o terrível missionário ergueu de novo a vista, lançou-a por cima das cabeças baixas das mulheres ajoelhadas e clamou com voz dulcificadora, apontando uma das devotas:

– O teu martírio vai cessar no mundo, filha de Deus, e sejam, em nome dele, amaldiçoados os que não se arrependem de te atormentar e a teus filhos, fazendo-os sentir fome e frio. O Senhor que nos ouve e te vê porá fim aos teus padecimentos.

Isto foi dito em tom oraculoso, que causou grande sensação no auditório.

O que queriam dizer estas frases misteriosas com referência à pobre Joana Leite e seus filhos, cujo marido e pai, que se achava ali presente, havia-os abandonado, para amancebar-se com uma escrava do velho Tomé?

A infeliz Joana padecia duplamente, quer pelo abandono do marido, quer pelo terror constante em que vivia, em virtude de seu irmão João Pedro ter ameaçado, ao esposo, de morte, se ele não voltasse ao bom caminho.

A sua dor subiu de grau quando, depois da profecia do monge secular, ela descobriu o seu irmão olhando, com um olhar de rancor profundo, ao esposo.

Este soube disfarçar um pouco a situação e, enquanto a prédica tomava para tema novos pecadores, escapuliu para o fundo da casa, a fim de falar com a amante.

Não viu que o cunhado o seguia, que o vira conversando com a escrava e ouvira o contrato de falarem na noite seguinte, durante o terço, debaixo do umbuzeiro, ao pé do curral das ovelhas.

Conselheiro continuava com as suas exortações ameaçadoras, mas benéficas. Bem que a sua linguagem fosse rude e grosseira, sem obediência às regras de gramática, era persuasiva, ao alcance de todos, cheia de magna eloquência do coração.

A maioria dos seus prosélitos eram também incultos e incapazes de compreender pregões em termos mais escolhidos e linguagem clássica. Os que podiam criticar de sua ignorância não o faziam, por temor de ser repellidos do bando e pelo bom conceito em que tinham os seus conselhos, todos honestos e baseados num princípio de moral altruística e filantrópica.

Jamais aconselhava ao furto, à sedução, ao crime; punia-os com rigor, quando fossem cometidos entre seus, castigando-os e entregando os culpados às autoridades legais das freguesias e comarcas. Não raras vezes prendia criminosos e matadores condenados, mandando-os, escoltados pelos seus fiéis, às autoridades respectivas.

Ignorante, e enraizado nos velhos hábitos da administração de então, desconfiado como são todos os sertanejos, de índole conservadora

por nascença, achava que toda reforma na administração e toda inovação na economia pública eram um meio de se roubar ao povo.

Fora contra a introdução do sistema métrico decimal no comércio e a única reforma que encontrou sua aquiescência, mais tarde, em 1888, foi a da abolição dos escravos.

Talvez porque grande porção de quilombos e mocambeiros acaudalasses a sua errante cruzada.

Durante os dias que pregou na fazenda do major Tomé, conciliou dois inimigos figadais, fez um pai abençoar ao filho deserdado por se casar contra a vontade paterna, um mancebo, relutante ao casamento, ligar-se legitimamente à concubina e, como veremos para diante, embora por circunstâncias alheias à sua vontade, a conciliação de Joana Leite com o marido e o abandono da filha pelo pai incestuoso.

Durante a noite da primeira missão, o velho Tomé pisava em fogo, pois via o tempo ir correndo sem que Antônio Maciel falasse na construção do açude que devia ser feito à custa do suor dos devotos.

Chegara afinal a sua vez, e no fim da exortação para este acontecimento, tal era o entusiasmo e fervor de se pôr mãos à obra, que o velho fazendeiro, por uma alucinação de momento, chegou a ver estendida, de cima de um paredão gigantesco e sólido, a 500 metros para trás, represando, imóvel, uma toalha de água, sobre a qual mergulhões, jaçanãs, patos bravos e algas deslizavam, ao sol quente das secas periódicas!

O fenômeno do fogo-fátuo deu motivo a que Conselheiro entendesse mais nesta noite a prédica: e explicou o caso como sendo uma revelação do Senhor à sua pessoa; fechando a cerimônia com o seguinte trecho decorado, como o fazia em todas as prédicas:

– Sim, meus irmãos, obedecei à Igreja e os mandamentos de Deus Nosso Senhor, nosso Pai e salvador eterno, de quem sou na Terra um miserável apóstolo; porque Ele me apareceu uma noite e disse: – Antônio, sairás, pelos sertões, como o teu xará de Lisboa, a fazer penitência, pregando o meu Evangelho e as Escrituras Sagradas: sofrerás perseguições dos maus e dos hereges, que retribuirás com benefícios derramados por onde passares: terás como Pedro, Paulo e todos os meus santos discípulos o teu povo que te seguirá e de que serás o guia: encher-te-ei de poder na Terra e serás tu e serão os teus adeptos cheios de graça na vida eterna.

– Amém, responderam todos.

E assim eram os conselhos do mentecapto, aliás, inofensivo missionário.

Todos levantaram-se...

E como nos olhos da imaginação de todos, a chama lívida e sobrenatural do fogo-fátuo passava, repassava, desaparecia e reaparecia, ninguém pensou em caçar a facho, nesta noite, como era costume, com medo de um mau encontro.

Pela madrugada estavam todos de pé e o velho e somítico fazendeiro repartia os instrumentos de trabalho para a construção do novo açude.

Ao romper da barra já se ouvia o baque surdo das enxadas e picaretas, cavando, no leito de um riacho que nascia nas plantas de umas montanhas, a três léguas de além, o alicerce da obra que seria depois entupido com pedra e cal, subindo pelo espaço acima até formar uma superfície plana de ribanceira a ribanceira do riacho. Este paredão sólido devia ainda ser coberto de barro ou terra socada, até o nível do sangradouro das águas, tomando portanto uma forma de canoa comprida e emboleada.

O furor e a boa vontade de todos supriam a escassez de instrumentos, e a obra aparecia a olhos vistos.

No portão do curral, mulheres e crianças recebiam, dos vaqueiros, cuias de leite morno que bebiam, chupando os beiços, e passavam aos meninos. De cócoras, calças e ceroulas arregaçadas até as coxas, os ordeñadores, com os pés atolados nas dejeções frescas do gado, espichavam os ubres das vacas que gostosamente lambiam, com a língua áspera, o pelo macio e tenro dos bezerros amarrados em suas pernas.

No chiqueiro dos bodes, as filhas de Tomé, também de cócoras, com os vestidos erguidos e confrangidos acima dos joelhos, apertados entre as nádegas e barriga das pernas benfeitas e tostadas, tiravam leite das cabras, rindo-se às caretas libidinosas dos pais de chiqueiro, que aspiravam o pituim cioso da urina das marrais.

Antônio Maciel escutava, num grupo abrigado no alpendre da fazenda, a conversação.

Falava o Raimundinho Doutor.

– Pois, como ia dizendo, seu major Tomé, o meu bacamarte, que é arma que nunca negou fogo e vai ver as arapongas do cume das braúnas, ficará sendo de v. s^a se eu não trazer o bicho.

– Pois traga-o, seu Raimundinho, que será seu, vivo ou morto.

– Lá isto é o menos, seu major, que eu não vou arriscar o meu couro por causa de interesse, sim por influência.

– Mas então aposta o seu bacamarte tão de fama contra o quê, seu Raimundinho?

– Que a arma é de fama, isto não é de dúvida. De uma feita larguei fogo numa sucuruíba, no rio São Francisco, de uma banda a outra do rio, onde a bicha dormia e dormindo ficou pra toda vida. Mas vamos ao caso.

– Vamos lá.

– Eu perco o meu bacamarte, seu major, mas v. s^a terá de dar esmola a N. S. do Amparo, minha madrinha, um poldro em pé de muda, que será entregue ao nosso pai Conselheiro.

Antônio Maciel moveu a cabeça em sinal de aprovação, o que bem poucas vezes fazia.

O velho Tomé torceu-se todo dentro de sua mesquinharia, mas, negando-se à aposta, podia desgostar aquela gente. Aceitou-a, pois, disfarçando o sentimento de avareza que o dominava em todo negócio.

– Seja, concluiu ele, aceito: o dia da pega será na antevéspera da partilha e apartação. Imponho, porém, que o vaquejo ao barbatão *Corneta* da Laje Grande não dure mais de dois dias.

– Quer v. s^a dizer, por mal pergunta, atalhou Vilanova, que, se no terceiro dia Raimundinho trazer o bicho, perde a aposta?

– Sem apelação nem agravo, rematou o major, retirando-se.

Depois de uma pausa, um dos circunstantes por nome Feitosa, homem trigueiro e corpulento, falou a Raimundinho:

– Veja lá você agora o que vai fazer, homem!

– Não tenha medo, minha gente; com a ajuda de Nossa Senhora do Amparo no Céu e de nosso pai Conselheiro na Terra não tenho medo de nada. Isto é já um negócio decidido.

– Rogaremos aos santos para que te proteja, meu filho, concluiu Conselheiro.

O grupo difundiu-se pelo pátio.

Raimundinho encaminhou-se para o aprisco e ficou de pé na porteira, vendo as filhas do major na faina de todas as manhãs.

Bem que vexadíssimas, as moças continuaram a tarefa, se entreolhando com um riso de vergonha disfarçada.

– Pode me dar uma cuia deste leite, dona? Pediu ele a Isabel, com o intuito de entabular conversa.

De novo se entreolharam – é contigo – dizia o olhar de cada uma para outra. Mas não deram sinal de ouvir.

Raimundinho, porém, era persistente e ousado como um baiano.

– É a vossa mercê, dona, apontou ele visivelmente para Isabel, que estava mais perto, a quem eu peço um pouco de leite para beber.

Ela saiu então do mutismo, mostrando a pouca vontade de se aproximar da porteira.

– Para que não vai beber no curral das vacas, que o leite é melhor! Quem já viu beber leite de cabra...?!

– Pois é somente o que eu bebo, minha dona, que é de bicho de minha raça. Não sou gabola, conheço o meu lugar, respeitando a todos. Cada um no seu canto, e só porque eu me *astrevi* a dirigir um pedido a dona, só por isto não me quer servir, porque sou cabra.

– Isto não, murmurou a moça comovida com a entonação lacrimosa que o sentimental baiano dera à frase.

Isabel levantou-se ainda contrafeita e foi oferecer ao Doutor a cuia de leite a transbordar. Entregou e ficou de olhos baixos. Só depois dele começar a beber ergueu-os para fitá-lo.

Raimundo, porém, que ficara de perfil para ela, enquanto bebia, devorava-a de cima a baixo com um olhar cheio de desejos e trêmulo de ternura estudada.

Os olhares chocaram-se e um calor estranho avermelhou o rosto da robusta matuta.

Para demorar a situação que lhe era agradável, Raimundinho descansou de beber.

– Está tão gostoso que vale a pena saborear, disse ele. Todas as manhãs, sinhá dona, há de ter a paciência e me dar uma porção.

Entornou a cuia que entregou acompanhada deste galático em voz baixa:

– Que Deus lhe recompense, dona, e lhe dê um companheiro que goste tanto de si como este cabra lhe fica querendo bem.

Se fosse por um sentimento de vergonha ou por discrição, o certo é que Isabel, interrogada pelas irmãs, depois da saída de Raimundinho, a respeito de *resmungamento* dele na hora da entrega da cuia, nada confessou!

E, todas as manhãs, até as vésperas da pega do barbatão, ele encaminhava-se ao aprisco, a fim de tomar a sua porção de leite, conseguindo algumas respostas das moças, já familiarizadas com o gênio conversador e engraçado do cabra.

Entre ele e Isabel trocavam-se olhares a furto, e segredos, quando esta lhe vinha oferecer o leite.

Muito ancho saiu o Raimundinho do chiqueiro, planejando o meio de agradar à filha do Tomé.

No meio do pátio encontrou com um rapazote magro, de uma cor doentia e olhos grandes, de tom amortecido. Caminhava de cabeça baixa, pausadamente, como quem leva um turbilhão de pensamentos no cérebro e vaga à toa ao movimento das pernas.

– Bom-dia, Tristão, saudou Raimundinho.

O cumprimentado seguiu sem perceber a saudação.

– Também aquilo é sempre assim, alheio a tudo, resmungou o baiano. Parece que vive areado!

Tristão, entretanto, pelo rumo em que ia, aprumava-se para o lado do redil onde parou defronte da porteira.

Benta vinha saindo nesta ocasião. As irmãs já se tinham ido embora e ela ficara arrumando o vasilhame para o mesmo fim.

Estatelaram-se os dois, um defronte do outro, vermelhos, sem saber o que faziam.

Procurando dar passagem à moça, Tristão fez um movimento para o lado ao tempo que ela também fazia o mesmo.

Houve um encontro de que resultou a cumbuca de leite escapar da mão de Benta e quebrar-se sobre um pau.

O vexame dele subiu ao cúmulo e foi gaguejando, vermelho como nunca ficara o seu rosto lívido, que desculpou-se, num tom de fazer dó e pena.

– Me perdoe, dona.

Benta foi acometida de um desejo intenso de rir-se, e fugiu a sufocar gargalhadas. Ainda na porta da cozinha voltou o rosto para o redil e lá viu estático o vulto de Tristão, imóvel!

– Coitado, pensou ela a rir-se, não teve culpa, mas achei tanta graça na cara que fez...

Durante todo o dia Tristão, quando se recordava do incidente da cuia de leite, sentia subir-lhe um calor ao rosto que o enrubescia, o que fora notado pelos companheiros e mulheres, no meio das quais ele convivia mais.

– O que é que tem, Tristão, que está tão vermelho, você que é amarelo como defunto? – perguntavam.

Ele calava-se. Demais, a mudez dele era conhecida naquele ambiente. Verdadeiro contraste do Raimundinho, passava, horas inteiras, ouvindo a vozeria das palestras, sem dizer uma palavra. Tinha um gênio taciturno, quieto, quase imóvel.

Às vezes, Conselheiro, que o estimava, porque ele lembrava-lhe as feições e modos de um filho de quem não tinha notícias, chamava-o para o pé de si.

Eram ambos pouco comunicativos e caíam, portanto, num mutismo cheio de abstração terrena de que os vinham tirar circunstâncias alheias a seu sonambulismo periódico.

Todos os modos do moço eram os de uma máquina, sem irritação nervosa.

A própria superstição que dominava no espírito dos sertanejos, se o atingira, ele não dera ainda sinal de senti-la.

Rezava, comia, trabalhava como um mouro quando era mister, mas tudo isto como que praticava sem sentimento de prazer ou desgosto nenhum, automaticamente. Era indiferente a todas estas pequenas sensa-

ções e impressões que estimulem o sistema nervoso e alertem o espírito. Notava-se somente que ele preferia a companhia das mulheres à dos homens, porém jamais se percebera a mais pequena inclinação para uma delas ou a falta de respeito à sua honestidade.

Poderia ser um louco ou maníaco se houvesse outras causas, para acusá-lo de escasso de faculdade mental, afora estas.

Nenhuma, porém, fora ainda percebida e, por isto, era tido e benquisto por todos como rapaz apreciável e metido só consigo. As mães, quando ralhavam com os filhos traquinas e travessos, protestavam que eles depois de crescidos nunca seriam homens sisudos e de bem como Tristão.

Em virtude da preferência que o Conselheiro tinha para as suas palestras curtas com o moço, as línguas das devotas diziam, à boca pequena, que ele era filho do missionário, quando casado.

– Qual o quê, comadre, pois não vê que o outro perdeu-se e nunca mais se soube notícia dele?

– Isto diz-se, mas os perdidos se acham e não era de causar admiração que o filho da malvada Brasilina fosse o Tristão, com outro nome para não dar na vista. Olhe, pergunte a Vilanova onde nosso pai encontrou Tristão?

– Aonde foi?

– Em Tabuleiros. Apareceu lá num comboio. Era pequeno e engajou-se na fazenda. Ninguém sabe quem era a sua família, e quando o nosso pai passou por lá trouxe-o consigo. E agora, o que me diz?

– Na verdade que as cousas têm sua razão.

Tudo isto, porém, não era bem assentado e nunca o foi com a afirmação categórica do monge ambulante, embora a sua simpatia zelosa pelo taciturno desterrado de Tabuleiro.

Indiscutível é que o mutismo, a cor doentia, os modos, o olhar do moço eram consequência de um estado mórbido qualquer agravado pelo abandono de medicamentos ou por um mal ou vício secreto difícil de ser diagnosticado pela medicina sertaneja.

Deixamo-lo, pois, de pé e corado pela primeira vez na sua vida, defronte da porteira do redil, olhando a brancura do leite derramado a embeber-se na terra.

Sob a latada, numa roda de homens, alguns dos quais acham-se estendidos em redes, conversa-se.

Entre estes, um moreno alto, de barba curta e olhos negros, ponteia na viola o repenicado dum *pesqueiro*, o lundu favorito dos nortistas. É o Chico Ferreira, o afamado tocador de viola, sem competidor nos sertões.

Junto dele, Guabiraba, o mais terrível cangaceiro que já pisou pelo domínio da serra do Teixeira, alimpa e azeita os cangaços que brilham ao sol, como água quieta. À proporção que as armas – faca pasmado, pistola e clavinote de boca de sino – ficam limpas, as vai colocando sobre um tamborete tosco.

Raimundinho, encostado a um esteio da latada, ouve a voz atroadora de um velho de barbas brancas e rosto corado, alto, espadaúdo e simpático que traz à cinta um facão de rabo de galo.

É o velho Nogueira, glosador de fama, que não respeita mote para improvisar uma décima, tendo um copo na mão e gente na frente para aplaudi-lo.

Sobre um couro cru de boi, o mais temível cantador do Norte está deitado. Chama-se Romano, tem viajado todo o norte da Bahia ao Maranhão, e ainda não encontrou improvisador de cantigas que o vencesse.

Manuel do Alecrim, que tinha fama de invencível, depois de se pegar com ele durante três dias e três noites esmoreceu. João do Abereni, Inácio da Catingueira, todos estes cantadores de *martelo* e *divino* foram levados de rastro.

É um homem de altura regular, de ar modesto, e olhar de um brilho extraordinário. De toda a gente é o que melhor se veste.

Dizem que largou os estudos e deu-se a cantador errante. O que é certo é que as moças lhe querem bem e Romano tem sido muitas vezes feliz, em aventuras de amor proibido.

O Raimudinho queria convencer o Nogueira de ir ao *Serrote dos Caboclos* com ele para desencantar o tal facho da noite antecedente.

Nogueira, cuja voz ensurdecia aos ouvintes, berrava:

– Não tenho medo nem de bicho nem de homem, mas de almas do outro mundo é outra coisa.

– Então tem medo?, insistiu o interlocutor.

– Com os diabos, não sei o que é; mas se não tenho gente na frente para topar comigo, o que hei de fazer!?

– Ora, mestre Nogueira, disfarçou Raimundinho.

E em ato contínuo, para sugestionar ao glosador uma coragem que ele próprio nunca sentiu, injetou na conversa, em linguagem explicadíssima, a enorme patranha de que uma vez apostara em como iria dormir num cemitério onde todas as noites aparecia uma luz errante.

Esteve lá acordado até as 11 horas e pegou no sono em cima de uma catacumba. Acordou sentindo passos e viu a luz que vagava dentro do cemitério, suspensa, sem ponto de apoio.

Tirou um cigarro do bolso e, encaminhando-se para a chama, disse:

– Psit, faz favor de seu lume?

Aquilo foi mesmo que assoprá-la, *fit*; apagou-se e ele dormiu até ao romper d'alva.

De outra banda, o Chico Ferreira perguntava a Romano, de quem era compadre.

– Você já acabou o abc?

– Decorei-o todo, esta noite.

E voltando-se para Guabiraba arguiu-o:

– Sabe você de que abc falamos?

– Não.

– Pois é da história do motim da vila do Teixeira.

– Dite lá uns versos que quero ouvir.

Romano recitou.

Ajuntem-se mulheres, velhos,

Rapazes, moças solteiras,

Que eu quero contar um caso

Que sucedeu no Teixeira.

.....

O delegado de lá

Foi prender um Guabiraba,

Por via desta prisão
Quase o Teixeira se acaba.

A ideia orgânica do poema rústico era a história de uma luta homicida entre a família dos Guabirabas e as autoridades do Teixeira. Estas tocaram um irmão de Guabiraba, por nome Cerino, para prender. O assaltado resistiu com coragem homérica, acabando, caindo ferido do cavalo em que montava. Para não capitular às mãos dos inimigos, vendo-se com os intestinos de fora, em virtude de uma enorme facada resvalante que sofreu, arrancou-os desesperadamente, sucumbindo após. Ciente disto, Guabiraba chamou a família e sitiou a vila, travando-se luta assassina que foi pacificada pelo aparecimento do padre Vicente, apresentando uma imagem de Cristo crucificado aos lutadores.

Quando Romano concluiu, o terrível cangaceiro afirmou:

– A coisa foi assim mesmo. Nós tivemos de nos meter na catinga quando veio tropa, mas demos a lição.

Neste instante segurava ele o clavinote para limpar. Um movimento de mau jeito que deu à arma fê-la disparar no meio da roda com um estrondo de trabuco.

Todos estremeceram de susto e se entreolharam, cheios de pasmo e assombro.

Desgraçadamente a carga do cangaço apanhara, no meio do pátio por onde passava, o desventurado Tristão, resvalando-lhe pelo ombro.

O sucesso fez alarme: todos correram para socorrer o infeliz rapaz estendido e ensanguentado no chão.

Foi imediatamente transportado para a fazenda, recolhido a uma cama de couro e entregue aos cuidados de Manuel Quadrado.

As mulheres penalizadas indagavam da saúde do moço, procurando visitá-lo.

Quadrado, porém, opunha-se a que elas vissem o enfermo, porque estava convicto, como todo sertanejo, que o olhar das mulheres faz mal aos ferimentos por arma de fogo.

– Mais logo, minha gente, mais logo. Amanhã se amanhecer melhor vê-lo-ão. Foi cousa miúda. Aranhou o ombro, somente.

Conselheiro postou-se ao lado do enfermo e caiu no habitual sonambulismo.

Benta sentia-se dominada por um sentimento de pena e ternura indizíveis pelo infeliz de quem ela rira-se pela manhã.

Achava-se mesmo culpada da desgraça que lhe acontecera, coitado!

Durante todo o dia aceitou a porta do quarto do enfermo e pela noite conseguiu, a chamado do curandeiro, penetrar na penumbra da camarinha com uma tigela de leite.

Ele descobriu o seu vulto esbelto, fitando-o velado pela sombra da candeia de azeite a piscar luz num canto.

Saiu mais aliviada da impressão que a dominava durante o dia, satisfeita de o ter visto, toda arrependida de o ter desgostado, porventura, com a zombaria da manhã.

Aproximando-se da saída dos fundos, ainda embevecida e meditativa, viu um vulto no aceiro do pátio.

Veio-lhe à lembrança a figura de Candinho e estremeceu, entrando depressa para casa, ao tempo que a escrava, amante do marido de Joana Leite, saía.

Ia à entrevista que lhe marcara o concubino, no umbuzeiro.

Para que não encontrasse alguém no caminho, avançou até a raia do bosque onde entrou, para seguir daí, à sombra das árvores, ao ponto do encontro.

Em meio caminho, porém, foi assaltada, de supetão, por terrível pancada na cabeça que a estendeu sem sentidos no solo.

Não chegou a ver o vulto que lhe dirigiu a cacetada e que amiou o castigo, surrando de rijo, a pau, o lombo da escrava.

Horas depois, debaixo do umbuzeiro, o marido infiel retirava-se colérico e ansioso, vendo que a amante não aparecia.

No dia seguinte os moleques encontraram, ainda sem sentidos, ensanguentado e moído, o corpo da manceba, estirado além do aceiro do pátio.

Foi transportado para casa e até expirar, o que sucedeu dias depois, a desgraçada não poderia articular uma só palavra.

O crime ficou semivelado, porque a desconfiança geral era que aquilo fora encomenda de Joana Leite. Outros, porém, acreditaram que era a realização das palavras proféticas e misteriosas do missionário, na primeira noite de prédica.

Como não houvesse justiça, nem polícia na terra, a vítima foi sepultada e cessaram os comentários.

Antes, porém, de o Conselheiro abandonar a fazenda, soubera que Joana Leite se reconciliara com o marido.

Estes dois terríveis acontecimentos – o de Tristão e o da morte da escrava – trouxeram impressionada durante muitos dias a turba de devotos.

Raimundinho andara mesmo espavorido, assustado!

Não se arredava para além do aceiro do pátio e olhava com certa desconfiança para toda arma de fogo que via nos cantos das paredes. Descarregara mesmo o terrível bacamarte, à força de saca-trapo para não desperdiçar a carga que continha no bojo.

Conselheiro tentara tirar partido do desastre da morte da preta e a sua voz contrita, austera e ameaçadora despertou na alma de todos um pavor demorado, avolumando o seu prestígio.

“Aquilo fora uma revelação do poder divino irado contra os pecadores que não ouviam os seus conselhos. A cólera do senhor ainda pairava sobre o seu povo onde havia descrentes e mofadores de sua palavra. Para acalmá-la era preciso grandes penitências e rezas.”

– Sim, rezai e fazei penitências, enquanto irei pedir a Deus graça e misericórdia.

E assim falando, nesta noite, desceu do improvisado trono, atravessou o pátio atufado de devotos maravilhados e contritos e todos viram-no desaparecer na sombra da noite para as bandas do serrote do Caboclo.

Oito dias decorridos.

O paredão do novo açude sobe acima da metade da altura a fazer.

Tristão, amarelo e lívido, convalesce, não lhe sendo permitido sair fora do teto.

Assim, quando não está deitado, abriga-se junto às filhas de Tomé, ouvindo-as. A doença permitira o nascimento de uma confiança íntima entre elas e ele.

Benta, mais do que as outras, sentia-se contente quando o via a seu lado. Achava um quê de irresistível e sedutor na lividez doentia daquele ser taciturno e misterioso. Os grandes olhos dele, fundos, agora, em virtude da analepsia, nadavam num lago de ternura e piedade sem fim.

Às vezes os dois ficavam a sós e quedavam-se mudos, porventura ela com receio de fitá-lo e ele de quebrar a doçura daquele silêncio, com uma pergunta.

Perturbava-lhe algumas vezes o bem-estar, a lembrança do irmão de leite. Estremecia, nestes momentos, cheia de um medo indefinível e vago.

As irmãs e domésticos cochichavam sobre esta inclinação velada, que notavam nas maneiras de Benta para Tristão, sempre na fria impassibilidade de marfim.

Maria, a quem o cantador Romano improvisava loas laudativas e que não se mostrava esquivada aos olhares do afamado sertanejo, referira-se uma vez ao namoro da irmã com o Tristão.

Ela sentira um abalo no coração e conheceu que um poder estranho a prendia ao lívido e tristonho moço.

Riu-se constrangida à irmã, procurando disfarçar o sentimento que de chofre descortinara-se em sua alma, com tensão tanto mais forte quanto ela desconhecia a inclinação de seu amado a seu respeito.

Todas estas pequenas intrigas que se debulhavam à noite nos serões femininos ignorava o velho Tomé.

A aventura do Raimundinho com Isabel já era conhecida e as mulheres davam parabéns à moça pela escolha, gabando o Raimundinho que era homem muito jeitoso, engraçado e fazedor pela vida.

Estas apreciações fizeram-na perder o primeiro constrangimento e vergonha natural a amantes, por isto já se falavam mais abertamente os dois, na porta do redil, onde Isabel era a primeira a chegar e a última a sair, todas as manhãs.

Fora ali que o Romano se engraçara de Maria, e como as conversas de Raimundinho e Isabel não permitiam ao pudor da moça lhe dar ouvido, pedira-lhe uma vez para esperá-lo às trindades, junto à cerca do açude velho onde ela ia bater roupa.

Romano conseguira mais depressa esta entrevista do que Raimundinho a que pedira a Isabel, debaixo do umbuzeiro, à noite.

É que na mesma noite em que ambos se encontravam por trás da cerca do açude foram vistos por uma das mulheres do bando e o caso derramou-se tanto entre os devotos que no outro dia as próprias irmãs dela já sabiam.

Entretanto, esta entrevista não passara de falas e de propostas feitas à moça, que as não aceitara nem rejeitara. Romano descrevera-lhe que não acompanharia mais o Conselheiro; voltando dali para Mãe d'Água, terra onde vivia. Se ela quisesse fugir com ele, seguiriam ambos para o seu torrão natal e lá se casariam.

A moça, vexada, de olhos baixos, dizia que fugir, não, era feio.

Ele insiste, porém o concluiu dizendo que, se no fim de três dias ela não lhe desse uma resposta, ele se iria embora, sozinho, chorar as suas mágoas longe dos ingratos.

E não passou disto a entrevista.

É muitíssimo natural aos costumes sertanejos o rapto de moças, alguns mesmos quando os pais consentem no casamento das filhas.

Entra no espírito aventureiro do matuto este pacholismo de raptar as noivas ou namoradas em companhia de dois ou três valentões, metê-las em cima da garupa de um cavalo ardente e abalar para longe, depositando-a, ou não, em casa de famílias.

Às vezes os parentes da raptada saem no encalço do raptor e uma troca de tiros e facadas decide a questão.

Durante os três dias de espera que Romano deu, a pobre Maria andou numa roda-viva de mangações, indiretas escarninhas que a traziam vexadíssima e corrida. Escondia-se de todos, porém, ao ser percebida, era logo envergonhada por um dito que a acusava de culpa superior à que cometera.

Isto predisusera o gênio da moça para um ato precipitado qualquer.

Vinham-lhe ímpetos de fugir sozinha daquele meio em que não a deixavam de mão as mofas e zombarias.

Crescia-lhe uma espécie de raiva dentro da alma contra os comentadores da calúnia, divulgada entre todos, que, parecia-lhe, riam-se à sua passagem com ar de malignidade invejosa.

Desdourada da vida, mais talvez por impulsão colérica do que amorosa, ela uma manhã no redil deu a perceber a Romano que a esperasse e indicou com os olhos o lado do pátio onde fora encontrado o corpo da escrava.

Romano, engolfado num mar de contentamento, encaminhou-se para a latada, onde entendeu-se com o seu compadre Chico Ferreira e com Guabiraba.

Este, depois do incidente com Tristão, se desgostara, e mais de uma vez falou em retirar-se. Romano e Chico Ferreira, procurado por ele que expôs a intenção de abandonar o bando, prometeram fazê-lo mais tarde.

Era, pois, chegada a hora; assim o afamado cantador narrou aos dois as condições em que estava para com a moça que fugiria em companhia deles.

– Também você não perde vaza, compadre, insinuou-se o célebre tocador de viola.

– Coisas da vida. Ficamos, pois, de conchavo. Conforme o que ela me disser, hoje à noite, já nem amanheceremos aqui mais.

– Feito. Não seria bom convidarmos o Nogueira?

– Qual, ele não nos acompanha! Aquilo onde vê povo gruda-se-lhe como resina.

Enquanto se desenrolavam estes fatos, o moleque Candinho acompanhava, com a raiva a morder-lhe o coração, a preferência de Benta a Tristão.

A moça, que fugia agora dele, percebia-lhe no olhar um brilho atroz e pesquisador.

O seu afeto pelo jovem convalescente crescera cercado do pavor que sentia pelo resultado da inclinação que lhe tinha o irmão de leite.

No entanto, Tristão nunca lhe dera a compreender afeição nenhuma superior à que dedicava às outras.

Sempre taciturno e impassível assistia as palestras delas como um estranho, respondendo por monossílabos frios às arguições que lhe atiravam. No décimo primeiro dia depois da invasão do magote à fazenda de Tomé, o Conselheiro fora acometido de uma indisposição orgânica que lhe privara, à noite, de pronunciar a prédica habitual depois da ladainha.

Recolhera-se mais cedo e o grupo deu-se a confabular no caramanchel, ouvindo a voz declamatória de Raimundinho, narrando farrambambas e pabulagens.

O baiano estava de veia nesta noite. Até o próprio Tristão, que já andava fora das telhas, parecia sorrir de suas graças.

Contara ele que fora ao *Serrote do Caboclo*, entrara numa furna escura onde viu para mais de mil caveiras. Trouxe uma para fora, a fim de fitá-la à luz do sol e reconheceu que morrera o dono dela em consequência de um enorme talho que rachara a meio a cabeça.

– Tive vontade de trazê-la para mostrar a vocês... mas... ora...!

– Deus nos livre disto! Benzeram-se as mulheres.

– E não lhe sucedeu nada, Raimundinho? – arguiram as moças.

– Suceder o quê? Então eu sou homem que deixe que me suceda qualquer coisa?! Olhe, uma feita sonhei com uma botija de dinheiro, durante três noites. Na quarta noite enveredei para o lugar em que o sonho me marcara e comecei a cavá-la. Fazia um escuro medonho e um silêncio ainda maior. Vai senão quando uma ressoada de morcegos começa a voar em roda de mim assentado a cavar, a soltar uns guinchos finos como os de sagui zangado. Não me importei. Daí a pedaço, em vez de morcegos, eram corujas que batiam asas sobre a minha cabeça, como quem rasga mortalha para defuntos.

– Santa Virgem! Murmuraram as mais nervosas das mulheres. E não teve medo?!

– Qual! Continuava o baiano. Eu sabia que a alma dos que morrem, deixando dinheiro enterrado, faz tudo para experimentar o desenter-

rador. Se este for mole, fugir, e vier outra vez concluir a tarefa, encontra, em vez de dinheiro, uma botija de carvão.

– Isto é verdade, assegurou o Manuel Quadrado.

– Portanto não me importei com as corujas que eu não via mas sentia e ouvia por cima de mim.

– E desenterrou a botija? Indagou um dos mais interessados na história.

– Eh, gente, isto não vai tão depressa assim?! Vote! Ainda bem não se tinha ido a última coruja quando eu vi saltar diante de mim um bode preto com os olhos de fogo a deitar chamas pela boca e pelo nariz.

– Misericórdia, bradaram as mulheres, era o Diabo!

– Fosse o que fosse; comecei a rezar o credo em cruz e logo a princípio o bicho sumiu-se, deixando um fortum danado de cabrão no cio, e enxofre. Mas aquelas atrapalhões já me estavam fervendo o sangue, que eu não sou homem de aguentar muitas coisas sem ir ver o que é. Comecei de novo a cavar. Nisto, a catinga em derredor fez-se toda cheia de vagalumes que abriam e fechavam, piscando faíscas como fogo do ar, e de lá de longe vinha um sussurro de todos os diabos.

Ergui a vista, e diante de mim se alevantava um fantasma branco do tamanho que nem um pé de macaíba! Na verdade, minha gente, que não gostei da aparição, que sumiu-se assim que me benzi.

O sussurro se aproximava cada vez mais. Igualava-se ao ronco do vaqueiro rompendo mato atrás de uma rês braba que leva tudo na frente do peito.

De supetão diante de mim surgiu um marruá a deitar fogo por todos os buracos que tinha no corpo e já tão perto que eu sentia o calor do fogo. Se eu não me levantasse, parece que o bicho me pisava!

Mas quando levantei-me trazia o bacamarte armado, levei ao ombro e larguei fogo no bicho. O estrondo subiu gemendo pelas valadas, mais de uma hora. Eu tinha atirado e saltado para uma banda a fim de livrar-me da marrada do touro, no escuro. Na fumaça do tiro, porém, tudo desapareceu e encantou-se. Nem mais marruá, nem mais nada eu via, somente o estrondo do tiro a gemer ainda pelas grutas da serras vizinhas.

– E a botija? Indagaram.

– Abaixei-me de novo, depois de ter carregado a arma, e cavei-a sem nada mais me acontecer.

– O! E achou muito dinheiro nela?

– Nada, gente; pois não sabe que as coisas encantadas que aparecem à gente quando se está cavando botija de dinheiro, só devem ser repelidas a rezas?

– E então?

– Então é que por eu ter me entusiasmado e cascado fogo no marruá que não era outra coisa senão a alma de dono do dinheiro, este desmanchou-se todinho em carvão.

– Oh! Oh! Concluíram todos, impressionados e penalizados.

Romano murmurava ao compadre.

– O cabra inventa história de Trancoso, mas é bem inventada.

– Terá ele ido à furna, como disse?

– Qual, patranhas, para se mostrar *talentoso*...

E como o compadre rasgasse um baiano na viola, começara a cantar, em voz baixa, histórias e episódios pastoris que os sertanejos admiram, passando horas e noites a ouvirem-nas gostosa e atentamente.

Depois de narrar o caso do *Rabicho da Geralda, Boi Espaço*, barbatões que deram o que fazer aos vaqueiros para pegá-los, cantou a engraçada história do “Calangro e da Lagartixa”, que provocou boas risadas.

Em seguida abriu o peito e atirou cantigas improvisadas e cheias de promessas a Maria, concluindo por despedir-se da boa reunião em improvisos mesclados de saudades.

A sua amante já se tinha retirado para esperá-lo na estrada do bosque, onde pouco depois encontraram-se.

Desta vez, felizmente para eles, ninguém os via, no entanto, Guabiraba e Chico Ferreira sabiam deste colóquio secreto dos dois.

Ninguém os via nem os viu, felizmente, porque teriam muito que contar sem caluniar a fogosa matuta, que entregou-se inteiramente às carícias e à vontade do amante.

Quando se despediram ficara estabelecido que a hora de irem ela e as irmãs ao redil ele a esperaria com os amigos, próximo à encruzilhada da fazenda na estrada de Cabaceiras.

Na hora em que a filha se abandonava aos carinhos de um homem, o velho Tomé conversava, numa roda, relatando o progresso em que ia o açude, já quase em conclusão, determinava o dia da partilha e apartação do gado aos seus donos e marcava o da pega do *Corneta*.

– Já tem cavalo, seu Raimundinho?, interrogava ele.

– Sim, senhor. O do seu Manuel Quadrado, que dizem que é um animal de fama.

Porque se aproximasse a hora do sono, foram-se retirando às redes e dormidas.

As mulheres recolheram-se aos alpendres e interior da casa.

Conselheiro chamara Raimundinho e lhe dera um patuá ou breve com oração capaz de amansar o touro mais selvagem do mundo.

– Reze isto todas as noites, em lugar retirado e de joelhos, recomendou ele ao baiano. Irei rogar a Deus pelo bom resultado da empresa em benefício de Nossa Senhora do Amparo, sua madrinha.

Depois de este sumir-se na sombra da noite em direção à latada, o tristonho missionário, também por sua vez, dirigiu-se ao umbuzeiro do pátio, sem ser visto, a fim de fazer as suas orações e elevação de seu espírito ao Senhor dos mundos.

Grande parte da noite ficou-se ajoelhado e contrito, junto ao tronco da sombrosa árvore cuja fronde cobrira com sua escuridão casos desonestos e religiosos, acontecidos talvez antes e depois, porém, sem dúvida, durante a permanência dos peregrinos no Marinho. Pela madrugada, todavia, foi visto o seu vulto deslizar-se da penumbra do folheto para se recolher à casa.

Aos que conheciam a vida ascética e penitente do visionário, não causavam os recolhimentos íntimos de sua pessoa, fora da vista de todos, se não maior sentimento de respeito e veneração por seus atos e palavras.

Muitas vezes fora topado no meio dos campos desertos, com a cabeça nua, exposta ao sol canicular, ajoelhado e rezando; outras, debruçado sobre os troncos das árvores derrubadas, imóvel e alheio às coisas terrenas como uma múmia ou faquir indiano.

Pouco depois de ele recolher-se à casa, começou o movimento dos madrugadores, ensaiando-se para a tarefa de todos os dias.

Os primeiros a madrugar foram Romano, Guabiraba e Chico Ferreira, que se haviam sorrateiramente arredado do acampamento dos professos, em direção à estrada real.

Momentos depois, Maria, ainda à sombra do crepúsculo, trêmula e assustada, seguia a mesma orientação e os foi encontrar no ponto indicado.

Colocada na anca do cavalo que o amante montava, os três afamados sertanejos rasgaram um trote largo pelo leito da estrada, levando em companhia a filha do velho Tomé, sem que ninguém ainda tivesse dado pela falta da moça.

Quando mais tarde este acontecimento espalhou-se, causou surpresa a alguns, saudades e inveja a outros.

Os homens em maioria comentavam o caso, invejando a boa sorte de Romano. Concluía-se, por indução, que fora este e não outro o roubador da filha do velho Tomé, que pouco caso ligava ao sucesso.

Raimundinho, ao tempo que exultava-se com o fato que lhe abria ocasião de avançar na conquista da irmã da fugitiva, ralava-se de inveja.

Profligava a ingratidão de Romano para com o pai da moça, mais por não ter sido ele o autor do rapto do que por achá-lo culpado.

Achegando-se a um grupo de mulheres que comentavam o assunto do dia, fora investido por uma insinuação da mulher do Pajoba – que dizia-se cochichar muitas vezes com o João Tetê, um pardavasco do bando:

– Veja lá, seu Raimundinho, se nos quer deixar também...

– Por quê, siá Mariana?

– Pela mesma coisa por que nos abandonou o seu Romano.

– Qual! Não acredite nisto. São histórias.

– Que são histórias sabemos nós. Por sinal que as cabras escutam todas as santas manhãs na porteira do curral, na hora de se tirar leite.

Entre encafifado e vaidoso, o baiano fez um ar de riso amarelo e retirou-se.

As mulheres, para caçoar com a Mariana, perguntavam também: se ela não tinha receio de que o Tetê desaparecesse por sua vez, levando-a na garupa de um cavalo?

– Te arrenego, atalhou a moça: não havia de ser eu que o acompanhasse. Não vê?! Vote!

Encaminharam-se em seguida para o açude velho, com o fim de lavar os trapos e vestimentas. Fazia um sol abrasador, que, casado ao mormaço a evolar-se do solo e à calmaria da atmosfera, predispunha ao banho e à frescura. As moças e meninotes tinham-se mergulhado na água. Enquanto umas se engolfavam no bem-estar do delicioso líquido, outras, fazendo um cordão de espia, a fim de dar sinal às nuas da aproximação dos homens, esperavam a vez de cair na água.

As labutações diurnas continuaram no mesmo fervor e entusiasmo.

Pela tardinha o correio pedestre que fazia o serviço entre Cabeceiras e Pedra de Fogo veio pernoitar na fazenda. Ele, um preto alto como um manguari, trazia a mala às costas, bacamarte ao ombro e uma faca e pistola à cinta.

Interrogado pelo Raimundinho, dera notícia do encontro que tivera com os raptores e a filha do major Tomé, já no meio do caminho.

– A estas horas já estão na vila, há muito tempo, concluiu.

Foi-lhe oferecida uma tigela de coalhada que misturou com rapadura e farinha e comeu com gosto, gabando-a.

Veio a noite. Raimundinho, antes da ladainha, procurou cumprir a devoção que lhe dera o Conselheiro e encaminhou-se para o umbuzeiro.

Decorara a oração escrita numa ortografia extravagante, cujo sentido ou exposição de ideia seria o seguinte:

“Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

“Quem esta oração tiver consigo não morrerá de dentada de cobra, nem nas unhas dos bichos ferozes. Quem a rezar três vezes ao dia domará a todos os bichos, amansará cavalos e bois sem nada lhe suceder e fará fugir de si como Satanás da cruz as desgraças. Foi esta oração dada a São João por nosso Senhor Jesus Cristo na Palestina.

“Filho de Deus – *Ave Maria* – e do Espírito Santo – *Ave Maria* –, vós Senhor dos Céus – *Ave Maria* –, que dominais os anjos – *Ave Maria* –, os homens e os bichos, me enchei de graça e valor para vos adorar, filho da Santíssima Virgem – *Padre Nosso* –, e lutar contra as tentações de Satanás nas empresas deste mundo. Fazei, amado Senhor – *Padre Nosso* –, que os mais bravos bichos respeitem este vosso miserável pecador – *Padre Nosso* – e que me saia glorioso, como sois, no feito em que vou arriscar a minha vida que é vossa eternamente. Amém.

“*Salve Rainha e Credo.*”

Ressabiado pelo escuro que fazia, Raimundinho caminhava atento, lembrando-se do caso da escrava e das pabulagens que contavam muitas vezes, referentes aos mortos. Imaginava que estes, indignados, eram capazes de sair das tumbas para pregar-lhe uma peça e desacreditá-lo na opinião de todos. Não estava em si conter o desnovelamento de lembranças alucinadas e fantásticas, que atordoavam-lhe o cérebro.

Queria se fazer forte e tremia de medo.

Com as pernas bambas de pavor conseguiu chegar na cerca do redil e tomou alento.

Vinha, porém, de debaixo do umbuzeiro uma série de gemidos que lhe arrepiavam os cabelos.

Tentou disparar, mas as pernas não lhe permitiram tal exercício e recostou-se apavoradíssimo no cercado. A própria voz lhe tinha fugido!

Os gemidos continuaram, rematando por uma forte respiração de quem descansa, após trabalhosa operação muscular.

Em pós breve pausa, Raimundinho escutou troca de palavras, em meio cochicho, e pôde ir recobrando o ânimo.

Compreendera que era algum encontro de namorados e pensou descobrir os heróis da aventura.

Avançou, e como fora noite (a sombra da árvore escurecia mais aquele recanto) escondeu-se por detrás do tronco e conheceu a voz da Pajoba e do João Tetê em diálogo apaixonado.

– Quem sabe, João, dizia ela, Pajoba já desconfia, por causa das graçolas que as outras me dirigem? Não vá te suceder qualquer causa por aí...

– Não tenho medo. Mas por que não foges comigo?

– Não seja tão vexado homem: espera... Um dia, quando menos te precatares, deixaremos a missão e vamo-nos embora.

– Deus permita que seja o mais breve possível, Mariana, porque eu estou vendo a hora que lasco fogo no teu marido.

– Não. Não faças isto! Espera! E até amanhã!

– Aqui?

– Não, por trás do açude velho.

E ambos sumiram-se na noite.

Raimundinho recitou a reza acompanhada das orações intercaladas.

O seu pensamento, no entanto, era perturbado pela lembrança da fuga da Maria, dos suspiros do casal adúltero, que saíra dali, e pelo desejo intenso de conseguir de Isabel os que outros conseguiram de outras.

Custasse-lhe a vida, mas era preciso trazê-la aí ou em outra parte em que a sós os dois se vissem.

Quando se dirigiu à casa já a ladainha tinha começado. A amante, não o vendo no meio do bando, demorou-se no portal da cozinha, como adivinhando que ele queria lhe falar.

Com um instinto de amante, Raimundinho havia rodeado a casa pelo fundo para assistir ao terço, e reconheceu Isabel em pé, na porta.

Dialogaram em voz baixa certo tempo. Ele insistindo, ela fugindo, com cafangas em dar o sim de esperá-lo à sombra do afamado umbuzeiro.

Por fim, ameaçou-a.

– Você não vai, não é? Pois bem, serei eu que hei de me ir por este mundo, na manhã da noite em que vou lhe esperar, se lá não aparecer... não me verá mais.

E retirou-se persuadido que executaria a ameaça.

Durante o dia seguinte ninguém o viu. Isabel buscava-o com a vista e, não o encontrando, sentia-se com ímpetos de chorar.

Recordava-se do caso da irmã e tremia de vergonha. Se fosse descoberto o encontro dela com o Raimundinho, o que não se diria? Que mangação não haveriam de fazer e com que cara suportaria ela os ditos e mofas das companheiras? Ficar difamada?!...

Já ao escurecer, o baiano apareceu na latada e começou a arrumar os cangaços, como quem vai fazer viagem.

Não estava ainda bem decidido a levantar acampamento, mas fazia tudo aquilo por plano, para que vissem e chegasse aos ouvidos da sua esquiva amante o caso.

Primeiro do que os outros ela viu-o arrumando o surrão e ficou pálida, convicta de que ele iria embora, no outro dia, se ela não aquiescesse ao que lhe pedira.

Mariana Pajoba, que o vira atarefado na arrumação, perguntou:

– O que é lá isto, Raimundinho? Quem o vê nesta labutação é capaz de dizer que vai fazer viagem!

– Quem sabe?, respondeu alto.

– O que, gente, pois é verdade?!

– Por que não, siá Mariana? A gente só deve se demorar em lugar onde é querido.

– Ah! já compreendi! Pobre Raimundinho! Se puder fazer alguma coisa a seu bem, contanto que mude de intenção, é dizer que me acha pronta.

– Quem me pode fazer bem, não quer, portanto vou arrumando a trouxa.

Houve uma pausa.

– Olhe, siá Mariana, você que conhece, continuou ele, que conhece os meus padecimentos, podia me ajudar.

– Pois não já lhe disse, homem, que faço o que puder?

– Então vamos falar baixo, pediu ele, chegando-se à moça.

E narrou a história do amor dele com Isabel; a esquivança dela em ir falar com ele no umbuzeiro: que não era para mal, somente para conversarem com mais sossego. Deu a entender à amante do Tetê que vira e ouvira o que se passaram entre os dois na noite antecedente.

– O quê? Você estava lá?, disse ela ruborizada.

– Mas não tenha vexame nem medo, ninguém saberá disso.

Ela prometera se entender com Isabel e trazer em breve a resposta.

Pouco depois aparecia radiosa. A moça prometera ir, porém somente em sua companhia. Sozinha com ele não ficava, nem que soubesse que morria de saudades pelo abandono dele.

Raimundinho aceitou o ajuste, um pouco contrariado.

Aqueles empecilhos e recatos irritaram-lhe ainda mais a paixão.

Nesta primeira noite de entrevista conversaram mais descansados, sem medo de serem descobertos, porque Mariana ficara espiando da cerca do redil.

Foi ela que lhes veio lembrar já ser tempo de saírem da sombra.

É o caso que se aproximava a hora em que ela devia também se entrevistar com o Tetê, no açude velho.

Com instância, entre carinhos e graças, Raimundinho esteve a conseguir de Isabel outra entrevista, para a noite seguinte, a sós.

Muito envergonhada, negou-se sempre. Por fim cedeu: viria, porém somente acompanhada por outra mulher, que não queria ficar difamada...

Uma noite, nas vésperas da pega do barbatão, ela veio sozinha! Se o feliz lambanceiro baiano tivesse a mesma sorte, com o barbatão *Corneta*, que teve nesta noite, sairia glorioso da empresa.

Estamos na manhã da pega do chimarrão da Laje Grande.

A azáfama diminuía à proporção que os grupos de vaqueiros encourados internavam-se nas catingas.

Um dos últimos a sair fora o Raimundinho. Todo ele sentia-se banhado de alegria expansiva, que lhe porejava pelos olhos a nadarem dentro duma humanidade de soberba canalhocrata. Enfronhara-se na roupa de couro do velho Tomé e de cima do ginete, buscando com os olhos a apaixonada, tirou o chapéu de couro e despediu-se:

– Minha gente: se daqui a dois dias não tiverem notícias deste cabra, rezem por alma dele.

– Deus lhe acompanhe, Raimundinho, clamaram religiosamente as mulheres.

Isabel, bem que habituada àquelas perigosas empresas, das quais um ou dois voltavam inutilizados, ficara apreensiva pela sorte do amante.

Mariana, que desconhecia o resultado da última entrevista no umbuzeiro, ao passar por esta, no momento em que todos demandavam as suas ocupações, beliscou-a com ar malicioso e tentador, arguindo-lhe, insinuantemente.

– E agora, ingrata, se ele volta com o barbatão, ainda precisa da minha companhia?

A moça tornou-se vermelha como fogo e não respondeu senão com um riso quase doloroso.

Tristão restabelecera-se.

Desconfiara da afeição da Benta por ele, de uma vez em que, conversando ela a respeito da fuga da irmã, dera a entender alguma coisa que corroborava a maneira carinhosa com que o tratava.

Ele, todavia, continuava impassível, a bel-prazer do Candinho.

Fugia agora de se apanhar ao lado dela, medroso e desconfiado.

A paixão da moça crescera a ponto de ela procurar o padrinho – Manuel Quadrado – e pedir um feitiço para comover o amante.

Quadrado dera-lhe um patuá que ela devia conseguir que o moço o trouxesse.

De fato, oferecera-lhe no dia da pega do chimarrão, dizendo que era um preservativo contra desgraças.

O efeito, porém, não se produziu, e na esperança de ver o escolhido de sua alma rendido a seus pés, foram-se passando os dias e o seu pensamento a incutir-se da ideia daquela paixão tumultuosa.

Ah! que se ele propusesse-lhe a fuga, aceitaria.

O irmão de leite, de soslaio, acompanhava o contraste dos sentimentos deles: observava o desespero constante da moça e a indiferença do rapaz.

Notara que este saía para as catingas diversas vezes e, seguindo-o, uma ocasião, apanhara-o a masturbar-se.

Alegrou-se e espalhou a descoberta entre os companheiros de casa a fim de desmoralizar o infeliz vicioso.

O caso, porém, não tomou vulto.

Decorrido um dia, depois da saída dos vaqueiros, cinco ou seis já tinham se apresentado à fazenda, noticiando que o barbatão fora visto e mergulhara na catinga com uns quatro cavaleiros no encalço.

Eles, os recém-vindos, como outros que depois foram chegando, justificaram a sua volta com o cansaço do animal, uma queda, etc.

Conselheiro tivera ocasião de mostrar-se apreensivo a Manuel Quadrado com a sorte do Raimundinho.

– Quando este não trouxer o barbatão, trá-lo-á o meu *Mata-Garrote*. Nunca grudou na garupa de uma rês que a abandonasse. Pode o cavaleiro cair, que segue, mordendo a anca do bicho até dentro do curral.

– Em todo caso, veja se pode fazer um reconhecimento pela catinga e vê o que é que há.

Quadrado prometera sair para o campo no outro dia. Nesse, pela manhã, o cavalo em que fora Pajoba, marido da Mariana, aparecera no terreiro selado, enfreado, solto e sem cavaleiro.

Até ao meio-dia nenhuma notícia tinha ainda aparecido. Manuel Quadrado surgira pouco depois, trazendo um animal, a cabresto, cujo cavaleiro partira a perna de encontro a um angico.

Contara também que o corpo de Pajoba ele vira-o suspenso na ponta ou lasca aguda e cortante de um pau murcho, na saída de uma clareira.

Estava atravessado de lado a lado pelo ventre, já morto.

Um vaqueiro de Píancó estava mais adiante de Pajoba, caído, em virtude de ter dado com a perna de encontro a um mandacaru.

Era preciso depressa ir carregar os feridos que ele iria apontar onde estavam e procurar, depois, notícias dos outros.

Pouco depois estavam organizados *banguês*, redes para transportar os feridos e o morto, que só chegaram à noite.

Manuel Quadrado, tendo indicado os lugares em que jaziam os corpos dos três vaqueiros, dera de rédea para casa a fim de mudar de montaria. No aceiro do cercado da fazendola que possuía, a meia légua do Marinho, vira o *Mata-Garrote* pastando tranquilamente.

Avançando a vista descobriu, dentro da cerca, sitiado, de cauda em pé, orelhas em riste, olhos espavoridos, a correr beirando a *caizara* (cer-

ca de ramos) como à procura de galgá-la para desaparecer na catinga, um garrotaço cor de fogo e arisco como um possesso.

Era o *Corneta*. Sucedera o que o traquejado sertanejo previra.

Raimundinho, diga-se a verdade – só no segundo dia quando o bicho já corrido desde o anterior pusera-se-lhe ao encalço –, não fizera feio. Por último, só ele acompanhava as pegadas do barbatão.

Depois de voltas e viravoltas, o bicho aprumou para o lado da fazendola de Manuel Quadrado.

Logo adiante, um cipó atravessado no rumo da corrida laçou o baiano pelo ventre e vomitou-o fora da cela, pela garupa do cavalo, uns cinco metros para trás, por sobre um lastrado de xiquexique.

O desgraçado ficou sem se poder bulir em cima dos espinhos e foi assim que o Quadrado fora encontrá-lo.

O que era de lombo estava, lá no desventurado baiano, crivado de espinhos maiores que agulhas cujas pontas se tinham quebrado dentro da carne.

Quadrado fê-lo levantar e seguir para a fazendola. O mal não era tão grande quanto pensava o amante de Isabel.

– Ah! seu Quadrado, que bicho levado dos diabos. Aquele não há quem pegue.

– Pois o que vocês não fizeram fez o cavalo que lhe dei para montar, seu Raimundinho.

E mostrou, escarvando e correndo espantado dentro do sítio, o barbatão.

– Vamos agora pegá-lo, laçá-lo, apeá-lo e será o senhor mesmo que o há de levar na frente, até dentro da fazenda do Marinho. Ninguém saberá do que houve.

Este rasgo de generosidade de discrição entusiasmou o baiano de tal sorte que até o fim de sua vida foi um leal amigo do curandeiro.

Com muito custo o garrotaço foi laçado, apeado a cambão e cabremado a ponto de não poder *choutar*.

E foi assim, pelas ave-marias do último dia marcado pelo velho Tomé, que o Raimundinho Doutor, cavalgando o *Mata-Garrote* e tangendo

o *Corneta*, entrou glorioso no pátio da fazenda do Marinho, entre ovações e gestos de entusiasmo.

Não se pode descrever o quanto ele estava ancho, com dores e tudo.

Isabel intimamente rejubilava-se pela vitória do amante.

Na manhã seguinte, enquanto se arrancavam os espinhos das costas e pernas dos feridos e curava-se a coxa partida do vaqueiro infeliz, o corpo de Pajoba, metido dentro de uma rede, era transportado ao cemitério do Boqueirão, a quatro léguas distante.

Mariana acompanhava o defunto, chorando.

O serviço do transporte era revezado ao par, entre oito carregadores, no meio dos quais ia João Tetê.

Tiveram de dormir, na volta, em caminho.

Porque nesta mesma noite Tetê procurasse a viúva, esta negou-se energicamente a ouvi-lo e ameaçou de o abandonar se a tentasse mais, enquanto não passasse um mês.

*

Está concluído o açude; estão feitas as partilhas e a apartação do gado: Benta cada vez mais apaixonada pelo vicioso e impassível Tristão; Candinho a morder-se de ciúmes e Isabel inteiramente de Raimundinho, a quem prometeu seguir até o fim do mundo e da vida.

O dia da partida é amanhã, ao madrugal, e a velha fazenda irá cair num isolamento tristonho como os desertos.

Saudades para os que ficam e que já estavam habituados àquele rebuliço e vozeria de centenas de pessoas!...

Como Benta vai sentir-se desgraçada?

O padrinho, a quem ela estimava, acompanhava também os peregrinos, vendera o gado ao velho Tomé e ia abandonar a fazendola donde nunca sairia com o casal de filhos moços que lhe deixara a companhia.

Benta previa a fuga da outra irmã com o baiano e a fitava com carinhosa inveja.

Por que a não acompanhava?

.....

Depois da última prédica em que o Conselheiro se despediu dos moradores, recomendando obediência aos preceitos católicos, deu-se pela falta de Isabel e Raimundo. Tinham fugido com a noite e iriam esperar o povo lá adiante. Esta medida era para esquivarem-se à perseguição que porventura o velho fazendeiro tentasse pôr em prática.

Desta vez, a notícia deu-lhe cuidado. Era a segunda filha que lhe fugira em 15 dias. Embora as preocupações da família não fossem qualidades essenciais a seu espírito avarento, todavia mortificou-se e fez as escravas não perderem de vista a filha que lhe restava.

Benta estava, pois, condenada a não sair da fazenda. Tomé pensara em mandar ao encalço dos fugitivos, a princípio, porém mudara de opinião e tragara a segunda afronta como a primeira, sem se queixar.

Conselheiro foi o primeiro a despertar, no dia da partida, e ainda com o lusco-fusco matinal, serviu um pouco de leite e saiu acompanhado por alguns homens.

As mulheres, arrumando os trapos, foram as últimas a se despedir.

Quando o dia clareou, os que ficaram na fazenda sentiram um vácuo apreensivo. Parecia-lhes tudo tão solitário e ermo...! Benta, mais do que todos, experimentou esta sensação de tristeza infinita.

Nem as irmãs, nem a filha do padrinho, nem a Maria Pimpona, como apelidavam a irmã de Teotônia, prima dos Vilas Novas do Assaré, restava-lhe mais; ela se acamaradara com a jovem Pimpona, que tinha um gênio adorável.

A procissão semelhante a um êxodo de famintos seguiu a estrada, ocupando um espaço de meia légua e, ao declinar do sol, pousou no riacho de Santo Antão.

Havia seis ou oito casas aí, em derredor de uma pequena capela em construção.

Conselheiro demorou-se cinco dias, a pedido dos moradores da aldeia, e concluiu a capela.

Raimundinho juntou-se ao bando, ainda ressabiado e prevenido contra qualquer imprevisto.

No sexto dia, o préstito pôs-se em viagem.

Fechava-o Vilanova, tangendo o gado e animais esmolados.

Quadrado acompanhava-o na retaguarda, onde iam também os dois filhos, Joaquim, mocinho trigueiro e forte, e Sinhazinha, uma rapariga alegre, taluda, formosa e gordinha, como um pombo cevado.

Tinha covinhas no rosto moreno e um andar esbelto de marrã bravia.

Filha do sertão, era, todavia, despachada e conversadeira, um pouco vaidosa e soberba.

Nunca tivera namorado, porque não lhe serviam os homens com que vivera até aí.

Mais velha do que o irmão, tinha sobre ele uma ascendência maternal.

Vilanova insensivelmente foi gostando da moça, estudando os seus modos, a desenvoltura graciosa de seu corpo cheio de carnação sadia.

Ela, durante o caminhar, palestrava confiantemente com ele, fugindo do meio do povaréu de mulheres que ia na frente.

A reserva instintiva de seu espírito orgulhoso a afastava daquele rebuliço intrigante.

Pela altura de Serra Verde, quase no limite de Pernambuco com a Paraíba, um vulto alto apareceu a Conselheiro, uma noite.

Trazia os olhos alucinados, jogava uns gestos furiosos e procurava convencê-lo que ele era uma jararaca.

– Sou jararaca. Uma dentada minha é morte certa. Jararaca come os filhos, não é? Pois eu sou jararaca, e preciso mordê-lo.

Dizendo assim, avançou para Conselheiro; foi imediatamente seguro e amarrado pelos seus adeptos.

Reconheceram nele, em seguida, o pai incestuoso a quem referira-se Antônio Maciel, na primeira noite de prédica no Marinho.

O desgraçado tinha enlouquecido e vivia pelas estradas a procurar morder os transeuntes. Mais de uma vez fora espancado, o que se via pelas contusões roxas e monoprós⁵ que pontuavam-lhe as costas e cabeça.

5 Monoprós, vergões ou contusões provenientes de pancada, especialmente de nós de peia ou corda. Provs. do Norte.

Estava esmolambado e estorcia-se como um possesso, dentro das cordas em que o prenderam.

Correu logo notícia do acontecimento e foi voz geral que o infeliz tinha o Diabo no corpo.

Conselheiro ordenou que o Demônio deixasse o corpo do infeliz, dando, por meio de exorcismos, pancadas com ramos molhados nas costas do doido.

Fosse que o improvisado hissope orvalhado produzisse uma reação no organismo do louco ou por outro motivo qualquer, o caso é que ele acalmou-se e acompanhou a turba durante o resto de sua vida.

Todos estes casos vinham documentar na credulidade supersticiosa dos romeiros o prodigioso poder do seu chefe.

As penitências austeras, o desinteresse com que pregava na intenção de converter ao bem os infiéis, o desprezo pelas riquezas e gozos mundanos atestavam a santidade do homem que os dirigia.

No sétimo dia de viagem, depois da despedida ao major Tomé, a hoste chegou em Gravatá de Jaburu, já em Pernambuco, onde havia uma casa de caridade construída pelo padre Ibiapina e sob a direção de freiras e de irmãos seculares.

O generoso apóstolo deu oito cabeças de gado à pia instituição e desceu em demanda do sul do estado, com o fito de entrar de novo na Bahia, onde o esperavam centenas de professores.

Demorou-se, porém, em vertentes de Taquaritinga, dois dias, a trabalhar na escavação do velho açude, soterrado pelas enxurradas do riacho do Pacheco, até ao meio.

A melancolia do Tristão tinha-se agravado.

O olhar tomara um tom de desconfiança e assombro e o corpo estremecia às vezes eletrizado por qualquer choque diminuto.

Agora andava arredio, esquivo, não procurando as mulheres em cujo meio habituara-se a permanecer.

Dava evidentes sinais de loucura.

Raimundinho estava em plena lua de mel e Mariana, apesar da cara carrancuda com que vivia Tetê, não quebrara ainda o juramento.

Manuel Quadrado, cuidadoso de sua honra e da dos seus filhos, desconfiava das conversas de Sinhazinha com Vilanova, e uma tarde abordou-o.

– Oh! seu Vilanova, me parece que anda fazendo tentações a minha filha. Pois se é para bem é dizer: para mal, meu amigo, é bom que saiba que não sou compadre Tomé. E tenho dito.

Desde este dia proibira a filha falar ao mordomo da comunidade.

Dois meses depois, da banda direita do rio de São Francisco, no porto de Abaré, a hoste dos conselheiristas bivacava.

Atravessara nesta última peregrinação religiosa as províncias do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia.

Os devotos eram em número superior ao que vimos no início da romaria, e o número de mulheres e crianças em duplicata aos dos adultos viris.

Tristão enlouquecera de todo: tinha acessos de furor, depois dos quais caía num mutismo de pedra.

Semanas antes, Vila Nova tinha-o livrado de morrer sob as dentadas de Jararaca, quando ambos foram acometidos pela exaltação periódica do funesto mal que os irracionalizava.

Enquanto todos descansam, voltemos ao Marinho, à fazenda do Tomé.

Ela havia caído numa tristeza morna. Os convivas tinham-se retirado para os seus lares e nem já o mugido do gado que fora solto vinha quebrar a monotonia indefinível daquela solidão habitada.

Benta, melancólica, abatida por saudade sem fim, lembrava-se das irmãs e seus olhos enchiam-se de lágrimas, e, recordando-se de Tristão, uma pungente angústia mordida-lhe o coração.

Numerosos suspiros oprimiam o seu peito e seu espírito seguia pelos ares o movimento da caravana apostólica onde ia o homem que lhe roubara o sossego da alma.

Com os olhos no espaço, olhando a vasta solidão que a natureza sertaneja mudava a seus olhos sob diversas formas, mas sempre em formas tristes e desoladas, sentia a alma infiltrada de um sentimento profundo de desalento.

Mais de uma vez pensara em fugir, abandonar o lar paterno e, ganhando a estrada, ir em procura da *maloca*, que nem podia estar longe.

Receava, porém, um encontro com alguém no caminho.

A ideia da fuga persistia em seu cérebro em todas estas horas de meditação de que lhe arrancavam vozes de casa.

Candinho, como que adivinhando o pensamento da moça, aludia ao bando.

– Dizem que eles estão no rio Santo Antão, endireitando a capelinha.

– Estará Maria com eles?, perguntava ela.

– Ora se está. Deve até lá se achar também nhá Isabel.

– Porém, esta seguiu para Cabaceiras...

– Quem nos diz que de lá não voltou para juntar-se ao povo, depois de casada?

– Casada?!

– Sim. Então o nosso Conselheiro havia de consentir amancebados no meio de sua gente? Raimundinho também deve ter-se casado no primeiro lugar em que encontrou padre.

Outras vezes o irmão de leite contava-lhe que todos os dias passavam homens e mulheres pela estrada, seguindo o rastro do séquito de Antônio Maciel.

Ela apercebia-se então que sua existência não podia continuar daquele jeito: que as forças de seus pensamentos, atuando de um modo impulsivo sobre a vontade, aconselhavam-na a não se resignar a morrer longe das irmãs e do escolhido de sua alma.

As conversações do Candinho, cheias de recordações encantadoras, se a consolavam, injetavam-lhe coragem para fugir daquele isolamento umedecido de melancolia e amarguras.

Uma feita, pela boca da noite, ele contara-lhe que, na encruzilhada da estrada, estava arranchada uma família.

– Viera de Cariri, e segundo me disseram, arrematou, vai no encalço do Conselheiro.

– Por que não a chamasse para aqui?

– Não quiseram. Partem de madrugada.

Ela resolveu consigo:

“O dia da minha partida chegou. Que Deus e meu pai me perdoem.”

Demais, a ocasião era boa. Candinho tinha de seguir de madrugada para a feira na vila. Ela tinha receio dele que a perseguisse, por ordem do pai ou mesmo por arbítrio próprio.

À noite soube que o velho Tomé seguia também para a vila na madrugada seguinte.

Quando veio a manhã, depois da saída do moleque e uma hora depois da do pai, a brisa estava muda, os pássaros cantavam, a natureza inteira despertara do sono profundo e ela fugiu.

Antes de meter-se na estrada real onde havia a encruzilhada, parou ofegante, trêmula, olhando medrosa para todos os lados.

E não gritou, tamanho foi o esmorecimento de que se apossou, quando viu surgir por detrás de uma árvore o vulto do Candinho!

– Eu maldava isto, nhá Benta, e por isto lhe esperei, enganando o nhô velho que já vai longe. Trouxe o cavalo que ali está.

Ela teve de sentar-se para não cair, com a cabeça apoiada nas mãos, os olhos roxos de susto e vergonha.

Depois começou a chorar.

– Vamos, disse ele com doce energia, vamos, antes que apareça alguém na estrada e nos veja.

E dizendo isto enlaçou-a com os vigorosos braços e montou-a na garupa do animal, que, após, cavalgou, aproando para o sul. Durante os três primeiros dias desviou-se dos caminhos mais percorridos, seguindo os atalhos. Os peregrinos já deviam estar longe. Havia cerca de dois meses que tinham passado pela fazenda.

Os fugitivos dormiram nas cabanas isoladas para não serem descobertos.

Na primeira noite ele a possuiu.

Por duas vezes teve ele de vender cavalos que roubara para seguir viagem e ir encontrar a romaria no porto do Abaré, onde chegou, afinal.

Benta, envergonhada daquela ligação, pouco aparecia.

Soubera que Vilanova ia se casar com a Senhorinha, a filha de seu padrinho, de quem ela agora fugia vexada.

O casamento estava contratado para quando chegasse em Bom Jesus.

Isabel dava sinal de gravidez, já casada com Raimundinho, em Bezerros de Pernambuco.

A notícia da loucura de Tristão causou-lhe pena, ao tempo que aliviou o seu espírito, um tanto, das angústias que experimentava.

Aquele, ao menos, não teria conhecimento de sua terrível queda nos braços do escravo de seu próprio pai, com quem não podia casar-se.

Ela soube que o padrinho proibira Senhorinha de procurá-la e notava nos olhos de todos que a fitavam um sentimento de pena invejosa da felicidade do amante.

Foi tomando birra e ojeriza ao preto.

Por sua vez, este dera em embriagar-se, o que motivava cenas de violência entre ambos.

Todavia, temia abandoná-lo, em virtude das ameaças.

No estado da Bahia, Conselheiro continuou a apostolar na sua linguagem simples, natural e sem instrução, porém cheia de uma convicção profunda com exemplos de caridade ardente.

Seu coração falava ao coração do povo, sem fumos nem desejos de vingar-se do que sofrera antes.

E tudo isto, exemplos e palavras, tocava ao coração do povo e mordida a malvez de seus eternos perseguidores.

Deu-se a abolição e ele aceitou-a como filho do Ceará.

Por este tempo, Candinho falou em casamento à amante e ela emudeceu.

Como insistisse muito, sem obter respostas, ameaçou-a, e ia realizar a ameaça quando um caboclo de alta estatura, espadaúdo e de proporções hercúleas, apareceu na porta.

Trazia à cinta em par de garrucha e faca e no punho um bacalhau de couro cru de três pernas.

Pareceu ao ex-escravo que o já tinha visto algures, sem se recordar em que canto do mundo.

– O que quer, perguntou rapidamente Candinho, sem realizar a ameaça.

– O que é lá isto, seu negro, rugiu o caboclo. Então o treze de maio já o tornou tão soberbo assim!

O mobica reconheceu então, no caboclo, um ex-capitão de mato, célebre no Norte pela valentia e crueldade.

Bem que já não houvesse mais cativos, tremeu.

O homem continuou:

– Pois para te baixar a grimpa, fica sabendo que tenho feito mais uso disso e disto (e apontou as pistolas e o relho) depois da abolição do que antes. Tenho recomendações de um fazendeiro da Paraíba a teu respeito e logo falaremos.

Voltando-se para Benta, disse:

– Dona, seu pai deixei-o muito doente, há cerca de um mês.

E saiu.

Ambos ficaram mudos, estatelados, meditativos.

Candinho adivinhava no ex-capitão de mato um vingador, assalariado pelo seu ex-senhor para matá-lo: Benta via no caboclo um homem que a livrara de ser batida pelo amante e que trazia notícias dos seus, o que havia um ano não tinha.

Entretanto, os dias iam-se correndo e o pegador de escravos não aparecia mais.

O bando continuava na vida nômade, atravessando, na cauda do Conselheiro, povoados e fazendas sertanejas. Dia a dia crescia o número de seus satélites e o ódio dos eclesiásticos. Os pobres habitantes dos campos, faltos de instrução, desconhecem as verdades mais essenciais da fé e os principais deveres do cristão que nunca lhes foram doutrinados pelos párocos. Eles têm necessidade de guias que os esclareçam na pura luz do cristianismo e deixam-se levar, em matéria religiosa, pelos que falam em Deus com respeito e adoração e praticam uma vida cheia de simplicidade e sinceridade.

O governo não lhes dá a mais elementar instrução e esta ignorância fá-los venerar melhor os apóstolos que tocam os seus sentidos pela forma exterior do culto do que ensinos de teorias religiosas.

As cerimônias têm grande encanto para as populações sertanejas.

E como a vida de Maciel era uma eterna procissão, todos acompanhavam-no por devoção, curiosidade ou interesse. A decadência religiosa como a da instrução é pungente nos campos dos estados. A graça de Deus será pela primeira, terá a segunda a graça dos poderes terrestres?

Conselheiro assoberbava com a santidade de sua existência ascética e sem mácula a alma popular.

Percorria ele em 1888 o Estado de Sergipe, acompanhado por numeroso magote de fiéis. A sua fama já era conhecida e os padres não admitiam-no em seus apriscos. Em Lagarto, os fanáticos penetraram na cidade e se reuniram no centro, no pátio da igreja, donde foram expulsos pelo vigário, sem opor a menor resistência.

Foi no caminho de Lagarto a Coité que uma noite assassinaram ao amante de Benta com uma facada no estômago.

Dias depois, em Jeremoabo, o caboclo espadaúdo apareceu e procurou a filha primogênita do major Tomé.

Morava ela então com a irmã.

– Louvado seja, dona, saudou ele.

Benta reconheceu-o e a ideia de que a morte do amante fosse um ato dele surgiu no seu espírito. Não se tinha podido apurar quem fosse o matador de Candinho. Demais, a moça nunca contara a intervenção providencial do caboclo meses antes.

Ela não sentira o passamento do *móbica* (negro forro), que dera-se ao capricho, com o fim de irritá-la, de judiar com o louco Tristão.

Fora quase um alívio aquela morte.

Com todos os padecimentos, ainda ela se conservava formosa, bem que um pouco abatida e desalinhada.

Isabel já tinha dado à luz um pequeno trigueiro como cerne de braúna, que era os encantos de Raimundinho.

Fizeram o capitão de campo sentar-se numa caixa vazia e ele enveredou a conversa.

– Esta... é sua irmã, dona?

– Sim, senhor.

– Pois há de haver quase dois anos que estive com o pai das senhoras.

– Estava bom?

– Na hora, não. Bem doente até; ele sabia que eu vinha para cá e me recomendou: João Jaburu, se vires minhas filhas e elas estiverem arrependidas, traz-mas. Aqui está o que tenho a dizer a v. mercês.

Houve uma pausa e ele continuou:

“Estou à morte, Jaburu, diz-lhes que podem vir com os maridos.”

Benta baixou a cabeça. Ambas tinham ímpetos de chorar, lembrando-se do pai, dos escravos de todos e da fazenda onde nasceram e passaram a infância e mocidade.

– Como há tempo para decidir o negócio, pensem nele, eu espero: virei aqui mais vezes.

Isabel indagou como iam todos, declinando nomes; se ele sabia do rumo da irmã que fugira com Romano cantador.

Raimundo entrava nesta hora e foi informado quem era o visitante.

A primeira pergunta que fez referia-se também à cunhada.

– Morreu de parto, segundo me disse o Chico Ferreira, com quem estive em Petrolina, há três meses.

Benta, penalizada, olhou-o.

– Coitada, disse, chorando.

A conversa esfriou e Jaburu saiu.

Desde este dia continuou a visitá-las, sem aludir mais à comissão de que lhe encarregara o pai da moça. Soubera que Isabel estava casada com Raimundinho e, apalmando este para ver se tinha desejos de voltar ao Marinho, conhecera que jamais retornaria lá.

João Jaburu era um caboclo prático, traquejado da vida e pouco escrupuloso nas profissões, desde que fossem um meio de ganhar a vida.

Calculou que, conquistando a afeição de Benta, podia, e só assim, podia convencê-la de voltar ao Marinho, onde depois de casados iriam usufruir da fortuna do velho Tomé, que poucos anos teria de vida.

A perspectiva era boa e sensata.

Pôs mãos à obra e foi recompensado.

Quando ele propôs a Benta a volta, esta aceitou-a com a condição de casarem-se antes de chegar à fazenda.

– Nunca voltarei lá sem que esteja casada, concluiu ela.

Jaburu assim prometeu e uma manhã abandonaram o séquito para toda a vida.

O casamento de Vilanova com Senhorinha não se tinha realizado e nem se realizaria. A faceirice da moça nas vilas por onde passava chamou a atenção dos guapos rapazes, muitos dos quais fizeram-se legionários do Conselheiro, encantados pelos olhos e modos da bela sertaneja, ao mesmo tempo estas maneiras desenvoltas escabrearam a Vila Nova, que mirava agora a prima – Maria Pimpona – com olhos de gula. Esta tornara-se uma mocetona de truz, na altura de não render homenagem à Senhorinha.

Muito amiga desta, não se desviaram do ciúme por causa de Vila Nova, antes viviam constantemente juntas, ambas alegres e a chamarem de pai a Manuel Quadrado.

Estamos em 1890 e a notícia do advento da República tem percorrido os sertões.

Quem conhece o espírito conservador dos camponeses e a prevenção que têm por toda reforma – em que descobrem um plano para aumento e criação de impostos novos – conclui com verdade que o novo regime foi mal aceito pela maioria e com desconfiança pela minoria.

A lógica instintiva do povo não trazia, porém, explosões subversivas ao sistema republicano; quando muito dava assunto às confabulações matutas.

O clero, porém, máxime os párocos sertanejos, recebeu o novo regime a ponta da faca.

Maciel foi então bem acolhido pelos seus mais fervorosos inimigos de outrora, que o estumavam a levantar o grito missionário contra os princípios da República herética.

A separação da Igreja do Estado foi, a princípio, o ponto de partida para se doutrinar em desfavor do regime novo, que tinha estabelecido a precipitada reforma.

E não era só a República procurar acabar com a religião, como dizia a propaganda clerical pela boca do inculto senhor das selvas; outros acontecimentos provieram da mudança de governo que desgostaram os rudes e desconfiados tabaréus.

O espírito conversador da laboriosa gente do campo não compreende o progresso senão evolutiva ou insensivelmente. Toda reforma econômica, política, governamental, é considerada por ela como artifício no sentido de aumentar os impostos ou restringir por qualquer modo a sua liberdade.

A transformação do velho para o novo regime, por meio revolucionário, não era cabível em seu espírito moderado e conservador. A desligação do Estado da Igreja, fato explorado pelo poder clerical, abalou-os em suas rudes e enraizadas crenças.

Não é *ex abrupto* que se modificam hábitos, religiões e leis em que um povo em sua maioria está sendo educado.

O que então Conselheiro fez, faziam e fazem ainda hoje os sacerdotes dentro das catedrais das principais cidades do Brasil: profligam a República – e não se enviaram diligências nem expedições para arrolhá-los ou degolá-los e aos seus ouvintes.

Com o apoio do clero, Maciel conseguiu maior porção de fama do que nunca.

Demais, ninguém é tão sensível em suas crenças como o ignorante. Querer destruí-las antes de explicar por que, ou doutriná-lo em crenças novas, é violência. Conselheiro começou a pregar contra a República, não porque soubesse o que fosse República, nem porque fosse monarquista ou assalariado de conspiração monárquica, mas porque a República ameaçava a sua religião.

As suas prédicas foram ouvidas com aplausos, o clero mandava bater e batia palmas às suas práticas oratórias, ouvidas no silêncio religioso de centenas de homens dos campos.

Por este tempo, um fato, que parece de nossa invenção pela sua estultícia e ridículo, mas que foi um fato poderoso para a irritação popular do interior, veio destacar ainda mais, no meio da auréola resplendorosa que o ungia de luz miraculosa, o vulto extravagante do arauto das selvas.

Organizava-se em todos os estados o serviço de estatística, e foram remetidos para as autoridades dos povoados, vilas e cidades sertanejas mapas estatísticos que cada família ou cidadão da República tinha o dever (sob pena de multa e prisão) de encher, declarando qual a profissão, estado, religião, cor, etc.

Note-se que a lei de 13 de maio era ainda recente.

Ainda o clero lançou mão deste fato para divulgar, pela boca do Conselheiro, que a República não só queria acabar com a religião, como escravizar de novo todo aquele que fosse religioso, por isto mandava saber qual a religião e cor de cada um. Esta artimanha de uma diplomacia fósfil é tão absurda e inacreditável a nossos olhos míopes que duvidamos que produzisse efeito ou houvesse quem nela acreditasse.

Os que conhecem a credulidade, ignorância e desconfiança dos matutos, porém, estremecem de indignação e medo, por ver que entre eles são estes artifícios simples e maquiavélicos que melhores resultados colhem em sua alma cheia de ingenuidade original.

Deu-se a primeira explosão. O governo procurou cercar a propaganda e fez seguir uma diligência em procura de Conselheiro. Encontrou-o em Maceté e teve de voltar rechaçado pelo furor dos conselheiristas.

A intervenção da polícia para garantir as reformas republicanas esfriou o clero, que abandonou Conselheiro à sorte.

O campeão religioso e libertador do povo que a República tentava escravizar de novo viu-se outra vez cercado unicamente de seus adeptos.

Os párocos foram acusados, todavia, de terem estimulado Maciel para pregar contra a República.

Havia verdade na denúncia e esta verdade comprometia-os.

O modo de fazer esquecer esta cumplicidade era voltar ao velho sistema:

“Acusar Maciel como subversivo contra a religião, a ordem pública e o novo regime.”

É provável que contra a ordem pública ele e os seus já fossem por este tempo.

A crônica sertaneja declina o nome de um padre Agripino como um dos mais causticantes no ânimo de Conselheiro, no sentido de desprestigiar o regime novo.

O velho maníaco nem por isto esmoreceu. Seguiu na sua rota vagabunda, religiosa e subversiva por ignorância ou loucura. Por este tempo fez uma igreja e cemitério em Chorrochó, uma casa de oração em Maniçoba, terra do Beatinho, que o seguia nesta ocasião como sacristão.

Na terra que Maciel encheu de mais benefícios e desenvolvimento – Itapicuru –, maior perseguição lhe fizeram. O vigário, de acordo com as autoridades civis, expulsara-o.

Como o Judeu da lenda bíblica, andou e andou.

Bateu nas portas duma vila na margem do São Francisco e entrou.

Na ocasião em que ia pregar ao povo, o dr. Gitirana, acompanhado de um clavinoteiro célebre, José Tibúrcio, e outros capangas, não consentiu e tentou enxotá-lo com todo o rebanho nômade. Teria havido sanguinolento conflito se o próprio Conselheiro com a palavra e com o gesto humilde, resignado, não contivesse o seu povo, prestes a explodir e a resistir à violência.

Estavam todos armados, e não será difícil deduzir qual o desfecho de um conflito em tais condições.

Não era a primeira vez que Antônio Maciel continha a indignação de seu povo contra as perseguições, justas ou não, que lhe promoviam as autoridades sertanejas.

Desta vez em tom de profeta ameaçador, ele amaldiçoou os seus perseguidores e retirou-se para o Riacho Seco, termo de Chorrochó.

Já era tido então como um verdadeiro santo, arrebanhador de almas e praticante de curas miraculosas e prodígios sobrenaturais.

Continuava a pregar contra a separação da Igreja e os mapas estatísticos, prenúncio de novo cativo.

Por ocasião de assistir a uma feira em Chorrochó, achou motivo e nova tese para bramar contra o novo regime.

Para bem se compreender o que segue, explicaremos um dos usos das municipalidades dos sertões.

Por ocasião das feiras, todo negociante que traz gêneros, líquidos, etc., paga um tanto de imposto conforme a qualidade dos gêneros ou o tamanho do chão que ocupa para depositá-lo.

Afora este imposto, paga mais o da medida para vender o gênero, a qual é alugada pela câmara ou arrematantes.

Estes cometem abusos e extorsões contra os pobres sertanejos, que, vindo de longe feirar, desconhecem a tarifa ou tabela de imposto que têm cada gênero a pagar e à qual nunca se cingem os arrematantes.

A introdução do sistema métrico causou sério abalo aos usos matutos, que ainda não o compreendem nem o aceitam em seus negócios particulares.

À feira em questão chegara uma pobre *curuca*, a vender uma esteira que deitara no chão.

O arrematante do imposto exigia cem réis pela porção de terreno que a esteira e a pobre velha ocupavam.

Esta, que apreciava o valor da esteira em oitenta réis, reclamou, queixou-se em voz alta ao povo, chorando, lastimando-se.

Juntou-se gente e todos davam a razão à velhota.

– Pois como se há de pagar um tostão de imposto, quando o gênero todo que se vende vale quatro vinténs?, diziam.

Conselheiro, na prédica que fez nesta noite, referiu-se ao caso da velha alegando: ”Eis aí o que é a República, o cativo, trabalhar somente para o governo.

É a escravidão anunciada pelos mapas, que começa. Não viram, a tia Benta (nome da velha) é religiosa e branca, portanto a escravidão não respeita ninguém!”

O efeito destas bobagens pregadas por um homem tido com santo só pode ajuizá-lo quem viver no meio inculto de nosso sertão.

Daí avante, onde quer que chegasse era logo enxotado.

.....

Canudos

DEPOIS de ter percorrido bosques e povoados, cidades e rios, fazendas e portos fluviais de Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia, Conselheiro chegou por uma tarde no arraial de Canudos, terrenos do dr. Fiel, que tinha diversas fazendas de criação e sítios agrícolas por aquelas bandas.

Entre as fazendas contavam-se: a de Cocorobó, em cuja casa, incendiada no dia 25 de junho de 1897, morreu um seu filho de igual nome, de moléstia do peito; a fazenda velha do outro lado do Vaza-Barris, defronte de Canudos, onde morava o dr. Fiel e foi recolhido moribundo o coronel Moreira César em 3 de março de 1897; e a fazenda de Macambira, de que era vaqueiro o célebre apóstolo do Conselheiro por nome J. Macambira.

Já havia então no arraial a igreja velha e duas casas de negócios.

Ali encontravam-se as estradas para Jeremoabo, Uauá, Cambaio, Rosário, Chorrochó e Curral dos Bois, e pernoitavam comboieiros de todas as bandas. Um dos negociantes era o capitão Jesuíno, que também tinha negócio e a família em Piranhas, a 50 léguas de distância, e onde era juiz de paz.

O maior comércio era o de couros, especialmente de bode e carneiro, que abundam como peste pelas catingas.

Com a morte do dr. Fiel, seu genro, o dr. Paulo Fontes, tomou conta das fazendas, retirando-se mais tarde em virtude dos acontecimentos que se desenrolaram ali, depois da chegada do Conselheiro e sua gente.

O negociante Jesuíno não serviu de tapejara a todas as expedições a Canudos, foi forçado a retirar-se de lá, abandonando os seus trens e negócios.

Conselheiro começou então a reinar em Canudos, que batizou por *Belo Monte*, mandando o seu povo comerciar por toda a redondeza e seus irmãos devotos, que eram Macambira, Beatinho e João Venâncio, pedir esmolas pelos sertões para a construção da nova igreja que ele planejava edificar dentro de Belo Monte.

Já tinha ele construído, por trás da igreja velha, um cemitério.

Os três irmãos devotos vestiam-se diversamente do resto do povo. Macambira e João Venâncio usavam jaqueta e calça de algodão azul, e Beatinho, ora estas peças, ora uma camisola igual à do Conselheiro, porém amarrado na cinta por cordão. Os três usavam de barrete, a que chamavam *goíva*.

Não só os trabalhadores a jornal e empreitadas, como os negociadores que saíam de Canudos pelas feiras vizinhas, quando voltavam ao arraial entregavam, nas mãos do teocrata de Belo Monte, um terço dos lucros para alimentação da comunidade. O conflito de Maceté, que pôs em debandada a diligência sob o comando do alferes Virgílio, deixou nas mãos dos jagunços as primeiras armas militares, *granadeiros*, *chassepots* e *comblains*.

Este motim avolumou, sob o aspecto de castigo da providência, ainda mais a fama miraculosa do pregoeiro da fé.

Desceram dos sertões de Pernambuco *curumbas* e valentões que o governo de Barbosa Lima mandara armar com Mauser, Manulicher e Kropatchek, a fim de se garantir de uma deposição oficial que por este tempo o ameaçava. Bem que em pequeno número, todavia, algumas destas armas serviram no combate de Uauá.

Maciel, que até então fizera vida de missionário errante, viveu daí avante como anacoreta em Canudos, praticando penitências e jejuns, comendo pirão e sal acompanhado de piabas e outros peixes miúdos, que

os seus adeptos pegavam a anzol, ou intinguijando as águas dos grandes poços do Vaza-Barris.

Comia feijão ou fubá *tiriama* – sem carne –, imitando neste viver o padre Robin, criado por E. Sue no *Judeu Errante*.

Em sua presença jamais consentira prática de violência. Fugia das mulheres, esquivando-se fitá-las e nenhum dos seus atos, durante vinte e tantos anos, sob as vistas de centenaes de criaturas, dera motivos a comentários maliciosos.

Pouco tempo depois de instalar-se em Canudos, para onde começaram a convergir famílias de todos os sertões, deu início à igreja nova, sob a direção do mestre de obras, por nome Faustino.

Havia no arraial bons ferreiros e artífices de diversos ofícios manuais.

Cercado de fiéis adeptos, escolhera dentre eles os mais fervorosos e destemidos para sua guarda pessoal, aos quais chamara apóstolos, imitando a Jesus, nessa preferência.

Eram eles:

João Abade, sertanejo brutal e criminoso, dado à devassidão. Era de cor fula.

Pajeú, negro, ex-soldado de linha, enxotado e perseguido pela polícia de Baixa Verde, em Pernambuco, por ocasião do motim de Antônio Diretor, onde cometera diversos crimes.

Raimundinho Doutor, cabra baiano; sabia ler e escrever.

Horácio Vilanova, negociante, casado com Maria Pimpona, em Canudos.

Antônio Vilanova, irmão de Horácio, casado com Teotônia, irmã de Pimpona.

Félix Taramela, contador dos milagres do velho pajé.

Manuel Quadrado, enfermeiro.

Nicolau Mangaba, Vincentão, Timóteo sineiro, Pedrão porteiro, Chico Ema, Jacinto, André da Jiboia, Fabrício, Diocleciano de Macedo, Lalau, Gangorra, Maxi, João Tetê, Antônio Fogueteiro, Cipriano e outros valentões e matreiros que iam-se substituindo à proporção que desapareciam e era preciso preencher o número dos 12 apóstolos.

Centenas de *tijupares* de taipa, cobertos de folhas de coqueiros sobrepostas com barro de tabatinga, edificavam-se para abrigo do povo que chegava, em Canudos, por devoção, curiosidade, moléstia, e perseguição da justiça, ou particulares.

Como Roma em seu início, povoada de homens de todos os instintos e de todos os países, aleijados, enfermos, móbicas, criminosos e crentes, Canudos progredia, sem carecer de raptar Sabinas, por isto que o número de mulheres era superior ao dos homens em um terço, física ou moralmente defeituosos.

Ao tempo que Belo Monte desenvolvia-se com o impulso religioso de seus moradores submetidos a leis especiais, e à vontade do teocrático eremita, o tesouro da comunidade engordava, em virtude do dízimo que cada um oferecia de seus lucros.

O *turumbamba* do Maceté já tinha sido esquecido e os heróis que dele fizeram parte arrotavam façanhas de arrepiar as carnes.

Mas nenhum praticara tantas valentias, ou antes, sabia contar mais fabulosamente o que atribuía a si do que Raimundinho Doutor.

Corria portanto tranquilamente a existência do arraial onde chegara uma moça por nome Maria Francisca de Vasconcelos em companhia de um rapaz.

Eram de Soure ambos, donde fugiram, porque os pais não consentiam que eles se casassem, por ser plebeia a origem do amante. Teria ela 23 anos. Era morena, arisca, tendo cursado a escola normal na Bahia, onde apanhara alguma instrução.

De gênio fácil, folgazão e conversador, sentia as mordidelas do temperamento lúbrico, que curava facilmente...

O Conselheiro nomeou-a professora do arraial, indo ela morar na baixada, por trás do cemitério, que desde este tempo tomou o nome de rua da Professora. João Abade e o Vilanova moravam na rua do Comércio, ou praça das Igrejas.

Pelo fundo da igreja nova havia a rua do Santuário, numa confusão de casinholas sem alinhamento, como eram todas as intituladas ruas de Canudos, e ao poente desta viela a de Campo Alegre, em cima da colina que limita o arraial por este lado.

Ao norte de Campo Alegre estendiam-se choupanas salpicadas numa encosta a que denominaram rua da Misericórdia, por onde entrou a força no assalto de 18 de julho de 1897. Ao sul e nascente passa o Vazabarris entre Canudos e o alto do Mário, que ficou conhecido por Favela. Raimundinho morava para o lado do Campo Alegre; a amante do João Tetê, Mariana Pajoba, habitava na rua da Misericórdia.

Entre a rua do Santuário e a igreja nova havia uma quixabeira frondosa, galhuda, cheia de espinho, tendo o chão sombreado muito limpo, devido à sesta que ali gozavam os jagunços nos dias e noites calorentas.

As margens frescas do rio eram cultivadas com plantações de diversos legumes, milho, feijão grogotuba, favas, batatas, melancias, jerimuns e melões, canas, etc.

Nos terrenos arenosos viam-se milhares de *matombos*, grelando o talo tenro das mandiocas e outros com estacas de diversos tamanhos.

Pela vizinhança, os pequenos cultores da terra, em Canudos, possuíam sítios, pomares, fazendolas de criação de bode, animais vacuns e cavалares, praticando em sofrível escala o cruzamento do asno com a égua ou a jumenta com o cavalo.

As mulheres não estavam inativas. As mais pobres e miseráveis fabricavam farinha de bró e parreira.

Traziam das catingas as linhas do urucuri – coqueiro –, que depois de raspadas eram esmagadas a macetes e piladas no gral bojudo de madeira de lei.

Em seguida passava-se na urupema a massa úmida do pau pisado, a qual peneirada ia para o forno em farelo ou cuscuz.

A farinha de parreira é menos trabalhosa e o processo é igual ao do fabrico da farinha de maniçoba.

A cunca ou raiz da parreira é vermelha; depois de ralada e espremida sora uma manipueira que envenena ao animal que a beber.

Presta-se mais a sua goma à confecção de beijus e mingaus, por ser muito fina.

As moças fabricavam redes de crauá, indo buscar nas catingas feixes destas bromélias de que tiravam as fibras da casca verde, pilando-as e deitando-as em seguida ao sol para enxugar.

Secas e desfiadas eram torcidas como algodão no fuso, seguindo daí para os teares.

As fibras do crauí medem às vezes dois metros de comprimento no ato de destacá-las da casca.

Outras mulheres faziam sal da terra, preparando-o por um método rudimentar. Enchiam de terra salobra uma panela filtrada, por uns furos no fundo. Sobre a terra despejavam água que se escoava em pingos pelos furos, dentro de um tacho de bronze que ia ao fogo até ferver, fazendo evaporar-se parte da água enquanto a outra transformava-se numa massa alva que refinava.

Estava feito o sal, em porção suficiente para o tempero e para suprir os inúmeros costumes que ladeavam a beira do Vaza-Barris, e existiam nos tanques de pedras abertas pela mão da natureza, nas chapadas dos serros.

Enquanto isto, o malho dos ferreiros, batendo nas bigornas e zunindo como um grito de araponga, anunciava que não havia falta de foice, faca, chuchos, machados, etc., no arraial.

Metade das crianças banhava-se no rio, outra caçava a bodoque, besta e arcos, armando arapucas, mundéus e quixós nas catingas para apanharem caça.

Os mais espertos fabricavam surrões inconsúteis de couro de bode e carneiro que matavam. Rasgavam-no por trás das pernas por onde faziam escorrer toda a carne do animal à força de massagem, de puxavantes, desde o pescoço às pernas.

O orifício por onde saía todo o bicho sem pele serviria de boca ao surrão inconsútil como a túnica de Jesus.

Arrancava, às vezes, todos da abstração de suas tarefas o ronco de um rojão, subindo ao ar, para os lados da Fazenda Velha, onde morava Antônio Fogueteiro, que experimentava a pólvora e o efeito de sua pirotecnia.

Conselheiro dentro do santuário meditava.

Era tempo de meter mãos, com fervor, à grande obra que iniciara paliativamente.

Havia em cofre dinheiro suficiente para a construção de dez igrejas e povo vadio e devoto para trabalhar por penitência, devoção e pouco jornal.

A vida anacoreta de Conselheiro, metido dentro do santuário da igreja velha, tinha-o tornado mais sóbrio e sombrio.

Uma noite, na prédica, anunciou que ia adiantar os trabalhos do novo templo.

Naturalmente, se ele encontrava centenas e centenas de indivíduos e mesmo senhoras de distinção para os trabalhos normais e mesmo avultados capitais a título de esmolas, teria de comprar a dinheiro cal, tijolos, madeira de lei aos negociantes que davam parte de esmola e o restante vendia a dinheiro.

“Ultimamente, 1896, comprara, a um indivíduo comissário de polícia no Juazeiro, um conto e tanto de madeiras especiais lavradas, para a conclusão da sua tão célebre e tão histórica igreja, que, como todas as obras do mesmo Antônio, era sólida e modelada sobre antigas construções portuguesas.

“Esta soma foi entregue antecipadamente ao comissário de polícia. Passaram-se alguns meses e a tal autoridade, ligada com o juiz de Direito da comarca de Juazeiro, dr. Arlindo Leoni, nem mandava a madeira nem restituía o dinheiro que tinha recebido.

“Naturalmente isto indignou e agitou os espíritos dos sequazes do Conselheiro, que mandaram dizer que, se durante determinado prazo não recebessem nem o dinheiro nem as madeiras, eles mesmos iriam buscá-los.

“O delegado recorreu ao seu amigo, o juiz de Direito, informando-o que um bando de fanáticos de Antônio Conselheiro, para liquidarem, ameaçavam saquear Juazeiro. O juiz telegrafou ao governador pedindo força, e o conselheiro Luís Viana respondeu que não podia mobilizar forças sobre simples boatos, que mandasse vigiar as estradas e que o prevenisse no caso que realmente houvesse invasão da parte daqueles bandidos (o nome de jagunço ainda não era usado). Dias depois, novo telegrama informava que os bandidos aí vinham e que estavam a dois dias de viagem de Juazeiro.

“Foi então resolvida pelo governador a primeira expedição.

“O governador da Bahia pediu ao general Sólon, comandante do distrito militar, o reforço de um piquete de tropa de linha para a força policial, que ia reprimir os fanáticos. Aquele general forneceu um destacamento de 100 praças, comandadas pelo tenente Pires Ferreira, que seguiu para o sertão.

“A 24 de novembro de 1896, essa força era derrotada em Uauá, tendo 20 homens fora de combate.

“A situação ia-se tornando séria.”

Os sectários do Conselheiro retornaram a Canudos, indignados contra a família do velho octogenário Antônio da Mota, negociante, composta de Joaquim da Mota, mais outro filho, o genro Pedro Rola, mulher e mais dois filhos, a quem se atribuíam falsidades contra os canudenses e a qualidade de espionagem.

Assegurava-se até que fora o velho Mota o causador da conflagração de Uauá, onde os jagunços perderam alguns homens e trouxeram armas de repetição, tomadas aos soldados.

Em consequência disto, a casa do velho Mota foi assaltada uma noite. A família resistiu, porém teve de morrer toda, salvo um filho moço, fuzilado por entre as chamas do fogo que atacaram a casa.

Deste tempo datam outras violências cometidas pelos sectários do Conselheiro contra os que eles sabiam ser espíões ou contra os seus hábitos e religião.

Como o serviço da Igreja se adiantasse e o taciturno César canudense escolhesse para patrono dela o Senhor Bom Jesus, escrevera à piedosa senhora do coronel Joaquim Leitão, na estação de Santa Luzia, no sentido de pedir-lhe em troca de dinheiro suficiente a compra de duas imagens, sendo a maior a do padroeiro.

Conhecia ele a família Leitão de nome e fama de bondosa, rica, devota e benfazeja.

O seu chefe tinha dotado o povoado de Santa Luzia, onde havia escassez d'água, com um importante açude, feito a dispêndio de sua bolsa, para uso da população e ultimamente trabalhava na construção de um novo templo.

A boa senhora não se furtou a servir em tais circunstâncias ao pedido do Conselheiro, em que ela via somente a prática de mais um ato

em benefício da religião, que lhe ensinaram os seus pais e na qual educava os seus filhos.

Dias passaram-se e, certa vez, apareceram, em Santa Luzia, 30 homens armados de clavinotes e chuchos, enviados por Maciel para transportar as imagens a Canudos.

O coronel Leitão objetou energicamente, declarando que não eram armados, como quem carrega presos e criminosos, que se trasladavam imagens sagradas. Não as entregava. Que voltassem e dissessem ao Conselheiro que as ditas imagens não sairiam de sua casa com semelhante e profano acompanhamento. Poderiam, se quisessem, levar a importância que ele ficaria de posse dos *santos*.

Os jagunços voltavam a Canudos e, quando de novo apareceram, estavam humildes e arrependidos.

Transportaram os ídolos, sendo devolvida pelos próprios a importância que a virtuosa esposa do coronel Leitão recebera para compra dos mesmos.

Este fato, que encheu o coração dos jagunços de gratidão pela benemérita família, deu ocasião a que seu chefe fosse, mais tarde, acusado de jagunço, a despeito dos relevantes serviços que prestou a todas as expedições.

Um dos mais afamados clavinoteiros baianos, por nome José Balbino da Silva – *Volta Grande* –, aparecera em Canudos com os seus três ferozes irmãos, Honório, Cipriano e Manuel Paula, e travara relação com João Abade, que tentou persuadi-los a ficar em Canudos.

– Não, dissera o Volta Grande. Vou daqui para a divisa de Goiás, em Jalapão, com os meus filhos e manos. Se um dia precisarem de mim, mandem me chamar. Já devem saber o que somos e o que fizemos nas Duas Barras, Coxó e em comarca de Novo Mundo.

Era Volta Grande, o ousado bandido, o famoso sicário que deram tanto sangue no município do Mundo Novo, e que atacou a então vila deste nome, em 1º de fevereiro de 1894, reduzindo em poucas horas, por meio do saque brutal, importantes negociantes e pais de famílias à pobreza extrema.

O irmão Paulo foi morto nas Duas Barras, no dia em que a medonha quadrilha assaltou a casa do infeliz Pedro de Barros e o assassinou.

Volta Grande, ferido numa emboscada e perdendo seu irmão Paulo, seguiu para Campestre, onde ainda tomou parte no cerco do Coxó e no assalto à casa de Clementino de Matos, do arraial dos Milagres, assassinou nessa ocasião ao intrépido Canuto de Matos, cujo cadáver exumou para verificar a sua identidade, cevando nele a sede de vingança brutal, somente compatível com esses monstros que de humanos só têm as formas.

Volta Grande, por fim, seguiu com toda a sua prole para o sertão de Canudos onde apareceu, comandando um troço de índios e negros, com os primeiros dos quais internou-se em Goiás, deixando os pretos em Belo Monte, apesar dos rogos dos jagunços para ficarem todos.

Grande número de doentes, nervosos, aleijados e loucos chegavam também a Belo Monte em demanda de cura às suas enfermidades. Conselheiro não medicava, curava pela fé e, salvando por este modo a saúde de muitos, assegurava o milagroso poder de que se dizia investido por graça divina.

Num pátio, entre o lado da igreja velha e nova, edificou as melhores casas, onde havia o celeiro e estabelecimentos comerciais em que se comprava e vendia tudo. Estes grandes bazares eram dirigidos pelo Vilanova, tesoureiro da comunidade.

Os emissários do califa de Canudos negociavam em Vila Nova, onde compravam pólvora, numa fábrica do padre Codesso y Martínez,⁶ Monte Santo, Juazeiro, Jeremoabo, Bom Conselho, Chorrochó, Capim Grosso e outros povoados e vilas da Bahia, Sergipe, etc.

Por onde atravessavam, os seus sequazes levavam a apoteose de sua fama e prodígio, aconselhando aos enfermos que buscassem lenitivo aos seus males no arraial Santo e exortando aos amigos e parentes para emigrarem para Canudos.

Foi por este tempo que D. Jerônimo, tendo assumido o regime da diocese da Bahia, de acordo com o governador sr. dr. Rodrigues Lima,

6 Este padre foi preso e metido no tronco, em Queimadas, com a cabeça nua ao sol e mosquitos. Seu estabelecimento foi impedido. Tudo isto a título de que ele vendia pólvora aos jagunços; como, se dentre os inúmeros fregueses de um balcão, possa-se saber qual é o jagunço, o vaqueiro, o agricultor... etc.

enviou para ali o missionário João Evangelista e frei Caetano, ambos italianos.

A medida era tardia, porque, estando a Igreja separada do Estado e, portanto, livre qualquer seita religiosa, segundo a letra constitucional, não sei a que veio o conchavo eclesiástico e republicano para proibir aos sequazes de Conselheiro a seguirem esta ou aquela fé religiosa por ele apostolada; mas enfim foi uma medida, cujas consequências apressaram o desfecho da carnificina.

Frei João esteve três dias em Canudos. A sua chegada foi recebida com contentamento e simpatia. O vigário de Chumbe, que, a quando em quando, aparecia em Belo Monte para celebrar sacramentos, arredava-se o mais que podia de frequentar o arraial.

As últimas vezes fora trazido quase à força e constava que Conselheiro pretendia persuadi-lo a vir morar no meio de seu povo.

Receando convencer-se sobre tal proposta, o prudente sacerdote dera a viajar pela sua extensa vigararia e não era encontrado em sua habitação.

O aparecimento, pois, do frei João foi uma providência para os incultos canudenses.

Entretanto, a primeira noite, na hora da prédica diurna, após as rezas, foi ele que subiu à tribuna para falar ao povo.

Conselheiro estava de joelhos ao seu lado, rodeado de seus apóstolos.

O padre iniciou o pregão com o azucrinamento consequente, talvez, dos incômodos da viagem, um tombo de cavalo, através de zona descampada, e sol irritante...

Todos ouviram-no calados e contritos.

A voz do padre avolumava-se no meio daquele silêncio respeitoso, e sua frase caía como choques elétricos na alma dos admiradores do Nosso Bom Jesus.

Para falar com aquela autoridade e rigor a um povo que tinha pelo seu chefe uma veneração de 20 anos de provas era mister ou ser imprudente ou ter um poder superior ao do acusado.

Por isto, quando ele concluiu a objurgatória, todos se retiraram silenciosamente, cabisbaixos, como touros a arremeterem.

Ao pé do Cruzeiro, João Abade arguiu a Raimundinho.

– Então você, que acha do padre? Falar mal de nosso pai?

– Não é com vinagre que se apanha mosca, seu Abade.

– E formiga quando se quer perder cria asa, concluiu Abade.

As mulheres cochichavam, achando os modos de frei João muito descabidos.

No segundo dia, ele que no primeiro viu-se constantemente cercado de mulheres e homens que lhe beijavam a mão, encontrou-se isolado.

A segunda prédica fez com a mesma indiscrição, não usando do método adotado pelo bispo D. João da Purificação, quando pacificava os cabanos: anunciar a doutrina com doçura e suavidade.

Na terceira noite, a imprudência extravasou as raias da paciência dos ouvintes. O próprio Conselheiro duas ou três vezes balançou negativamente com a cabeça.

O padre não pôde amanhecer mais no arraial. Madrugou e publicou mais tarde um relatório – libelo contra Maciel e seus prosélitos.

Vimos que D. Manuel dos Santos Pereira, vigário capitular, fizera prender Conselheiro logo no início de sua aparição nos sertões da Bahia: que Dom Luís Antônio dos Santos, desamparado do braço secular, enviou uma circular aos párocos recomendando-lhes que não permitissem as prédicas do ambulante apóstolo.

O missionário de Dom Jerônimo alarmou com o seu libelo o ânimo católico e quiçá dos descontentes políticos.

Antônio Conselheiro já não é mais um monomaníaco religioso, um espírito desequilibrado em consequência de causas hereditárias ou momentâneas, é um *cartouche* feroz, ou quando menos um assalariado da monarquia, chefiando milhares de bandidos e assassinos que vêm devastando do interior para a costa.

Canudos é um castelo à moderna, com subterrâneos e minas, muralhas de duas braças, fossos e pátios, onde se exercitam hostes e regiões de homens dominados pela fé e pela riqueza!

SEGUNDA PARTE

MILITARES E POLÍTICOS

.....

Primeira e segunda expedições

D

ISSEMOS atrás:

– Foi então resolvida pelo sr. governador a primeira expedição, na qual foram enviadas cento e tantas praças da força de linha, sob o comando do sr. tenente Pires Ferreira, e que fracassou em Uauá, acompanhando a mesma expedição um destacamento de polícia sob o comando do alferes Coelho, que aí deixou a vida.

Mas como interveio a força federal nessa horrorosa contenda?

A questão era puramente estadual, nenhum dos motivos que autorizam a intervenção do governo central se tinha oferecido até aquele momento para autorizar semelhante intervenção.

O governo federal nem foi ouvido, nem sabia que existia na Bahia e nos longínquos sertões do centro grupo tão formidável.

Não houve tempo para consultar os requisitos de forças ao Ministério da Guerra, que, por certo, teria refletido duas vezes antes de intervir, com 100 ou 120 praças, em uma questão de polícia estadual.

Como foi que o Exército achou-se de repente envolvido no caso?

Vejam:

Quase contemporaneamente à questão de Antônio Conselheiro com o delegado de polícia de Juazeiro, por causa da madeira paga e não

entregue, tinha havido na Bahia – Maracás – saque dos negócios e propriedades dos italianos em Jequié e Pé da Serra, que vinha a constituir um longínquo eco da célebre questão dos protocolos italianos... que tanto tinha agitado a Câmara, o Estado de São Paulo e os governos brasileiro e italiano.

Naturalmente os italianos, residentes naqueles quase inexplorados lugares, fugiram espavoridos à vista da sem-cerimônia com a qual as suas tropas de mares, que tinham nos seus pastos, eram reunidas, escangalhadas e carregadas com as fazendas e gêneros alimentícios que eles tinham nas suas casas de comércio e refugiaram-se nesta capital, apresentando-se ao cônsul e aos seus credores. O cônsul Ildefonso Podesta estava na Europa e o seu substituto telegrafou ao sr. De Martino, no Rio. Este falou ao ministro do Exterior, que era o sr. general Dionísio de Cerqueira e que ao mesmo tempo era também ministro da Guerra.

Este não somente telegrafou ao governador, ponderando a absoluta necessidade de garantir a propriedade dos italianos e de prender os criminosos, mas ainda, como ministro da Guerra, ordenou ao general Sólon, comandante desse distrito militar, que colocasse à disposição do governador da Bahia as forças federais necessárias para perseguição e captura dos saqueadores e facínoras que do interior dos sertões da Bahia perturbavam a marcha das negociações diplomáticas entre o governo da República e do reino da Itália.

O governador, recusando o auxílio da força de linha para esta diligência, viu-se forçado a valer-se dela para outros acontecimentos que se desenrolavam ao mesmo tempo. Trasladaremos para aqui um tópico da mensagem que s. ex^a publicou em março de 1897:

“Era esta a situação, quando recebi do dr. Arlindo Leoni, juiz de Direito de Juazeiro, um telegrama urgente, comunicando-me correrem boatos, mais ou menos fundados, de que aquela florescente cidade seria por aqueles dias assaltada por gente de Antônio Conselheiro, pelo que solicitava providências para garantia da população e evitar o êxodo que da parte desta já se ia iniciando.

“Respondi-lhe que o governo não podia mover força induzido por simples boatos e recomendei, entretanto, que mandasse vigiar as estradas em distância e, verificado o movimento dos bandidos, avisasse por

telegrama, pois o governo ficava prevenido para enviar, incontínenti, em trem expresso, a força policial aquartelada nesta capital. Em virtude das diligências a que anteriormente me referi, requisitei do general comandante do distrito 100 praças de linha, a fim de seguirem para Juazeiro, apenas me chegasse aviso do juiz de Direito daquela comarca. Poucos dias depois recebi eu daquele magistrado um telegrama, em que me afirmava estarem os sequazes de Antônio Conselheiro distantes de Juazeiro pouco mais ou menos a dois dias de viagem; dei conhecimento do fato ao sr. general, que, satisfazendo a minha requisição, fez seguir em trem expresso e sob o comando do tenente Pires Ferreira a força preparada, a qual devia ali proceder de acordo com o juiz de Direito. Esse distinto oficial, chegando a Juazeiro, combinou com aquela autoridade seguir ao encontro dos bandidos, a fim de evitar que eles invadissem a cidade. O coronel João Evangelista e outros cidadãos prestigiosos do lugar facilitaram à força todos os meios de mobilidade, seguindo ela, sem encontrar gente de Antônio Conselheiro, até o arraial de Uauá, onde acampou em 10 de novembro do ano próximo findo, à distancia de dez léguas de Canudos. Aí, na manhã de 21, foi a força inesperadamente acometida pelos conselheiristas, travando-se renhido combate em que estes acabaram por deixar o campo da luta com perda de mais de 200 homens, havendo a lamentar, por parte da tropa legal, a morte de um oficial e dez praças, além de vinte e tantos feridos. Este acontecimento impunha ao governo do estado o dever de prosseguir com energia, no empenho de levar a termo o seu primeiro intento contra Conselheiro e seu séquito, e daí originou-se a organização de uma expedição contra Canudos, sob o comando do major Febrônio de Brito.

“Tanto quanto estava ao alcance do governo, pus à disposição deste oficial os recursos necessários à marcha da força, que devia compor-se de 300 praças de linha e 100 de polícia.

“Mandei, além disso, prevenir a diversos cidadãos de prestígio naquela região que facilitassem ao comandante da expedição tudo quanto ele requisitasse e a ele próprio autorizei a fazer, por conta do estado, qualquer despesa que julgasse necessária.

“Eu não podia deixar de presumir que essa coluna fosse mais que suficiente para debelar os fanáticos, pois me declarara o tenente Pires

Ferreira, de volta de Uauá, que se ali dispusesse de mais 100 praças teria entrado vitorioso em Canudos.

“Deste parecer era também o juiz de Direito de Juazeiro, a quem ordenei seguir para Queimadas a fim de auxiliar a mobilização da expedição e que se dizia bem informado da situação do Conselheiro, como juiz, que foi, do termo de Tucano e ultimamente da comarca do Bom Conselho, lugares estes que viviam em frequente comunicação com a gente de Canudos, pela proximidade em que se acham.

Além destas valiosas informações, que faziam crer que o efetivo de 400 praças seria bastante para o êxito da expedição, outras tive das quais não era possível duvidar.

O próprio major Febrônio, já aproximado do teatro da luta, onde, como era de presumir, devia ter logo procurado colher mais exatos e minuciosos esclarecimentos sobre a situação e recursos dos conselheiristas, afirmava em telegrama de 7 de dezembro, dirigido ao comandante do distrito, que com o número de 400 e 500 praças poderia bater os fanáticos, com vantagem.

São estas as palavras textuais de seu telegrama:

“Boatos Conselheiro inseguro devido ignorância transmissores. Creio poder atacar Canudos com vantagem fazendo baixar força e dispor de número, formar colunas de ataque e assalto que retendo, bastarão de 500 a 400 e poucos homens. Dizem haver grosso bandidos fora, a três léguas receber a força. Melhor. Urge que as operações sejam definitivas. Em tempo comunicarei o plano obedecendo às condições topográficas.”

Em marcha, o major Febrônio, chegando ao lugar denominado Cansação, distante três léguas de Monte Santo, teve ordem do general comandante do distrito para regressar a Queimadas.

A esta ordem replicou ele nos seguintes termos do seu telegrama de 14 de dezembro:

“Regressar Queimadas considero imprudência. Penso momento urge avançar Canudos. Demora tem prejudicado indizível entusiasmo que tive felicidade incutir força.”

Mantida, apesar disto, a referida ordem à qual o major Febrônio declarava *obedecer resignado*, teve ele de voltar a Queimadas.

Deixando, porém, por essa ocasião, o comando do distrito o general Sólon, assumindo tais funções o criterioso e infatigável coronel Saturnino, de acordo com o pensamento manifestado anteriormente pelo major Febrônio, ficou combinado que este prosseguiria na diligência de Canudos.

Comunicada esta resolução ao major Febrônio, respondia ele ao coronel Saturnino, em telegrama de 20 de dezembro, nos seguintes termos: “Cumprirei vossas ordens, aguardando trem. Canhão segue amanhã e 15 praças doentes. Forças Exército precisam remonta, 100 homens pelo menos, e oficiais. Segue acompanhado doentes. Julgo conveniente mandeis substituir alferes Araújo 5º, mandai bom artilheiro. Canudos podia a esta hora estar sendo liquidado se não fosse contrariedades a que me submeteram, abatendo até indizível entusiasmo força. Vida pública tem destes revezes.”

Com a presteza que o caso requeria, foi satisfeita a requisição do comandante da expedição, mandando eu, além de 100 praças de Exército solicitadas, mais 100 de polícia, subindo assim o efetivo das forças a 600 homens.

A confiança no bom êxito da diligência com as forças de que dispunha manifestou-a sempre o major Febrônio desde os seus primeiros preparativos. É assim que, em 27 de novembro, dirigia-se ele, em telegrama, ao chefe de Segurança Pública, nos seguintes termos: “Aguardo ordens. Oficiais e forças estaduais corretíssimos. Bandidos engrossam Canudos. Creio debelá-los definitivamente. Está na minha honra de soldado.”

Em 28 de novembro assim se exprime ele ainda ao chefe de Segurança Pública: “Aqui boatos desencontrados sem possibilidades vandalismo bandidos. Pessoa ontem chegada Triunfo informa Conselheiro ter mandado guarnecer todas estradas Canudos, evitar fuga parte sua gente, executando alguns pretendiam. Creio haver pânico covil perversos. Ansioso entrar operações definitivas Canudos, telegrafo general urgência vinda força para êxito completo.”

Desta convicção não era somente o major Febrônio: o juiz de Direito de Monte Santo, dr. Gomes Fortes Pontes, em telegrama de 14 de dezembro, assim se dirigiu ao governo do estado: “Autoridades população Monte Santo em nome, vida e honra família brasileira pede façais quanto

antes marchar força comando major Febrônio, detida quatro léguas aquém Monte Santo, a fim neutralizar assalto presumido ou preparativos fuga bandidos. Força atual pode marchar Canudos vantajosamente, se não entenderdes guarneça Monte Santo, até reunião definitiva bandidos encovados Canudos demonstram pânico, abatimento moral.”

Este documento, além da assinatura daquela insuspeita autoridade, trazia a de 50 cidadãos, dos mais graduados de Monte Santo. O delegado deste termo exprimia-se assim em telegrama de 19 de dezembro: “Urge providenciar, não ser sacrificada força policial destacada Monte Santo. Se não fosse impedido marcha major Febrônio, estava liquidada esta questão e restituída a paz no estado.”

O bacharel Honório de Lima, promotor da comarca, em ofício de 14 de dezembro, externava-se por esta forma:

“Comunico-vos que ontem chegou a esta vila uma força de regimento policial, comandada por um capitão.

“Outrossim, tenho a honra de comunicar-vos ter chegado ao meu conhecimento a saída da força federal, sob o comando do major Febrônio de Brito, acampada a quatro léguas de distância desta vila e aqui de muito esperada.

“A demora da chegada das forças a esta vila está animando Antônio Conselheiro e consta que seus sequazes ameaçam vir a esta vila soltar presos e assassinar as autoridades. Côncio do vosso patriotismo e desejo provado de tornar uma realidade a pacificação de nossos sertões, e cumprindo o dever de pôr à vossa disposição os meus fracos serviços, peço licença para afirmar que as forças de que é comandante o major Febrônio de Brito são, ao meu ver, suficientes para levar a efeito a pacificação.”

Finalmente, o capitão Serbeto, do regimento policial, mandado a Monte Santo com reforço, incumbido também de colher informações acerca da situação dos fanáticos, escrevia de Queimadas, em 17 de dezembro, ao dr. chefe de Segurança Pública sobre o assunto, extensa missiva, da qual destaco este trecho:

“O major está muito animado em dar conta da empresa; queixa-se amargamente das estradas e secas dos caminhos; há travessias de muitas léguas sem uma gota de água; a viagem para nós há de ser penosa, mas há de fazer-se, custe o que custar. O vigário e força estão em Monte Santo; neste

momento recebi carta dele, dizendo-me que a força está ansiosa para dar combate a Conselheiro. Há muito exagero nos boatos aí espalhados; Conselheiro não terá mais de mil combatentes, com armas atrasadas. Consta que tem havido muitas deserções na gente de Conselheiro e contaram-me que, tendo ele mandado 60 homens escolhidos montar uma trincheira, a duas léguas do reduto, eles aproveitaram e fugiram à noite.”

Se pelo lado da organização e número da força expedicionária eu me tranquilizava, vendo o modo por que se externava o major Febrônio a respeito das autoridades locais, que tinham recomendação para auxiliá-lo, em telegrama datado de Queimadas, em 26 de novembro, exprimia-se ele ao chefe de Segurança nestes termos:

“Comissário Serrinha e daqui incansáveis. Juiz de Direito de Juazeiro, comigo desde ontem, igualmente.”

Em outro de 25 de dezembro dizia:

“Coronel Felisberto acaba remeter-me 20 animais grátis, só vencendo condutores. Maiores dificuldades aqui faltam arreios tração. Não aparecem. Despesas condutores serão cargo comissário Monte Santo, auxiliar ativo.”

“Diante de tudo isso não era lícito ao governo duvidar um momento do êxito da expedição, e foi sob tais auspícios que marchou contra Canudos a coluna do major Febrônio de Brito.”

Depois da palavra do ilustre e benemérito governador da Bahia, dr. Luís Viana, o homem que mais empenho e maiores esforços aplicou para a paz, ordem e desenvolvimento do estado, que em boa hora governava, vejamos o remate da diligência Febrônio, um dos mais salientes fatores para a celebridade dos jagunços.

Possuíam, já então, estes, algumas armas modernas adquiridas do modo por que anteriormente esclarecemos e mais, cerca de uma dúzia, tomadas, na escaramuça de Uauá, à tropa do tenente Pires Ferreira.

Entretanto, era em tão pouca quantidade que é o próprio major que confessa que a sua artilharia foi assaltada a cacete e a facão, necessariamente por escassez de outro armamento. Esta espécie de abordagem terreal é loucura de arrojo somente prejudicial aos seus adeptos. Foi o que sucedeu, pois o major Febrônio diz que matou para além de 700 jagunços.

O número é talvez exagerado, pois que depois de tamanha carnificina o bravo major, que perdeu dos seus 600 combatentes apenas uma meia dúzia, mandou tocar em retirada, antes de chegar a Canudos!

Precisamente houve circunstância poderosa para o mover a proceder assim, depois de ter *matado tanta gente* armada rudimentarmente a cacete, que pouca moessa poderia ter feito entre 600 soldados bem armados e municidados.

O certo é que esta retirada foi, depois de posteriores acontecimentos, havido como boa tática de guerra.

Os fatos pareceram justificar mais tarde a manobra guerreira do major Febrônio. Mas o que é fora de dúvida é que a prudência do digno comandante aumentou a fama e o poder do califa do Belo Monte. Fazendo convergir de todas as bandas para dentro de seu arraial número de vivos equivalente ou superior ao que ele fez morrer em combate.

Por outro lado, os jagunços deviam se precaver contra segundo assalto a seu arraial, adquirindo clavinotes, bacamartes, espingardas, pólvoras, enfim, toda arma existente por aquele centro, onde não seria de admirar que amantes de venatória possuíssem clavinhas aperfeiçoadas.

Consequentemente, Moreira César foi encontrar em Canudos maior elemento de resistência do que encontrou em caminho o major Febrônio.

Com o duplo da força combatente deste, chegou a entrar no arraial, donde os fanáticos fugiam aos bandos. A sua morte trouxe o desânimo para os soldados e três vezes mais o engrandecimento do Conselheiro e seus neófitos.

Já eram, pois, mais temíveis os jagunços para a quarta expedição, que, ainda assim, se não tomou Canudos nos primeiros combates que lhe deram mesmo dentro do arraial, foi porque durante o tempo decorrido entre os combates, afora inúmeras causas, havia a de ter os soldados tido tempo de raciocinar.

Ora, quando o soldado combatente raciocina, a causa está mais para se perder.

À tropa do major Febrônio não influiu nenhuma destas circunstâncias que fizeram debandar a de Moreira César e pôr fora de guerra 4 mil homens da última expedição.

Recuando de Canudos o major avançou, pela imprensa, contra o governo do conselheiro Luís Viana, acusando-o de conivente nos desastres da força republicana. A denúncia avultou-se, cresceu, expandiu-se e paixões políticas e ambições de classes partiram de meio a meio a opinião pública sobre Conselheiro.

“Aquilo é trama monarquista!”, vociferavam os exaltados.

Os que, porém, raciocinavam com calma não viam na rebeldia dos jagunços mais do que um fenômeno social vulgar a todas as épocas, em todos os povos, e nunca um movimento político: fenômeno de recomposição, pelo qual um povo ao cabo de séculos não se parece mais com o que foi.

De 1830 a 1842, a Balaiada e a Cabanada foram também uma recomposição: as camadas inferiores, a crosta da nação, velha e envelhecida, caiu, como secreções pelo correr dos tempos, numa reação de elementos étnicos.

A comoção de Canudos, eliminação, pelas vias devolutivas, que de ordinário aparece sob a forma religiosa nas raças atrasadas, e econômica nas adiantadas, foi um sintoma desta moléstia social que grassa no centro do Brasil, porque a testada já está conquistada por outras gentes e outras ideias.

A espalhafatosa e demagógica narração do major Febrônio sobre o encontro que teve com os jagunços, narração por meio de telegrama, antes de relatar, a quem de direito, os episódios e feixe da sanguinolenta investida, cabe aqui.

“Não parecerá de boa lógica talvez vir adstrito a deveres do cargo em que me investiram tratar dos acontecimentos especialíssimos daquela jornada.

“Entretanto, embora, rapidamente, venho fazê-lo na compreensão séria de que povo sem opinião, sem direitos, significa anulação do funcionalismo.

“Dado este, ou o povo tem direito de tomar-lhe contas ou o Estado não passa de mero e ridículo ornamento de administração pública.

“Nas espinhosas operações de Canudos, a incompetência e ambição do autoritarismo centralizador têm tido à socapa a palavra de ordem com apanágio delituoso de desastres. Daqui tem vindo a felicidade para

todo o recurso escamoteador da dignidade dos que se prezam, do mesmo modo de como se manejam os capangas para falsificação das atas de eleições na fábrica de representações de galopins sem decência de mandato.

“Há dois meses que vivo em luta hercúlea na sustentação de deveres que me cometeram, antolhado de desesperanças, mas sem desânimo, no assomo de todas as energias e forças de vontade para o *desideratum* completo da escravidão moral que me assoberba.

“Marchas e contramarchas, no afã improfícuo, desordem e exiguidade, tudo por falsa compreensão das coisas, seus meios e fins, só serviam para levar a prova do sacrifício inútil em penhor da dignidade de uma coorte que só cedeu antes as ameias do impossível, sem deixar raspagens na sua couraça ingente de honra e valor.

“Política desgraçada, torpemente velhaca dos adesos diluídos nos banhos da sarnagem monárquica, ignorância perversa das nulidades que a República e a anarquia guindaram por através das fases de filhotismo de importação, a supurar no coração brasileiro, cavaram sulcos fundíssimos na vida desta geração, que carrega aos ombros, a ferver, em sangue dos mártires, o cadáver moral do desbriamento público administrativo.⁷ Por entre sede, intempéries, em sertão disforme, desprezivamente estratificado, cardos na esterilidade, uma gleba adaptável às proliferações selvagens têm coleado a expedição de Canudos, ereta unicamente do brio próprio no amesquinamento de compreensões malvadas na senilidade de consciências só rochiferadas na razão da infeliz pentápole política que nos apodrece, dilui no galvanismo efervescido dos mercadores de compressa.

“Homem de guerra deve ser um autômato de ferro, alheio à vida e sensação, é o que entendem.

“Assim compreendi e assim executei-o, empreendendo novo movimento, ainda para neutralizar suposições perversas, tive de deixar parte do trem de guerra em Queimadas por falta de meios de mobilidade para abreviar manobras.

7 É mister que se diga que o sr. major Febrônio de Brito não foi um enviado político a Canudos, mas sim um chefe expedicionário militar, que até a hora de recuar falava bem do governo baiano, como se vê dos telegramas atrás. O que é, pois, que tinham o governo e a política com os seus desesperos?!

“Aqui em Monte Santo, no momento ativo das operações, do mesmo modo procedi para alcançar em marchas, como outras prolongadíssimas nas franças de sertões ínvios, uma gota de água a dez léguas de distância. Começou então o período de angústias, em que não é lícito repousar o homem de armas; em que os tropeiros e seus ‘favorecedores’ iam pouco a pouco em fuga indetível, abandonando a condução, muitos animais desaparecendo.

“No dia 16 estava na zona perigosa dos bandidos de Canudos, acariciados por políticos sem entranhas nem caráter, por comerciantes que fazem profissão e farnel no mercado da própria honra. Foi esse dia o das observações.⁸

“A 17 comeci reconhecimento e manobras de apoio, chamando a atenção de clavinoteiros de eleição para as inacessíveis gargantas de Caipã e Cambaio. Apresentaram-se desde então a fome e sede na sua medonha descarnadura e esqueleto. Até 20, nenhuma coisa aparecia de alimentação, nenhuma esperança de socorro.

“No dia 18, ao alvorecer, concentrei forças, desfilei a perigosa e invulnerável serra do Cambaio pela base, em todo seu prolongamento, já debaixo de vivo tiroteio.

“Às 10 horas, estendia sobre terreno agrunado, denso de catingas, coluna em frente de trincheira situada em rocha viva, em um apertado pedregoso e geênico, e ordenei bombardeio protegido por fuzilaria. À 1 hora da tarde, o inimigo era ainda invencível.

“A coluna batia-se com o heroísmo dos fortes, com a resignação só própria dos soldados brasileiros; os últimos animais de carga e tração começavam a fugir em debandada, aproveitando a covardia dos tropeiros. Disso sabedor, corri ao ponto, ordenei ao oficial que comandava a retaguarda que fizesse fuzilar incontinênti (*sic*) os tropeiros que fugissem às suas obrigações.

8 Vimos que até os negociantes e autoridades baianas eram elogiados em telegramas e ofícios, remetidos pelo digno major, nos quais dizia nada lhe faltar e pedia para avançar. Só depois de retirada é que s. ^a descobriu (depois de matar 600 jagunços!) *políticos sem entranhas*.

“Mandei em seguida tocar a oficiais, e organizei assalto. Invertidos os flancos dominados por serrotes íngremes, o centro carregou e desalojou os bandidos.

“Dos bravos do dia tratarei nas partes oficiais.

“O combate continuou ainda até 3 horas da tarde, sendo tomadas diversas trincheiras interpostas, contígua e paralelamente ao prolongamento de uma vereda tortuosa e agreste.

“A artilharia foi e tem sido, então e até aqui, movida a pulso, estalando sobre caminhos cardados e rochedos ingratos.

“Acampado no lugar denominado *Tabuleirinho dos Canudos*, menos de uma légua distante deste tão protegido foco de ladrões e assassinos, passou-se o resto da tarde em descanso e fome, sendo remidos e pensados os feridos para os quais não tive outra alimentação senão água empoçada em uma pequena lagoa que prometia extinguir-se.

“Nas trincheiras, foram contados rapidamente cento e tantos mortos dos bandidos.

“No dia 19 pela manhã, dispunha eu a marcha para ataque definitivo de Canudos, quando, às 7 horas, no momento dos primeiros passos, as avançadas de toda a coluna foram envolvidas por número superior a 4.000 canibais.

“Nunca vimos, eu e os meus bravos camaradas, tanta ferocidade! Vinham morrer como panteras, dilacerando entranhas, agarrados às bocas das peças, não tão mal armados como se dizia. Todos eles traziam armas de fogo, bons e afiados facões, cacetes, pependentes dos pulsos.⁹

“Toda a pólvora encontrada era inglesa, de primeira qualidade, bom e grosso chumbo, balins, além de foices e rijos dardos. Muitos armamentos e correames da polícia de Sergipe foram encontrados na luta. Todos estavam tripla e quadruplicamente armados.

“Travou-se combate medonho em que a maior parte dos adversários se mediam corpo a corpo.

9 Que armas piores do que *cacete e facão* queria o major Febrônio que os jagunços usassem? O que valem *foices e dardos rijos* contra canhões e metralhadoras?

“Esgotada a munição de artilharia, preste a extinguir-se a de infantaria que se pôde conduzir, o número de feridos se multiplicava à proporção que os atacantes que eram varridos pelo canhão e fuzil se reforçavam.

“Diante do espetáculo da fome e da sede e das tristes consequências de um sítio no curral, em serranias de Canudos, reuni os oficiais para deliberar sobre o caso e suas emergências, e da unanimidade deles foi resolvida a retirada, que se efetuou na melhor ordem.

“Chegou-me então à recordação a cena pungente da retirada do marechal Bourbaki, retirando-se sobre a fronteira suíça, derrotado pelo Exército alemão. Mas em nós tudo foi salvo, a luta não fraqueou.

“Os feridos foram conduzidos em padiolas, outros a três num só cavalo, ficando todos os oficiais a pé, eles como eu, puxamos canhões a pulso. Só às 6h30min da tarde pudemos romper o círculo dos atacantes e tomar, a duas léguas, posição regularmente defensiva.

“Chegamos a poder contar 600 bandidos mortos, enquanto que nós tínhamos dez destes e 60 feridos, não contando muitos contusos.

“A tropa está morta, extenuada, maltrapilha, quase nua, impossível de refazer-se em Monte Santo. Avalie agora o público as desgraças que podem advir das resoluções dos incompetentes, das facilidades do governador quando telegrafou ao governo dizendo que o Conselheiro tinha, quando muito, 500 homens mal-armados, e que o mais eram mulheres beatas.

“Pela média, sem receio de errar, posso garantir que aquele mentecapto tem mais de 5 mil homens, apesar de ter afirmado o tenente-coronel Antônio Reis, residente em Cumbe, que tinha 8 mil, bem como o vaqueano Joaquim Calumbil, que, há 15 ou 16 dias, de lá tinha fugido, como prisioneiro.

“Apesar de tudo, é urgente a liquidação de Canudos; mas, para que ela se efetue, preciso é que o governo federal chame a si a ação, tudo correndo à revelia do governo do estado, impotente no caso.

“Que se deixe este de tanto assomo de poder e mal-entendida autonomia.

“A coluna, porém, que disso for encarregada, só poderá operar com êxito por Jeremoabo e Maçacará, terreno mais tático e de fácil mobilidade.

“Deve vir com tudo seu: animais, fornecimento, carretas, ambulâncias, nunca fiada nos favores do caminho, das autoridades políticas locais. Deve até evitar-lhes o contato.

“Monte Santo, quando muito, pode constituir uma base de operação com uma pequena coluna em frente a Cambaio, para chamar a atenção e proteger a regularidade das manobras.

“Não há outro meio; é desconfiar de tudo e de todos.

“Daqui para diante, os que mais se dizem adversários de Canudos sabem de tudo que lá passou-se no dia anterior, só cuidando dos meios de proteger suas fazendas, com sacrifício de quem quer que seja. Quem lá não tem filho, tem genro, tem irmão e as exceções são raras.

“Canudos se reforça, nada lhe falta.

“Que se precavenha o governo. – Major *Febrônio de Brito*.

“Monte Santo, 25 de janeiro de 1897.”

.....

Terceira expedição

APÓS esse desastre, que impressionou os militares, que não contavam com tal resistência de paisanos, que até então só tinham aderido, levantou-se grande celeuma sobre as causas e os responsáveis do fato. A política entrou na controvérsia e o governador da Bahia, conselheiro Luís Viana, que prestava eficaz apoio ao dr. Prudente de Moraes, tornou-se alvo de todas as invectivas na imprensa exaltada da Bahia e na imprensa jacobina da União. Como de vezo, pregou-se no governador da Bahia o sambenito de monarquista-restaurador. Como a malsinação pareceu de bom efeito aos políticos que já viam em Canudos uma escada, breve fizeram daqueles sertanejos, segregados do mundo civilizado pelos hábitos e pela sua barbaria, de monarquistas e instrumentos da restauração da monarquia.

Exercia então as funções do presidente enfermo o sr. dr. Manuel Vitorino Pereira, vice-presidente, e o Partido Republicano Federal esperava tornar impossível a volta do sr. Prudente de Moraes ao exercício das suas funções para governar com o seu substituto legal.

Em dezembro chegou a esta capital, em viagem singularmente acidentada, o 7º Batalhão de Infantaria com o seu comandante, o coronel

Antônio Moreira César, que desde 1894 achava-se na cidade do Desterro, de Santa Catarina.

Ainda sem as formalidades do art. 6º da Constituição, aliás, não regulamentado, entendeu o governo federal intervir nos negócios locais da Bahia e fazer por sua conta e com os seus riscos a diligência policial que competia ao governo estadual.

Foi nomeado em janeiro de 1897 o coronel Antônio Moreira César comandante de uma brigada das três armas para operar no sertão da Bahia contra os desordeiros de Antônio Conselheiro, sendo-lhe dada toda a autoridade e prodigalizados todos os recursos financeiros e administrativos.

Para contar a expedição do coronel Moreira César, passamos a pena a um distinto oficial superior do nosso Exército, que esteve na Bahia, que conheceu os fatos e viu e manuseou documentos. Podemos afirmar que a sua narrativa não pode ser desmentida oficialmente e se pudéssemos ler o parecer de julho de 1897, do Conselho de Investigação composto do coronel Abreu Lima, coronel Woolf e coronel Ricardo Fernando da Silva, encarregado pelo sr. general Argolo, ministro da Guerra, de conhecer das causas e dos responsáveis do revés dessa expedição, estamos certos que pouco ou quase nada teríamos de corrigir na narrativa. Esse parecer não foi publicado pelo governo; é um dos segredos da “guerra de Canudos” que devassamos.

Escreveu o competente colaborador desta parte da nossa narrativa.

“Da capital federal embarcou o coronel Antônio Moreira César com o seu batalhão a 3 de fevereiro de 1897 para a capital da Bahia, onde ao chegar exigiu do comandante interino daquele distrito militar mandasse para bordo, com transferência para o seu batalhão (7º de infantaria), todas as praças dos contingentes do 26º e do 33º de infantaria, que aí se achavam, bem como o batalhão 9º de infantaria e todos os médicos, a fim de desembarcarem juntos no dia seguinte para tomarem os carros da estrada de ferro que deviam estar à sua disposição com destino a Queimadas. Nenhuma objeção se opôs a essa exigência tão vexatória e prejudicial aos cofres públicos pelo embarque e desembarque de tanta gente, improficuamente, sem nenhum alcance. Entretanto, não foi possível realizar-se de todo; embarcaram apenas os contingentes, apresentando-se o mais na estação da estrada de ferro em ocasião oportuna. Quando se dava o desembarque das forças, o povo que se havia acercado curioso e festivo ao lugar, para

receber os seus hóspedes, foi brusca e inesperadamente por estes apanhado e obrigado a carregar as bagagens para a estação marítima da estrada de ferro, sendo esbordoada a pranchada as pessoas que a isso se recusavam.

Nesse mesmo dia outra violência se dava no arsenal da Marinha: o coronel Moreira César, aí chegando e vendo um saveiro atracado ao cais e praças a fazerem a descarga de material de guerra, ordenou que esse serviço fosse feito pela tripulação do saveiro, e, tendo ela se recusado por não ser de sua obrigação tal serviço, foi a isto obrigada a pranchadas; o que deu lugar a sérias reclamações por ser de nacionalidade estrangeira o proprietário da embarcação, e a dificuldade para o desembarque do 16º de infantaria que chegou depois, por não haver saveiristas que se quisessem contratar, fazendo-se por isso demoradamente o desembarque deste batalhão por um pequeno escaler do arsenal de guerra. Estes e outros fatos que se deram anteriormente e que são bem conhecidos, como o da prisão a ferros do comandante de um paquete em que viajava o coronel com o seu batalhão do Estado de Santa Catarina para a capital, por desconfiar que o comandante levava o paquete para alto-mar para metê-lo a pique, o que também teria feito a outro comandante em viagem para a Bahia, se não fosse dissuadido disso por um oficial de engenheiros que ia a bordo e a quem consultou sobre o rumo do navio, bem como outros fatos que se deram posteriormente, servem para se julgar do estado de saúde, aptidão militar e experiência do oficial a quem o governo da República confiou tão árdua e importante comissão.¹⁰

A esse conjunto deu-se o nome de *1ª base de operações* e um comandante o tenente Hermínio Pereira.

10 Quase tudo quanto se afirma nos dois trechos acima transcritos é inexato, como não me será difícil demonstrar.

Antes de tudo direi que a força do comando do malogrado coronel Moreira César não poderia ter cometido as violências a que se refere o digno informante do *Jornal do Comércio*, e isto por uma razão muito simples: é que havendo o paquete *Maranhão*, a cujo bordo seguiu a brigada Moreira César para o Estado da Bahia, aportado na capital do mesmo estado na manhã de 6 de fevereiro de 1897, a bordo ainda continuou, só havendo desembarcado o coronel, para conferenciar com o honrado governador do estado e com o comandante do distrito.

No trajeto de Queimadas a Monte Santo, no dia 18 de fevereiro, estando o major Cunha Matos, comandante interino do 7º de infantaria, acampado com o batalhão em Quirinquinquá, foi, à 1 hora da madrugada, avisado pelo tenente Costa e alferes Jaime Teles de que o coronel Moreira César estava na estrada, a duas léguas do acampamento, acometido de um ataque. Prontos socorros médicos foram-lhe enviados e às 8 horas da manhã chegava o coronel ao acampamento, muito abatido, tendo os médicos diagnosticado convulsões epileptiformes.

Em Monte Santo demorou-se a brigada alguns dias para os últimos preparos a fazer para a travessia daí a Canudos, o que feito marchou a brigada com um efetivo de 1.281 praças, segundo declaração feita pelo assistente do ajudante-general junto ao comando da brigada, levando cada praça 100 cartuchos e mais 120 por praça nos comboios parciais, que

De regresso para bordo, horas depois, o coronel exigiu de mim a ala direta do 7º batalhão e com ela a comissão de engenheiros, os médicos e o seu estado-maior passou-se para umas lanchas a vapor postas à sua disposição pelo governo do estado, e seguindo nessas lanchas para a estação marítima da estrada de ferro fez o desembarque, sem violência alguma, e tomou o trem expresso que o conduziu a Queimadas. O resto da brigada ficou-me entregue, e só à tarde também passei para outras embarcações toda a força restante, muares, cavalos e material bélico, e fomos todos, já noite, desembarcar próximo ao arsenal de guerra, sendo certo que aquartelamos no mesmo arsenal, de onde só saímos ao romper do dia 7 e tomamos o trem que nos conduziu a Queimadas.

Foi tão correto o procedimento da brigada Moreira César durante as poucas horas que estive na capital da Bahia que mereceu encômios do governo do estado e do dr. Félix Gaspar, digno chefe da Segurança Pública.

Não me seria difícil provar com o testemunho de muita gente que da chegada à Bahia quiseram explorar a brigada para depor o governo do estado; mas logo aos primeiros sinais dos encarregados da *bernarda* foram estes imediatamente repelidos. Não passam, pois, de um grande *canard* as tais violências, assim como também é outro *canard* aquela história do engenheiro que dissuadiu o coronel Moreira César de pôr a ferros o comandante do paquete *Maranhão*.

O comandante desse paquete, cujo nome não me recordo agora, foi tão gentil para com todos da brigada Moreira César que mereceu o agradecimento que fizemos publicar na Bahia e cujo primeiro signatário foi o coronel Moreira César.

Este coronel jamais consultou a engenheiro algum sobre o rumo do navio, mesmo porque não é preciso ser engenheiro nem nenhuma águia para se conhecer a bordo o rumo que leva o navio.

acompanhavam de perto os batalhões e contingentes, e mais 60.000 cartuchos no comboio geral. A bateria de artilharia, que se compunha de quatro canhões, levava munição para 70 tiros por canhão.

A brigada foi definitivamente organizada em Queimadas (vila contígua à estação do mesmo nome da estrada de ferro da Bahia a São Francisco) e compunha-se dos batalhões 7º e 9º de infantaria, um contingente do 16º da mesma arma, um esquadrão do regimento 9º de cavalaria, uma bateria do 2º Regimento de Artilharia, um contingente do corpo policial da Bahia, médicos e farmacêuticos com as respectivas ambulâncias, e comboios de munições de guerra e de boca.

Marchou a brigada para a vila de Monte Santo (14 léguas), ficando em Queimadas as bandas de música, doentes e praças sem a robustez necessária para o serviço militar, pela falta de desenvolvimento e pouca idade de outros, médicos, farmacêuticos, depósito de víveres e munições.¹¹

O coronel Moreira César conduziu a sua brigada por uma estrada de 25 léguas e que passa por Cumbe, Serra Branca e Rosário, tendo de atravessar um areal de oito léguas sem água e uma estreita picada de cinco

Com relação ao embarque e desembarque do 16º batalhão de infantaria, tenho a dizer que, quando a brigada Moreira César daqui embarcou, o referido batalhão ainda se achava em São João d'el-Rei, Estado de Minas, e só dias depois de a brigada se achar em Queimadas é que o 16º batalhão chegou à Bahia. Se alguma novidade houve com este batalhão, o seu comandante, coronel Sousa Meneses, guardou-a consigo, não deu parte dela. — *Cunha Matos.*

- 11 Quando a brigada Moreira César marchou de Queimadas para Monte Santo, o que foi feito por partes, ficaram em Queimadas 150 praças, das quais umas 80 eram ainda muito crianças e outras enfermas.

Quando o 7º Batalhão de Infantaria, de volta de Santa Catarina, aquartelou nesta capital (só passei a servir no 7º Batalhão depois que ele veio do aludido estado), foi alistado em suas fileiras um grande número de meninos, que mal podiam suportar o peso da carabina e do equipamento. A propósito narrarei o episódio seguinte:

Em um dos primeiros dias do mês de janeiro, o ajudante-general do Exército, sr. general Fontoura Costalat, mandou anunciar uma visita ao quartel do 7º Batalhão, aquartelado no morro de Santo Antônio.

O coronel Moreira César, prevenindo-me disso, disse-me:

“Eu amanhã não posso me achar aqui e por isso você receba o ajudante-general e mostre-lhe todo o estabelecimento, não devendo, porém, se esquecer de mandar trancar na escola regimental todos os meninos, que não devem ser vistos pelo general.”

léguas, que mandou abrir, e ao longo da qual estiveram as forças uma noite inteira em completa confusão, com os animais encilhados e carregados, continuando a marcha ao clarear do dia seguinte.

Em cumprimento à ordem recebida do comandante, mandei chamar o diretor da escola regimental, alferes Poli, e recomendei-lhe o que me havia sido determinado com relação às praças menores; mas, ou porque o alferes não me houvesse compreendido, ou porque houvesse facilitado, o que é verdade é que, longe de trancar a porta da escola onde se achavam os menores, deixou-a bem aberta, e assim é que, ao passarmos por ela, o general olhou para dentro e foi penetrando na sala.

Fiquei *passado com o embrulho*, mas, como não havia de correr com o general, resolvi também não mentir, e assim é que, havendo o general olhado atento e demoradamente para as praças, perguntou-me: – “Estes meninos também são soldados?”

Respondi que sim e a esta resposta o general deu volta, sorrindo, e pronunciou a seguinte frase: – “Este seu César!!!”

Agora vou expor fielmente o que se passou com relação à enfermidade do malogrado coronel Moreira César.

Achava-me com o 7º Batalhão, de meu comando, acampado em Quirinquinquá, a fim de, na manhã do dia seguinte, continuar a marcha e entrar em Monte Santo, que dista dali apenas duas léguas e meia.

Muito depois de meia-noite despertei com o tropel de animais que galopavam na pedregosa estrada, próxima do acampamento, e ergui-me logo da rede em que repousava.

Momentos depois chegaram o tenente Costa e o alferes Joaquim Teles, ambos ajudantes do comando da brigada, e, muito impressionados, disseram-me:

“O coronel acaba de cair na estrada com uma congestão e cremos que não resistirá. Não há recurso de qualidade alguma no local, que diste daqui mais léguas e por isto vimos pedir providências.

Sem perda de tempo tomei todas as providências que a grave ocorrência exigia, já mandando no lugar em que se dera o acidente o médico e o farmacêutico, que estavam no acampamento, já mandando um próprio a Monte Santo pedir mais médicos ao inditoso coronel Tamarindo, já finalmente, organizando um pelotão de praças, que deviam ir buscar vivo ou morto o coronel.

Este, porém, que era homem de natureza muito forte, sentindo-se melhor, montou novamente a cavalo e dirigiu-se para o acampamento, onde chegou às 8 horas da manhã mais ou menos. À chegada foi o coronel por todos recebido; mas, apeando-se do animal, ordenou que, com exceção de minha pessoa e dos médicos, todos os mais se afastassem, inclusive o seu estado-maior.

Em seguida penetrou na sala da pequena casa em que havia pousado e, deitando-se em uma rede, mandou que fossem cerradas as portas e janelas.

Cercado por mim, os cinco médicos e o farmacêutico, o coronel Moreira César explicou o incômodo que o havia acometido e depois exigiu que cada um dos médicos fizesse o diagnóstico da moléstia.

Em Lajinha, entre Monte Santo e Cumbe, foi o coronel Moreira César acometido de dois ataques consecutivos de epilepsia, dessa terrível enfermidade, que, segundo nos consta, começou a sofrer em Santa Catarina, onde foi tratado pelo dr. Franco Lobo.

Como é natural, o primeiro a falar foi o chefe, dr. Ferreira Nina, que, usando da linguagem apropriada, diagnosticou – epilepsia; mas havendo se referido aos nervos do coronel, este zangou-se e disse: “O doutor fique sabendo que eu não tenho nervos, e tanto assim que jamais senti sensação de dor, nem de prazer. Não tenho medo de morrer e não hei de morrer sem ir a Canudos”.

O dr. Nina muito delicadamente retrucou que não havia homem nenhum sem nervos e que, quanto à referência de morte, ele, doutor, também estava convencido de que não era caso disso.

Cada um dos demais médicos fez o diagnóstico, que em resumo foi o mesmo do seu colega e chefe.

Após isto o coronel perguntou aos médicos se sabiam a causa de minha presença ali; mas, como se os médicos ficassem calados, mesmo porque era impossível adivinhar essa causa, o coronel encarregou-se de explicá-la, dizendo:

“Sempre que estiver mal quero o Cunha Matos junto a mim, porque será o meu substituto, visto dispor de todos os predicados militares de que disponho, mas ainda de mais um que não tenho e que consiste em ter prática do serviço de guerra.”

Compreende-se que a contragosto narro esse juízo que sobre minha mais que obscura individualidade manifestou o coronel, mas narrando-o tenho dois fins, que são: por um lado, contar a coisa como foi, e por outro lado tornar saliente que com relação à minha capacidade militar o coronel Moreira César não pensava como pensava o ilustre coronel Dantas Barreto.

É fácil que se diga que estou inventando; mas, para que isso não prevaleça, desde já apelo para a palavra dos dignos médicos da expedição, um dos quais o dr. Ferreira Nina, está presente nesta capital.

Continuando, ainda tenho a dizer que após a conferência e aplicação de remédios os médicos retiraram-se para o alpendre da casa, deixando na sala eu e o enfermo.

Pouco depois disto um menino, filho do dono da casa, penetrou na sala e chegando junto a mim disse ao ouvido que os médicos me chamavam. Isto não passou despercebido ao doente, que era homem muito vivo, e tanto assim que sorrindo disse-me: “Vai ver o que querem os médicos”.

Com efeito, fui e de chegada ao alpendre encontrei todos os médicos juntos, e o chefe, dirigindo-se a mim, disse: “Major, nós já percebemos que o coronel muito o considera e atende e por isto mesmo lhe pedimos para convidá-lo a não prosseguir no comando das forças, visto o seu estado de saúde. Os ataques hão de repetir-se cada vez mais a miúdo, e se ele tem o incômodo em momento de combate pode nos ser fatal.”

Em Serra Branca, havendo falta d'água, o engenheiro pretendeu fazer funcionar uma bomba artesiana, mas não conseguiu, disse ele, por falta de um bate-estacas para introduzir os tubos na terra. Na falta desse instrumento, de tão difícil se não de impossível transporte por semelhantes

Respondi que não poria dúvida em satisfazer a exigência que acabava de me ser feita, mas com a condição de, antes de dar cumprimento a ela, os médicos lavrarem uma ata, tudo expondo, datando-a, assinando-a e me a entregando, para meu uso.

Não havendo os médicos acedido à minha imposição, voltei ao local onde se achava o doente e disse-lhe que os médicos eram de minha opinião, isto é, que ele coronel vendia saúde. Seria preciso que eu fosse muito ingênuo para fazer aquele convite ao coronel, pois o menos que me podia acontecer era ficarmos de relações cortadas.

Continuando:

“Depois de penosa marcha por lugares ínvios e faltos de recursos, acampou a brigada sob o comando do coronel Antônio Moreira César no Rancho do Vigário, distante três e meia léguas do arraial de Canudos, a 2 de março; levantou acampamento às 5 horas da manhã de 3, tendo-se previamente decidido em conselho de oficiais que a brigada acamparia em Angico, uma e meia légua depois, para que no dia seguinte levantasse acampamento de madrugada e fosse atacar o arraial.

Não houve conselho de oficiais no Rancho do Vigário, nem em parte alguma.

Às 11 horas da madrugada do dia 2 de março chegou a brigada ao Rancho do Vigário e de ordem do coronel Moreira César bivacou dentro de um grande cercado de forma retangular. O coronel, depois de recomendar que as praças encostassem as armas na cerca de madeira, internou-se na catinga, onde de sua barraca mandou fazer um toldo. Já nos achando na zona perigosa, pois Canudos distava apenas três léguas, precedi um golpe de surpresa por parte do inimigo, e assim é que resolvi cobrir com piquetes à frente o flanco esquerdo do 7º Batalhão.

Mandei o ajudante escolher 80 praças e em pessoa fui estabelecer os piquetes e sentinelas. Depois de achar-me dentro da catinga deparei com a barraca do comandante da brigada e para aí me dirigi.

Cumprimentei-o e disse-lhe o que estava fazendo; ele me respondeu dizendo: “Não há perigo algum, e tanto que vou passar a noite aqui”.

Os capitães Severo e Jesuíno, este vaqueano e aquele ajudante do coronel, achavam-se presentes e podem dizer se é isso que digo verdade ou não.

Às 7 horas da noite o coronel mandou-me chamar e de chegada à sua barraca disse-me: “Cunha Matos, supõe que és o chefe da expedição e dize o que neste caso faria de amanhã em diante.”

Com toda a franqueza e lealdade expus o meu plano, que consistia antes de tudo em alterar completamente a ordem de marcha que havíamos levado até então. Disse que no dia seguinte, 3, levantaria acampamento e iria acampar em Angico, meio caminho de Canudos. De chegada tomaria todas as precauções para repelir qualquer

caminhos, devia-se ter levado um malho ou marreta de seis a oito quilogramas, usualmente empregado nesse serviço, e um pedaço de madeira forte para ser colocado sobre a boca do tubo, a fim de que não fosse este inutilizado pelas pancadas do malho. Na falta desse instrumento apropriado mandou o engenheiro bater com grandes matacões de pedra e nada se conseguiu a não ser o tubo ficar estragado.

Que desorganização de serviço! Que falta de previdência e providência do assistente do quartel-mestre-general junto ao comando da brigada! Pela falta de cumprimento ou de conhecimento dos deveres de cada um é que se dão tão lamentáveis desastres como esse, e mais ainda pela impunidade em que ficam os seus autores e infratores.

As forças, por isso, tiveram de fazer uma marcha forçada durante uma noite à procura de água, que só encontraram no dia seguinte às 8 horas da manhã.

Monte Santo, *2ª base de operações*, era um ponto sem defesa alguma nem guarnição suficiente para organizá-la em qualquer emergência, pois que o seu comandante, o coronel Souza Meneses, do 16º de infantaria, havia deixado o seu batalhão na capital da Bahia sob o comando do respectivo major, por ordem do coronel Moreira César, e só dispunha em Monte Santo de 70 praças de diversos corpos, das quais apenas 20 eram aptas para o serviço, por serem as demais doentes e estropiadas. Distante apenas 14 léguas de Canudos, pela estrada de Cambaio, que já havia sido explorada

agressão do inimigo. Dividiria a brigada em duas colunas e depois de haver um descanso de 24 horas às praças, já bem cansadas, mandaria uma das colunas fazer um reconhecimento ao arraial. Caso o comandante da força encarregada do reconhecimento achasse conveniente fazer-se o assalto, levantaria acampamento, marcharia para Canudos, e após um forte e duradouro bombardeio com a artilharia mandaria realizar o assalto por uma das colunas, ficando a outra de reserva para socorrer a assaltante no caso de revés.

Se, porém, de reconhecimento previamente feito viesse a me convencer de que a vitória era muito duvidosa, retirar-me-ia para Monte Santo e pediria aumento de forças.

O coronel mostrou-se de acordo com o meu modo de pensar e prometeu-me fazer o que eu havia dito.

Infelizmente, porém, chegou o dia 3; nem sequer a ordem de marcha foi alterada, — *Cunha Matos.*”

pela expedição anterior sob o comando do major Febrônio de Brito, seguiu, entretanto, a brigada, por outra desconhecida e de maior percurso. Se Antônio Conselheiro dispusesse de forças numerosas teria mandado, pelo caminho mais curto, atacar Monte Santo, bater e desbaratar totalmente a brigada pela retaguarda e flancos, bem como remover para o seu arraial as munições de boca e de guerra que havia em grande quantidade nos depósitos de Monte Santo; ou, com mais facilidade ainda, poderia ter feito tudo isso atacando a brigada pela frente quando ela retirou-se pelo mesmo caminho, em completa debandada e desordem, depois de rechaçada do assalto ao arraial de Canudos.

Como nos esforçamos para que seja a mais verdadeira possível esta nossa narrativa, convém que voltemos a Monte Santo para referir um fato, que talvez seja explorado futuramente.

Na véspera do dia fixado para a marcha, o coronel Moreira César, ignora-se por que motivo, mandou formar a brigada em ordem de marcha e assim também os comboios, como se efetivamente tivessem de marchar, e, depois de uma ligeira revista, com surpresa de todos, mandou marchar e acampar a meia légua de distância para a frente, permitindo depois aos oficiais que voltassem a Monte Santo para providenciarem sobre o transporte de bagagens ou para que estas ficassem aí guardadas: alvitre este que a maioria adotou, levando apenas a roupa indispensável.

Depois de penosa marcha por lugares ínvios e faltos de recursos, acampou a brigada sob o comando do coronel Antônio Moreira César no Rancho do Vigário, distante três e meia léguas do arraial de Canudos, a 2 de março; levantou acampamento às 5 horas da manhã de 3, tendo-se previamente decidido em conselho de oficiais que a brigada acamparia em Angico, uma e meia légua depois, para que no dia seguinte levantasse acampamento pela madrugada e fosse atacar o arraial.

Às 7 horas da manhã, depois de meia légua de marcha, entre Pitombas e Pau de Colher, foi a brigada atacada de surpresa pelos piquetes avançados do inimigo, que estavam ocultos pelos matos que marginam a estrada, sendo aí morto um soldado, ferido gravemente o alferes Poli e levado o coronel Moreira César com um bago de chumbo de caça na omo-

plata direita e mais quatro soldados. Repelido o inimigo pela ala direita do 7º Batalhão de Infantaria, sob o comando do major Cunha Matos,¹² e pela guarda avançada sob o comando do tenente Figueira do mesmo batalhão, continuou a brigada a sua marcha, tendo ficado em Pitombas médicos e farmacêuticos para o tratamento dos feridos sob a proteção do contingente do corpo de polícia.

Nas proximidades de Angico, o coronel Moreira César perguntou a um oficial que ia ao seu lado, o tenente Domingos Leite, da comissão de engenharia, “se não poderiam almoçar em Canudos”, ao que respondeu aquele oficial “que não achava conveniente por isso que Canudos distava ainda duas léguas, que as forças estavam cansadas e sem comer e que, no caso de não tomarem Canudos antes da noite, ficariam todos em má situação”.

Chegando a brigada ao Angico às 11 horas, tomou o coronel a nova resolução do ataque imediato ao arraial, para que os piquetes inimigos encontrados em Pitombas não tivessem tempo de avisar Antônio Conselheiro da aproximação da força.

Em vista dessa resolução o chefe do corpo médico solicitou do coronel as suas ordens para que fosse estabelecido o hospital de sangue e

12 Ao sair da catinga fui vitoriado por todos os camaradas e o próprio coronel Moreira César, que tão avaro era de manifestações, fui o primeiro a erguer um viva à minha humilde pessoa, apeando-se em seguida e abraçando-me.

No momento de ser abraçado disse ao ouvido do coronel que tanto me distinguiu:

– Não se engane, coronel; os jagunços fugirão, mas por tática; estão nos chamando para o arraial.

O malgrado coronel era capaz de assaltar Canudos apenas com um pelotão, magoou-se com o meu dito e respondeu-me:

– Ora, ora!

Após haver formado a ala direita em seu respectivo lugar, o coronel mandou tocar a oficiais e disse-nos:

– Meus camaradas, como todos sabem, estou visivelmente enfermo. Há muitos dias que quase não me alimento; mas Canudos está muito perto e vamos tomá-lo.

A este convite, com caráter de ordem, corresponderam quase todos os oficiais com vivas à República e ao Exército, e terminados estes reencetamos a marcha apressadamente. – *Cunha Matos*.

teve em resposta que “em Canudos providenciaria a respeito e que fossem levados para a frente os feridos no combate de Pitombas”.

A brigada, por ordem do coronel, começou a acelerar a marcha de Angico para adiante, o que foi causando certa confusão nas fileiras, abandonando a infantaria pela estrada peças do seu equipamento que, em cumprimento de ordens dadas, iam sendo recolhidas pela cavalaria, que, para isso, teve de transformar as suas cavalgaduras em cargueiros e quando já tinham sido cedidos alguns cavalos a praças de infantaria que iam sendo encontradas pelo caminho, cansadas ou doentes.

Ao passar a brigada por Umburanas, o seu comandante perguntou ao vaqueano, que o acompanhava, em que direção e a que distância estava o arraial de Canudos. O vaqueano, indicando a direção, disse que distava meia légua, e o comandante mandou dar dois tiros de canhão que provavelmente não fizeram mais do que prevenir Antônio Conselheiro da aproximação da força. Dados os dois tiros, a artilharia foi mandada para a frente e a trote prosseguiu, distanciando-se da infantaria. Ao chegar ao Alto do Maio, impropriamente chamado de Favela por alguns, de onde se devassa perfeitamente bem o arraial de Canudos a 1.200 metros, foi ameaçada de ser contornada pelo inimigo que saía do arraial em grupos. O comandante da brigada mandou tocar – infantaria, acelerado – mas a infantaria, que vinha neste passo desde Umburanas para acompanhar de mais perto possível a artilharia, passou a correr desordenadamente e chegou ao Alto do Maio arquejante e em confusão, em promiscuidade de praças de todos os corpos; felizmente, porém, a tempo de acudir a artilharia, tiroteando e se reorganizando ao mesmo tempo como foi possível na ocasião.

Calcula-se em 80 homens a força inimiga que pretendeu atacar a artilharia. A brigada sustentou nutridíssimo fogo, havendo grande desperdício de munição, e não perdeu nenhum homem morto ou ferido. Repellido o inimigo, que deixou no campo alguns mortos, a artilharia avançou e tomou posição em outra eminência denominada Fazenda Velha de Canudos, a 600 metros do arraial, e aí fez alguns tiros enquanto a infantaria descia do Alto de Maio para atravessar o rio Vaza-Barris e tomar de assalto o arraial, sem que se tivesse feito o mais ligeiro reconhecimento

das posições inimigas. Não ficou nenhuma força de apoio ou reserva, nem ao menos de proteção à artilharia. O desastre era inevitável!¹³

Descia a infantaria desordenadamente por terreno pedregoso e acidentado, caindo os soldados aqui e acolá uns sobre os outros na carreira que levavam. Aquém do rio, os cornetas tocaram carga e a infantaria precipitou-se sobre o rio, sempre debaixo de vivíssimo e certo fogo do inimigo entrincheirado nas duas igrejas, casas e depressões do terreno próximas da barranca do rio, que em alguns lugares tinha a profundidade de um metro. As forças atravessaram o rio em completa confusão, promiscuidade de oficiais e praças de todos os corpos.

Eram 2 horas da tarde.

O ataque foi simultâneo pelo centro, ponto mais forte, e pelos flancos, sendo provável que as forças atacantes se tivessem ferido mutuamente, pois que partiram de pontos opostos para o centro, não havendo mais de mil metros da direita para esquerda.

Nem todos penetraram em Canudos; a maioria da força ficou abrigada na barranca do rio e daí se destacavam os mais bravos e penetra-

13 “O desastre era inevitável!”

Em minha parte oficial a que já me referi, tive ocasião de dizer ao governo que o desastre da expedição deu-se em março porque os jagunços não quiseram que se houvesse dado antes.

Mais de uma vez tiveram eles oportunidade de nos surpreender e matar a faca!

E nem se diga que só hoje me lembro disso afirmar, pois fi-lo 12 dias antes do desastre se haver infelizmente realizado.

Com efeito, a 20 de fevereiro, quando a brigada ainda estava em Monte Santo, escrevi carta ao general Cunha Matos, residente nesta capital, na qual expunha francamente o modo por que estavam sendo levadas as operações, e então tive ocasião de dizer: a derrota é inevitável, e tanta convicção disso tenho que peço-te para tomares estas e aquelas providências (negócios domésticos).

Esta carta chegou às mãos do seu destinatário a 3 de março e este, mal impressionado com o que lhe mandei dizer, mostrou-a ao coronel Piragibe e outros amigos, sendo ainda certo que o honrado general Paula Argolo, então ministro da Guerra, teve ocasião por sua vez de ser disso informado por meu irmão.

Apelo para a palavra de s. ex^a.

A *Gazeta da Tarde* de 4 de março aconselhou por isso ao governo que suspendesse as operações. — *Cunha Matos*.

vam no arraial, expulsando os fanáticos de suas casas e incendiando estas. Não havia direção, nem mesmo entre esses bravos e ousados, que pagaram bem caro a sua temeridade, sendo mortos uns e feridos outros, entre estes o tenente Figueira, do 7º de infantaria, que foi sempre, durante a expedição, o comandante da guarda avançada. Cada um operava por si, à vontade, isoladamente. Nenhuma concentração de esforços sobre os pontos mais fortes; pouca eficácia dos tiros pelo cansaço dos soldados arquejantes e pelo modo desordenado por que atiravam, distraíndo-se muitos deles no interior das casas com os alimentos e objetos que encontravam. Não havia força de reserva e descansada para auxiliar os bravos assaltantes, que eram bem poucos, a sustentar as posições tomadas por eles.

Às 4 horas da tarde chegam o contingente do corpo policial do estado e a cavalaria, que havia ficado à retaguarda por necessidade do serviço. O coronel Moreira César foi imediatamente e só (não o acompanhava nenhum dos oficiais do seu estado-maior) levar estas duas forças ao combate pela extrema direita, onde as colocou. Ao voltar para o lugar onde estava a artilharia e donde havia saído para o aludido fim, foi ferido gravemente no ventre e conduzido para uma casa em ruínas, próxima da artilharia pelo tenente Ávila e outro oficial do seu estado-maior, com os quais se encontrara em caminho de retorno. Isto deu-se das 4h30min para as 5 horas da tarde.

O tenente Ávila não deixou mais um só momento o coronel ferido, esquecendo-se completamente dos seus deveres a cumprir junto do coronel Tamarindo, que devia substituir àquele no comando das forças, comando que efetivamente não exerceu pela impossibilidade de assumi-lo, estando como estavam as forças em completa confusão e desordem, ignorando o plano de combate e (é incrível) não se lhe tendo apresentado nem um só dos oficiais do estado-maior do comando das forças para ao menos informá-lo do que se havia passado, qual a disposição e distribuição das forças e do mais que o coronel precisasse saber.

O coronel Tamarindo, ao saber do ferimento do coronel Moreira César por um dos ajudantes, que retirou-se logo, pretendeu tomar algumas providências, auxiliado por alguns oficiais do seu batalhão, mas nada conseguiu. A desordem crescia. Anoi-teceu.

Aqueles homens, oficiais e praças, cansados, sem alimento desde as 5 horas da madrugada, molhados, estropiados, sabendo que não ha-

via ficado força de reserva para substituí-los ou protegê-los na retirada, servindo-lhes de apoio, desanimaram e retiraram-se desordenadamente, sem orientação alguma, e instintivamente foram-se aglomerando no lugar em que havia ficado a artilharia e conduzindo para aí os feridos que não podiam andar. Depois das 8 horas da noite, para se livrarem dos fogos inimigos, passaram-se todos para outra eminência mais à retaguarda, onde ficaram toda a noite em completa promiscuidade de oficiais e praças de todos os corpos, artilharia com as suas viaturas e animais atrelados, cargueiros de munições de guerra e de ambulâncias do corpo médico e animais de montaria dos oficiais. Com dificuldade se podia prestar socorro aos feridos por falta absoluta de água e luz, e eles pediam água em sentidos lamentos!

O rio estava perto, porém guardado pelo inimigo!

O som monótono dos sinos das igrejas e dos cânticos religiosos dos fanáticos, a agonia dos moribundos e os gemidos dos feridos ainda mais agravaram o desânimo dos retirantes, já exaustos de cansaço, de fome e de sede. Foram baldados todos os esforços de alguns oficiais, que, durante a noite, tentaram reorganizar os corpos; apenas se fez uma espécie de quadrado, tendo no centro a artilharia e viaturas.

Durante o resto da noite os fanáticos não tirotearam; limitaram-se às suas orações e à busca dos seus mortos e feridos, servindo-se para isto de lanternas e archotes, o que dava àquelas paragens um aspecto ainda mais tétrico, lúgubre.

Alta noite foi resolvida a retirada, e sendo esta resolução levada ao conhecimento do coronel Moreira César disse ele que *“era um ato de covardia; que devia-se dar novo assalto ao arraial, que exigia que esse seu protesto fosse registrado e que, se sobrevivesse a esse desastre, pediria a sua demissão do serviço do Exército”*.

Às 4h30min da madrugada do dia seguinte morre o coronel Moreira César, em consequência do gravíssimo ferimento que recebera no combate.

Ao clarear do dia, quando aquele bolo informe, a que se pretendeu dar o nome de quadrado, começou a mexer-se, vieram os fanáticos hostilizá-lo com seus tiros certos, que tiveram imediata e enérgica resposta da nossa infantaria e artilharia, porém improficuamente. Falta-nos a instrução do tiro que é essencial, as frequentes senão contínuas evoluções nos campos de manobra, um bom corpo de transportes e uma severa administração.

Das 6 para as 7 horas da manhã começou a retirada sem que se tivessem reorganizado os corpos. Instintivamente foram-se formando grupos, mais ou menos numerosos, ao mesmo tempo em que tomavam a estrada por onde haviam vindo.¹⁴

Com muita dificuldade e esforços alguns oficiais conseguiram dar aos doentes e feridos, que não podiam andar, os meios de transporte, cedendo-lhes até as suas próprias cavalgadas, vindo carregados em padiolas e redes feitas de cobertores, capotes, os que não podiam montar. O cadáver do coronel Moreira César vinha também em uma padiola.

A artilharia ficou fazendo alguns tiros, entretendo o inimigo, para proteger a retirada, e quando quis retirar-se não pôde por falta de força de infantaria para protegê-la nesse movimento tão difícil e perigoso em tais condições, e ainda mais, como se sabe, por ser a nossa atual artilharia de campanha excessivamente pesada, um trambolho, assim classificada na última campanha do Rio Grande do Sul, de 1892 a 1895, e ultimamente nas expedições a Canudos.

O coronel Tamarindo e muitos oficiais quiseram obstar a retirada nessas deploráveis condições, mas nada conseguiram. Os cornetas tocavam – alto, meia-volta – mas ninguém obedecia. Os fanáticos continuavam na sua atroz perseguição aos retirantes, pela retaguarda e pelos flancos, para o que tomaram a dianteira e colocaram-se de emboscada nos matos que marginam a estrada.

A artilharia foi tomada pelo inimigo com sacrifício do seu denodado comandante, o capitão Salomão.

Estabeleceu-se o pânico, o terror!

14 Fiquei de acordo com a retirada do arraial, mas não por meio do toque de corneta. Disse ao coronel que eu ficaria com o resto do 7º Batalhão protegendo a retirada das demais forças, o que após esta então o coronel mandaria o 7º Batalhão retirar. O coronel não concordou comigo a pretexto de que o resto do 7º Batalhão ficaria todo sepultado no arraial, e em ato contínuo mandou o seu corneteiro fazer o sinal de brigada retirar. Por muitas causas que estão ao alcance de qualquer guarda nacional da roça e, ainda para infelicidade nossa, porque lá não se achava o ilustrado coronel Dantas Barreto, a descida do arraial e a travessia do rio foi feita tumultuariamente e por esta ocasião fui novamente ferido levemente. – *Cunha Matos*.

O coronel Tamarindo foi atravessado por uma bala e morreu instantaneamente nas proximidades de Umburanas.

O capitão Vilarim, comandante do contingente do 16º de infantaria, aí também morreu. Outros oficiais e praças foram mortos e feridos na estrada até o Rancho do Vigário, até onde durou a perseguição atroz feita pelos fanáticos. Nessa deplorável e angustiosa retirada foram abandonados os cadáveres dos chefes e os feridos que não podiam caminhar, a muitos dos quais alguns desalmados retirantes tomaram os animais em que iam montados para se escaparem, não se lembrando esses desgraçados que assim procedendo deixavam os seus companheiros indefesos e entregues à sanha dos inimigos.

Tudo foi abandonado, até uma grande parte do próprio armamento, munições, tudo, até alguns despiram seus fardamentos!

Repugna escrever e dizer tudo quanto se deu na estrada até Monte Santo e mesmo daí até Queimadas.¹⁵

No dia 5, do meio-dia para 1 hora da tarde, chegou a Monte Santo o alferes Ato Batista, em primeiro lugar, e comunicou ao comandante da praça o que tinha se dado; “que as forças tinham sido completamente desbaratadas, abandonada a artilharia, bem como os comboios de munições, tudo, enfim; que foram mortos os coronéis Moreira César e Tamarindo e muitos oficiais e praças mortos e feridos; que o resto vinha em fuga vertiginosa e perseguido de perto pelo inimigo, que não tardaria a chegar a Monte Santo”.

O comandante da praça, coronel Sousa Meneses, em vista da notícia e dispondo apenas de 20 praças válidas, julgou que não podia resistir ao que não tinham resistido mil homens. Assim julgando, reuniu os quatro oficiais que ali estavam consigo, expôs-lhes a notícia e ficou resolvida a retirada imediata para Queimadas, sendo conduzida a metralhadora que ali havia sem a competente guarnição, grande quantidade de munição e a quantia de 70 contos que havia recebido para ocorrer as despesas e que foi recolhida à Caixa Militar logo ao chegar a Queimadas. Em Monte Santo ficou um grande depósito de gêneros alimentícios, no qual iam se fornecendo aos retirantes à proporção que chegavam. Ficou também grande quantidade de munições que não puderam ser conduzidas para

15 O informante mais exagerado calcula em 200 o número de jagunços que perseguiram os fugitivos.

Queimadas por falta de meios de transporte. Depois do alferes Ato Batista chegaram no mesmo dia a Monte Santo, às 4 horas da tarde, os capitães Franco e Olímpio, tenente Nascimento, alferes Carvalho e algumas praças; mais tarde e ainda no mesmo dia chegaram o major Cunha Matos, capitães Simões e Sales. Depois, e durante alguns dias, foram chegando outros grupos de oficiais e praças, sendo uns dos últimos a chegar os tenentes Domingos Leite e Figueira, alferes Jubal e algumas praças, entre estas o aluno Teodomiro, moço distintíssimo pela sua bravura e acrisolado patriotismo e que muitos bons serviços prestou nessa expedição.

O coronel Sousa Meneses,¹⁶ na sua viagem para Queimadas, recebeu em caminho uma participação a lápis, escrita e assinada pelo major Cunha Matos, confirmando a notícia que havia tido pelo alferes Ato Batista. Ao chegar a Queimadas, o coronel, não querendo confiar ao telégrafo a notícia do desastre e não tendo *chave* para as comunicações secretas, solicitou do comandante do distrito militar um trem especial para ir pessoalmente à capital do estado, o que obteve prontamente.

Os retirantes, ao passar por Monte Santo, muniam-se de gêneros, descansavam e seguiam para Queimadas, onde se foram reunindo e se reorganizando os corpos.

A terceira expedição teve as seguintes baixas em seu pessoal, no combate de 3, e durante a retirada: mortos, 14 oficiais e 56 praças; feridos, dez oficiais e 120 praças; extraviados, dois oficiais e 18 praças.

As quantias em dinheiro que tinham os chefes falecidos e que traziam em bolsa de couro a tiracolo não foram arrecadadas, pelo menos não foram recolhidas à Caixa Militar; informaram alguns retirantes que ao passar pelos cadáveres viram-nos com aquelas bolsas; outros informantes, sem dúvida os que passaram depois daqueles, dizem que viram os cadáveres, porém sem as referidas bolsas. É fácil concluir-se disso que os cadáveres foram despojados pelos inimigos que estavam no mato, à borda da estrada,

16 É ocasião oportuna para liquidar de vez esta questão de comunicação a lápis que dirigi ao coronel Sousa Meneses.

Eis a liquidação:

Após a nossa completa derrota no dia 4 de março, dirigi-me a pé, descalço, estropiado, enfraquecido e quase faminto, para a vila de Cumbe, e isto pela mesma estrada pela qual havia seguido para Canudos com a expedição.

à espreita, talvez pelo próprio que desfechava o tiro mortal, aproveitando-se da ocasião em que não passava nenhum dos retirantes para despojar a sua vítima. Longe de nós a ideia de que fosse algum dos retirantes o autor de tão monstruoso crime. Informam-nos que o coronel Tamarindo tinha

Ao entrar na aludida vila, 5 de março, encontrei no leito de uma de suas ruas um pedaço de papel, e como tivesse no bolso um pequeno lápis, escrevi nesse pedaço de papel um bilhete ao coronel Sousa Meneses, que havia ficado comandando a praça de Monte Santo, e nesse bilhete ligeiramente prevenia o coronel do revés por que havíamos passado, e, se bem me lembro, terminava dizendo: é provável que ataquem Monte Santo.

O bilhete a que me refiro e que mais tarde foi transformado em parte oficial de combate, mas não por mim, entreguei ao capitão Pedreira Franco, para pessoalmente entregá-lo ao seu destinatário.

O capitão Pedreira Franco, que havia conseguido uma montada, partiu imediatamente ao seu destino, mas ao chegar a Monte Santo, no mesmo dia 5, já não encontrou na praça a guarnição, que se havia retirado para Queimadas, deixando o seu comandante em poder do juiz de Direito uma ordem escrita para que todos os oficiais e praças que porventura fossem chegando se recolhessem logo a Queimadas.

O capitão Franco, não querendo demorar a entrega do bilhete, pagou um próprio e mandou-o alcançar o coronel Sousa Meneses; mas o próprio só isto conseguia no dia 6 e quando o coronel já se achava em Queimadas.

Não há ninguém, creio, por mais ingênuo que seja, que possa acreditar que nas tristes condições em que me achava, e sem as comodidades e os recursos do escritório indispensáveis, pudesse redigir uma parte oficial sobre o assalto e desastre de Canudos: mas toda a gente há de convir que ao escrever o bilhete em questão só podia ter em mente o seu autor prevenir do lutuoso acontecimento aquele a quem tocava o comando das forças após a falta dos coronéis Moreira César e Tamarindo: sendo certo que semelhante prevenção ainda tinha a vantagem de concorrer para que de Monte Santo, caso fosse possível, partissem socorros, para nós que vínhamos derrotados, feridos e perseguidos pelo inimigo.

A minha parte sobre o desastre de Canudos é longa e detalhada. Redigi-a no dia 10 de março, em Queimadas, e, no intuito de evitar o seu extravio, fui à capital do estado entregá-la pessoalmente ao honrado general João Tomás da Cantuária, então comandante do 3º Distrito Militar.

Que destino teve essa parte depois que a entreguei, não sei, nem quero saber; mas o que posso garantir é que até hoje não foi publicada.

Além desta parte, ainda redigi mais tarde um relatório sobre a enfermidade do coronel Moreira César, relatório que me foi exigido pelo ilustre general Antônio Olímpio da Silveira, então coronel de artilharia. — *Cunha Matos*.

consigo a avultada quantia de 20 contos de réis, que havia recebido para despesas e que ainda estava intacta.¹⁷

“Disseram depois na Bahia e no Rio que a gente de Antônio Conselheiro dispunha de balas explosivas. Isto nos parece história da carochinha. Atribuem os ferimentos de grande orifício e dilaceração dos tecidos às tais balas. Esses ferimentos, quantos a nós, são produzidos pelas balas das armas Comblain, bacamartes e clavinotes, principalmente destas últimas, que, além de maior diâmetro e forma esférica, têm a superfície irregular pelo modo por que são feitas – a martelo –, na falta provavelmente de baleiras para moldá-las. Vimos muitas destas balas na Bahia e em Queimadas, extraídas dos feridos. Os estalidos que se têm observado, quando algumas balas batem em árvores e em outros corpos duros, estalidos que se têm também observado no ar, nos parece que podem ter esta explicação: as balas das armas Manulicher e Kropatscheck compõem-se de dois metais, como se sabe: um, cujo nome e composição não conhecemos, que forma a parte externa (cápsula, camisa, invólucro ou outro nome que queiram dar) e o outro, o chumbo, que é o conteúdo das cápsulas. Entre estas balas encontram-se muitas que têm a camisa fraca por sua pouca espessura e outras imperfeitas por terem espessura irregular, apresentando por isso pontos menos resistentes que outros. O calor desenvolvido pela combustão da carga, resistência do ar, e principalmente pelo atrito forçado da bala, ao percorrer o cano da arma, dilata consideravelmente o chumbo, e, não podendo o metal da cápsula, pela sua rigidez, ter a dilatação proporcional à do seu conteúdo, no mesmo grau de temperatura, terá forçosamente de romper-se a cápsula, passando pela ruptura o chumbo, segundo nos parece, em estado quase que de fusão, pelas formas que toma no exterior da

17 “Não querendo mais abusar da gentileza da ilustrada redação do *Jornal do Comércio*, vou terminar esta, mas não sem que antes diga mais algumas palavras.

O malgrado coronel Tamarindo nunca possuiu 20 contos, e portanto não podia ter sido despojado dessa quantia após sua morte. Esse crime é tão fantástico como fantástico é o que foi pela imprensa imputado ao cabo Roque, praça esta que, além de ser muito valente e briosa, era um amigo dedicado do coronel Moreira César.

Eu vou explicar a questão de dinheiros.

Na véspera de sairmos de Queimadas para Monte Santo, o coronel Moreira César compareceu ao estabelecimento em que funcionava a Caixa Militar e para aí mandou chamar todos os comandantes de corpos e contingentes.

cápsula. Ora, encontrando-se uma bala assim deformada ou atravessando ela um corpo, dilacerando-o em sua passagem, é bem possível que a qualificação de explosiva os menos experientes e menos observadores.

O estalido que se nota quando alguma destas balas bate em corpo duro não poderá ter mais uma explicação? O chumbo nem sempre ocupa todo o interior da cápsula; a parte anterior desta, a parte ogival, fica

Após nosso comparecimento, o comandante da brigada perguntou ao coronel Tamarindo quanto precisava para fazer com o seu batalhão a marcha para Monte Santo. O coronel Tamarindo disse que julgava suficientes 5:000\$. Os capitães Salomão Vilarim e Franco, se não me falha a memória, pediram 4:000\$ cada um, mas chegando a minha vez, eu, que comandava o maior batalhão, respondi que não precisava de dinheiro e isto porque o batalhão ia municiado de alimentação para quatro dias e, sendo a marcha de três dias, não havia perigo de falta de alimentação.

O coronel Moreira César, em tom imperativo, disse-me que passasse recibo de 5:000\$; mas, sentando-me à mesa da pagadoria, passei recibo de 500\$ apenas e após assiná-lo dei-o ao coronel para rubricar.

Este, lendo o recibo e verificando que eu não havia cumprido a sua ordem, riu-se e disse: – “Este *seu* Cunha Matos está sempre fazendo questão de não receber dinheiros.” Convém declarar que esses 500\$ nem sequer chegaram às minhas mãos, pois, antes que me fossem entregues, chamei o alferes-quartel-mestre do 7º Batalhão e mandei que ele os recebesse e passasse recibo.

O recibo do alferes ainda hoje se acha em poder do chefe da extinta Caixa Militar, o digno sr. capitão Trinas, empregado da Contadoria-Geral da Guerra.

Mas voltemos ao coronel Tamarindo. Este coronel, na marcha para Monte Santo, despendeu algum dinheiro, pouco, com a compra de gado, mas deixou o resto dos cinco contos em Monte Santo, por ocasião de marcharmos para Canudos.

Em poder de quem ficou não me lembro, mas creio que em poder de quem podia e com quem devia ficar depositado o dinheiro, pelo fato de ser pessoa que tinha o dever de zelar pelo coronel.

Quando a 4ª expedição entrou em Favela (27 de junho) uma praça do 25º Batalhão de Infantaria encontrou dentro de um lenço amarrado à canela de um defunto a quantia de quatro contos e, como era um soldado honrado, foi entregar o dinheiro aos seus superiores.

A meu ver, essa quantia pertencia ao inditoso capitão Salomão, pois logo adiante do local em que foi achado o dinheiro foi também pelo falecido capitão Sales encontrado o dólma de pano, de Salomão, e isto presenciei com os meus próprios olhos.

Terminando, direi que, quisesse dar publicidade a muitos documentos que possuo e que são de minha exclusiva propriedade, é fácil que mais claros ficarão os horizontes. Acho, porém, que não devo fazê-lo e não faço.

vazia em extensão variável, como já tivemos ocasião de observar. Não será possível que o ar, que fica nessa parte, sendo aquecido pelas causas supraexpandidas e depois instantaneamente, bruscamente, comprimido pela percussão da bala, faça romper a cápsula que não tenha a precisa resistência? Ao governo cumpre mandar proceder a rigorosa sindicância científica e à experiência nas linhas de tiro para que fique bem elucidada esta questão de balas explosivas.”¹⁸

Eis o que foi a terceira expedição contra Canudos.

Havendo o governo mandado proceder dois inquéritos militares sobre a terceira expedição, foi o primeiro composto do general Olímpio da Silveira, tenente-coronel Luís Barbedo e capitão Alencastro, e o segundo dos coronéis Abreu Lima, Soares Woolf e Ricardo Fernandes.

Nestes dois processos foi ouvido todo o mundo, mas fez-se silêncio sobre o resultado.

O major Cunha Matos não foi ouvido sobre o caso porque estava em Canudos.

Pedi, entretanto, duas vezes, conselho de guerra e... deram-lhe de novo o comando e a organização do 7º Batalhão.

Quanto aos dignos camaradas cujos nomes declinei nesta carta, peço perdão por tê-lo feito sem prévia autorização; mas também peço licença para reptá-los a que me desmintam, caso entendam que falto à verdade.”

A começar da nota 6ª até aqui, tudo foi publicado em fins de novembro no *Jornal do Comércio*, primeira página com a assinatura do tenente-coronel R. A. da Cunha Matos. — *Cunha Matos*.

- 18 O general Artur Oscar afirmava em conversa no acampamento a existência de balas explosivas entre jagunços, avançando mais que estes possuíam pólvora ou espingardas mudas.

Não era de admirar, pois, que outros militares pensassem semelhantemente, uma vez que assim pensava o chefe.

A guerra hispano-americana trouxe a explicação da detonação das cápsulas da clavina Mauser e outras.

.....

Os jagunços em Canudos

ENQUANTO se organiza a 4ª e última expedição, vamos estudar, na convivência diária, os instintos, hábitos, governos, moral e religião dos jagunços acantonados no arraial Santo.

Temos quatro meses de descanso para isto, que é o espaço decorrido da derrota Moreira César – 3 de março – ao combate de Cocorobó – 23 de junho de 1897.

Os últimos troços de jagunços que pombearam as estradas e perseguiram até Cumbe (povoado a seis léguas de Canudos) os destroços da terceira expedição tinham voltado ao arraial com as derradeiras notícias sobre o acontecimento.

Conselheiro reunira o Sanhedrim e interrogou os maiores.

Cajaíba, um *sarará* (mulato aça), foi o primeiro arguido.

– Fale você, Cajaíba, que há tempo que o não vejo. Onde andou?

– Saberá o meu pai que há por aí uns dias que seu Abade me disse:

Cajaíba, é preciso que tu obres um feito de valia, para entrar no rol dos apóstolos de nosso pai, porque és um homem de fé e decidido. Portanto aproveita a ocasião que aí vem com o *corta-pescoço*¹⁹ e toma conta dele.

19 Era o cognome que os conselheiristas davam ao bravo coronel Moreira César.

Vai. E eu, depois de muito banzar, tive a invenção de conhecer o homem de perto e enveredei para Monte Santo. Ainda bem não tinha chegado e já estava preso. Três dias depois, porém, o coronel mandou-me buscar e esteve falando comigo.

Perguntou-me se eu seria capaz de ir a Canudos, ver se o Conselheiro tinha trincheiras e outras coisas, e depois voltar para lhe dizer.

Eu disse que era capaz e ele mandou-me saltar, ameaçando de mandar meter-me o cangaço se não fosse com vexame em Canudos e viesse contar-lhe o que lá se passava.

– Quanto quer v. para fazer esta viagem?, perguntara-lhe o coronel.

– V. ^sa me dando quatro mil réis, é quanto me basta.

O coronel mandou dar mais e ele ciscou-se.

– Assim loguinho adiante, que eu vi que a coisa era de verdade ganhei a catanga e disse:

– Pois deixa estar, meu *corta-pescoço*, que tu me hás de cair nas mãos. E tangi-me para Belo Monte, dei o dinheiro a nosso Abade e contei-lhe a notícia. Nosso Abade mandou vigiar se o dinheiro era republicano. Era. Tocou fogo na imundice e deu-me dinheiro do rei. Depois perguntou-me se eu conhecia o *corta-pescoço*. Respondi que sim. Vai, e ele então me diz: Pois você fica encarregado de arrumar uma carga de bacamarte no amaldiçoado. Não se importe com os outros. Tome conta dele e vare-o de meio a meio. Recomende a todos que apontem somente nos graúdos da tropa, que trazem riscos na manga. Foi eu ir saindo, topo com o Pajeú, a quem desmavelei o caso, e lá fomos juntos. Esperou-se, esperou-se até que os bichos apareceram, num dia, ali pelas alturas da Tapera. Eles pela estrada, e nós pelos lados. De uma feita enxerguei o coronel que ia no meio da tropa. Eu estava de longe. Pajeú, que me trazia um clavinote, quis lascar fogo, mas não lascou, porque eu disse-lhe que não tivesse vexame, esperasse.

Daí a pedacinho o graúdo botou-se adiante de todos e perdemo-lo de vista. Ele ia a cavalo pela estrada, nós a pé, pela catanga, enguiçando²⁰ lastrados de macambira; não podíamos pegá-lo.

20 *Enguiçar* significa, na gíria sertaneja, lançar-se sobre alguma cousa. *Enguiçar a vista*, isto é, levantá-la por cima de um volume, para ver alguma cousa além dele.

Conosco já desta feita ia mais gente que estava desadorada para bater fogo na tropa.

Numa volta destampeei de novo o macota, porém muito adiante. A nossa gente, escondida por trás dos tocos, deu uma descarga para o caminho.

Tiros de lá, tiros de cá, o homem voltou e quando vi foi o Pajeú meter o clavinote na cara e pipocar um tiro, que retiniu nos ares. O homem tinha sido ferido somente. Eu bem tinha dito a Pajeú que não atirasse senão com bala. Aí tivemos de fugir, porque a tropa tinha entrado pelo mato adentro. Quando chegamos a Belo Monte fomos nos meter na cova e aí eu esperei. A cova ficava abaixo da Fazendinha; tinha uma cerca na ribanceira, cheia de gretas, por onde a gente apontava. Daí a pouco, era mesmo um castigo de Deus, o coronel apareceu na descida!

E veio indo e veio indo. A guerra continuava, e já muitos dos nossos tinham ganhado a capoeira, porque a cousa estava temível. Eu não saía do buraco, caladinho, vendo a hora que eles me descobriam. Pajeú também estava lá. Dali não podíamos fugir, porque éramos logo vistos.

O homem ficou mesmo de papo para nós, como uma pomba verdadeira. Tirou uns óculos, grandes (binóculo), e segurando-o com as duas mãos, largando a rédea no pescoço do cavalo, olhou... olhou...

Eu vi tudo isto por um buraco da cerca. Pajeú também olhava. Agitei a espingarda e papoquei fogo. O homem torceu-se, deixando cair os óculos, e Pajeú *estralou fogo* no cavalo que virou logo do outro lado. Aí está o que fizemos.

Contou mais o Cajaíba que perseguiu os soldados até longe e encontrou perdidas, no meio da catinga, duas famílias, uma de Timbó, outra do Saco dos Morcegos, que vinham para Belo Monte e se esconderam com medo do fogo.

Compunha-se a primeira da velha Antônia Maria de Jesus, Alexandrina Rocha e Honorina Fiel da Rocha, neta e sobrinha daquelas.

E a segunda, de Maria Isabel, Josefa e João Segundo, pais das duas. A narração de Cajaíba foi ouvida em respeitoso silêncio.

Conselheiro cabisbaixo, tamborrilhando os dedos uns de encontro aos outros, indagou a João Abade, quando foi concluída a história:

– Quantos morreram dos nossos, desta vez?

– Muitos, meu pai, entre eles Maxi, João Tetê e Diocleciano, e de Fabrício não se sabe notícias.

– Gangorra e Cajaíba ficam agora na minha guarda, rematou Maciel.

Depois de uma pausa ordenou ao marido de Isabel:

– Conte o seu caso, Raimundinho.

O exagerado baiano começou com modéstia, foi se entusiasmando para o fim, a ponto de eletrizar o próprio monge.

– Seu Abade me mandou para as bandas de Umburanas tocar o batalhão; vai se não quando bispei os bichos que vinham emparelhados pelo caminho.

Papoquei fogo mesmo no meio, com o meu bacamarte de fama, e vi dois torcerem-se como surucucu em coivara.

Nós éramos vinte e dois. Ao ronco do meu canguçu apareceu mais gente e fechou-se o tempo!

As balas passavam assobiando por cima de nós, que nem bandos de grilos voando, e as folhas caíam a modo de jabuticaba madura.

Nós, de rastro por debaixo das soqueiras, íamos nos aproximando da tropa: quando deram fé de nós, tivemos de mergulhar por debaixo das macambiras e estourar dentro do rio, onde passamos a noite.

No dia seguinte, quando vimos a cambada com medo, caímos-lhe em riba que cheguei a ficar com o bacamarte tão quente que me queimava as mãos.

Mas nunca errou, nem negou fogo.

Ainda me lembro que, em perseguição dos fugidos, perto de Cumbe, indo beber numa cacimba, a arma caiu na água. Tirei-a fora e era tempo, porque aparecia no aceiro da estrada um soldado desgarrado. Apontei e fiz fogo quando ele corria.

Ao desaparecer a fumaça, vi o boné do cabra na ponta de um cambito. Fui ver; tinha mais de 30 furos de chumbo grosso!

Daí segui até Cumbe. Desconfiei do cabra Manuel Pequeno que tem lá uma bodega e botei-lhe os olhos em riba. Anoiteceu mas não amaneceu.

Vim-me embora. Enterrei alguns amigos que encontrei no meio da estrada e, palavra do Raimundinho, a lição desta vez foi tão bem dada que tão cedo ou nunca mais a cabroeira virá nos arremeter.

Beatinho contou a morte de Tetê, batendo-se corpo a corpo com os soldados.

João Abade descreveu o pânico da força que abandonava as espingardas no meio do caminho, que estava cheio de munição e armamento.

– Carece de se apanhá-las todas e trazê-las para a nossa gente, opinou Antônio Maciel.

– E as peças?, perguntou Abade.

– Mandê arrebentar tudo. Dê ordem para que não se tire dos mortos mais do que o armamento.

Gangorra e Lalau eram de opinião que deviam ir até Monte Santo, assaltá-los e trazer os gêneros e munição que o governo lá tivesse.

– Se nós apanharmos todos os caixões de balas e espingardas que eles deixaram, disse Manuel Quadrado, temos cartuchos e armas para nunca se acabar.

Conselheiro foi de aviso que Pajeú iria até Monte Santo pombeir os acontecimentos; Macambira, a Jeremoabo; Nicolau Mangaba, a Cambaio; André da Jiboia, a Putamuté; a fim de espionarem e donde viriam trazer notícias do que houvesse. Enviou ainda outros pela estrada de Juazeiro, Chorrochó, Jatobá, enfim em direções opostas, com a missão de engrandecer o poder divino de que se achava investido.

O capítulo não se havia ainda concluído quando, na porta do Santuário, surgiu um sussurro de vozes.

– Deixe-me entrar, seu Taramela. Pois não sabe que eu sou Isabel a redentora, imperatriz do Brasil, que não posso ser contrariada na estampa de Chico da padaria com um véu num pé só vestido de samba?²¹

E num chorrilho estonteador de desconchavos oratórios, a voz continuava e foi-se distanciando, sem parar, até tornar-se inaudível.

21 Foi presa nas catingas uma douda que se dizia chamar Isabel Princesa Redentora. Falou-se que Campelo quis mandá-la degolar, ao que se opôs o coronel Teles, havendo entre os dois animada discussão.

Era uma pobre velha douda, cadavérica, maltrapilha, que tinha a monomania da grandeza e julgava-se a imperatriz Isabel. Chegara em Canudos meio louca em companhia de uma filha moça muito pálida, e lá permaneciam à despesa da caridade pública.

Pouco depois os apóstolos foram saindo.

– Se fosse eu que seguisse para Monte Santo, sabe o que fazia, Pajeú?, opinou Beatinho.

– O que era?

– Levava comigo o Tiago, que é sujeito que engana até o Diabo.

– Pra quê?

– Pra em caso de ter de voltar deixá-lo lá, espiando o que houvesse.

– Pois vou tomar o seu conselho, Beatinho.

Depois, voltando-se para o Raimundinho Doutor, interpelou-o:

– Venha cá. V. na história que nos contou do boné chumbado, não falou no que foi feito do dono dele, o soldado?

– Não o vi mais. O que é certo é que toda carga de chumbo, embora molhada, pegou-lhe na cabeça, tanto que arrancou-lhe o boné e suspendeu-o na ponta de um galho seco.

Estavam na porta do estabelecimento de Vilanova e entraram.

Fora do balcão, um preto mina brincava com duas cobras presas num caixote agaiolado, com duas divisões.

Em uma delas havia também dois sapos cururus, hediondos e repelentes. Por sobre a cabeça de um dos cururus, o africano, nu da cintura pra cima, traçava sinais cabalísticos e passes magnéticos.

O repugnante batráquio foi erguendo o dorso e ficou pousado nos dois pés, com as mãos para o ar, à guisa de bípede, acompanhando o movimento das mãos do feiticeiro, que o tirou para fora do caixão.

Os mesmos passes, porém acompanhados pelo som de um maracá, praticou ele sobre um dos venenosos répteis que colocou em frente do sapo, e disse:

– Cobra pode com sapo, mas negro pode mais do que sapo que pode com passarinho, e pode mais do que cobra que pode com sapo.

E, continuando os movimentos por cima da cabeça do cururu, fazia-o avançar até a boca da serpente, que lambia-se de gula, sem perder de vista a presa. Fazia-o recuar depois, com todo desespero do réptil, que torcia-se de raiva sem poder mover a cabeça do lugar.

Pai Cabungá era o nome do negro, entreteve algum tempo os apóstolos, que lhe deram a beber um trago da branca. No fim, com os bigodes grisalhos úmidos de aguardente, estendeu o beíço inferior e ofereceu-o à cobra, que o mordeu e ficou dependurada.

Quando ele a fez largar, o lábio escorria sangue, e chupando então a umidade do bigode com o lábio ferido encaixotou os seus animais e lá se foi em direção à tapera da fazenda velha apoiado num mangual.

– Vai ele agora direitinho, como teju, comer a erva contra a peçonha de cobra, ajuizou Maria Pimpona, que viera assistir ao repugnante espetáculo.

Era uma mulher feita; vistosa, corpo de madona, olhos grandes; sobranceiras desfrançadas, dando um tom de abismo retinto, fundo e atraente ao olhar.

As formas de seu corpo acentuavam-se, e os seios estavam em relação à robustez esvelta e sadia de todos os seus membros. Tinha uma cabeleira invejável e a testa larga e ampla.

Quando falava, as asas do nariz batiam de um jeito engraçado e tentador.

Manuel Quadrado, que conhecia também mandingas²² contra cobra, explicou que Pai Cabungá não se importava com as mordidelas do réptil porque lhe tinha arrancado o dente venenoso. Em todo caso, chegando em casa ia tomar xarope de *meladinha*, que era a erva contra veneno.

Raimundinho teve ocasião de narrar como ele chegou a descobrir que a *cabeça-de-negro* e não a *meladinha* ou *paracari*, como se julgava, era antídoto à peçonha das serpentes.

– Ia eu, minha gente, atrás de uma lombo-preto (onça) de uma feita quando ouvi um rumor lá embaixo na grota aonde a bicha vinha beber.

22 *Mandinga*. Feitiço, *volutricas*, rezas. E usado nos sertões do Norte. Negro mandingueiro é o que faz feitiço, etc.

Botei-me para lá e descobri um teju, defronte de uma boicininha que não largava a vista dele. De repente o teju deu um pulo de lado e, *zaakte*, arrumou com o comprido rabo uma lambada decidida na cobra, que se torceu de dor. Era a cobra descuidar-se e tome lambada do teju, até que de uma vez esta cascou-lhe o dente de riço pelo lado dos vazios.

Quando ele viu-se solto desapareceu na catinga, mas daí a pouco voltou de novo para pelear.

Todas as vezes que a cobra o mordida, ele caía no mato e voltava. Enveredei-me para as bandas que ele fugia e descobri, lá adiante, o sabido animal a comer a batata do cipó cabeça-de-negro.

Tempos depois, uma cascavel picou-me, fiz xarope da erva do teju e não tive nada.

– E a onça, seu Raimundinho, matou?, indagou uma trigueira, mocetona, que se dizia no arraial ser a menina dos olhos de João Abade.

– Este é um caso importante, nhá Senhorinha.

– Olhe que o magote de gente vem da banda do Cambaio?!, interromperam com gritos os meninos.

Todos saíram ao largo e olharam para o grupo que se avizinhou; compunha-se de cinco mulheres, três homens e algumas crianças.

Era gente do Curral Novo que emigrava para Canudos.

– Oh! seu Antônio Félix, gritou Beatinho ao reconhecer o chefe da família, então sempre se decidiu?

– Já agora onde o nosso pai morrer, morremos todos, acentuou o interpretado.

A chegada dos catecúmenos foi recebida com alegria. Indicou-se-lhes uma choupana, cujo dono morrera no último combate, e se encaminharam para ela cercados de um bando de conhecidos e crianças curiosas.

O mocambo designado para os recém-vindos ficava no alto da colina lateral às igrejas, na vizinhança das moradas de Raimundinho e de Mariana, ainda inconsolável pela morte do Tetê.

Fora este o segundo homem que ela enterrara, já, e pela desventura de uns modos ainda sacudidos e frescos via-se que tinha voluptuosidade e vida para enterrar terceiro e quarto amantes.

Canudos era neste tempo uma aglomeração de cabanas e taperas edificadas sem alinhamento, nem higiene e solidez, limitando de nascente a sul pelo rio Vaza-Barris e pelo lado do norte e poente por colinas semeadas de casinholas de taipa.

O terreno é acidentado e o solo coberto de uma terra roxa e fina que palmeia o espaço quando venta.

A igreja nova estava em obras ainda. Junto às paredes grossas feitas de pedra e cal jaziam materiais diversos: madeiras, pedras, tábuas etc. Os últimos acontecimentos apressaram a construção do templo, cuja solidez devia ser também uma garantia para os moradores do arraial, em caso de novo assalto. Segundo o plano rudimentar do mestre da obra, a arquitetura seria de estilo gótico e o monumento largamente espaçoso para abrigar toda a população.

Bem que não houvesse máquinas, nem mecanismos que auxiliassem o serviço, feito unicamente a braço humano, a obra adiantava-se, aos saltos, sem interrupção de outros afazeres.

A aptidão de cada um era aplicada à construção, mediante parco salário.

Não se edificava um templo elegante, porém sólido e secular.

As pedras eram carregadas pelas mulheres e crianças, que as iam escolher nas catingas e pedregulhos, com recomendação de preferir as melhores talhadas. Vigas, cumeeiras, linhas e pilares de madeiras eram transportados de longe, nos ombros dos homens ou em arrastões puxados por bois.

A cal faziam na serra Vermelha, onde descobriram pedras calcárias que queimavam em coivaras enormes.

Quanto à areia, o rio fornecia.

Diariamente chegavam novas famílias e, como já não houvesse casa, novas palhoças foram construídas, e Canudos tinha o movimento de uma pequena vila, onde entravam e saíam diariamente comboios de gêneros e bandos de indivíduos.

Um dos melhores sítios e logradouro era da Macambira, por detrás do morro de Trabubu, na estrada de Jeremoabo.

Aí morava o famoso valentão com as três filhas e mulher que morreu queimada no incêndio do arraial, já ferida no chão da palhoça em que se abrigou.

Durante o tempo em que se desenrolaram as cenas da vida, já agora pacífica em Canudos, o sombrio Conselheiro sentia, dia a dia, o esgotamento de sua força e saúde, e como que a visão de um horizonte lúgubre, coberto de nuvens ameaçadoras, e fechava os olhos para não ver o terrível fantasma que profetizava a extinção de seu povo.

Estas alucinações mergulhavam o taciturno monge num silêncio absoluto, numa impassibilidade de catalépticos, que o fazia passar dias inteiros em jejum, só saindo à noite para o terço.

Parecia-lhe que o Senhor abandonava-o à sua própria fraqueza para experimentá-lo, e nestes momentos ele sentia-se feliz e forte para lutar contra os inimigos em favor de Deus, segundo pensava.

Depois vinha-lhe o abatimento, tornando-o insensível aos sofrimentos mundanos, como se um sonambulismo místico invadisse todo o seu ser.

A vida lhe pesava e esperava a morte, que era o Paraíso, não como um dom, mas como uma recompensa dos sofrimentos que o alquebravam. Todos notavam esta modificação no seu chefe, que já não vibrava a palavra com o fogo profético de outrora.

Como poderia ele amar e consolar, como dantes, aos seus fiéis, se o coração e o espírito elevavam-se contemplativamente aos pés de Deus?

Uma manhã, Pajeú apareceu, vindo de Monte Santo, onde deixara o seu espião Tiago, e contara que o governo estava organizando novas forças para atacar Canudos.

Conselheiro dera ordem neste dia para, à noite, transportarem-se em procissão as imagens da velha para o santuário da nova igreja. O mulhério começou a preparar-se com alegria e devoção.

As filhas do Antônio Félix, duas mulatas de carnção rija e provocadora, que traziam em alvoroço o coração da juventude do arraial, conversavam com Senhorinha, Mariana e mais algumas moças no terreiro do mocambo.

– Que bom se a gente fosse tomar banho no poço do Pau!, lembrou uma bracarana anêmica e de ar triste.

A ideia foi aceita de bom grado e o grupo encaminhou-se para o lado da estrada de Una, onde uma gameleira formidável e penumbrosa cobre o leito do Vaza-Barris.

Pelo caminho, Mariana, que ficara mais atrás com Senhorinha, perguntou maliciosamente a esta:

– Como vai seu Abade, que há muito que não o vejo?

– Pergunta bem a quem não sabe, respondeu a outra em tom de disfarce.

Mariana, porém, que na noite anterior esquecera nos braços de Lalau as saudades de Tetê e, na hora em que se recolhera à casa, vira o Abade sair da casa de Senhorinha, insistiu.

– Faze-te engraçada, minha sonsa. Então julgas que eu não sei?

– O quê, mulher!, arguiu a outra hipocritamente.

– Que seu Abade esta noite foi tão feliz como as noites passadas.

Senhorinha vexou-se.

Bem que os seus amores com o Abade fossem comentados, todavia até ali ninguém podia garantir nada, pressupunha-se somente da existência de afeição e carinhos entre os dois.

Neste momento, uma vozeria de gritos assustados e risadas levantou-se no meio do bando das moças que iam adiante.

Era o caso que o velho Jararaca, num acesso de loucura, despirasse todo, e, montado num jumento, quase arrastando os pés no chão, passeava filosoficamente pelos campos.

Divisando o grupo feminino dirigiu-se, a poder de marteladas com o calcanhar na barriga do asno, para a banda das moças, que dispararam rindo e gritando.

– O que é isto, meninas?, perguntou Mariana.

Vendo, porém, a figura felpuda e nua do espingolado louco sobre o lombo do burrico paciente e orelhudo, largou gostosa gargalhada.

Ele, entretanto, impassível e convicto, continuava a bater no animal, que nem por isto caminhava mais depressa.

Até o poço, o caso do Jararaca dera para rir e falar-se malícias.

Foram-se despindo e caindo na água, onde batiam com pés e mãos, fazendo espuma e boiando, com os quadris aparecendo à tona da água.

Tão entretidas estavam que não viram Jararaca, ainda montado na sua estranha cavalgadura, avizinhar-se das vestes que jaziam por detrás da gameleira, vestir uma saia e, colocando as outras sobre o lombo do animal, procurar seguir caminho.

O asno, porém, tinha sede e, sem atender aos seus instintos, avançou para o poço e começou a beber.

Viram as moças, então, o que tinha sucedido.

A princípio a figura do louco com uma saia e montado provocou boas risadas. Depois verificaram, com os olhos, que toda roupa delas estava servindo de forro ao assento do infeliz, e as risadas transformaram-se em apreensões graves.

Haviam de sair nuas para arrebatam das mãos do doido as roupas?

Demais, estaria ele disposto a entregá-las sem relutância?

Neste ínterim, o burrico que tinha acabado de beber deu de andar.

– Acode, gente, então havemos de ficar nuas!

– Mariana, minha negra, vai tomar os nossos vestidos, gritavam as filhas do Antônio Félix.

– Vai depressa, gente, senão ele foge.

– Vamos todos que é melhor. Uma sozinha não pode!

– Oh! eu não saio assim para o campo; pode aparecer gente...

O asno ia-se distanciando, e a situação tornava-se escabrosa, minuto a minuto.

Mariana recobrou o ânimo e disse.

– Eu vou, mas só trago a minha roupa, se puder. Quem quiser venha comigo.

Duas ou três afoitaram-se e saíram d'água, envergonhadas, vermelhas, porém rindo-se com malignidade pundonorosa.

Cercaram o cavaleiro, que não falava e queria andar.

Tentaram puxar os vestidos sobre os quais estava sentado o louco, que resistia, apertando as coxas e prendendo a trouxa com ambas as mãos,

adiante e atrás. Tiveram de desmontá-lo. Então deu-se um espetáculo original e rabelesco.

Um bando de moças nuas, de formas duras, quadris arredondados, corpos benfeitos, cabelos úmidos, a lutar com o doido, a fim de tomar os seus vestidos.

Na luta, o pano rasgava-se e a puxadora desequilibrada ia cair para trás, de pernas para o ar, com um pedaço de vestido nas mãos.

O velho louco, na fúria de defender a presa, esmagava, com apertos de mãos, seios redondos, provocando gritos de dor das suas possuidoras, arrancava-lhes molhos de cabelos no alcance dos dedos, mordida-lhes a carnação fresca, enquanto todas, como um enxame de abelhas arapuá ou sanharão, caíam sobre ele, já esmagado pelo peso de tantos corpos nus.

Tudo isto se passava no meio de gritos, risadas, gemidos.

Não havia mais ninguém n'água; todas correram para socorrer as primeiras.

Enfim, Jararaca, se torcendo como um possesso, foi submetido.

Era preciso (e foi o mais difícil) arrancar-lhe do corpo a saia que vestira. O louco dava e jogava com os pés de um modo assombroso.

Duas ou três foram rolar na areia, impelidas pelos pontapés do montador do asno.

Por fim, quando a saia estava em tiras, abandonaram-no. Ele pacificamente montou no burrico e continuou a passear, vestido com as fitas da saia que voavam em derredor do seu corpo na ocasião de ventania.

Uns dois vestidos ficaram rasgados. O que, todo estraçalhado, restava na cintura do doido pertencia à mocinha linfática que convidou as outras para o banho.

Coitada! Era o único vestido que possuía e chorava amargamente a sua perda.

As outras prometeram-lhe ajudar para comprar um corte de chita e ela mostrou-se mais consolada.

Da quase mitológica peleja entre ninfas nuas e o sátiro montado num jumento, ficara a filha mais velha de Antônio Félix, por nome Rosaura, com uma nódoa roxa no seio em virtude de um doloroso arrocho que lhe dera o doido.

Nas nádegas de Mariana via-se delineado, em vergões sanguíneos, os cinco dedos da mão de Jararaca que aí os estampara a impulso de palmada rija.

Uma moçoroca²³ de cabelo voara da cabeça de Senhorinha e, tivesse bons dentes o velho louco, que um pedaço de carne do antebraço da filha da velha Isabel, Imperatriz do Brasil, seria arrancado.

Todavia, lá estava o sinal da gengiva e a ferida de dois dentes que se encontram.

A pobre Belinha tinha medo de morrer danada, porque, diziam: a mordidela de um doido é igual à de um cão raivoso.

De todas, a mais inconsolável era a Leocádia, a bracarana, que não tinha vestido para a procissão. O dela já vimos em que estado ficou no corpo do incestuoso louco.

Coincidiam estas cenas com a palestra em casa do Vilanova, entre Pajeú, Abade, Raimundinho, Taramela e outros.

– Pois, como ia dizendo, falava Pajeú, diziam que agora vem imundície a valer.

– Demora muito?

– Conforme contaram, por todo este mês de abril.

– Já agora não devemos ter susto, prorrompeu Raimundinho. Se eles são muitos, em compensação nós temos armas e cartuchos de sobra.

– Se das outras vezes não tínhamos nada disto e demos nos batalhões do governo, quanto mais agora que já sabemos manobrar as granadeiras que tomamos deles!

– Ah! Seu Abade, interrogou o Vila Nova, o que é que se há de fazer do soldado que temos preso?

– O nosso pai disse que o fizesse acompanhar até ao Bendegó e lá soltasse-o.

– E o outro, aquele de óculos que diz ser cirurgião?

– Também. Amanhã Pajeú com cinco homens sairá daqui com eles. Nosso pai recomendou que não tocasse num só cabelo deles.

23 *Moçoroca* é o termo que substituí na linguagem dos sertanejos nortistas os vocábulos: feixe, molho, punhado, etc.

Pajeú ficou calado.

Era um negro alto, feio, mal-encarado, dado às bebidas.

Após a junção com o povo de Canudos, deixara-se de álcool, devido a uma beberagem que lhe receitara Manuel Quadrado.

– Mas voltando à vaca-fria, Pajeú, não lhe contaram por que estrada é que os batalhões vêm agora?

– Não. Parece que é por Monte Santo.

– Quem sabe, homem?! O bom é a gente botar tocaia em todas as estradas e começar a pipocar fogo na cabroeira, desde o meio do caminho.

– Sou da sua opinião, seu Raimundinho, opinou João Abade. Amanhã mesmo a gente vai reconhecer estas bibocas todas e ver um canto onde melhor se faça emboscada. Em campo raso não se pode com aqueles demônios, que são muitos. E é preciso aproveitarmos tudo. Para morrer um de nós, deve morrer dez soldados. De antemão vamos procurar onde nos esconder para esperar as imundícies.²⁴ Cada tiro deve ser cada queda, pelo menos.

Isabel Redentora, a infeliz louca, mãe de Belinha, entrou desesperada, pulando, gesticulando, pelo estabelecimento adentro.

Dirigiu-se ao Abade, numa algazarra alucinada, a dizer que a filha lhe fugiu de casa com um príncipe encantado, o que a tinha *contrariado muito, na estampa de Chico da Padaria, com um véu num pé só vestido de samba...*

Eterno estribilho de sua disparatada papagaiação.

Neste instante, as moças chegaram do banho e divulgaram o caso do Jararaca.

Foi um riso geral.

Maria Pimpona teve pena da chorosa Belinha e lhe deu um vestido dos seus.

Ela era a mais rica e faceira de Belo Monte.

Ninguém se atrevia, porém, a jogar-lhe uma insolência, com medo do Vilanova, que era o turuna do arraial, em abastança e conceito.

24 *Imundície* era o qualificativo afrontoso com que os jagunços denominaram os soldados, quer individual, quer coletivamente.

No entanto, Pimpona tinha certeza que havia outro homem, afora Vilanova, que a amava como um cão a seu dono.

Era João Abade.

O caboclo descobria-se pelo olhar e pelas maneiras humildes de escravo, quando falava com ela que o temia.

Mas nunca passara daí a situação dos dois.

João Abade esperava sempre, confiado em alguma coisa, que ela se chegasse a ele sem escândalo.

Ela sentia o olhar quente do caboclo acompanhá-la, causticando-lhe as ancas roliças quando passava-lhe por perto.

Era tal a força magnética daquele olhar sombrio e brilhante ao mesmo tempo que a fazia voltar a cabeça, disfarçadamente, quase revoltada.

Demais, a crônica do comandante dos combatentes do arraial era imoral e sanguinolenta.

Todos, menos o Conselheiro, mais ou menos a conheciam, porém não a comentavam com medo de alguma perversidade e traição do caboclo.

Ninguém ignorava que, para possuir Senhorinha, que lhe resistira, ele peitara Pai Cabungá, que, por meio de mandingas e bebidas enfeitiçadas, fez a moça ir à Fazenda Velha uma noite.

Depois, por ocasião do encontro de Uauá, assaltara a casa do velho Mota, a quem assassinara, assim como aos dois filhos e dois netos, depois de brutalizar uma filha. Contava-se que ele mandara arrasar a casa do capitão Jesuíno pelo Vicentão.

O velho Jesuíno teve de fugir para a Bahia. Outros fatos contavam-se, à surdina, sendo todos ignorados pelo Bom Jesus Conselheiro.

Pimpona sabia disto tudo, mas ignorava que Antonico, irmão de Vila Nova, sentia também por ela uma paixão monstruosa de que nunca dera demonstração.

Eram tão pobres e feias, em maior parte, as moças do arraial que não era de admirar que, sendo Pimpona uma mulher vistosa, limpa, pachola e desembolada, fosse olhada com desejos violentos pelos ferozes clavinoteiros, incluindo o seu cunhado casado.

À tardinha, o pátio das igrejas, edificadas uma defronte da outra, atufou-se de gente. Havia uma desproporção extraordinária entre mulheres e homens.

Estas seriam na razão de três para um homem, e as crianças na razão de duas. Os vestuários mais lindos saíram à luz, enfeitados de rendas, bicos e babados. Rara era a mulher que não tivesse seu guarda-sol. Era a suprema moda para aquelas inofensivas criaturas a posse de um guarda-sol.

Os xales desciam de todos os ombros e cabeças, havendo-os de diversas cores e tamanhos, a destacar-se das tintas diferentes dos vestidos de chita, de cassa e cambraia.

O tom cor-de-rosa e vermelho sobressaía daquele meio multicolor e ondeante. Os homens haviam tirado as alpargatas, e calçado as chinelas de couro, trança, charlotte ou imensos borzequins sem lustro. Traziam calças e paletós os que podiam; outros vieram mesmo em ceroula, como vulgarmente anda vestido o tabaréu, nos centros. Usavam chapéu de couro na maioria.

Nos oitões das igrejas jaziam feixes de cerne de mandacaru e facheiro, que serviriam de tochas para iluminar a procissão da transladação das imagens.

A venda ou bazar de Vilanova estava atapetada de povo, ouvindo o Raimundinho pregando maravilhosas patranhas.

Acabava ele de contar um caso que se deu com um regatão, no Amazonas, quando o Macambira interpelou-o:

– Mas você já esteve no Amazonas, Raimundinho?

Ele não titubeou na resposta:

– Eu?! Ora esta! Quase que me criei lá, a pescar pirarucu a flecha...!

– A flecha? Como? Admirou-se Lalau, que já voltara da expedição. Olhe que sou de lá e o que se pesca a flecha é tartaruga!

As mulheres quiseram que Lalau explicasse o modo de pescar tartaruga à sararaca.

– A gente agarra a flecha de ponta de ferro, enrola um crauí nela e atira para cima, calculando onde boia a tartaruga. Depois de subir, a flecha desce direitinho no casco do bicho e se enfia. Ele mergulha e o crauí da

sararaca se desenrola e fica a ponta boiando presa numa cortiça que mostra a direção do mergulho do animal e... pronto!

Todos acharam muito engenhoso este processo, e por um momento o Raimundinho foi esquecido, o que irritou o seu amor-próprio de historiador apreciável.

Lalau, porém, deu-lhe vaza, e ele aproveitou-a para subterrâ-lo.

– Mas onde é que você esteve no Amazonas, seu Raimundo?

– Em diversos pontos. Conheço o rio Branco como as palmas de minhas mãos.

– Ah! não sabia, fez o Lalau ainda duvidoso.

– Pois saiba. Ainda outro dia ia eu contando um caso que se deu comigo e uma onça, aqui mesmo, quando fomos interrompidos pela chegada do Antônio Félix e da família. Lembra-se?

– É verdade, disse Vilanova, por sinal que foi atrás da tal onça que você viu a briga do teju com a cobra.

– Isso mesmo. Pois saibam que esta história se deu no Amazonas, assim como a da onça que vou contar.

– Vamos ouvi-la, disseram.

Fecharam o círculo em redor do baiano, uns de pé encostados na parede, outros sentados em cima de caixões, Vila Nova, Pimpona e mais duas moças debruçadas pelo lado de dentro do balcão, na extremidade do qual Raimundinho sentara-se sobre uns sacos de farinha.

Nisto começou a badalar as trindades. Todos os homens descobriram-se e ajoelharam-se. A multidão que vagueava no pátio pôs o joelho em terra e orou baixinho, com os olhos fitando o céu. As badaladas do sino, que foram a princípio compassadas, amiudavam-se crescentemente como os pios dos tururis.

O sol, que se escondera por detrás da serra de Curundundum, deixara uns tons vermelhos no pico da Favela.

Bandos de maracanãs e maritacas passaram algazarrando pelos ares, e mais alto, casais de papagaios e araras viúvas, em voo ronco e pesado, sumiam-se, palestrando na sombra parda da boca da noite. Magotes de pombas silenciosamente passavam em demanda das dormidas.

Quando o sino deu a derradeira badalada todos se ergueram e saudaram-se:

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ao que responderam:

– Para sempre seja louvado tão bom Senhor, que tanto padeceu por nosso amor.

Só então Raimundinho que se fizera propositadamente de esquecido do caso, para ser rogado a contar, principiou assim:

– Pois como ia dizendo, minha gente. Eu ia no rasto da onça, rasto fresco, e avançava com jeito por mode as surpresas. Acompanhei-a até a beira dum braço do rio Branco, onde havia jacaré como tapuru em bicheira. A onça, no meu pensar, tinha atravessado o rio.

– Não é possível!, atalhou Macambira.

Raimundinho teve um ar compassivo e superior para o ignorante que o interrompera.

– Não é possível por quê?!, arguiu ele, pausadamente.

– Porque os jacarés haviam de cair sobre ela e comê-la!

– Ah! Ah!, fez o prosador com ar de superior escárnio. Escute o caso, seu Macambira, e não me atalhe.

Dizia eu que o meu pensar era que a onça tinha atravessado a nado para a outra banda do rio. Dito e feito, como vou provar.

Se eu fosse um sujeito mofino vinha-me embora para casa. Não estava porém em mim perder a ocasião e deixar o bicho fugir. Caí na água com o bacamarte na boca e dispus-me a apanhar a ribanceira do outro lado.

– Oh! Ih! Jesus!, disseram as moças apavoradas! E os jacarés?

– Não tinha bem chegado no meio do rio quando me vi cercado por três crocodilos do tamanho que nem uma sucurijuba do São Francisco.

Só a boca de cada um me cabia deitado dentro. Os dentes, porém, não me deixariam dormir em tal cama. Os danados vinham cegos, com as gargantas abertas, por cima d'água, diretos a mim.

Recomendei a alma a Deus e, nadando com os pés para me suster com a cabeça fora d'água, arranquei o bacamarte dos dentes e lasquei fogo no que estava quase a esmigalhar-me a cabeça entre as queixadas.

Ao ronco do tiro, respondeu outro ronco maior e mais terrível que abalou os ares. Julguei que fosse o eco, mas não foi.

Era a onça que estava dormindo da outra banda do rio e que, acordando assustada com o estrondo do bacamarte, largara o berro que ouvi.

Basta que lhes diga que tamanho foi o mugido da lombo-preto que chegou a fazer cair das árvores os passarinhos pousados junto dela.

Ao urro da onça, os jacarés fugiram espavoridos.

– Que milagre!, exclamou um dos ouvintes.

– Sim, foi um milagre o berro da onça, naquele momento, senão não sei o que seria de mim. Mas carece de que eu explique um caso a vossmecês. Os jacarés, que são capazes de devorar dez onças de uma dentada, têm medo delas que se pelam.

A onça conhece tanto o poder sobre eles que antes de atravessar os rios urra, e a bicharia foge para o fundo d'água agachada e medrosa.

O poder da onça sobre o jacaré é o mesmo que o da cobra sobre as rãs, jias e sapos. Ela faz com o grande lagarto d'água a mesma cousa que o Pai Cabungá faz com os seus bichos.

Mas vamos à história.

– Você que sabe tanta cousa de minha terra, atalhou o Lalau, me diga como se chama *história* lá?

– Moranduba, apressou-se a dizer Raimundinho.

Lalau convenceu-se então que o mulato já estivera no Amazonas e gostou da descoberta, porque teria ocasião de recordar-se, em conversa com ele, de seu torrão natal, donde viera como praça de linha havia 11 anos.

– Está-se vendo que você é cabra que tem furado mundo, seu Raimundinho!

Este elogio tornou ancho o apreciável baiano, que continuou:

– Ainda bem não tinha eu tomado tento do susto que experimentei com os jacarés e com o ronco da onça quando ela soltou outro urro mais valente do que o primeiro e, aparecendo, no alto da ribanceira, lançou-se n'água mesminho em direitura a mim.

– Jesus, Maria, José!, exclamaram as mulheres assustadas.

– Ora, eu só me podia servir da faca, porque o meu bacamar-te estava descarregado. Escarnei-a, portanto, e esperei. Era minha ideia mergulhar quando o bicho estivesse perto de mim e, por baixo da água, atolar-lhe a faca no peito até o cabo. Assim fiz, mas quando enfiei a faca na sombra que passara por cima de mim, achei frouxo, mole, o corpo tocado. Sai à tona e vi que a onça tinha desviado a direção e, o que ferira eu fora uma pasta de botilhões que seguia bubuiando na correnteza do rio.

Deixei-me ir à bubuia um pouco e saí d'água mais abaixo, donde voltei em caça da onça. Agora é que vão ver cousa de espantar, minha gente!

Quando vi, estava a onça olhando com atenção para dentro d'água donde saíam os olhos de um enorme jacaré que avançava para ela! Antes, porém, dele chegar em terra, a bicha tornou a entrar no rio e trouxe, arrastando pelo rabo, o bicho, que nem bulia nem resistia: estava como que enfeitado.

O caso me espantou. A lombo-preto arrastou o crocodilo até detrás de uma árvore e começou a brincar com ele, como gato antes de comer o rato.

Dava bofetadas nas queixadas do monstro, que tinha os olhos encandeados sobre os dela. Virava-o e revirava-o de papo para o ar, espremia-lhe o bucho, levantava-lhe os quartos e o jacaré besta, fascinado, achando até graça naquelas cócegas de onça, que não são para graça. Era mesmo um caso de outro mundo! Daí a pedaço parece que a onça zangou-se e meteu as garras no bucho do bicho, que só fez estremecer de dor e mais nada. Depois a onça começou a devorá-lo pelo rabo e o desgraçado do bicho a deixar, sem opor nenhuma resistência. Aquilo já me estava a fazer o sangue ferver. Tinha a arma carregada e, como o que me metia raiva era a covardia do jacaré, lasquei-lhe fogo com gosto, apontando-lhe no pé do ouvido.

Com o barulho do tiro a onça ganhou o mato e vi o jacaré então virar-se sobre si e olhar em roda. Viu-me e avançou para mim com a goela aberta que nem uma porteira. Dei um salto para um lado e o bicho foi esbarrar lá adiante, porque só corre em linha direita.

Ele voltou mais furioso ainda e lancei-me para cima de uma árvore, deixando embaixo o bacamar-te.

O jacaré ficou de tocaia muito tempo. Eu já estava danado da vida, quando vi de novo aparecer a onça. Só então o jacaré abandonou o tronco da árvore onde me esperava e se encaminhou para a onça, como uma noiva que vai para a camarinha. A onça deu-lhe ainda algumas bofetadas, virou-o, comeu-lhe uma porção do rabo ainda, depois, cobrindo-o de folhas, desapareceu no mato.

Desci da árvore e vi que o bicho bulia ainda. Apanhei meu bacamarte e saí com a ideia de voltar outro dia para matar a onça quando estivesse tragando o resto da presa.

Assim fiz. Mas qual não foi a minha admiração ao julgar, no dia seguinte, que o jacaré estivesse morto, por debaixo das folhas, e vê-lo atirar-se sobre mim com mais furor do que no dia passado!

Na carreira e susto que senti caiu-me de medo a arma, e foi sem ela que tive de me arrojar por um pau acima, até que a onça chegou e o jacaré voltou para o lugar onde ela tinha deixado, que de novo começou a devorá-lo.

Isto era pela manhã.

À tarde, quando a lombo-preto tornou a aparecer, pespeguei-lhe uma bala nos vazios, que onde estava, ficou. O jacaré ainda estava vivo, mas sem cauda, com as entranhas arrancadas para fora, o que o impedia de mover-se. Mas eu via pelos olhos que o danado me botava, que não era por seu gosto que contava vitória. Agora, seu Lalau, interrogou gloriosamente o narrador, me diga você, se são ou não verdadeiros estes casos dos jacarés com as onças?

Lalau assegurou que eram verdadeiros e sabidos por todos os corumbas do Amazonas.

Fora já começara o movimento da procissão. Acendiam-se fochos e duas ou três coivaras amareleciam o espaço, com lavaredas altas e movediças. Um andor, carregado aos ombros de donzelas vestidas de branco, apareceu no portão da igreja. Sobre ele uma formosa imagem de Nossa Senhora das Dores, que fora ofertada pela piedosa esposa do coronel J. Leitão, oscilava, com os olhos dolorosos, contemplando a amplidão estrelada.

Uma girândola de fogo do ar subiu, faiscando no espaço negro, e estourou, derramando lágrimas de fogo que vieram cair no chão.

Seguia-se a imagem de um Bom Jesus dos Passos, com o pesado madeiro aos ombros, um joelho genuflexo, deixando aparecer fora da barra da túnica, atrás, o pé nu e chagado que a multidão beijava.

Outra girândola rasgou os ares, estourou, chorou fogo, e começaram os cânticos em volta das imagens.

A procissão deu volta em roda das duas igrejas e seguiu pela estrada de Jeremoabo, ladeando o arraial, à direita, por cima da colina onde existiam as últimas choupanas, ganhou o caminho do Cambaio e voltou ao pátio donde saíra. Fora recebida pelos moradores em frente das casas a tiros de ronqueiras e fogos de artifício. Depois entrara na igreja nova e os cânticos prolongaram-se até mais tarde.

No Vila Nova o serão foi até a meia-noite, hora em que retirou-se a família do Macambira e Antônio Félix.

Dera-se no trajeto da procissão um incidente cômico e penoso. Na hora em que ela descia pelo lado do Cambaio, entrara no préstito e o acompanhara o infeliz Jararaca, montado ainda no pacientíssimo asno, com a saia de Belinha, esfrangalhada mais, se possível fora, do que ficara em consequência da luta.

Se o espetáculo de tantas luzes, mulheres e cânticos seduzia o louco, outro tanto não sucedera ao asno. Foram improfícuos todos os murros de calcanhares a fim de resolvê-lo a acompanhar a procissão. O herético animal meteu-se de novo nos campos com o seu infatigável cavaleiro sobre o lombo já dolorido, como o calcanhar do montador.

Ao primeiro canto do galo, Senhorinha, que esperava o amante, desvendava no escuro um vulto entrar na palhoça de Mariana e disse consigo – peguei-te, também, minha cachorra.

Planejou logo conhecer o novo cambondo da amiga, deixando-a numa entaladela.

A título de precisar de azeite para a candeia, dirigiu-se à choupana e chamou-a.

– Mariana. Oh! Mariana!

Ouviu um sussurro e após o silêncio.

– Quem me chama a estas horas?, falou a outra de dentro.

– Sou eu, Mariana. Careço de um pouco de azeite, e como vi luz na sua casa vim lhe pedir emprestado.

– Ah! é você, Senhorinha?! Já vou. Espera um pouquinho.

Daí a instante apareceu em cabeção com o óleo num pires, que entregou à moça.

– Você ainda não dormiu?

– Não. Estava rezando o meu terço e ia apagar a candeia quando ouvi me chamar.

– E a história do Jararaca?, lembrou Senhorinha, para prolongar a conversação. Tenho-me rido, mulher, comigo mesmo quando me recorde do caso...

– Deixa-me. Aquilo foram os nossos pecados.

– E se Tetê, Mariana, fosse vivo e quisesse ver os monoprós dos dedos do louco, hein!

– Estás doida, mulher. Pois já viram que tentação?! Vou me deitar que já passou das horas.

– Siá cachorra... segredou-lhe Senhorinha, em tom de censura amigável. Toma, morde aqui no meu dedo. Também te peguei, minha sonsa.

A outra olhou para dentro receosa, e acabou por achar graça e dizer-lhe.

– Vai esperar também o teu, que não é de azeite somente que precisa a tua candeia, é de pavio também!

Ambas despediram-se, rindo-se.

Lalau, que ouvira a conversa, indagou sobre os vergões que Jararaca fizera no corpo da amante. É provável, porém, que não visse onde eles foram feitos, porquanto ela apagara a luz.

E a noite caiu silenciosa, daí avante. O vento que soprava do sudoeste – a cruviana – trazia o hálito da decomposição dos cadáveres insepultos, dos últimos guerreiros.

.....

Atenção!

DIAS depois, aterradoras notícias chegaram de Monte Santo trazidas por Tiago. A tropa se juntava em Queimadas e nesta última vila. Rosnava-se que vinham soldados, agora, como muriçoca em tempo de verão.

Maciel reuniu o seu capítulo e destinou um homem para descer até Queimadas e estudar o caso. Havia um pardavasco com cara patibular e taciturno no arraial, pouco conhecido pelos povoados. Foi ele o designado para seguir a Queimadas. Pajeú voltaria com Tiago a Monte Santo.

Beatinho obtemperou que havia inconveniente na estada de Pajeú em Monte Santo, onde era bastante conhecido.

Outro substituiu-o e os enviados meteram-se na estrada.

Na hora da partida, João Abade lembrou-se da missão de que encarregara Pajeú, e informou-se.

– E os prisioneiros?

– Não tenha cuidado neles. Não os pude levar até o fim, porém nunca mais nos incomodarão, respondeu o terrível negro, com um riso hediondo.

Não foi muito longe do arraial que ele e seus camaradas assassinaram os dois prisioneiros e os saquearam.

Pajeú reservara para si do saque uma pequena carteira cirúrgica, porque se engraçara das lustrosas ferramentas que nela se continha e metera-a no bogó que trazia a tiracolo. Com o tempo fora perdendo e inutilizando os ferros destinados a operações ligeiras.

Os dias sucederam-se sem notícias, e uma vaga apreensão subjugava os espíritos dos mais destemidos.

O velho cacique do arraial já pouco aparecia. Em consciência ia-se sentindo amolentado, cheio de desalentos e estragos, advindo das penitências e jejuns voluntários idiossincráticos. O cérebro funcionava periodicamente, embebido a toda hora numa contemplação idiota e vaga. Nos instantes de lucidez puxava o terço e fazia a prédica, já agora espacejada.

Foi numa delas que lembrou a construção de um subterrâneo que, comunicando as duas igrejas, desembocasse na rampa do Vaza-Barris por debaixo de uma moita de jitiranas folhudas e acipoadas. Deram princípio ao trabalho, já agora só feito por mulheres, visto que os homens passavam os dias por fora, sondando o terreno.

A fé, porém, que toda aquela boa gente tinha pelo rude crente crescia à proporção de seu enclausuramento no misterioso santuário.

– Está rezando por nós, diziam os homens.

– Pede a Deus um milagre que de uma feita desgrace as imundícies, murmuravam as mulheres.

O desaparecimento periódico do Conselheiro dera lugar, entretanto, a um princípio de corrupção e indisciplina no seu povo, introduzidas pelo gênio e temperamento violentos do comandante João Abade, a quem se temia, mas não se estimava.

Começava a passar de bubuia por sobre a moral que Maciel soubera implantar no espírito de todos, no lar das famílias, cenas de desrespeito que deviam mais tarde aprofundar-se em águas salobras e lodo de libertinagem e desordem.

Assim era que Rosaura, a filha de Antônio Félix, desaparecera de casa dos pais, coincidindo a sua fuga com o sumiço de um mulato faveiro que fora ferido no encontro de Febrônio.

O caso causou espanto, porque até aquela data tinha-se visto moças raptadas virem com os raptadores, de longe, morar em Canudos, mas nunca ninguém raptou donzelas ou mulheres do arraial para fora!

Todo o mundo achava o ato dos fugitivos justificável, considerando que, se ficassem no Belo Monte, o truculento do Abade, que entendia dever ser o abade daquele enorme convento, era capaz de mandar surrá-los no largo da igreja, como fizera a Belinha, por causa do Gangorra.

Senhorinha já o tinha abandonado e fugira para as bandas da Várzea da Ema.

Pairavam assim as cousas quando chegou de Alagoinhas um novo adepto de Maciel, do qual a mulher e filhos há muito que estavam em Canudos, enquanto ele trabalhava com o dr. Canguçu na estrada de ferro. Contava que havia soldados a meter medo em Queimadas e Monte Santo e que outros batalhões vinham por Aracaju.

Sabia também que fora fuzilado em Queimadas um sujeito por suspeito de jagunço espionador.²⁵

Todos se lembraram imediatamente do pardavasco taciturno que Maciel enviara com destino até a Bahia. O padre Codesso, dono da fábrica de pólvora de Vila Nova, fora preso também.

Tais notícias encheram de apreensões os apóstolos e de terror os recém-iniciados nas doutrinas de Antônio Vicente Mendes Maciel.

Sucedeu ainda mais que, alguns dias depois, o portador de tais notícias sumiu-se com a mulher e filhos de Canudos.

Eram as primeiras deserções dos devotos e causou impressão raivosa no João Abade. Não é que a fuga daqueles lhe fizesse falta, porém é que o exemplo poderia ser repetido e a causa estaria perdida, isto é, o formidável harém que ele idealizava fazer em Canudos, depois da morte do Conselheiro, seria um deserto, um ermo, uma solidão sem mulheres, a celeste porta sem eunucos e cortesãos e odaliscas!

Neste dia procurou Maciel e narrou-lhe o caso, insinuando-se no espírito alquebrado do crédulo monomaníaco a fim de ir ao terço e pregar sobre o assunto, exortando o povo e ameaçando-o com o castigo

25 Constava em Queimadas que foi preso e morto por suspeito de ser jagunço um maníaco carrancudo, cheio de breves e rosários, do qual não foi possível arrancar uma palavra sobre Conselheiro.

E dizem que o silêncio é ouro...

eterno se abandonasse a vida do arraial pela existência pecadora no meio dos hereges.

O inculto missionário falou, mas a sua voz já não tinha a profética eloquência de outrora, que tocava ao coração dos ouvintes.

Todavia rematou com uma frase que encheu o coração dos seus fiéis de esperança e valor.

– Quando o espírito de Deus baixar sobre mim e me levar, os nossos inimigos poderão entrar na nossa igreja.

Aquelas pobres mulheres dignas de melhor sorte acreditavam que o seu Bom Jesus Conselheiro não morreria nunca, como estavam cren-tes que iriam para o Céu todas, em recompensa das privações a que se davam, em honra ao grande Pai de nós todos.

Outros espíões chegavam, descrevendo a marcha das tropas pelas duas estradas.

– De que banda é que vem mais povo?, farejava João Abade.

– Dizem que por Aracaju. O comandante deste é homem decidido e vem tocando. Já tem gente até em Jeremoabo.

– E dos outros?

– Sabe-se que anda desadorno em tudo. Quem vem vaqueando o *Batalhão Talentoso*²⁶ é o capitão Jesuíno.

– Ah! ainda ele, rosou o Abade, congestionado por um furor medonho.

É que lhe vinha à lembrança a perseguição que movera ao capitão Jagunço, como era conhecido, entre os soldados, o velho fazendeiro. O rancoroso velho nunca perdoara aos conselheiristas os desastres de que foi vítima, e oferecia-se para guiar todos às expedições a Canudos.

Dois motivos atuavam no seu espírito de sertanejo mingolas para assim proceder: o desejo de vingança e a esperança de um lucro que o governo lhe desse em recompensa dos serviços prestados aos expedicionários. Foi assim que assistiu ao fogo de Maceté, guiara a diligência de Pires Ferreira, que viu fracassar em Uauá, fora o tapejara da expedição Febrônio, que voltara do meio do caminho, acompanhara Moreira César, que viu

26 Cognome com que era conhecida entre os jagunços a expedição Savaget.

cair moribundo, fora recomendado pelo general Cantuária junto à coluna Artur Oscar e este general, por sua vez, enviou-o para a coluna Savaget, que ele encaminhava agora em direção a Canudos.

A teimosia daquele raquíptico velhote, infeliz até ali em todas as empresas contra o tabajara de Belo Monte, encolerizava João Abade.

Jesuíno era muito conhecido no arraial e ele recomendou-o aos tiros dos escopeteiros, insistentemente.

Recomendou aos atiradores de emboscada toda precisão e calma.

– Quando virem três imundícies, aconselhava o feroz cangaceiro, não atirem logo no primeiro, não. Deixem ver se eles se emparelham ou ficam um atrás do outro e, então, casquem fogo para derrubar todos os três com a mesma bala.

Chegaram novos pombadores, que instruíam os jagunços do movimento das tropas expedicionárias.

Tiago assegurava que, enquanto os batalhões estiveram em Monte Santo, fizera-se vendedor de hortaliças, frutas e ovos e andava pelo acampamento. Afreguesara-se com um *cuba* da tropa, um homem forte, barbado, de rosto redondo, que era quase o maioral.

Conversava com ele sobre Canudos engabelando-o e impingindo-lhe o gênero que tinha a vender. Vira também o macota dos batalhões.

Era moço e tinha os olhos aboticados que nem o Jararaca.

Passara pela frente da força nos tombadores de Aracati, onde tinham assassinado um pobre criador que estava destelhando a casa com medo de que fosse incendiada.²⁷

27 Este crime é mencionado como um feito heroico. O caso foi, entretanto, do seguinte modo. Na altura de Aracati, um alferes ajudante do chefe varou com um piquete a guarda da frente, adiantando-se assim de oficiais superiores e da guarda da frente! Adiante mais, o piquete deu com seis homens destelhando uma casa, e como todo paisano que naquele tempo era encontrado no caminho tinha-se como jagunço, abriram fogo nos destelhadores.

Quatro fugiram, dois foram presos, tendo um resistido como possesso, à unha, pois estavam desarmados. Bem jungido este, o chefe da varação da guarda da frente puxou a espada e atolou-a até onde pôde entrar pela região da clavícula abaixo, rasgando pulmão e intestinos do desgraçado prisioneiro, que agachou-se como uma trouxa, morto!

A tropa vinha pintando o diabo pelo caminho.

As notícias da outra coluna eram mais graves. Vinha tudo direito, andando pouco para não cansar, alegres e fartos.

Os soldados arrojavam-se até a vir de Jeremoabo a Cocorobó, a cavalo, pombeando os caminhos.

Raimundinho, que fora até além do Cocorobó, voltara agora, contando que cinco dos companheiros que espionavam a coluna foram presos.

Ele conseguira escapular, escondendo-se numa touceira de macambira.

– Amanhã eles estão aqui!, rematava o baiano semiassustado.

João Abade confabulou com Conselheiro. O pobre velho ouviu-o melancólico e indiferente a discorrer sobre as medidas a tomar.

Estava num estado de marasmo faquérico em que tantas vezes, agora, engolfava-se.

Quando Abade pediu a sua aprovação, ele ergueu os fundos olhos onde luzia mais acentuadamente a chama da loucura que o atacara na mocidade e murmurou como que alheio ao que se tinha passado:

– Seja feita a vontade de Deus.

O seu terrível comandante saiu e, pressuroso, nervoso e ríspido, iniciou uma série de medidas aparadoras do golpe que porventura viesse cair de supetão sobre os seus comandados.

Pelas estradas por onde vinham as duas colunas foram enviados 200 homens tocaidores e bons escopeteiros, praticados no manejo das armas tomadas a Moreira César.

Nesta noite o terço foi pouco concorrido e puxado por Beatinho.

Manuel Quadrado aconselhara que fizessem sair os doentes e feridos para o Várzea da Ema, prevendo o dia de amanhã.

João Abade deu esta ordem, da qual encarregou ao pabuloso Raimundinho.

Este ficou pensativo, e dirigindo-se para casa em companhia de Isabel e do filho, já com oito anos de idade, projetava o pensamento para o futuro de sua família, a quem deveras queria e amava sobre tudo na Terra.

– Em que malda vosmecê, homem?, interpelou-o a mulher, curiosa e também apreensiva pelas notícias correntes.

Ele, em voz baixa e pausadamente, descreveu a situação do arraial em face da nova expedição, maior de que todas as outras juntas. Comentou o desgosto que João Abade provocava com suas violências e devassidões; o abandono em que vivia Conselheiro e o isolamento a que se consagrava, pouco se dando com o que se passava no arraial.

– Isto assim nunca terá fim. Acaba-se uma guerra e vem outra. Escolhemos este canto ermo da Terra para vivermos em paz e na religião. Mas assim não tem acontecido. Isto inferna a gente e seria tão bom, minha velha, que passássemos o resto de nossa vida adorando a Deus e ao nosso filho, fora dos calundus dos governos...

Ambos continuaram a avançar calados e meditabundos, enquanto a escuridão baixava do firmamento sem estrelas.

Pela madrugada Raimundinho seguiu, comboiando os feridos para a Várzea, e ali pela volta de uma hora da tarde todo arraial estremeceu de terror pondo o ouvido à escuta.

Um ruído estranho, trazido a contravento, gemia monotona-mente para os lados da *capuava*²⁸ de Macambira. Não se distinguia ainda bem o que seria aquele som longínquo, que ora elevava-se como os estrondos das catadupas, ora tumultuava como um siroco subterrâneo.

Às vezes parecia um trovão muito prolongado, que fosse fugindo pela amplidão e esmorecendo nos valados.

Fazia um sol de brasa, provocador de descanso indolente à sombra de árvores em que neblinasse o povilho nebuloso de uma cascata perto.

O pipio surdino dos pássaros não toldava o silêncio, nem a grande claridade do dia.

O povaréu do arraial tinha saído aos terreiros e, sufocando angustioso e apreensivo as palpitações, escutava e perscrutava donde vinha aquele rugido singular, ameaçador e surdo. Pelas 2 horas o vento desorientou-se e o ruído lúgubre parecia avizinhar-se invisivelmente, como um monstro encantado que tentasse a invasão a Canudos. À proporção que o vento tomava rumo do sul o fragor distinguia-se com intervalos medonhos de rugidos de animal diluviano que sucumbe.

28 Roça. Situação onde há casa de moradia.

Era a artilharia que urrava, tentando a passagem de Cocorobó.
– Misericórdia, Senhor!, exclamavam as mulheres, caindo de joelhos, de mãos postas e olhos fitos na morada de Deus e dos cheios de sua graça.

O país inteiro conhece o que foi o combate de Cocorobó, o primeiro e o mais terrível que se renhiu nos sertões baianos, antes da entrada em Canudos.

Em que pese aos forjicadores de partes espalhafatosas de combates, foi este um dos mais sangrentos e medonhos e onde a bravura do soldado brasileiro andou a par do tino tático e estratégico de seus comandantes.

Foi ali que se viu a coragem fria e perigosa dos sertanejos, convictos de que defendiam o direito sagrado de sua fé, de seus bens e de sua honra, ameaçados pelo governo de seu país.

E não seria justificável esta convicção?

Foi ali que um general quarentão fez-se criança e eletrizado do entusiasmo guerreiro, que sacoleja a alma dos cadetes, arrojou-se bravo e temível, adiante de sua tropa, e, ferido, chorava e ria-se de contente pela vitória e por ter pela primeira vez derramado sangue pela República.

Foi ali que se viu na última escalada dantesca do último penhasco rolaem por ele abaixo, quando já pisavam a chapada, centenas de bravos como os anjos rebeldes rolavam do Céu pela amplidão dos espaços.

E quando o último reduto foi tomado e o fogo esmoreceu foi encontrado, suspenso numa forquilha, um *bogó*²⁹ cheio de cápsulas dentro da qual rebolava uma carteira cirúrgica vazia, com as seguintes iniciais: Dr. F. R. O.³⁰

Estava assinalada a passagem de Pajeú por ali, onde se esqueceram da carteira saqueada a um dos dois prisioneiros que assassinara na estrada de Cambaio.

29 Bolsa de couro usada no sertão, para carregar pequenos objetos. Serve também para tirar água dos poços, quando é de couro cru.

30 O cadáver do dr. Fortunato Raimundo de Oliveira nunca foi encontrado, a sua morte ficou envolvida em mistério que de todo não foi ainda desvendado.

.....

A quarta expedição

“O

2ª COLUNA

SR. DR. PRUDENTE DE MORAIS havia reassumido as suas funções de presidente da República poucos dias antes de chegar a esta capital a lutuosa nova da derrota e da morte do coronel Moreira César. A impressão foi tremenda e grande a irritação dos partidários que traçavam planos na empresa de Canudos.

“As cenas que tiveram por teatro as ruas desta capital foram vergonhas e horrores. A capital da República por dois ou três dias parecia entregue à *mazorca*. Edifícios e tipografias de jornais foram arrombados, e saqueados os haveres de seus donos à vista das autoridades superiores da polícia. Casas particulares foram assaltadas e roubadas, estando próximo ao quartel da Brigada Policial, e as alfaias e os dinheiros ali guardados levados pelos malfeitores desconhecidos.

“Um cidadão que pleiteava um processo com o órgão da imprensa do Partido Republicano Federal foi acometido por um troço de assassinos em pleno dia, em sítio de grande concorrência e morto a tiros de revólver. Outros cidadãos apontados pelo mesmo órgão foram perseguidos, ameaçados em sua vida, e conseguiram escapar graças à energia da polícia do Estado do Rio de Janeiro e à solicitude de um ilustre adversário

político dos perseguidos. A anarquia, insultada pelas designações às vindictas e à morte da imprensa jacobina, campeou as ruas.

“Foi preciso que o ministro da Justiça, o sr. Amaro Cavalcanti, cômico dos seus deveres, saísse, com risco da sua própria pessoa, a fazer o policiamento. A sua coragem cívica e a sua atitude enérgica diante dos desordeiros fizeram restabelecer a ordem e permitiram a ação do governo nas providências que impunha a gravidade da situação.

“Tratou-se de levantar o prestígio dos poderes públicos tão ousadamente afrontados pelos jagunços, sendo resolvida a partida de nova expedição e mais forte para os sertões da Bahia.

“O ministro da Guerra, que era então o general Francisco de Paula Argolo, deu o comando dessa expedição ao general Artur Oscar, tendo por auxiliares os generais João da Silva Barbosa e Cláudio do Amaral Savaget. Compunham a expedição os 14º, 16º, 25º, 27º e 30º batalhões de infantaria, além do 5º, 7º e 9º batalhões de infantaria que já se achavam em Queimadas. O general Artur Oscar chegou a essa vila em 21 de março.

“Na ordem do dia de 5 de abril deu a seguinte organização às forças do seu comando:

“A 1ª brigada composta do 7º, 14º e 30º batalhões sob o comando do coronel Joaquim Manuel de Medeiros;

“A 2ª brigada composta de 16º, 25º e 37º batalhões sob as ordens do coronel Inácio Henriques de Gouveia;

“A 3ª brigada composta do 5º regimento de artilharia de campanha, 5º e 9º batalhão de infantaria sob o comando do coronel Antônio Olímpio da Silveira;

“A 4ª brigada composta dos 12º, 31º e 33º batalhões e uma divisão de artilharia sob o comando do coronel Carlos Maria da Silva Teles;

“A 5ª brigada compunha-se dos 34º, 35º e 40º batalhões sob o comando do coronel Julião Augusto da Serra Martins;

“A 6ª brigada compunha-se do 26º e 32º batalhões e de uma divisão de artilharia sob o comando do coronel Donaciano de Araújo Pantoja.

“As seis brigadas formaram duas divisões, comandadas pelos generais Barbosa e Savaget.”

Depois de dois meses de estudos e explorações, o chefe da terceira expedição a Canudos, então estacionado em Queimadas, de acordo com o ministério e madrugados planos de tática e estratégia, resolveu lançar pelo Estado de Sergipe um terço das tropas destinadas a Canudos, dando comando geral desta ao general Cláudio Savaget, que a 22 de maio de 1897 saiu de Aracaju, acompanhando a retaguarda da segunda coluna portadora da artilharia de campanha.

Era resolução dos dois chefes expedicionários das duas colunas atacar simultaneamente, em dia convencionado, o arraial rebelde, cada um por seu lado, metendo-o entre dois fogos, convergindo ao mesmo alvo.

A vanguarda das tropas comandava-a o coronel Teles, já dezenas de léguas avante. A 7 de junho de 1897 toda a expedição Savaget achava-se reunida na vila de Jeremoabo, na Bahia, depois de longas e penosas marchas, através de sertões sem água e pastaria, sob a chuva e sobre lamaçais, descendo valados e galgando serros pedregosos.

Diga-se que a mais severa disciplina reinou no meio desse bando patriótico, devido às ordens enérgicas dos chefes, enquanto atravessava por aqueles sertões sem recursos.

O povo sertanejo, desconfiado e crendo, talvez com razão, que a passagem de um exército pelas suas terras assemelhava-se a uma devastação, teve, é provável, a primeira vez de assistir à passagem daquele, vendo-o como uma garantia a seus direitos e propriedades. Enquanto que em outros tempos todos fugiram e recolhiam-se aos matos com medo de violências, desta feita as famílias, nas vilas, nas fazendas, nos logradouros, vinham, à beira das estradas, com as mãos cheias de ofertas e os rostos cheios de tranquilidade e simpatia, mostrar aos soldados o grau de confiança que lhes mereciam.

Em Jeremoabo, depois de trocas de correspondência entre os dois chefes das colunas baianas e sergipanas, assentaram o assalto simultâneo a Canudos a 27 de junho. De Jeremoabo em diante as marchas obedeceram a preceitos de segurança e de tática porque entrara a coluna a marchar por dentro da zona perigosa.

Merece que se diga que jamais ela foi surpreendida, antes surpreendeu emboscadas de inimigos, fazendo-os sua presa.

A vanguarda era alternada diariamente pelos três coronéis comandantes das brigadas – Teles, Serra Martins e Pantoja –, abrindo sempre a marcha em distância de léguas um piquete de cavalaria comandado pelo alferes Pacheco.

Foi assim que, no dia 25, Pacheco deu sinal de inimigo na antiga fazenda de Cocorobó. Fazia então a vanguarda neste dia o coronel Julião Serra Martins, o centro o coronel Teles e a retaguarda o coronel Pantoja.

De Cocorobó a Canudos são duas léguas.

A estreiteza dos caminhos obrigava as forças a marchar a um ou dois de fundo, de sorte que da cabeça à cauda da mole movediça estendiam-se seis quilômetros.

Recebendo aviso de que os inimigos emboscados nas serras do Cocorobó tinham trocado tiros com o piquete de lanceiros, o general Savaget, em marcha no centro da coluna, avançou, chegando minutos depois da vanguarda, onde o coronel Serra Martins postou os seus soldados em linha de atiradores e tentou atravessar o campo largo e descoberto da velha fazenda.

Esta tem semelhança com um anfiteatro espaçoso, tendo por galerias e camarotes em todo o redor uma sucessão de morretes pedregosos e crivados de toda a sorte de espinhos rasteiros. A saída assim como a entrada neste pátio têm a forma afunilada. Não podem assaltá-lo 20 homens de um jato, nem tampouco dele sair grandes grupos. A saída é marginada por dois desfiladeiros sem vegetação e torneados de pedregulhos ásperos. Pelos cocurutos destas serras inacessíveis, em consequência de espinhos bravos, uma, duas ou três centenas de jagunços tocaiavam aos nossos.

O ponto escolhido por eles era supremamente difícil de ser escalado, e como todos ficassem a cavaleiro da passagem, o fazê-lo era arriscadíssimo. O general Savaget decifrou no primeiro golpe de vista que seria impossível apanhar a saída de Cocorobó por meio da linha de atiradores. Assim, tentou um movimento convergente que apanhasse os inimigos dentro do mesmo círculo em que a tática instintiva deles tinha metido a tropa legal. Esta operação foi, no entanto, irrealizável, por isso que toda a latidão em derredor dos morros possuídos pelos jagunços, era espinhosa

e sobremaneira intransitável. Os batalhões atirados para este movimento tiveram de atender a nova ordem, à vista da dificuldade da ação.

Estava marcado o dia 27 de junho para a entrada das duas colunas dentro de Canudos (depois do ataque simultâneo). Um movimento de fraqueza, de indecisão, naquela hora, era a perda, total talvez, da terceira expedição a Canudos. O general não cogitou muito em pôr em ação o movimento enérgico que salvou a situação.

Mandando avançar a brigada Carlos Teles, ordenou a carga de baioneta e cinco minutos depois, deixando-se no campo entre mortos e feridos 326 homens, a vanguarda da carga tinha saído fora do alçapão maldito.

O general Savaget fora ferido nesta gloriosa jornada e desde ali até Canudos, que são duas léguas, desde este imorredouro dia 25 de junho de 1897 até o dia 28 do mesmo, em que se juntaram as duas colunas, o expedicionário por Sergipe brigou sempre de noite e de dia, em pé de marcha, sempre valente e infatigável.

1ª COLUNA

“O general Artur Oscar ficara em Queimadas com as três brigadas do general Barbosa, concluindo os aprestos da sua marcha de junção com o general Savaget e colhendo informações sobre os jagunços e os seus recursos. Ordenou muitas prisões de pessoas que julgava suspeitas. Um padre espanhol de nome Codesso, estabelecido em Petrolina, foi esfaqueado por presunção de ser amigo de Antônio Conselheiro.

“Apesar da presença de seu general-em-chefe, a disciplina dos soldados era frouxa. As casas e sítios da vila e vizinhança sofreram depredações injustificáveis e que foram ulteriormente prejudiciais à expedição, afugentando os moradores do lugar, que podiam ser bons auxiliares.

“No dia 14 de junho principiou o movimento ofensivo contra os conselheiristas, tendo antes duas brigadas tomado posição em Maçacará e Cumbe.

“No dia 25, quando a 2ª Divisão combatia em Cocorobó, a 1ª divisão chegava ao Rosário.

“Nesse dia 27 dava-se também o combate de Angico. Na noite de 27 estava quase toda a expedição na Favela (Alto do Mário), mas sem

comboios, sem víveres e quase sem munições. A posição havia sido ocupada sob o vivo fogo dos jagunços.

“A 28 o general Artur Oscar mandou avançar sobre Canudos, travando-se vivíssimo combate em que logo foi morto o coronel Thompson Flores, feridos o major Cunha Matos e muitos oficiais. O 7º e o 9º de infantaria da brigada daquele coronel ficaram reduzidos à metade do seu efetivo.

“Por fim houve falta de munições; os comboios estavam atrasados e os soldados estavam cercados. Novo desastre parecia iminente quando o general Artur Oscar deliberou chamar em seu socorro o general Savaget.

“Este acudiu com a sua divisão, deixando as vantajosas posições tão cruamente conquistadas e salvou a 4ª expedição a Canudos.

“Por ordem do general-em-chefe, todas as forças retiraram-se para Favela para principiar o assédio irregular de Canudos.”

Havia vinte e quatro horas que a primeira coluna expedicionária batia-se tumultuariamente, dentro de uma área estreita, apertada pelo inimigo invisível e por uma coroa de morretes seminus, inacessíveis, lascados de sarjetos profundos, onde os jagunços se emboscavam. O coronel Thompson Flores, em um ímpeto de bravura e indignação, desesperado, conseguiu com a sua brigada galgar e descambar o morro que escorrega-se em declive até ao leito do *Vaza-Barris*, fosso natural, que garante por nordeste o arraial rebelde.

Seguiu-o voluntariamente o Gutierrez, no meio da oficialidade, e como toda ela e todos os soldados, impetuoso e bravo. A 200 metros abaixo da bateria, ambos caíram. Não foram os primeiros nem os últimos que sucumbiram nesta jornada louca.

Dentro de meia hora a força não pudera avançar além dos corpos dos dois valentes guerreiros, e o 7º Batalhão de Infantaria fora, pela segunda vez, extinto nas portas de Canudos. A 13 de março perdera o seu comandante, o coronel Moreira César; a 27 de junho o coronel Thompson Flores, e centenas de praças em ambos os combates. Houve ordem de retirada, e quando o major Cunha Matos, ferido duas vezes neste dia, passou, em padiola, em frente do chefe, disse:

“– General, ainda desta vez o 7º não desmentiu a sua bravura. Viva a República!”

Com a morte de Flores, ele assumira o comando do 7º, que era olhado de soslaio, em consequência dos acontecimentos de 3 de março, depois da morte de Moreira César.³¹

Enquanto isso, a bateria, que tinha sido levada para o alto do morro do Pinto, pela encosta do qual descambara a brigada Flores e fora rechaçada, estava sendo horrivelmente fuzilada.

Dezenas de oficiais e praças tinham caído ao pé dos canhões sem trincheiras, expostos, descobertos, ao fogo certo dos jagunços.

Felizmente para os outros bravos, ainda vivos, escasseara a munição: o último tiro fora disparado com as honras de um funeral, em presença dos chefes.

Depois, a artilharia do morro foi abandonada, e todos se acharam dentro do tabuleiro estreito, devassado pelos cocurutos dos serros estéreis que sitiam de longe a Favela, que os soldados denominaram de *Matadouro* mais tarde.

Mais de 10 mil vidas agitam-se e revolucionam-se numa promiscuidade de sexo, idade e de espécie dentro do pequeno espaço sulcado de regos e acidentes que formam Favela.

E tanta desordem e desorientação lembram antes o amálgama híbrido das feiras de Sorocaba e não um exército em hora de combate, às portas do inimigo, que o fuzila a compasso do alto dos serros circunpostos. Todo o acampamento teme a fome e a sede!

Atrás ficara o comboio, que não aparecia, e a última fonte por onde passara estava guarnecida de inimigos. Vinte e quatro horas de luta desalentam aos próprios vitoriosos. No abandono em que jaziam, vaiado pela morte na forma sinistra, invisível, silvante e cônica de um pedaço de alumínio, não seria exagero a invasão do pânico ao espírito de alguns.

Olhares de terror sondando o espaço, olhares de desânimo, caindo frouxos no solo, olhares de indiferença, lances de vista formidá-

31 Quando o major Cunha Matos gritou ao general Artur que se achava no alto do Maio, observando o combate, este saudou-o com o boné.

veis, amaldiçoando a existência alheia, olhos vomitando cólera em fogo e lábios mastigando insultos, raivas comprimidas pela disciplina, olhares indescritíveis de quem agoniza e morre ferido por bala a sede; burburinho de vozes que rosnam, ensaiando morder, ordens discutidas, ordens precipitadas, centenares de ordens que se não cumpriam (pois todos davam ordens), hesitações, surpresas, marchas, contramarchas, sinais de clarim a repetirem-se como canto de galo, formaturas desfeitas por animais esparramados, gritos, gemidos, relinchos, mugidos monótonos e agourentos de bois moribundos, tiros avulsos, tudo isto que assinala o princípio do pânico num exército desarmado, desenrolou-se nos dias 27 e 28 de junho de 1897, à vista da imensa mole expedicionária, que sem munição, nem víveres, cheia de pó e cansaço, sedenta e maltrapilha, acampava na Favela, depois de inauditos esforços de invadir Canudos. O estado-maior, que é, segundo Thiebalt, “depois do general-em-chefe, aquele que por sua capacidade pode causar maior bem ou por sua incapacidade fazer o maior mal num exército”, não tivera na expedição uma organização à altura do valor daquela. Demais, o chefe do Exército monopolizava para si, o que já sucedera na expedição de março, todas as responsabilidades técnicas, militares e políticas.

Seria por vaidade ou desconfiança?

A propósito, transcrevemos um trecho que não é nosso:

“O militar amigo de seu chefe não é aquele que adivinha-lhe os pensamentos para cercá-lo de agrados e carinho, que vai contar-lhe novidades, que o lisonjeia, exaltando virtudes que muitas vezes não existem, enfim removendo males e perigos que pode conjurar, no intuito de explorar o prestígio e poder do chefe em uma dada época.

“O auxiliar digno e nobre é aquele que não põe em contribuição os esforços de sua atividade, ilustrações e prática que adquiriu e conseguiu armazenar, a fim de cooperar para que seu chefe faça feliz administração; mas, é preciso que diga-lhe, com a máxima franqueza, a verdade inteira sobre os assuntos em que julgue-se com alguma competência, muito embora não agrade na ocasião, convencido do futuro reconhecimento dos serviços que prestou, evitando um desacerto.

“Não há quem não tenha o desejo de administrar bem, e assim, desde que um chefe seja criteriosamente informado, não passará

pelo dissabor de anular um ato seu ou de sustentá-lo caprichosamente; e é da pureza e veracidade das informações que depende o êxito de toda administração.

“Como é fatível o erro, precisamos de muita calma e prudência para não sermos levados muitas vezes a verdadeiros desatinos.

“A história cita-nos o caso do criado de Alexandre que todas as manhãs lembrava-lhe que era homem; e os generais romanos que voltavam dos campos de batalha cobertos de louros e glórias, *em pomposa ovação*, eram contrariados em seu trajeto pelos *litores*.

“Napoleão I deixou em seus apontamentos bons ensinamentos; dizia ele: ‘Avalia-se da capacidade militar de um general pelo critério desenvolvido na escolha do pessoal que deve constituir seu estado-maior.’

“Nesta hora próxima ao desmantelamento total da sua tropa, talvez ele pesasse a importância do seu cargo e se curvasse, por isto, à sorte, debaixo do peso de tantas culpas involuntariamente cometidas ou cometidas na boa fé de seu egoísmo.

“As provações morais que porventura padeceu, nas doze horas de assistente principal ao desmoronamento do Exército, não lhe serviram de exemplo, por isto que mais tarde continuou a monopolizar todos os afazeres e planos, sem audiência dos competentes.

“A necessidade da existência real de um estado-maior em exercício de funções independentes das do chefe era tão imprescindível que vimos depois da chegada do ministro, na Bahia, como melhorara a situação das tropas e como mais folgado ficara o chefe do Exército para agir como capitão, despreocupado de outros afazeres inerentes a profissionais.

“Junto a uma larga tenda de linho cru, erguida no fundo da covanca, o chefe passeava febril, ouvindo o sussurro ameaçador do inevitável cataclismo. Perdera o tom frívolo e as maneiras fúteis de encarar as situações. Passeava febril, com as mãos nos bolsos da calça de brim pardo, e pela curvatura da cabeça era de ver-se que os pensamentos pesavam-lhe. Vestia uma túnica azul, com um só botão de metal, apertando-a junto à gola, e no punho da túnica o sinal do chefe.

“Seus grandes olhos redondos não luziam mais o fogo-fátuo dos dias de paz, antes uma chama amarela de desespero. Diga-se, entretanto, que este não o sentia por si pessoalmente, porém pela situação de seus comandados, para a qual não encontrava uma saída honrosa. Às vezes como que ele todo vibrava-se em um ímpeto de bravura pessoal que nunca o abandonou no perigo e que o fazia o homem valente e mau comandante.”³²

Todas as suas operações até ali foram reservadas e em alguns casos misteriosas; as suas manobras militares, ronceiras, coincidiam com as manobras político-partidárias da oposição ao governo do dr. Prudente.

O ruído e os tiros continuavam dentro do cantão de guerra. Os oficiais de diversos corpos comentavam com amargura a posição a que foram impelidos. Milhares de soldados haviam-se deitado no chão poeirento, à vista dos superiores, e falava-se já em retirada. Alguns grupos tinham desertado, outros sequiosos tinham procurado a fonte e aí foram mortos.

– Senhor ajudante?

– Pronto, general.

– Mande calar estes tiros dentro do acampamento.

Pouco depois o oficial voltara. Uma criança e um sargento foram feridos por um disparo avulso de espingarda dos nossos. Através daquela enfermeira, os culpados dos homicídios, involuntários ou não, não eram castigados.

Tampouco não se investigara dos motivos de sanguinolento desastre ou assassinato. Demais, o que valia a vida de uma criança ou soldado perante a de um Exército a morrer apertado por todas as bandas pelos

32 Já de Canudos escrevíamos, como se vê, elogiando a valentia pessoal do general Artur Oscar.

A intriga derramou que negávamos esta qualidade ao jovem chefe. O que sempre nos parecia confusas eram outras, também precisas ao comandante da expedição, nunca a de ser denodado, pois vimo-lo e lhe falamos no terrível dia 18 de julho, no meio da morte, donde ele observava o fogo a peito descoberto, como um soldado. E apesar da *paixão* de que, diziam, andávamos possuído, foi esta verdade publicada em correspondência daquele tempo ao *Jornal do Comércio*.

morros, do alto dos quais os inimigos emboscados escopeteavam o comprimido e inerte?

Tão barata é a vida em campanha que não se procura sindicatizar por que se morre. O hábito de viver com a morte faz não temê-la tanto, nem pesquisar como ela exerce o seu ofício, se por vingança, se por necessidade, se em combate.

Em todo o caso, o chefe inquiriu do ajudante:

– Quem foi o culpado?

– Um cabo do 14º.

Não foram além as pesquisas. Ele continuou o seu passeio, febril, causticado pelo sol sertanejo, cru e seco, recebendo no rosto e nas vistas o pó que a multidão fazia levantar.

Em tempo nenhum, em lugar nenhum, nunca um exército viu-se tão abandonado e prestes a soçobrar, sem comida, sequioso, cansado e, especialmente, sem munição!

A luta tinha sido contra fantasmas, não se viam inimigos, ouviam-se os seus disparos avulsos, seguidos sempre de um ferimento ou morte.

– Com mil diabos! Pois havemos de morrer de braços cruzados?, resmungavam os oficiais.

– Antes uma retirada como a do Febrônio.

– Mesmo porque já nos sucedeu, na primeira carga, o mesmo que ao César.

Grupos de soldados já se tinham embrenhado nas catingas, procurando salvação. A palavra *retirada* fora pronunciada várias vezes.

Chegava por este tempo à barraca chefe um moço ruivo, espadado e cheio de pó, perguntando pelo general. Trazia notícias do deputado ao quartel-mestre-general, encarregado do comboio. Este fora cortado pelos jagunços e metido entre fogos, donde não podia sair. Tal notícia correu logo pelo Exército e a indignação nesses e terror noutros avolumaram-se de modo indisciplinar. Era a consequência da precipitação e desatinos que desde a sua organização dominaram no Exército expedicionário.

As marchas e contramarchas que se executaram dentro da zona perigosa não obedeciam a nenhum preceito tático e a falta de segurança para os corpos em jornada por sertões desconhecidos e terrenos escabrosos eram antes operações de arrojo selvagem do que movimentos de tropas disciplinadas, obedecendo a preceitos estratégicos.

Não veja-se nisto mais do que a exaltação do patriotismo casado a uma certa dose de vaidade dos chefes, nunca a ignorância profissional. Depois de três longos e custosos meses de exercício e mobilização, em Queimadas e Monte Santo, pôs-se o Exército em marcha à demanda do objetivo. Não se descrevem os múltiplos embaraços, as desordens administrativas e toda a casta de incidentes e acidentes que se deram durante os dez dias de marcha de Monte Santo pela zona perigosa. Sequioso de atacar e tomar a cidadela dos fanáticos, antes da segunda coluna que marchava por Sergipe, o responsável geral pela expedição deu de mão a todas as prevenções e artes de guerra e avançava sôfrego e impetuoso, não madrugando planos, não indagando da ordem das marchas, da posição das tropas e da segurança do comboio, fazendo a retaguarda da coluna, guarnecida por um batalhão de polícia baiana! Até a sua própria pessoa era exposta às emboscadas, imprevidentemente, com uma bravura inglória. Não lhe servia de exemplo o arrojo imprevidente de Moreira César.

E a artilharia seria abandonada no meio da viagem se o enérgico general Barbosa não protestasse contra tamanha imprudência.

Foi assim que o comboio, comandado pelo coronel e deputado Campelo, atrasou-se na última marcha, ficando uma légua à retaguarda da retaguarda das forças combatentes.

Quando na manhã de 27 de junho de 1897 o Exército alevantou o seu penúltimo acampamento, e logo adiante começou a receber as primeiras hostilidades dos jagunços, teve ordem de avançar e avançou, combatendo inimigos que não via. Era intuito, porventura, do chefe das tropas, safar por meio desta manobra os seus comandados da covanca que atravessava, para dar combate em campo largo, ou receio de qualquer demora tirar-lhe a primazia da entrada no arraial rebelde?

De onde estavam ouvia-se o ribombo da artilharia da segunda coluna, bombardeando Canudos.

Debaixo do fogo de tocaia, o Exército apressou a marcha, deixando atrás as aguadas sem piquetes e guarnição e os melhores pontos estratégicos, e acampou na estreita covanca referida no início deste artigo. A artilharia foi posta no alto do morro que descambava para o arraial, a 1.200 metros deste, devassado a olhos nus sob os nossos pés. Uma fuzilaria mortífera recebeu-a, porém, e os oficiais e praças caíam às dezenas aos pés dos canhões sem trincheiras, expostos ao fogo dos jagunços ocultos. Era impossível sustentar a posição sem trincheira. A munição escasseava. Foi neste tempo que o coronel T. Flores dava uma carga pelo morro abaixo, tentando salvar a situação. Caiu morto logo no descambar o morro.

– Só temos um tiro de artilharia!, vieram dizer ao general.

Este, com os seus ajudantes, subiu ao morro e fez disparar o último tiro, e desceu. Vamos encontrá-lo quando veio o portador comunicando a tomada do comboio.

Já não é o militar arrogante, vivo e conversador. Perdera o gênio fútil, seu companheiro da paz e da vida dos salões.

Pensava. Já era alguma cousa este exercício mental, que predis põe o espírito a planos e medidas proveitosas.

Neste tempo ouvia-se do outro lado, para as bandas do noroeste, o ribombo metódico, compassado e monótono da artilharia da segunda coluna, bombardeando o arraial. Muitos viram os seus projéteis detonarem por cima da cidadela. Distava a primeira da segunda coluna cerca de seis quilômetros.

– Chamem o comandante da cavalaria, ordenou o chefe.

Quando este apareceu teve estas ordens:

– Major, vá com um pelotão através das catingas, por minha ordem, contar a Savaget a nossa situação. Que ele nos venha socorrer.

– General, fez ver o major, nós não temos nem mais um cartucho nas patronas...

– Saqueiem as patronas dos mortos.

As ordens foram postas em execução, não sendo levada ao cabo a primeira, devido à fraqueza dos animais e às emboscadas dos jagunços.

À sua volta, o desânimo dominou sem reboços.

De novo o general enviou outros embaixadores, entre eles o moço³³ ruivo portador da notícia da tomada do comboio e um paisano por nome Mota, que foi preso em chegando à segunda coluna, por não trazer nem um só escrito que o abonasse. Com a chegada do ruivo, foi posto em liberdade. Até então o bombardeio tinha continuado, metódico, compassado, regular, indicando disciplina e ordem nos corpos da segunda coluna.

Oposta era, entretanto, a situação do chefe da expedição. A enorme aglomeração já não atendia a ordens, quando devia ter uma ação comum, era impulsionada pelo instinto de conservação, a trombeta de pânico nos exércitos.

O longo alcance dos projéteis inimigos aconselharia que os corpos formassem-se a grande distância uns dos outros, oferecendo uma linha de defesa bastante estendida. A medida, porém, era já irrealizável agora, em consequência do burburinho e da desordem dominantes. Debalde os clarins falavam.

Como combater sem munição, nada vendo, sequioso, exaurido, sujo, em terreno desconhecido? A posição era, pois, tanto mais terrível quanto o chefe não podia conhecer de modo algum a posição do inimigo, nem seus movimentos de tática instintiva, nem as operações de seus comandados que formavam um novelo turbinoso.

Os que desertaram neste dia e puderam depois retornar ao acampamento chegaram esqueléticos e cravejados de carrapatos, inúteis por mais de uma semana para o combate.

Recebendo o enviado, o general Savaget deu ordem de contra-marcha lateral.

Eram até ali bem poucos os tiros dos inimigos sobre a coluna Savaget: vendo-a, porém, fazer a manobra e cessar o canhoneio, amiudaram o tiroteio, especialmente sobre a retaguarda portadora dos doentes e comboio. À 1 hora e 40 minutos da tarde de 28 de junho de 1897, as duas colunas expedicionárias juntaram-se na Favela.

33 Chamava-se este moço Henrique José Leite e era alferes honorário que muitos bons serviços prestou na expedição.

À sua chegada, o general chefe dizia, ou por entusiasmo de ocasião, ou por ter reconhecido a pavorosa situação de que se via afinal salvo, estas frases:

– Oh! se se demorasse mais um quarto de hora fazia-me saltar os miolos!

E na noite deste mesmo dia foi salva parte do comboio pela brigada Serra Martins. O inimigo, porém, apossara-se de cerca de 300.000 cartuchos, carros de comida, espingardas etc. que lhes foram úteis mais tarde, como veremos.”

.....

Artimanhas e deserções

CANUDOS esmorece num alvoroço de pânico, com a chegada dos feridos. Nem todos que foram ao encontro das duas forças voltaram mais ao arraial; morreram alguns, vieram feridos e sãos outros, porém muitos desertaram.

Beatinho indignava-se com o procedimento dos desertores e João Abade ameaçou de flagelar os couros do primeiro que apanhasse em pé de fuga, fosse homem ou mulher.

Mas as deserções continuavam espaçadamente e, na lista dos fugitivos, incluía-se Isabel e o filho. Antes de partir para a Várzea, Raimundinho prevenira-a para abandonar Canudos à noite e ir se encontrar com ele em Lagoa Cavada.

Tinha concordado voltarem ao Marinho, onde pretendiam morrer sossegados e amando o trigoieiro piá, fruto único de seu casamento.

O desaparecimento desta família causou verdadeiro cuidado e tristeza no arraial. O engraçado e querido Raimundinho se fora embora, e nunca mais aquela boa gente ouviria, contadas por sua voz, belas histórias e narrações cheias de encanto e de entusiasmo!

O arraial, porém, ainda tinha milhares de pessoas, e com os homens que restavam cheios de fé e de raiva, porque viam as suas lavouras

e criações devastadas pelas tropas, podia resistir horrivelmente, adotando a guerra da tocaia, da surpresa e do desespero.

Antônio Maciel, cada vez mais arredio, embiocou-se no santuário, donde raras vezes o tiraram Beatinho e Taramela.

A verdade é, porém, que o velho monomaníaco sentiu-se reanimado quando, depois de três dias de combate, os atacantes não tinham ainda tomado Canudos.

Na prédica que fez ao seu povo, conseguiu infiltrar uma dose do ânimo e esperança que lhe reviviam na alma.

Chegou a designar alguns de seus homens, dirigidos por Vilanova, para diversos cantos do sertão, a fim de comprarem farinha, milho, rapadura, etc. que seriam depositados e dados por tamina aos combatentes.

Dera liberdade às mulheres para saírem do arraial, levando os filhos.

A medida, porém, não foi em absoluto tomada. As que restavam agora tinham os maridos, os pais, os filhos e os parentes em guerra aberta. Todos os dias havia tiroteio.

A sagacidade perversa de Tiago descobria diariamente manobra no sentido de dizimar as forças republicanas.

Fora ele que aconselhara a fazer uma espera na fonte e fuzilar a faxina que ia buscar água.

Durante quatro dias fez uma sanguinolenta faxina nos aguadeiros, de quem arrebatava armamento e munição, e às vezes roupa, com as quais se vestia e entrava no acampamento, onde palestrava com os supostos camaradas.

Desta sorte tudo que se passava notoriamente na Favela era sabido em Canudos.

A fome, a sede, a miséria que os jagunços sabiam imperar entre as tropas triplicavam-lhes o valor e a energia, a ponto de virem atacar a força onde acampava.

De parceriada com o Jiboia e João Abade, encheram o couro de uma vaca e colocaram no aceiro de um campo, no Rosário, onde teria de passar toda a força que viajasse entre Monte Santo e Favela. Por baixo do ventre da suposta rês, havia um furo pelo qual se metia ora um, ora outro

jagunço, para espionar todo o movimento da força que ele contava e dava sinal dela às emboscadas.

As consequências desta espionagem foram nefastas às tropas em marcha, que eram assaltadas de chofre em diversos pontos da viagem pelo mesmo magote de conselheiristas.

Quando uma força, que fora a Monte Santo buscar mantimento e que lá demorou 14 dias, voltou, veio arrebanhando pelo caminho as marombas de reses que encontrava.

Foi desta vez que os soldados descobriram a astúcia dos jagunços, pois, procurando repontar a suposta vaca para a boiada, verificaram com pasmo e susto o arcabouço do animal transformado em esconderijo!

Depressa a notícia tomou vulto, porém já tarde.

Os fanáticos desprezaram este artifício que lhes ia saindo caro. Era o caso que, em consequência da fome, os soldados saíam em bandos armados pelas catingas a matar todas as reses que encontravam. Cientes disso, abandonaram o sistema, porém, adaptaram outro. Assim, reuniam numa baixada dezenas de cabeças de gado que, vistos pelos soldados esguridos, eram potreadas para o acampamento. Os emboscadores assistiam do alto o movimento e, quando todos os campeiros improvisados desciam a baixada, derramavam sobre eles fogo violento e assassino.

Outro meio também engenhoso que eles puseram em prática foi a caçada de Mbayá.³⁴ Os jagunços cobriam-se de ramos verdes e cipós folhudos, sob os quais se agachavam. Quem quer que passasse julgaria ser aquilo uma moita fixa e imperfurável. No entanto, a moita movia-se lentamente, imperceptivelmente, e à noite roubava as armas das sentinelas sonolentas e de dia fixava-se num alto donde avistasse o acampamento e ia-o varando a bala, sem ninguém atinar donde vinha o compasso e certo projétil assassino.

34 Caçada de Mbayá é aquela em que o caçador se envolve em ramagens verdes, aparentando moitas e touceiras de arbustos para iludir homens e animais.

Os ladrões de cavalos no Norte adotam este modo artimanhoso para se chegarem aos pés dos cavalos, desapeá-los e puxá-los para fora do pasto sem que os comboieiros vigilantes percebam a manobra.

A fumaça da pólvora das Mauser e Manlicher é tão tênue e fugidia que não se percebe, a certa distância, o ponto fixo da detonação. À noite a explosão da pólvora assinala o lugar donde parte o tiro.

Mas os jagunços fingiam que atacavam o acampamento à noite, dando dez ou 12 disparos em pontos diversos, combinadamente, porque sabiam que, em resposta, os seus inimigos detonavam, a esmo e à toa, 50 mil tiros!

Crédulos que eram! Imaginavam que a munição se esgotava, como no dia 28 de junho, e preparavam-se para uma abordagem à arma branca.

Em todo caso tinham o instinto da economia, o raciocínio esperançoso da coragem sombria e cruel, a consciência de que matavam em defesa do que era seu – a sua fé religiosa, a sua terra e família!

O futuro há de dizer se a um governo humano assiste o poder de ser desumano com os seus governados antes de verificar maduramente qual o crime por que deixa-os ser punidos com o degolamento em massa.

O que ides ler, leitores, não é meu. Foi achado ao pé de um monte de cadáveres dentro de Canudos, publico tal como é o original, subdividindo em trechos sob o quais, em cada um, vem a data e um nome interrompido no primeiro trecho.

O desventurado escritor destas notas avulsas, que dizem respeito ao acampamento de Favelas, morreu após ter anotada a primeira na colocação que faço e que foi a última. Devo uma explicação por que assim pratico. O caderno em que ele escrevia já tinha as linhas todas cobertas e foi na entrecapa em branco, sem pauta, que antecede a página, que escolheu para anotar a sua derradeira reflexão de repórter junto à última expedição.

Infeliz! A morte apanhou-o no momento em que assinava o nome que não concluiu.

.....

Avulsos da guerra

“Uns combatem, outros gemem, aqui se morre, ali se mata, este se esconde e aquele saqueia os moribundos...”

“Oh! deixem-me morrer primeiro! Faltam-me forças para puxar o revólver e resistir ao saque, como resistiu o brioso tenente de engenheiros e cirurgião dr. Amaral.

Canudos, 18-7-1897.

Cisne

?

“**C**omo rugem este inferno tumultuosamente em desordem! Soldados sequiosos, esguridos, maltrapilhos, escassez d’água, fartura de porcaria, burros que se devoram o pelo, clarins que tocam a que ninguém atende, cavaleiros que passam levantando pó, resmungamento rouco de quem sucumbe à fome, respirações cansadas, gemidos pungentes, um brado ao longe, bois que mugem e morrem, mulheres de cócoras como múmias, falta de medicamento para os feridos nas malas da ambulância médica, um tiro desgarrado, uma ordem que não se cumpre, cavalos escarvando o chão, todos varados de fome, feridos esmolando o que comer, burros lambendo a crosta da terra, ar de estupor nas fisionomias lúgubres, ambulâncias cheias de conserva, vinho, água do Setz e ovos em lata! – um punhado de farinha senão eu morro! – banguês trazendo mortos e feridos com bicheiras, doentes no pó, oficiais deitados na poeira, praças ao pé, vento e sol canicular, poeira, exalação fétida, horrível, podre, dos cadáveres insepultos, animais

assombrados em esparrame no meio do povo, gritos, palavrões, ameaças, tudo sofre; a fome tortura, o calor queima, a sede abrasa, a poeira sufoca e olhos esbugalhados fitam o vácuo!

“Quem os poderá fechar no meio estonteador deste inferno tumultuariamente em desordem!

“Favela, 30-6-1897.”

.....

Combates fantásticos

“N

ÃO se pode dormir. Ora os fanáticos, a desoras, fazem tentativas fictícias, simulacros de ataques ao acampamento, que se desmancha todo em fogo desordenado e desorientado, ora um disparo casual de clavina dá origem a tiroteios de horas, em que se despedem milhares de cartuchos contra o acaso.

Como devem escarnecer de nós os ignorantes jagunços?!

Ontem, assim que escureceu, cessou o fogo. Pelas 10 horas, depois do toque de silêncio, que se muda todas as noites, uma sentinela lobrigou um vulto que se movia.

– Quem vem lá?, bradou na calada da noite.

O vulto continuou a mover-se sem responder ao apelo.

– Quem vem lá?, repetiu a praça, pondo-se em guarda.

O vulto... moita.

– Quem vem lá?, bradou com força e pânico o vigilante soldado.

– ... Moita.

Levou a clavina ao rosto e feriu fogo.

A sentinela mais próxima da linha, sem indagar por quê nem como foi disparado, lascou fogo no espaço.

A mais próxima desta que ouvira os dois disparos descarregou a clavina contra a noite escura como breu. As três amiudaram o fogo, que foi-se estendendo pela esquerda e direita e circulou o acampamento.

Fechou-se o tempo num combate renhido de homens contra o vácuo. Parecia que o mundo vinha abaixo. A artilharia despertou e começou a rugir para dentro de Canudos, que não se lobrigava.

Clarins e cornetas davam alarme. Os batalhões foram acordados, estremunhando e metidos em formaturas. Dois ou três seguiram em socorro dos combatentes, restando os outros de reserva. E os estalos crebros, as descargas, sacudiam o espaço continuamente.

Depois de uma hora de terrível tiroteio os clarins começaram a tocar – cessar fogo! O fogo não cessava, entretanto. Bandos de oficiais correram para as linhas para pessoalmente repetir a ordem – cessar fogo – aos combatentes.

Aqui cessava. O oficial corria para diante e o fogo recomeçava atrás. Enfim um dia havia de chegar que não atirasse mais. E chegou.

Chegou pela madrugada quando faltou completamente munição aos soldados.

Soube-se donde partira o primeiro tiro.

– Por que disparou a sua arma?, indagou um oficial à praça.

– Saberá v. s^a que eu vi um vulto aí, movendo-se. Perguntei três vezes quem era. Não respondeu, fiz fogo!

Foi designado um piquete para reconhecer o vulto que já não se via. Quando o piquete voltou, o oficial arguiu:

– Então, o que há?

– Não vimos senão um burro que pasta tranquilamente ali embaixo.

A barra do dia vinha rompendo e nesta noite não se dormiu, como se vê, mas tiroteou-se todo o dia, e desta vez com razão.

Favela, 8-7-1897.

*

Fomos despertados hoje, ao meio-dia, de nossa meditação e palestra pelo toque de alvorada. Alvorada ao meio-dia?!

É que se avizinhava a brigada que fora buscar mantimento. Graças, Senhor, que no fim de 14 dias vamos ter que comer!

Ah! a alvorada não significa totalmente a nossa alegria. Devíamos cantar o terço marcial. “Oh! Virgem da Conceição, Maria Imaculada, vós sois a advogada dos pecadores, etc.”

Que belo o tempo em que os soldados rezavam à noite e tinham religião que é a fé de que a vida não se acaba, nunca!

Favela, 14-7-1897.

*

Na hora da divisão dos gêneros que se acham atulhados ao sol, há uma verdadeira saturnal. Campelo pediu força para garantir o celeiro, em roda do qual foram postados soldados, formando um círculo protetor.

Só podem varar este cordão de praças com baionetas caladas os oficiais e sargentos quartéis-mestres encarregados das rações aos batalhões.

À noite este mesmo cordão de segurança de mantimentos tem ordem de não permitir grupos nas proximidades, nem entreter palestra com praças estranhas ao serviço de manutenção de posse de tamina...

Comanda este piquete um oficial que tem a suprema ventura de, no meio de tanta miséria, dormir sobre sacos de farinha, tendo por travesseiro bruacas de rapaduras.

Felizardo! Como é invejável a tua sorte.

Favela, 15-7-1897.

*

O único desejo atualmente de todos nós é atacar Canudos, enquanto temos o que comer estes dois dias. Desejo sem esperança nenhuma, porque a tropa tem-se relaxando tanto...

Favela, 15-7-1897.

*

Entre Rosário e Jueté há duas léguas. O coronel Medeiros estava em Jueté, vindo de Monte Santo, com os primeiros víveres para a tropa. Isto foi no dia 12 de julho. Em Rosário estava a brigada do coronel Gouveia, que esperava-o para garantir mais a marcha. Entre Rosário e Jueté, em trincheiras de pedras, estavam os jagunços, tocando o comboio para assaltá-lo.

O passo era conhecido como perigoso. Toda tropa que até então passasse por ali era atacada. Prevendo isto, o coronel Medeiros prudentemente pensou em fazer avisar a brigada Gouveia, que estava no Rosário, a fim de expelir os inimigos das trincheiras e ele avançar com o comboio em segurança.

Como comunicar-se com o coronel Gouveia se o caminho e a catinga estavam salpicados de jagunços? Falou aos comboieiros, prometendo boa recompensa. Eles negaram-se a fazer a travessia.

Foi então que um cabo negro, cujo nome infelizmente não conseguiu saber, ofereceu-se.

– Só quero que v. ^sa me mande dar um bom cavalo – foi o que ele pediu.

O coronel Medeiros satisfez-lhe a vontade e ele saiu. Até certa distância, uma patrulha o acompanhou.

Logo após esta voltar, ouviu-se o início de um tiroteio, que nos intervalos deixava ouvir também o estrépito de um cavalo a todo galope.

O tiroteio cessou e deixou-se de ouvir o estrépito do animal. Este tiroteio, ouvido do outro lado pelo coronel Gouveia, fê-lo compreender que o comboio tinha sido atacado e avançou para protegê-lo.

No meio da estrada o cadáver do cabo preto, com um grande talho na cabeça, por onde saíam os miolos, e o corpo crivado de balas e punhaladas, jazia.

A brigada Gouveia continuou a avançar, reuniu-se à do coronel Medeiros e ambas chegaram em paz a Canudos.

Como é simples e sublime a história deste glorioso soldado, que ainda hoje lá está insepulto no aceiro do caminho, com os braços abertos em cruz para com o corpo, um grande talho no crânio e um riso pavoroso nos lábios que se decompõem.

Rosário, 16-7-1897.

*

Ninguém ainda conseguiu pintar e colorir bem os costumes, a bravura, as artimanhas e o modo de guerrear destes bandidos acoitados em Canudos.

Em face do sistema de luta por eles adotado, a arte de guerra dos povos policiados é uma convenção nula e até fatal. Eles têm toda a probabili-

dade de ferir 100 homens, antes que um deles seja atingido por projéteis daqueles. Munidos e conhecedores atualmente do alcance das armas modernas, visão de longe e acampamento ou grupo de soldados embolados, perdendo raras vezes o alvo. Demais, escopeteiam com perícia de caçador traquejado, dormindo na pontaria o olho esquerdo, enquanto o direito, como os das aves de rapina, alcança ao longe. Criados nestes sertões estéreis, a talo de macambira, miolo de coroa-de-frade, a batata-de-umbu, frutas de catinga, mel, e nos tempos de seca a beber água das tabocas, taquaras, bambus e gravatás, tornam-se monteses como os maracajás, ágeis, lépidos e velozes como tejus.

Conhecem todas as bibocas, todas as veredas das caças e das criações, os altos, as planícies, as moitas, os descampados, os antros e as cristas penhascosas das serranias, onde os bodes fazem ginástica e os urubutingas aninham os filhotes brancos.

Pelo nascer do sol, que é a sua bússola, metem-se por dentro das catingas e carrasqueiros com o intuito de dormir a 12 léguas e mais adiante. E o sol, ao se pôr, os vê chegar ao objetivo. Têm o faro dos tatus, a vista das acauãs e o ouvido sempre alerta, semelhante aos dos habitantes primitivos dos sertões florestais. Ameaçados de todos os perigos, já não os temem e encaram a morte com o frio absoluto da indiferença. Vivendo em tal meio, adaptam-se a passar sem comer dias inteiros e por isto todos têm a segura corporal das múmias e a insensibilidade de pele de anta.

Os tipos dos jagunços, em geral negros e mestiços fulos, são, devido à existência de privações e constantes riscos por que passam, como que mumificados, dando a lembrar a figura esquelética de um feiticeiro selvagem ou de um iogue bramânico.

Conhecem pelo rastro se foi uma vaca ou um boi que veio beber na curva do rio; distinguem as pegadas dos parentes e amigos de outras, dias depois, se o tempo não apagá-las do solo.

Cito um exemplo: o velho Barbosa, vaqueiro em Aracati, uma fazenda distante sete léguas de Canudos, é um tipo de sertanejo traquejado, que conhece todas as manhas e artimanhas dos jagunços. Tem prestado inigualáveis serviços a esta, como já prestou à expedição Moreira César. Tendo acompanhado o dr. Barreto Leite de um acampamento a outro, por isso que o capataz do doutor não pudera acompanhá-lo desde o começo da

viagem, aí dormiram ambos e seguiram no dia seguinte. O lugar era pouco andado. Lá adiante o velho Barbosa parou e disse ao doutor:

– Ontem passou gente aqui e a cavalo...! E o cavalo era ruço.

– Espere...!

– Sim, ruço, e cego do olho esquerdo...!

– Ora essa! Como pode você saber tanta cousa, sem ter visto o cavalo?! Ou viu-o?!

– Não. Mas vou lhe mostrar. Vê o rastro do cavalo ainda fresco, não, *seu* doutor?

– Vejo.

– Agora note nestes pelos brancos, tremendo nas pontas dos garranchos e ramos...

– É verdade. Aí vejo.

– Pois bem, os pelos são do animal que passou. E sabe v. ^sa por que só descobre estes pelos por este lado e não pelo direito? Porque para o cavalo puxar tanto para este lado, a ponto de se arranhar nos ramos e galhos secos, é preciso que ele não veja desta banda.

Continuaram a viagem e logo adiante encontraram, descansando, o capataz do doutor que passara por eles sem vê-los e à noite.

De fato vinham num cavalo ruço e cego do olho esquerdo.

Eis aí como um homem rude, ignorante, pelo traquejo da existência quase selvagem que leva nestes sertões, tira de um fato fútil e insignificante, que passaria despercebido a qualquer outro, uma sucessão de deduções fiéis, transportando o fato a uma realidade que a lógica do civilizado nunca alcançaria.

Há admiráveis exemplos de perspicácia de sertanejos que são os jagunços de Antônio Conselheiro.

A coragem destes celerados pode-se calcular pelo arrojo que tiveram em pretender tomar a nossa artilharia, como a do major Febrônio, a cacete, com alavanca, malho e alvião. Ora saem em debandada e vão tocar os soldados nas aguadas e roça; ora em grupos que de cima dos outeiros vizinhos enfiam as linhas e o acampamento. Às vezes ensaiam como um movimento de assalto envolvente ao acampamento; outras, um homem só, ao longe, em um alto e sobre uma árvore, demora horas

a alvejar as barracas sem que as dezenas de binóculos focalizados sobre ele descubram-no. Segue um piquete para desalojá-lo; anda um, dois, três quilômetros, e o jagunço, a modo de arco-íris, conservando a mesma distância primitiva para o piquete, vai recuando e fuzilando-o. A força volta, ele avança invisível com a persistência tenaz de um besouro a bater em vidraça.

Favela, 15-7-1897.

*

É horrível ouvir-se dias inteiros a monotonia assassina de um *touk* contínuo, compassado, crebro, de Manulicher, alvejando o ponto em que a gente se abriga.

O sibilo ríspido deste projétil, por cima, através de acampamento, toma, segundo a altura e distância por onde foge, quando não se entranha em carne humana, sons diferentes. Ora o do voo de um beija-flor; ali, de uma badalada a morrer, ouvida de longe; aqui, um assobio curto, incisivo e seco; além, de um *psik* chamativo e conhecido nas ruas. E isto que começa sem ser notado, este tipo de uma impertinência de mosca de casa de barbeiro nos irrita, e nos azucrina, e acaba nos metendo um pavor estranho da morte, que se nos afigura vir com a primeira bala. Dentro em nós mesmos nos encolhemos com desejos de nos tornar infinitamente miúdos, uma formiga!

Psik! Outra! Esta parece que passou por cima de cada uma das nossas barracas.

Entretanto, lá se foi cravar na poeira do morro. Que agonia! Mil vezes eu preferia que todos os jagunços danados tiroteassem sobre nós, a ouvir o fuzil daquele maldito, de minuto a minuto, regular, obsedante e pavoroso, pipocar fogo sobre o nosso acampamento. Bendito cartucho que te queimasse, maldito!

Psik! Desta ouviu-se o baque *sui generis* que elas fazem quando se embainham em corpo mole.

Segue-se outro baque. Há rebuliço nas barracas. O que foi?

Um cavalo varado pelos vazios, um cavalo morto! Menos uma boca para comer milho. Há certo tempo para cá tomamos as rações de milho dos pobres animais, para não morrermos de fome. Sem milho e sem pasto, o pobre rocinante, baleado há pouco, morreria à fome. Se ele não

sucumbisse tão cedo, quanto havia de sofrer antes de expirar por inanição?! Bem melhor para ele. Para nós talvez não; porque, embora fosse uma boca de menos, quem sabe se não chegaremos a comer carne de cavalo! E ele não seria demais no acampamento.

Zuum! Outro tom! Nota fúnebre e tristonha de pedra arremesada por funda.

Se a gente pudesse ter a certeza de que ia morrer, daí a pouco, por uma destas malditas balas soltas por um único e infernal jagunço, quanto seria melhor, para não prolongar esta angústia, esta agonia, este tormento atroz e incalculável, matar-se!...

Oh! Bem melhor. Ao menos, fugiria de ouvir, como Jesus, as marteladas nos cravos da cruz em que foi pregado, este assobio agoureiro de ave da morte.

E é só uma de vez em quando, uma só *zak*, a bater nos panos das barracas como uma chicotada seca.

No combate, no meio das descargas loucas da luta, ouvindo-se a vaia e a pateada homicida dos assobios das balas, desaparece o medo, dando lugar ao entusiasmo e ao calor.

Perde-se toda a noção dos fatos e efeito estranhos ao cometimento. Vitorioso ou derrotado, o espírito dá-se à análise das loucuras cometidas, e carece de descanso e tranquilidade, que aqui nestes sertões, fora da família e dentro da fome, não se tem.

Não se tem porque na hora do repouso, na hora da sesta, na hora do silêncio, da boia, da alvorada, das formaturas, a toda hora, 706 vezes por dia, o zumbido funéreo e horripilante do projétil mortífero passa por cima do acampamento, por dentro das barracas, através dos corpos, como uma varejeira em busca de cadáver.

E não valem as nossas descargas, as nossas diligências, piquetes e caçadores – nada vale!

O eterno e invisível bandido como que vê todo o movimento das forças, onde se acouta para fuzilá-las com a persistência teimosa de um pêndulo. Recua, flanqueia, avança, estaciona como visão febril do espírito do mal.

A bala obedece às distâncias, mas vem sempre no tempo regular, como se o cão do fuzil se movesse à diástole sexagésima de um relógio fantástico.

Vem sempre e passa zunindo, *zum*, assoprando *fiit*, quando em um ricochete não apanha o som eólio de um pião de metal sonoro, e perde-se nos ares, cantando.

É a morte. O canto é como um *miserere* agourento.

Tik! Tak! Está tudo concluído. Matou um soldado.

É o quinto neste dia 16 de julho de 1897.

Favela, 16-7-1897.

*

Acabou-se o mantimento. A última ração foi dividida hoje, de sorte que, para tocar um taquinho de rapadura a cada um, cada uma foi partida geometricamente pelo engenheiro Campelo em 32 pedaços. Em cálculo e prosa ninguém mela este engenheiro. Calcularia quantos caroços de milho seriam precisos para, de cinco em cinco minutos, lançar um fora de uma locomotiva que, andando sem parar, na razão de dez léguas geométricas e mais três metros e meio, dois décímetros, um centímetro e nove milímetros, fosse do país dos lunáticos à Beócia ou vice-versa.

Constava que o único cálculo que errara em sua vida fora o dos caixotes de munição que lhe tomaram os jagunços quando se deixara ficar à retaguarda da coluna.

Acabou-se o mantimento!

Que espetáculo desairoso o que assisti, hoje.

No lugar onde se amontoavam as cargas de gêneros, já agora sem o piquete policiador, crianças, homens e mulheres de cócoras cata-vam no chão, esmagados por milhares de palminhas sujas, os extravasamentos e restos de gêneros perdidos nas horas do dividendo das taminas. Folhas de fumo enroladas, singas de café, grãos de milho, sementes de feijão, polvilho de sal, arroz, raspas de rapadura, tudo era catado, desco-brindo-se a terra com as unhas, à guisa de galinha ciscando monturos.

E que estupenda alegria banhava o rosto daqueles esguridos garimpeiros da miséria quando encontravam debaixo do pó pisado fragmentos de gêneros – diamantes alimentícios!?

Ah! se ao menos encontrassem em tamanha porção, como as pretas minas apanham em café entornado das sacas nas ruas de trapiches e armazéns de consignação de cereais!?...

Favela, 16-7-97.

*

Grande alvoroço no acampamento. O ataque é amanhã. Soldados fazem moqueação de carne para comer com farinha que esperam encontrar em Canudos, amanhã, depois do assalto! Os cavalos e burros que ainda não morreram à fome pastam, isto é, cochilam à soga.

Limpam-se as espingardas; e as instruções para o combate já foram publicadas.

Graças a Deus!

Favela, 17-7-97.”

*

E aqui e assim rematava-se o caderno.

.....

Desesperos

ANTES da investida ao arraial dos jagunços vejamos o que lá se passava.

Os frágeis tijupás estavam em maioria vazios pelas deserções de seus moradores. A fome batia às portas de Belo Monte, ameaçadora e feroz. Vilanova, que saíra já por duas vezes em demanda de farinha e gêneros, pouco trouxera da primeira e ainda não voltara da segunda.

O seu estabelecimento e o celeiro comum esgotaram-se.

Viviam do que um ou outro mais arrojado trazia das feiras próximas, das fazendas vizinhas. O armamento era agora superior ao número. Até as crianças tinham-se armado com as Mauser, que em feixes eram tomadas aos soldados mortos.

Espavoridos com o tiroteio, os bodes, as caças, o gado tinham-se distanciado léguas do arraial. As cuncas dos imbuzeiros, batatas silvestres, talos de macambiras, frutas silvestres, tudo já só se achava muito longe do povoado.

Comia-se farinha de bró e de miolo de xiquexique, que era tão fina depois de torrada, e leve que um pé de vento a levava.

Falava-se que Vilanova não voltava mais e mandara chamar Pimpona.

Abade não a perdeu mais de vista. A moça via-se espionada e temia. No olhar do Abade brilhava alguma cousa de sensual, alegre e cruel ao mesmo tempo, quanto a fitava. E ela tinha medo, porque sabia de quanto era ele capaz e da terrível paixão que escondia no peito, paixão ou desejo brutal de possuí-la.

Manuel Quadrado não tinha mãos a medir com os doentes, entre os quais já se contava gravemente Pajeú, Vicente Camaleão, Venceslau e Manuel Guerra.

Pai Cabungá fizera-se ajudante de enfermeiro de Quadrado. Os que morriam eram enterrados por detrás da igreja velha.

Conselheiro, tocado por Taramela, falava em mandar um grupo buscar Vilanova, que não aparecia. Dois filhos de Antônio Félix (que morrera, fora amarrado sobre um cavalo e o seu cadáver exposto, nu, por todo o acampamento) fugiram.

Tiago reconhecera o cadáver do infeliz jagunço, pois que lá se achava entre os soldados como espião.

João Abade cevava a sua luxúria agora na última filha do infeliz Antônio Félix, da qual fizera sua cambonda e caseira teúda e manteúda.

O desânimo e a corrupção já grassavam de tal sorte entre os sequazes do rei dos jagunços que o caso não causou espécie. Mas isto não fez Abade esquecer Pimpona. Era ele agora quem repartia as esmolas entre o povo faminto.

Um dia Tiago, que voltara da espionagem, disse-lhe:

– Sabe, seu João, que hoje eu ia sendo preso?

– Por quê?

– Ora, imagine que eu fiz um grande rodeio para entrar no meio dos malditos, quando avistei a Senhorinha!

– Senhorinha?!, fez o outro, admirado.

– Nhô sim. Ela vinha do Retiro para o Campo do Veado e começamos a pautear. Nisto ouvi um tropel por diante de mim e caí na capoeira.

Quem julga o senhor que eu fui encontrar quando cheguei no acampamento dos malditos? Ela, que tinha sido presa e lá estava a falar com o dono daqueles soldados que andam de lança!³⁵

Foi presa uma vistosa jagunça com o nome de Senhorinha que o coronel Teles mandou-a ir em paz, assim que desceu ferido para a Bahia.

Me cheguei para perto e lá dizia ele que ela não tivesse medo que nada de ruim lhe aconteceria.

– Pois ela que se fie e não fuja.

– Não. Este graúdo de quem falo não é dos piores. Foi nas mãos dele que caíram o Cipriano, o moleque Antônio e o pai, antes de Cocorobó, e estão vivos e soltos. Não fogem porque não querem. Posso lhe dizer que uma feita vi-o brigar com outro maioral de óculos e lápis detrás da orelha e que dá a comida aos soldados, porque este queria mandar degolar a Isabel douda.

– Foi presa, também?

– Também.

– Pois olha, Tiago, escolhe uma boa posição de onde avistastes a barraca deste senhor muito bom e lasca-lhe fogo.

Tiago não *vestiu-se de vaca* (como diziam os soldados depois que descobriram o artifício em que se ocultavam os tocaiaidores) mas vestiu-se de *mbayá* e acastelou-se num morrete calvo e vermelhaço, com três ou quatro árvores salpicadas no chapadão, que distava um quilômetro do cantão de guerra, e iniciou o terrível e execrável serviço de disparar sistemática e certamente, para o bolo da tropa descuidada, a sua homicida clavina, todos os dias, todas as noites, de espaço a espaço.

O destinado ao alcance de seu projétil, o coronel bom, que não consentia que os prisioneiros fossem barbaramente degolados, como sucedeu depois, nunca foi atingido, porém o mal e a lúgubre faxina que ele fez no acampamento pinta-a o infeliz repórter em seu antepenúltimo *Avulsos de guerra*.

35 Fugir não podia, porque, embora o Conselheiro desse ordem para deixar as mulheres sair, João Abade já tinha mandado sovar duas que foram encontradas escapulindo.

Tiago matava friamente, sem ódio, porque ele não era um cren-te, um fanatizado de Antônio Maciel. Fazia o mal para fazer mal. Se ele tivesse achado probabilidade de, na situação em que estavam as praças, matar mais jagunços do que podia assassinar tranquilamente soldados, se colocaria ao lado do governo contra os seus companheiros.

Era mau, fora sempre mau, traiçoeiro, astuto e descrente.

Matava para satisfazer o instinto, enquanto Manuel Quadrado cuidava dos feridos, empregando mezinhas que os sarassem, também por instinto de humanidade e dó que não tinha Tiago.

Uma tarde em que labutava com os seus doentes, a Pimpona procurou-o. Mostrou-lhe uma carta do Vilanova, que a estava esperando em Curral Novo.

– Já devias ter ido. Por que não fostes já?

Ela explicou então a situação em que estava.

João Abade a perseguia com intenções ruins e trazia-a debaixo das vistas, de sorte que, se ela tentasse sair para ir encontrar com Vila Nova, quem sabe o que sucederia?

Demais o Conselheiro, se soubesse onde seu desleal ex-adminis-trador estava, mandaria buscá-lo, à força. Não se podia, portanto, pedir nada a ele, o qual, se consentisse na saída dela, faria segui-la por gente para prender Vila Nova onde se encontrassem.

O velho, que a ouvia de cabeça baixa, ergueu os olhos, dizendo:

– Ah! se ele te toca, é um desgraçado.

– E depois, pai, com quem havia eu de ir?

– Com meu filho, Joaquim.

– E o senhor ficava aqui, sem nós?

– Se não morresse iria vê-lo depois.

Neste instante entrava um agonizante. Era um mocetão de 27 anos, forte, a quem um estilhaço de granada levava meio ombro.

Morria.

Pimpona fitou o moribundo, e, dando um grito lancinante, caiu de chofre.

– Pai, é Joaquim!

Cabungá, que assistira de cócoras toda a conversa dos dois, e vira a entrada do moribundo, procurou socorrê-la, levando-a depois para casa, no largo da igreja.

Quando saía, de volta, algumas mulheres que tinham sabido do caso iam consolar a pobre Maria Pimpona.

Ao lado do Santuário estava João Abade de pé, que interrogou-o.

– O que foi, Pai Cabungá?

– Nhá Pimpona que teve doença, porque Joaquim morreu.

O nome da moça pronunciado pelo velho feiticeiro, cúmplice seu na violência à Senhorinha, fê-lo estremecer. Um pensamento danado brilhou no seu cérebro de criminoso e devasso até à torpitude e infâmia.

E sem desculpar a situação lutuosa, triste e pungente em que se achava a jovem, idealizou o meio de possuí-la neste mesmo dia, à noite, quando todos dormissem, e ela mais de que todos, em consequência de uma beberagem ou manjuba suporrífica que lhe fornecesse Pai Cabungá.

Por isto enfrentou logo com a questão.

– Pai Cabungá, você tem alguma coisa daquela que deu a Senhorinha para dormir?

– Nhô sim, meu senhor, porém que se beba; não que se coma.

– Serve.

O velho africano olhou para ele com os olhinhos encovados e escuros como o abismo e deu uma risadinha.

– He! he! he!

– E o que queria você ganhar, Pai Cabungá, para dar esta mezinha logo, à boca da noite, a uma doente:

– Quem é, meu senhor?, indagou o preto, percebendo, desde o princípio, o fim da proposta.

– Você veio da casa dela agora, Pai Cabungá,

O velho deu outra risadinha.

– He! he! he!

– Dou-lhe milho, duas rapaduras e uma canada de branca... quer?

– Vamos a ver, meu senhor: he! he! he!, aceitou ele, dando a incolor risadinha.

– Olhe que o espero aqui, à noite.

– Pode esperar, meu senhor. Se o negro não faz é que não pode. Vamos a ver.

E encaminhou-se para o hospital, quenzo sobre a maguara.

Narrou tudo a Manuel Quadrado, que a princípio teve ímpetos de ir assassinar, onde encontrasse, o miserável. Porém já velho, alquebrado pela dor resultante da morte do filho, sentiu-se esmorecido e sentou-se bambo de angústia para não cair.

A reflexão voltou e pediu a Pai Cabungá que fosse chamar a Antônio Vilanova, irmão do marido de sua filha em nome.

Pouco depois este chegava e ficou ciente de tudo.

– Agora é você sair com ela, hoje ao escurecer, e seguir para Curral Novo, onde Vilanova está.

Ele próprio foi prevenir a Pimpona do que tinha a fazer.

Cabungá ficaria encarregado de desviar a atenção do Abade sobre a moça, dando-lhe tempo para ganhar a catinga. Iria muito cedo para a casa dela como que disposto a executar o plano de intoxicação.

Vendo-o lá o Abade estava seguro que era vigiada pelo negro e afrouxava outras vigilâncias. Depois, só muito tarde, é que ele diria ao cruel comandante que a moça dormia para terem tempo de ganhar distância.

– E você, Pai? O que será de você, depois de descoberta a tramóia?

– Negro está longe com suas cobras, cururus e ervas, disse ele, apontando para o sul. Vai ver parentes e malungos.

Como previram, assim sucedeu.

Pelas 8 horas ela escapuliu-se pelos fundos e, juntando-se ao cunhado, caminharam os dois em direção ao destino.

Salvara-se ela da paixão violenta de um homem sanguinário e brutal para ser honesta e fiel ao marido a quem ia procurar, em companhia de outro homem que a amava sem ela ter percebido, com igual violência à do outro. E este amor tanto mais o assoberbava quanto mais ele queria esconder, porque era um crime ignóbil.

Mas quem não tem esperança neste mundo?

Salvar-se-ia ele com a esperança de um dia embriagar-se no perfume acre de paixão incestuosa?

E por que num momento de desespero ele não rematava, durante aquela viagem dos dois, a sós, pelas solidões e ermos, a violência de seus desejos com uma violência?

E ambos caminhavam no escuro, calados e medrosos.

De repente sentiram abrir-se um relâmpago no espaço e olharam em roda.

Após, passou rugindo por cima deles um estilhaço de granada, em seguida um estrondo cavernoso e fúnebre abalou a noite, que seguiu, como eles, triste e silenciosamente o seu caminho.

Pela manhã o corpo de Pai Cabungá foi encontrado, sem a metade do ombro no meio do largo.

Atingira-lhe o último tiro de canhão que derrubara o portal do estabelecimento de Vilanova e arremessara em ricochete o estilhaço que passou, rugindo por sobre os dois fugitivos, em direção ao acaso.

Na altura de Caipã toparam com um comboio de mantimentos que seguia para o arraial, com cargas de farinha e rapadura.

Ocultaram-se; a tropa e os tropeiros passaram confusamente, tocando cerca de 20 animais proveniente de Chorrochó.

Antônio tomou então uma resolução desatinada que ele mesmo não sabia onde o levaria.

Em vez de seguir o caminho direto a Curral Novo, enveredou para o lado da fazenda Formosa, onde Pajeú e Tiago tinham matado a mulher, um filho e a criada do proprietário Ângelo Reis.

Mas, adiante parou.

O apaixonado sertanejo lembrou-se então dos dois filhos e da mulher, aqueles sobrinhos duas vezes, esta irmã daquela que ele pensava seduzir por todos os meios.

Moravam ao pé da serra da Fortuna, onde tinham uma fazenda, e negócio em Canudos.

Talvez que levando a cunhada para a casa onde não chegaria mais notícia do marido, o tempo a entregasse em seus braços.

Esta esperança consolou-o e encaminhou-se em direção ao sítio de sua propriedade.

A permanência ali era perigosa, não só porque os jagunços podiam ir lá ter, como o próprio irmão.

Arribou dias depois pelo sertão e foi se ocultar em Vila Nova da Rainha.

Nesse tempo Canudos pegava fogo.

.....

As investidas

CERTA incúria que tinha imperado desde o início da marcha da 1ª coluna, dando lugar aos oficiais e praças não receberem ração desde Monte Santo, deixando que o comboio que vinha na retaguarda fosse assaltado, caindo nas mãos dos jagunços cerca de 200 mil cartuchos e carretas de víveres; a carnificina inglória, horrorosa e sem proveito nos dias 27 e 28 de junho no alto da Favela; a fome, a sede, flagelando os soldados que para não morrerem em consequência delas saíam pelos campos a carnear, morrendo centenas deles nas emboscadas dos inimigos; as dezenas de feridos caindo diariamente no acampamento por balas de piquetes de jagunços, escaramuçando em derredor a distância de tiro de clavina durante mais de 20 dias, sem que se tomasse uma medida séria e protetora da coluna; o abandono em que jaziam os doentes famintos, magros, sedentos, sem etapa, sem medicamento, jogados ao deus-dará, sob a cobertura quente de tenda na poeira do massapé; a primazia indisciplinar que se tinha para uma coluna, para certas brigadas, para tais batalhões, em prejuízo dos outros; a falta de expediente, de iniciativa estratégica e administrativa; tudo isto tinha agido e influenciado de tal sorte no ânimo dos soldados que, embora todos ansiassem pelo dia do assalto, a notícia do ataque, na madrugada de 16 para executar-se a 18 de julho, em vez de ser recebida com entusiasmo e calor republicanos, foi ouvida como uma nota aguda e tristonha de coruja agourenta.

E, no entanto, todos desejavam que logo acabassem de vez com aquilo.

Estiveram trinta e tantos dias a pensar na morte, o que não era pouco para quem possui o instinto de conservação, que nas emergências em que andavam era superexcitado a todo minuto. Na hora da luta ele não é tão sensível como quando se pensa que se vai a ela; a peleja inebria e no combate volta o ânimo aos próprios timoratos.

Foi nesta disposição de espírito, pois, que publicadas a 16 as instruções para o combate, no dia 18 deviam assaltar Canudos. Da instrução constava que a vanguarda seria feita pela 1ª coluna, formando na hora do assalto em linhas de atiradores, e a retaguarda pela 2ª, formada em linha de coluna de pelotão ou desenvolvida, segundo as circunstâncias da ocasião e terreno. Era proibido o saque, e na carga ninguém podia deixar-se ficar atrás.

É preciso notar bem nestas particularidades. Ficaram no acampamento a 7ª e 2ª brigadas, parte da polícia e contingente de artilharia e engenharia, somando ao todo 1.200 homens para guarda dos doentes, munição, artilharia, piquetes, etc.

O efetivo da força para o assalto excedia de 3 mil homens.

O ínclito general Savaget, ainda de cama, mostrara-se pesaroso por não poder comandar a sua coluna, que ficou às ordens do coronel Serra Martins.

A alvorada de 18 foi tocada antes das quatro horas e somente às cinco e tanto começou-se a marchar, flanqueando ao norte, para o caminho de Jeremoabo, abandonado a 28, pelas circunstâncias já esclarecidas.

No sopé do outeiro de Trabubu, tiveram longa demora devido a duas peças Krupp que iam no centro da força, quando atravessavam o rio Vaza-Barris. Este rio doravante fica sempre a flanco esquerdo e é pontuado de bebedouros estagnados pelo leito que torce-se, passando junto às duas igrejas de Canudos, em frente uma da outra, formando uma praça. De Trabubu, a marcha tomou rumo do poente até o arraial dos jagunços.

Pela via que marchava erguiam-se duas eminências: a primeira a 1.300 metros da cidadela avistada daí, baixando em um valado forte, e a segunda, a 400 metros, já era coberta de casebres que iam descendo e aumentando pela encosta abaixo, até uma pequena depressão de terreno a 100 metros, formando praça com inclinação suave. O lado direito vai-se

elevando em 500 metros, todo ocupado de casebres de parede e cobertura de taipa e barro vermelho.

Os casebres, desarruados da frente da igreja nova, que olha para o levante, enquanto a velha deita para o poente, são de barro cinzento.

Por trás da igreja nova estendem-se desalinhadamente centenas de casinholas vermelhas em uma baixada de terreno que vai morrer no rio. Os jagunços fizeram trincheiras por aí.

No oitão direito da igreja nova, nos fundos da igreja velha e nas torres de ambas, os fanáticos aguardavam as tropas.

Na banda direita da primeira igreja estendia-se uma latada longa, casamatada.

No fundo dessa casamata estava o santuário que Antônio Maciel, o rei dos jagunços, escolhera para sua morada.

No fim da inclinação do flanco direito, que para o caminho de Cambaio, ao poente, espalma-se em um raso cultivado, há um umbuzeiro próximo à última casa, no descambar da elevação. Estas minudências levam o proveito de fazer o leitor conhecer os acidentes topográficos, para apreciar os acontecimentos.

Na raia da praça existem algumas casas de boa aparência, que são as de negócio.

Era 7h30mim a relógio, quando do alto da primeira eminência receberam o primeiro fogo.

E sem se reconhecer o terreno em que iam operar, sem se ter noção exata das proximidades de Canudos, onde o inimigo plantara os seus redutos, sem ter havido prévia exploração, a 1.200 metros, pelo mínimo, do arraial, mandou-se dar carga de baioneta por cima de lastrado, através de espinheiros, pisando solo pedregoso cheio de seixos, que rolavam debaixo dos pés dos soldados a caírem desequilibrados e a rolares até o fundo do valo, enquanto o inimigo alvejava em cheio, e os soldados, sem vê-lo, tombavam aos bandos, feridos, mortos e pisados pelos que vinham em carga atrás. E mandou-se dar carga sem desenvolver os batalhões, as companhias em linha de atiradores ou desenvolvida como a instrução do dia 16 ordenara, de sorte que aquela massa de 2 mil homens a mover-se, a gritar, a gemer, aquele volume de 2 milhares de corpos em coluna, ofereciam largo alvo aos inimigos, alvo de 500 metros de frente, tendo outros 500 de fundo.

Aquele bolo humano assim avançou, fuzilando e morrendo à clareza das 8 horas da manhã sertaneja, na convicção de que estava vencendo.

Os feridos rolavam de encosta abaixo e iam morrer no fundo do valado, desgraçadamente abrigo derradeiro dos bravos vitimados e esconderijo vergonhoso dos covardes.³⁶

A coluna escorregou pela eminência abaixo e começou a galgar a segunda e última. De chofre, pelo flanco direito das moitas de espinheiros, de todos os lados, retumbou uma descarga, outra, mais outra, que se foram desordenando em um tiroteio de bambual incendiado.

Quem pode descrever a impressão de quem vai, na hora do combate, com os olhos fitos no inimigo avante, e recebe de supetão uma descarga pelo flanco direito?

Os veteranos contam que esta surpresa é hoje pouco comum na guerra, por isso que antes ou durante as marchas os flancos são garantidos de tal sorte que o grosso da tropa fica fora dos tiros de emboscada.

Não é a covardia que domina, é o susto, o medo, o verdadeiro medo que se tem do desconhecido, do sobrenatural, o pânico que não é covardia, mas atordoamento e alucinação abocanhadora de todas as faculdades e sentidos do homem.

O coronel Teles foi quem lembrou-se de mandar os alferes Vieira Pacheco e Vilalba com os lanceiros ao encontro dos jagunços, emboscados na direita. Estavam em um curral em número de 30 a 40 e, lobrigando a cavalaria, pularam por cima da cerca para fugir. Os lanceiros carregaram. Morreram alguns lanceados. Restabelecido o ânimo da tropa pelos gritos de *viva a República!*, pelo clangor das cornetas em toque de carga, a coluna embaralhada subiu a última colina, pôs pé no tabuleiro, dominando Canudos, cuja igreja nova tinha as torres ao nível dos olhos de quem estava no alto da colina.

Todo o arraial desmanchou-se em fogo: das torres das igrejas, dos casebres, dos oitões, dos alpendres, dos copiães, das praças, das trincheiras, das cercas, do rio, da quixabeira ao lado do Santuário, o fogo estalava e as balas zuniam, esfarelavam-se através dos assaltantes como se sacos de farinha fossem despejados sobre os combatentes.

36 Muitos se esconderam entre os feridos e mortos e houve quem se metesse por debaixo de cangalhas.

Muitos se abrigaram por trás das primeiras casas. Estávamos no começo de Canudos, a 100 metros da praça.

No primeiro oiteiro podíamos ter perdido 200 homens.

No último caíram cerca de 400 em menos de dois minutos.

Os batalhões já estavam baralhados. Não havia dez praças do mesmo batalhão juntas.

Mandou-se pedir reforço à segunda coluna. Ela avançou toda: o coronel Pantoja foi designado para avançar pela esquerda, Serra Martins pela direita.

O coronel Carlos Teles pelo centro, enfrentando a praça e as igrejas.

Ele já tinha perdido um ajudante-de-ordens, o alferes Vanderlei, quando os jagunços atacaram pela direita.

Deu-se toque de carga e degola. Na primeira investida, Teles perdeu o seu segundo ajudante-de-ordens, o cadete Cunha Lima, que caiu ferido e o cavalo morto. Cinco passos adiante, o seu caiu também ferido.

Ele passou de chicote em riste no meio de uma saraivada de balas que nem se podia olhar. Em derredor, o chão estava cheio de cadáveres, moribundos e feridos. A onda acompanhou-o eletrizada pelo exemplo de coragem que dava o seu próprio valor.

Dezenas de casas foram invadidas – mortos os seus moradores, mulheres e crianças, quase todos.

Os bravos coronel Tupi Caldas, tenente-coronel Dantas Barreto, majores Alencar, Araripe e Sampaio, capitães Lorian, Paraguaçu, Xavier e Gavião, tenentes Paraguaçu de Barros, Amaral e Diogo Moreira, alferes Adalberto de Meneses, Cavalcanti e Jobim (do 12) e a maioria dos cadetes desceram embrulhados pela última colina abaixo no meio dos soldados.

Muitos outros que vieram nesta descida morreram.

Diga-se, porém, que nem todos os oficiais podem afirmar que estiveram neste feito em que a indisciplina e a desordem militar não eram menores do que a bravura.

Mas de outra sorte não se podia agir naquela suprema hora à vista dos desazos anteriores.

Não havia mais um só comandante montado. Serra Martins já tinha perdido quatro cavalos, gesticulava como um endemoniado, Teles,

Dantas Barreto, Tupi, todos marchavam a pé. As suas montarias tinham morrido. O general Artur e seu estado-maior, por detrás da encosta, tinha mandado soltar os seus animais.

Um porta-bandeira caiu morto.

Um cadete segurou o pavilhão auriverde e veio descendo.

Caiu também fulminado.

Um cabo-ordenança do coronel Teles – cabo Filipe – ergueu o nosso estandarte e trouxe-me.

Desci então com o precioso símbolo que tanto os jagunços perseguiram.

Teles já estava ferido.

Fora-o quando, no fundo das primeiras casas da rua da Professora, que cercam a praça, indagava pelo general Artur que mandara chamar, a fim de tomar qualquer medida que restabelecesse a ordem na tropa em confusão. Foi tentando curá-lo que o capitão Sales recebeu mortal ferimento, gritando: “Viva a República e adeus às minhas filhas!”

Os cadáveres dos alferes João Carlos, Muniz Teles e Cisneiros tinham sido saqueados.

Junto ao corpo de Cisneiros estavam espalhados pelo chão papéis.³⁷

Em derredor, outros mortos e dezenas de feridos e novas vítimas.

Não é covarde o nosso Exército, não. Não lhe faltam impavidez e bravura na hora do combate; faltam-lhe, sim, disciplina, ordem e bom comando.

Todas as casas da frente da igreja nova já eram nossas. Alguns soldados avançaram além pelo flanco direito. Dominavam o rio pelo lado esquerdo até a altura fronteira à igreja velha.

O combate não tinha ainda esmorecido até esta hora. Continuava cru, renhido, com tenacidade intensíssima.

As perdas nossas já não eram tantas. Atirávamos das casas, protegidos.

Todavia, algumas balas atravessavam as paredes e vinham ferir os soldados.

37 Era este brioso oficial correspondente de *A Notícia*.

O fogo do inimigo partia das torres, da latada cheia de jagunços, do fundo da igreja velha e das trincheiras da praça.

Ao pôr do sol o combate cedeu um pouco, e para se poder calcular de sua primeira intensidade basta dizer, sem exagero, que depois do meio-dia a peleja era mais horrorosa do que no dia 29 de fevereiro na Armação.

O número de feridos é o atestado disto.

Elevou-se acima de 800 homens fora de combate!

O general Artur Oscar, quando chegou ao grupo em que o coronel Teles estava ferido, foi interpelado:

– O que ia fazer? Que medidas ia tomar?

Foi por esta hora que as duas peças Krupp iniciaram o bombardeio, a 300 metros distante de Canudos, ambas desabrigadas e dirigidas pelo alferes Henrique Duque Estrada de Macedo Soares e 2º tenente Frutuoso. Foram e ainda são dignos de toda admiração de seus camaradas estes dois oficiais. A bravura de ambos, a calma, o sossego militar estiveram de par com a inaudita felicidade que os protegeu, sempre em arriscadas posições.

Porque se ainda hoje se acha impossível, quase, escapar alguém do assalto, ficar ainda gente viva, verdadeiramente milagroso é o fato de estes dois bravos moços, alvo das pontarias dos jagunços, aos quais a artilharia fazia muito mal, não serem nem ao menos feridos, quando não se pouparam, e com impavidez, sem afetação manobravam os Krupp.

Mostravam-se sempre calmos, magníficos de valor e denodo próprio de velhos militares.

O coronel Olímpio, comandante da artilharia, que, com a sisudez de caráter, tem boas qualidades militares, e nos garantiu a marcha e o assalto até o último momento, devia-se orgulhar em ter como seus comandados militares de estatura destes dois oficiais.

Já havia fora do combate toda a guarnição das peças que foi preenchida pelo corpo de polícia; na distância em que elas se achavam, podia-se atirar de lanterna se a trajetória dos projéteis não fosse por cima de nossas cabeças, a 200 metros adiante dos Krupp. Nenhuma medida tinha-se tomado ainda, o sol descia e as posições conservavam-se as mesmas.

Toda tentativa de organizarem-se os batalhões era impossível. Os soldados dentro das casas faziam comida, enquanto outros sustentavam o tiroteio, que aos poucos declinava como o sol.

O fogo da artilharia do alto da Favela e dos dois Krupps que tínhamos trazido era-nos útil e fatal aos emboscantes na igreja nova. Teles, Serra Martins, Tupi Caldas, Alencar, Gavião, Dantas Barreto, Sampaio, etc. acordaram em mandar vir mais dois Krupps de uma bateria inteira que nunca trabalhara lá no acampamento.

Foi escolhido o coronel Serra Martins para reunir gente a fim de ir ver as duas bocas de fogo.

Logo ao sair do grupo foi ele ferido na mão, caindo-lhe a espada.

O general Artur Oscar, ao sair da companhia do coronel Teles, ferido, mandara vir do acampamento a brigada no coronel Néri, que acampou junto ao seu estado-maior.

Néri foi logo ferido.

Eram, pois, já três coronéis da 2ª coluna fora de combate. O batalhão 31º, que baralhado com o 12º, 35º e 30º e pessoal de outros deu a carga pelo centro, teve seis alferes mortos, todos os cadetes fora de combate, 52 soldados feridos e cerca de 20 mortos.

O 12º teve o comandante, capitão Buchele, e alferes Timóteo Pereira Reis feridos, oito sargentos, sete cabos e 35 soldados.

Calcula-se em 20 o número de mortos do 12º. O 30º teve 28 feridos, excluindo um tenente e um alferes.

O 40º e o 32º tiveram baixas em proporção igual a estes, sendo que daquele foram feridos seis oficiais e deste dois mortos e dois feridos.

Pela tarde os soldados que tinham tomado o flanco direito abandonaram-no.

Os chefes não apareceram. Os soldados com fome e cansados perseguiam as criações pelo meio das ruas enviesadas e eram alvejados pelos jagunços.

Por todo canto cadáveres, grupos de feridos deitados promiscuamente com os defuntos, aos raios do sol quente de todo o dia, cobertos da poeira sutil do massapé vasculados por milhares de pés em correria. Burros da munição caídos pela encosta, com as cargas emboleadas e presos pelas cilhas. No ar esvoaçavam as varejeiras pestilentas, farejando as feridas abertas e frescas com sangue coagulado pelas bordas.

No meio da encosta da rua da Misericórdia, impassível, arriada, quieta, exposta, alheia a tudo, com uma orelha a sangrar já ferida e mur-

cha, presa à soga, olhando friamente para as igrejas, soberbamente heroica e dominadora, uma pobre mula destacava-se daquela conflagração humana, em uma estabilidade de esfinge.

Caía o lusco-fusco da tarde, e o fogo começou a espacejar, pipocando aqui, ali, além, como em caçada de porcos monteses fazem os escopeteiros, descobrindo varas.

O sino da igreja matriarca do arraial dos jagunços deu seis horas. O fogo cessou.

Os oficiais superiores feridos foram trazidos, então, para o acampamento, a uma légua de distância de Canudos, devido à volta que faz o caminho garantido. Os outros soldados ainda lá restavam, salvo aqueles que os cuidados piedosos dos camaradas levaram até o valado.

Não veio médico conosco, e o dr. Tolentino, que fora chamado ao acampamento para vir curar o coronel Teles, morreu na descida da colina, baleado no dorso.

No dia seguinte, pela tarde, foram transportados os primeiros feridos. Muitos já tinham as chagas e os ferimentos roxeados, fervilhados de tapurus e vermes.

Aos feridos que, em consequência das hemorragias, em voz áspera e rouca pela secura, suplicavam água, quem podia atender?... Não havia um corpo designado para isto. Também nenhuma ração foi distribuída nos dias 18 e 19.

Alguns morreram por esta falta de tratamento.

A noite passou-se em claro. Toda a noite seguinte os médicos não dormiram. Na porta das tendas do hospital de sangue, pela manhã de 20, 21 e 22, amanheceram mortos muitos feridos que não puderam ser tratados, devido à falta de médico, e grande número de enfermos.

Pela estrada de Jeremoabo, entre as ruas da Misericórdia e da Professora, Canudos estava sitiado e invadido. Morreram neste assalto J. Macambira e Manuel Quadrado, Antônio Fogueteiro, André da Jiboia, Lalau, Chico Ema e muitos outros.

O governo de Maciel desorganizava-se.

A 19 de julho, já ocupada grande parte de Canudos, o efetivo da expedição estava reduzido a 3.500 homens em frente do inimigo e 900 homens que guardavam a Favela.

O general Artur Oscar telegrafou ao ministro da Guerra, que então era o marechal Carlos Machado Bitencourt, de saudosa memória, e pediu-lhe mais 5.000 homens!³⁸

38 A oposição enxergou logo nisto uma exautoração do seu ídolo, o general Artur Oscar, e esta nova senha muito explorada foi pelas semanas que se seguiram no embarque do marechal Bitencourt para a Bahia, a 3 de agosto, no mesmo dia em que o *Jornal do Comércio* publicava uma carta importante do seu correspondente em Canudos, o sr. capitão Manuel Benício, mostrando quanto deixava a desejar a direção dada às operações pelo general Artur Oscar. Diziam até que esta carta só fora pelo *Jornal* publicada a pedido do sr. presidente da República, que dela tinha conhecimento, quando a verdade foi que O *Jornal* a estampou a 3 por ser o dia imediato àquele em que recebeu telegrama do sr. Benício, anunciando a sua chegada à capital da Bahia. Teria sido decerto imprudência publicá-la durante a permanência do correspondente em Canudos.

Eram tais as revelações da carta do sr. capitão Benício que a oposição julgou dever não discutir quase o assunto por algum tempo. A nomeação do general Carlos Eugênio, irmão do general Artur Oscar, em substituição ao general Savaget, desmoralizou a exploração que se fazia da missão do marechal Bitencourt. Acontece também que por esses tempos chegaram a esta capital o coronel Serra Martins e o próprio general Savaget e pouco depois o coronel Carlos Teles. Consta que os dois primeiros deram ao governo más informações sobre a direção da campanha pelo general Artur Oscar. Quanto ao coronel Teles, não fez disto mistério. Segundo *O País* de 23 de agosto, este bravo oficial:

“Deu suficientemente a entender que os planos do general Artur Oscar não merecem o seu apoio; *que só por desazo, imprevidência ou cousa que pior nome tenha* o arraial (de Canudos) não está ainda definitivamente ocupado.”

E mais, que não havia ninguém de fora protegendo jagunços, que quando muito poderiam ser mil homens combatentes nos mil casebres de Canudos, etc.

Isto deve ter sido, com efeito, um golpe de morte para a oposição. Esta, porém, pouco se abalou com a sua declaração ou com o que se sabia das opiniões do general Savaget e do coronel Serra Martins sobre a direção dada à campanha pelo general Artur Oscar.

O general Artur, que não participava ao governo até os fins de agosto as manobras militares, comunicava a Nilo Peçanha informações que se prestaram a manobras políticas.

Vieram por telegrama estas informações e comenta o velho órgão da imprensa brasileira:

“Entretanto, o Clube Militar, sim, o Clube Militar faz sessão no mesmo dia em que o telegrama é lido e protestou desta forma contra as correspondências insuspeitas e imparciais do *Jornal do Comércio*, esquecendo-se de que elas só dizem o que aqui repetiam os srs. general Savaget e coronel Mendes.” Eis o protesto:

O governo respondeu a esse pedido de socorro mobilizando três batalhões da guarnição da capital, que partiram logo sob as ordens do general Girard, e chamando para a Bahia cinco batalhões da guarnição do Rio Grande do Sul, que passaram pelo Rio de Janeiro com grande falta de oficiais.

Os estados do Amazonas, do Pará, da Bahia e de São Paulo cooperaram para pôr termo às operações contra os jagunços, mandando batalhões da sua polícia para o teatro da luta.

“O Clube Militar, tendo acompanhado com a maior atenção e interesse as notícias sobre as operações das forças expedicionárias de Canudos, ao mando do bravo general Artur Oscar, publicadas pelos diferentes órgãos da imprensa diária desta capital, e sentindo que as do *Jornal do Comércio*, sobre serem incoerentes e contraditórias, revelam grande soma de má vontade contra o ilustre comandante-em-chefe das mesmas forças, com o intuito único de ferir sua brilhante reputação, protesta energicamente, em nome do Exército nacional, contra as imputações aleivasas feitas em tais notícias ao referido general, porque não reconhece no correspondente do aludido jornal, suspeito de parcialidades por motivos não ignorados, a necessária competência, quer moral, quer intelectual, para se arrogar o direito de crítico ou censor de operações de guerra de tão grande importância.

“O Clube julgou ocioso afirmar publicamente a sua solidariedade com todos os que tão heroica e invejavelmente se batem em Canudos pela República.”

(Até esta data, ao autor deste livro, que era sócio do Clube Militar, não tinha faltado *competência moral ou intelectual*, em virtude da qual lhe foram dadas as honras que o habilitaram a fazer parte do ex-Clube.)

Ainda é o *Jornal do Comércio* que analisa o modo de proceder do chefe da expedição, ano e meio depois dela finda:

“O general Artur Oscar não só tinha tempo de bombardear sem eficácia o reduto das poucas centenas de conselheiristas, mas também de continuar a mandar telegramas e cartas a seus aliados políticos desta capital.

“Os militares que prezam a disciplina e o decoro da sua nobilíssima profissão dirão se o seu procedimento pode ser justificado ou não. Para nós é simplesmente horrível que um homem, investido pela nação e diretamente pelo seu representante, o presidente da República, de um cargo da mais melindrosa responsabilidade, em uma conjuntura tão repassada de apuros e apreensões, levasse a fazer propaganda política e a criar dificuldade ao governo, que lhe confiara o posto de honra e a nação que com o seu dinheiro o mantinha nele.

“No dia 10 de setembro, o *República* deu à estampa mais outra ejaculação telegráfica e política do general Artur Oscar, ao passo que no dia 5 de outubro *O País* publicou um agradecimento seu pela defesa que *O País* fizera dele, contra os ataques do coronel Carlos Teles e em que o general dizia:

O ministro da Guerra, marechal Bitencourt, procurou conhecer o inexplicável, partindo também para a Bahia. Na capital desse estado demorou-se algum tempo para providenciar no que não se havia providenciado: dar alimentação e agasalho aos soldados que combatiam dia e noite com fome e ao desabrigo.

O chorado militar procurou também suprir a falta de oficiais, cada vez mais sensível. Um comandante havia pedido reforma, e uma brigada que partira da Bahia às ordens de um general seguira de Monte Santo para Canudos sob o comando de um major.

A 17 de agosto foi nomeado para substituir o general Savaget o general Carlos Eugênio de Andrade Guimarães, que em princípio de setembro assumiu o comando da 2ª coluna.

“O militar não pode e não deve levantar polêmica a pretexto de defender-se ou acusar” – o que é realmente próprio de dizer-se, se quem dissesse não fosse o mesmo que entretinha correspondência telegráfica com *O País*, o *República*, o dr. Nilo Peçanha e outros inimigos do governo, que o comissionara.

Ainda a 8 de outubro, *O República* e, no dia seguinte, *O País* publicavam uma carta-telegrama do general Artur Oscar dirigida aos srs. Alcindo Guanabara e Lauro Müller em que o general responde a um telegrama daqueles senhores, solicitando informações sobre *o verdadeiro intuito* que animava o movimento de Canudos – como se esses senhores que isto lhe perguntavam não tivessem, em março, dito muitas vezes que o intuito era a restauração da monarquia; a prova disto sendo que o coronel Gentil de Castro mandava armas e munições para Conselheiro. O general Artur Oscar, que, seja bem lembrado, achava inconveniente discutir com seus companheiros de armas, como Savaget e Teles, deu-se pressa a responder que “Antônio Conselheiro trabalha a favor da Monarquia e não quer o casamento civil e nenhuma lei da República”. Entretanto, o ilustre militar tem a hombridade de confessar nesse mesmo documento:

‘Lamento não ter em mão o documento comprobatório da remessa de munição a Antônio Conselheiro’; e mais adiante: ‘As únicas provas que tenho presentemente são as cartas que vos envio, pelas quais vereis se *há ou não monarquistas* envolvidos nesse trama sanguinolento’; e mais longe ainda: ‘Não tenho em mãos nenhum despacho relativo à remessa de munições, enviadas para a capital deste estado aos bandidos, nem me consta que o haja.’

“As tais cartas, a que alude o general, são cartas entre amigos que tratam da compra de certas armas, e, se provam alguma coisa, é que os conselheiristas compravam armas. Felizmente Canudos afinal caiu, a 6 de outubro, em poder de nossas forças, graças ao incedível valor do nosso Exército. Deixemos aqui uma grinalda de saudades sobre os túmulos destes 5.000 bravos compatriotas que caíram vitimados pelo mais perverso fanatismo e – acrescentemos – vitimados também pela imprevidência dos nossos homens, sobretudo da Bahia, e pelos desazos da direção da campanha!”

.....

Começo do fim

A VIDA do arraial principiou a ser uma tortura pavorosa.

Com a morte da enfermeira, Macotas, a professora, dirigindo outras mulheres, encarregara-se dos doentes e feridos.

A jovial moça fizera-se uma verdadeira irmã de caridade, tratando com carinho aos enfermos, alegrando-os com a sua loquacidade engraçada e jovial, sem pensar na morte.

A sua presença era bastante para tranquilizar os desgraçados que não sabiam ou não queriam gemer.

Aquela pobre gente porventura entendera que a demonstração da dor fosse enfraquecer o ânimo dos seus camaradas.

A morte não os atemorizava, doía-lhes, porém, profundamente, o pensamento de que o arraial em que fizeram as suas roças, em que tinham os seus casebres, trens e negócios, onde erguiam-se para o ar as duas enormes torres da igreja que não concluíram, caísse nas mãos dos soldados.

Macotas, inteligente e esperta, adivinhava aquelas dores mudas, o desespero magno que rolava no espírito rancoroso de seus enfermos.

Acreditava que Canudos decerto capitulava, e que os enfermos, as mulheres e as crianças seriam respeitados.

Quanto aos homens, ela aconselhava, a um por um, que abandonasse Belo Monte.

Teriam ocasião de mais tarde ir ter com as famílias.

Muitos seguiram o conselho da bondosa rapariga.

A tal respeito tivera uma conversação com Beatinho e insinuara diplomaticamente no espírito do fanático irmão a ideia de aconselhar ao Conselheiro a abandonar Belo Monte e fugir com toda gente, uma noite, pelas estradas de Cambaio, Uauá ou Calumbi, que ainda estavam desertas de soldados.

Beatinho saía pensativo.

Ia entrando no Santuário quando ouviu tocar trindades pelo Timóteo, que nunca deixava-o de fazer, ainda mesmo com os soldados a 100 metros de distância, ocultos nas palhoças.

Era de uma ousadia insolente o rapaz.

Subia impavidamente a escadaria, alvejado por dezenas de projéteis que passavam raspando o paredão do templo, enchendo-lhe a cabeleira pixaim de barro vermelho. Encolhido no vão da janela dos sinos, badalava com um sossego sobre-humano.

Algumas vezes as crianças e mulheres, assombradas de tanta bravura, descuidavam-se e saíam ao largo com os olhos para a torre, admirando o sineiro.

O baque de um ou dois corpos atravessados por descargas despertavam-nas daquele encanto.

Timóteo, porém, era inatingível pelos projéteis homicidas.

Neste dia, a ouvir a primeira badalada das ave-marias, na hora em que vinha entrando no Santuário para falar com Conselheiro, Beatinho parou estatelado e, levantando os olhos, divisou o vulto esmolambado de Timóteo junto ao sino.

– É um cabra mesmo decidido, pensou ele.

A segunda badalada soou e foi esmorecendo numa escala trêmula que não se calou de todo antes da terceira.

Uma descarga medonha estourou da rua da Professora, onde se abrigavam as praças.

O sino e sineiro foram envolvidos pela poeira levantada pelas balas de encontro ao paredão sem reboque.

– Morreu, coitado!, gemeu Beatinho.

Mas uma quarta badalada retiniu nos ares, forte, violenta, firme, tocada por mão que não treme.

Beatinho sentiu uma alegria imensa.

– Aquilo é que é cabra...! Só um poder de nosso pai ou então alguma reza que Timotinho possui, pensava ele.

As badaladas foram-se amiudando, ao tempo que cerrado tiro-teio alvejava o sineiro, sem o atingir.

Para o fim, o bronze zoava quase no mesmo tom, a poder de pancadas repetidas e precipitadas, como os gritos do tururi, que o invulnerável tocador imprimia-lhe.

Súbito parou para bater as três badaladas finais.

Mulheres, crianças e homens, esquecidos do perigo a que se expunham, tinham chegado à porta, ao terreiro das casas, assombrados daquela bravura e daquele milagre.

A tropa, entretida com o sineiro, não os apercebeu, senão teria sobre as inofensivas criaturas mirado um golpe fatal.

O tom forte da antepenúltima badalada atroou no espaço.

Todos os olhos fitos, ansiosos; corações comprimidos de esperança; narinas a bater asas com angústia viram o sineiro puxar pela corda a fim de dar a penúltima badalada, que não se ouviu.

Um rugido maior, um estrondo formidável atroou o espaço e um pedaço da torre despenhou-se, trazendo o sino e o sineiro, que caiu morto, sem a cabeça, ao lado da igreja.

– Misericórdia, meu Deus!, clamaram as mulheres, entrando depressa para as casas, enquanto de outro lado erguera-se uma vozeria de triunfo e gargalhadas satânicas.

Beatinho, triste e meditando, entrou no Santuário.

Maciel, amarelo, cadavérico como uma múmia, cabisbaixo, rolava os dois dedos polegares, um em torno do outro, com os outros entrelaçados, pousando sobre os joelhos.

– Meu Bom Jesus, disse humildemente Beatinho, Timóteo acaba de morrer quando tocava sino. O monge não moveu-se.

– Caiu um pedaço da torre da igreja nova que derrubou o sino.

Maciel ergueu os olhos como quem desperta.

– E Vila Nova ainda não chegou?, murmurou ele, estranho à narração do Beatinho.

– Nhô não. Vicente Feitosa foi com gente à procura dele e a comprar farinha em Chorochó. Outros comboios foram pelo Uauá e Várzea da Ema com a ordem de trazê-lo.

– É preciso que Vilanova venha, Beatinho. Só ele é que sabe onde está escondido o nosso tesouro. O dinheiro que me resta é pouco.

– Ele virá, senhor.

– Sim, é preciso. Eu me esqueci do lugar em que enterramos nós dois o dinheiro. Só Horácio lembra-se agora.

Beatinho saiu, deixando-o mergulhado em suas meditações.

Junto ao tronco da quixabeira, escondidos na sombra da copa que arrastava no chão, um troço de mulheres cochichava a respeito da morte do sineiro.

Tiago contava que a *praga* tinha sofrido muitas baixas e que muitas mulheres tinham sido presas no dia 18.

A artilharia bombardeava constantemente o arraial, destruindo casas e matando gente.

Neste ínterim, João Abade aparecera numa entrada da ramagem da quixabeira e, vendo o mulhério reunido a cochichar, admoestou:

– Mulheres, o que fazem vocês aqui, mulheres...?

E caiu com o crânio despedaçado por um estilhaço de granada que ricocheteara pelo paredão da igreja.

Todas fugiram espavoridas e o cadáver do terrível caboclo lá ficou numa poça de sangue, hediondo e repelente.

Os dias seguintes continuaram terríveis. Os tiroteios não cessavam e de parte a parte o número de mortos crescia, atufando os valados, e os hospitais enchiam-se de feridos.

Beatinho, que dirigia agora o pessoal, empregava-o no correr do dia e noite a construir um túnel que comunicasse as duas igrejas, dentro do qual seriam depositados os enfermos.

No dia 6 de setembro, à tarde, um grande comboio de gênero entrou em Canudos pelo lado de Uauá.

O coronel Olímpio da Silveira, no intuito de atrapalhar novos fornecimentos de gêneros aos jagunços que pudessem entrar pela estrada aludida, seguiu com um troço de soldados de artilharia e infantaria subdirigidos pelo capitão e tenente Escobar e tomou o morro da Fazenda Velha, em cujo sopé passava a estrada.

Durante a resistência oposta pelos jagunços, um projétil de Mauser, desgarrado, louco, mergulhado no fosso do Santuário, atravessou as carnes das coxas do terrível rei de Canudos.

Conselheiro estava ferido!

Ele sentiu a chicotada ríspida da bala, viu o sangue a escorrer, manchar o azul ensebado da túnica, sentiu-o descer tépido pela perna abaixo, molhando as alpercatas e formando poça no chão e não deixou de continuar na sua meditação profunda e vaga, rolando os polegares entre si.

Mais tarde, Taramela, entrando, estatelou-se assombrado, vendo o homem que ele julgava invulnerável com os pés sobre sangue.

Como se nada o atingisse, o velho anacoreta ergueu-se e foi-se ajoelhar aos pés do Senhor Bom Jesus.

O chaveiro acompanhou-o neste movimento, ainda tolhido da palavra, tamanha fora a impressão que sentira.

Concluída a oração, ergueu-se, dirigindo-se ao seu fiel chaveiro:

– Nada dirás lá fora do que se passa aqui dentro.

E mergulhou-se depois na sua sombria meditação, alheio ao espocar das descargas e aos urros formidáveis da artilharia que estremecia a espaço, derruindo e derrotando Canudos.

Taramela, atordoado com o grave acontecimento, saiu, banzando com mágoa e medo, na dúvida se devia ou não cumprir a ordem de seu chefe.

Era a primeira vez, em vinte e tantos anos, que uma ordem do Conselheiro era tida em dúvida sobre a sua execução.

E tanto cogitou o fiel sectário que resolveu contar o caso a Beatinho e a Macotas, professora, a fim de curarem ao seu velho chefe.

Chamando-os à parte e segredou:

– O nosso pai foi ferido.

Os três se entreolharam, cheios de angústia e susto.

Muito tempo ficaram calados, apreensivos e pasmos.

– É preciso que mais ninguém saiba disto, falou Beatinho.

– Ao contrário, retrucou a jovem professora; será melhor que todos saibam, a fim de decidi-los a abandonar este inferno. Vocês estão vendo que dia a dia a cousa piora. Já estão tomadas as estradas quase todas, e ainda é tempo de fugirmos.

Calaram-se.

Depois de longa e meditabunda pausa, Beatinho falou com enérgica resolução.

– Não, não se dirá nada, por enquanto... Vamos lá vê-lo, Macotas.

Jamais no Santuário tinha entrado mulher alguma. Nem todos os moradores de Belo Monte conheciam os mistérios e conciliábulos daquele canto escuso e sagrado do arraial.

Taramela fora ficando atrás, pensativo e vário.

Macotas, que só tinha visto o missionário à noite, na hora do terço e da confusão trêmula das luzes de cera, caminhava cheia de uma comoção estranha e curiosa.

Nunca fitara de perto o rosto cavado pelas penitências, jejuns e sofrimentos morais do homem extraordinário, cujo gesto era uma ordem sobre milhares de criaturas.

Vira algumas vezes o seu vulto confuso, cabeludo, metido dentro de uma ampla camisola azul, sem lhe aperceber bem as feições, o olhar que, diziam, brilhava com fogo divino.

– Poderei entrar?, indagou ela ao companheiro.

– Vamos a ver. Eu entrarei primeiro e... veremos.

Como o Santuário estivesse fechado, pararam na porta, esperando que se aproximasse o chaveiro.

Taramela e Beatinho entraram.

No mesmo lugar, ainda, rolando os polegares, Maciel quedava-se abstrato, fixando o sangue rubro coagulado a seus pés.

– Meu pai, falou Beatinho, nós trouxemos remédio para fazer sarar o seu ferimento.

O antigo marido de Brasilina ergueu os olhos e disse:

– Se o Senhor quer experimentar o meu ânimo, por que os filhos do pecado me perseguem?

Este trecho sibilino confundiu os dois secretários, que só depois de longa pausa de novo intervieram.

– Porém, há de nosso pai nem ao menos lavar a ferida?

– E há água suficiente para isto?, interrogou ele, de cabeça baixa em tom humilde.

De novo recaiu no marasmo héctico de todos os dias, consequente de extenuações morais e físicas.

Desta vez, porém, o movimento de rotação dos polegares cessou.

– Podemos curá-lo, que ele nada sentirá, disse Taramela. Cai muitas vezes nestes *psomos*. Parece que fala com os anjos.

Mas nenhum deles ousou tocar no extasiado monge.

Recordaram-se então da professora, que era uma moça decidida, e fizeram-na entrar.

Assustada, entre angústia e curiosidade, bamba de medo, ela avizinhou-se sutil do sonâmbulo.

Viu um velho sujo, esquelético, de barbas grisalhas compridas, sem trato e cheia de falhas; uma cabeleira em cacho derramada por cima dos ombros, pés chatos em alpargatas, um rosto seco como de uma caveira no alto do qual dois olhos fixos no espaço, sem toscanjarem, lançavam um brilho morto que metia medo.

Aquele olhar atraía-a e repelia-a ao mesmo tempo. Alguma coisa de sobre-humano bubuiava na flor do fluido fantástico que dele evolava-se, como evaporações de gelo.

Era o olhar de um morto, mas que tinha alguma coisa de vivo e incompreensível.

Ela, que tinha parado em frente dele, ladeou um pouco para fugir da vista intensa e inalterável do extasiado.

A lembrança fascinadora daqueles dois olhos em branco, mirando o desconhecido, fê-la buscá-los de novo.

Estavam fixos sobre ela sem alterar a posição primitiva.

A ideia de que ele a fosse censurar por ter profanado o Santuário, onde não entravam mulheres, fê-la estremecer e baixar o rosto.

– Perdão, meu pai, foi que me chamaram!, gaguejou, desculpando-se e caindo de joelho.

Da mesma forma, o olhar do cataléptico estava fixo no seu, embora ela de joelho.

Então, alguma coisa de pavoroso sacolejou-a toda, dos pés à cabeça, esbugalhando-se os olhos também.

Parecia-lhe que ia ficar douda e olhou em derredor para procurar um amparo.

Mas, por mais rápida que a sua vista pesquisasse os cantos, sentia-se acompanhada, em todos os movimentos, pelo brilho morto das pupilas do monge.

– Perdão! Perdão, meu pai!, gritou ela, se jogando aos pés do velho sobre o sangue que esmagou com o corpo.

O olhar de Maciel, sem rumo, nem cor, viu-o ela, baixado e fitando-a sombrio e mudo.

Desvairada, alucinada, fugiu!

Beatinho e Taramela tinham assistido a toda a cena, inexplicável e incompreendida para eles, mudos e tontos de terror.

Passava-lhes pela mente a falta cometida, permitindo que o Santuário fosse invadido por uma mulher, e como consequência desta tremenda culpa Conselheiro, por um milagre, tornasse louca a pobre professora.

O que lhes tocaria agora, por castigo!

Esperaram atônitos, cabisbaixos.

O olhar do extasiado continuava fixo sobre tudo, sem fitar coisa nenhuma.

Ambos os espectadores daquela absorção horrível tinham pensado em se retirar encolhidos, esgueirando-se pelos cantos das paredes.

Por fim, puseram em prática o pensamento e saíram, sem que o olhar deixasse de segui-los, até a porta que cerraram.

Foram em procura de Macotas, que encontraram num canto do hospital encolhida, olhando alucinada em torno.

Ao vê-los, ela deu um salto prodigioso e desabriu-se numa algazarra entontecedora, estropiando orações no desespero de falar, falar, exausta, mas não saciada.

O olhar vítreo e persistente do monge abalara a sua razão fantástica e fraca, em virtude dos abalos, agonias, comoções e jejuns forçados que experimentara até ali.

No dia 19 de setembro o coronel Siqueira de Meneses fechou o cerco, tomando as estradas de Calumbi e Cambaio, únicas por onde entravam mantimentos para dentro de Canudos.

Beatinho viera narrar o caso ao Conselheiro, que despertara do êxtase.

– Onde está Taramela?, indagou ele. Vá chamá-lo.

Beatinho saiu a procurá-lo.

Taramela tinha desertado com um troço de mulheres e jagunços.

Ele fora avisado pelo Tiago, já de noite, que as estradas iam ser tomadas pelos batalhões, ficando tudo dentro de um cerco.

Taramela procurou Beatinho; não o encontrando, narrou o caso a alguns, que o acompanharam na fuga.

Na hora da saída procurou Macotas e tentou convencê-la a fugir.

Mais calma estava ela neste dia e, fitando rancorosamente o chaveiro, rosnou:

– Que uma bala de peça te apanhe, traidor!

Com a fuga de Taramela e a morte dos outros, restava dentro do arraial, unicamente, vivos, dos antigos chefes, Beatinho, Sinhozinho, Vicentão e uma centena de homens dirigidos pelos três.

Cerca de mil mulheres e crianças havia ainda dentro de Belo Monte, as quais viam aproximar-se o seu termo com uma bravura feroz.

A tropa avizinhava-se todas as noites do centro do arraial e os desgraçados já não podiam apanhar água no Vaza-Barris.

Uma noite que, taciturnos e vorazes de fome e sede, quedavam-se no fundo do santuário, Tiago inopinadamente perguntou:

– Vocês sabem da história da raposa que se vestiu de folhagem para poder beber água na fonte, em que era atocaiada por uma onça?

Esta pergunta foi uma revelação para os infelizes.

Dois ou três nesta noite conseguiram trazer alguns surrões de água, vestidos de folhagem ou a *mbayá*.

Mas era tanta gente!

E o cerco apertava-se.

Os tiroteios renhiam-se ferozes, de lado a lado.

Os que estavam dentro do arraial sabiam qual a sorte que os esperava, e matavam com a raiva sinistra, e rancor tenebroso de quem quer morrer muito bem acompanhado.

A coragem chegara à alucinação, a ferocidade ao sublime!

Entretanto, a ferocidade dos jagunços era quente, produzida pelas balas, pela pólvora, pela mornidão do sangue, no meio do combate, e não a ferocidade fria de degoladores.

Na manhã de 28 de setembro de 1897, Beatinho, entrando no Santuário, encontrou o corpo de Conselheiro estendido no chão.

Estava morto de inanição, com os dois polegares próximos um do outro e as mãos entrelaçadas sobre o peito.

Sombrio e terrível, o leal irmão de Conselheiro envolveu-o em duas esteiras e sepultou-o no Santuário.

Nada disse, e foi em demanda de Macotas, que andava mais calma.

– Ele morreu. Que fazer agora?

– Morrer, disse ela.

Fitou-a longamente, como querendo desvendar-lhe o pensamento.

Ela continuou calada, fitando a terra.

– Ainda há ração para os doentes?, arguiu ele.

Não obteve resposta.

Fez mais duas ou três perguntas que lhe não responderam e saiu mais sombrio ainda.

Nos dias seguintes até o dia 3 de outubro, como que uma chuva de balas entremeada de coriscos assolou o arraial, atacado dia e noite, havia

três meses e seis dias, e completamente sitiado por 10 mil soldados, havia meio mês!

Na manhã do dia 4, o fogo convergiu para a cidadela por todos os lados.

Era o fim da guerra e princípio das atrocidades.

A trégua da morte!

Beatinho amarrou no tope de uma vara um lenço branco e pediu tréguas.

Só um quarto de hora depois o fogo cessou.

O último beato de Antônio Conselheiro subiu a rua da Misericórdia e pediu para falar com o chefe.

Aqueles bravos soldados esmolambados não acreditavam que pudesse existir alguém mais sujo de que eles.

Tiveram a prova do contrário, vendo passar o sombrio sertanejo que procurava salvar a vida do resto dos companheiros da luta, capitulando. Se quisesse, não se entregaria às mãos dos inimigos, que antes de matá-lo, perderiam talvez uma centena de soldados.

Vida por vida, portanto, era o que ia propor ao chefe.

O seu olhar luzia com um tom hidrófobo e, chegando ao pé do chefe, grunhiu com voz rouca:

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ninguém lhe respondeu, maravilhados diante daquele ser singular e imperturbável!

– Tenho sede. Quem me dá um copo d'água?!

O chefe fez sinal e uma ordenança trouxe-lhe o líquido, que bebeu como um esfomeado come os primeiros bocados.

A água moderou-lhe o brilho e dulcificou-lhe mais a voz.

– Como se chama?, interrogou o chefe.

– Sou Beatinho, e venho propor a v. s^a um negócio.

– Fale.

– Saberá v. s^a que estou aqui porque quero, não porque viesse mandado. Ninguém mesmo lá sabe que estou aqui, nem o que vim fazer!

– E o que veio fazer?

– Lá vai. Lá embaixo está tudo morrendo de sede, é um desadoro do inferno; então eu pensei: esta gente que tanto nos persegue, sem nós nunca lhe ter provocado, o que quer é as nossas casas e nossos bens. Pois bem, vou ter com eles e lhes digo: acabe com esta guerra, porque nós estamos vencidos; aí dentro não tem mais gente para brigar com vosmecês, por isso eu venho pedir para mandar os seus soldados abrirem o cerco para nós irmos para nossos matos e vosmecês irem para suas casas, porque nós estamos aí dentro como bode no curral. Há três dias que não se dorme; está tudo metido em buracos e os meninos só vivem gritando, porque estão todos com fome e sede. Morreu quase tudo e eu hoje, vendo que morria, resolvi apresentar-me, a fim de falar com vosmecês. E então fiz um buraco por baixo de uma parede e amarrei este pedaço de pano branco numa varinha, pra me deixarem passar. Se isso durar mais dias vosmecês matam todos que estão lá, por isso eu peço pra deixar cada um ir pras suas casas e vosmecês vão também descansados pras suas.

– Tem muita gente ainda lá?, inquiriu o chefe.

– Temos ainda porçõozinha de gente. Mas na verdade que é tudo quase mulheres e crianças.

– E homens?

– Ainda há um bocadinho deles.

– Quantos? Não sabe?

– Anda por ali para cima de meio cento.

– Chega a um cento?

– Pode chegar e pode não chegar.

Alguns oficiais riram-se desta resposta capciosa do diplomata sertanejo.

– Bem. Pode ir e venha acompanhando a sua gente com armas e tudo.

– V. s^a nos deixa também levar as nossas armas?, perguntou contente e admirado o ingênuo Beatinho.

– Não. As armas ser-me-ão entregues.

Beatinho desceu para o arraial.

Nem um tiro perturbava a monotonia maravilhosa das conversações do campo de guerra em tréguas.

Passado certo tempo apareceu, comboiando um troço de desgraçados, maltrapilhos, cadavéricos, horríveis, de olhos acesos e ventas trêmulas de sede.

Sobrebraçava um feixe de clavinas que apanhara nas ruas, salpicadas delas.

As pobres mulheres e crianças, antes de falar, pediam água... água!

Aquela grande miséria constrangia a alma de todos.

Metia dó e pena encarar aqueles rostos macilentos e sulcados de rugas profundas de sofrimentos indivisíveis.

Algumas, feridas, com o sangue coalhado, emplastrado entre os cabelos poeirentos, amamentavam os filhos; outras, baleadas nas pernas, no dorso, nos braços, torciam-se de dores. Os pequerruchos enrolavam-se medrosos nas barras das saias sujas e esfarrapadas das mães.

Beatinho conseguiu trazer quase um milhar de mulheres e crianças, que eram entregues a determinados batalhões, que desapareciam com os bandos por detrás dos morros.

Muitas mulheres negaram-se a acompanhar ao beato sertanejo, preferindo morrer com suas filhas ao lado dos seus maridos.

Tiago, que acompanhara um grupo de mulheres e crianças para ver que destino lhes era dado, voltou horrorizado e espavorido, enfiou pelo arraial ao buraco onde se meteram os jagunços!

– Morram, mas não se entreguem, que estão cortando os pescoços dos que se entregam...!, avisou ele.

Os desgraçados ergueram-se todos num ímpeto elétrico, com os olhos esbugalhados pela indignação e angústia.

– Oh! que miseráveis!, exclamou Macotas. Pois bem, eles vão ver como uma mulher sabe morrer, amaldiçoando-os.

E hirta de cólera, louca, encaminhou-se para o lado dos inimigos.

Toda ela tremia, vibrada por uma tensão de nervos extraordinária.

Os olhos tomaram o brilho seco e ríspido dos loucos em horas de acesso.

Defronte do quartel-general, parou insolente e sublime, com as mãos escanchadas nos quadris, à moda portuguesa, e vociferou no meio de silêncio e pasma geral.

Cada palavra de sua voz vibrante e dura tinha a rigidez aguda de uma chicotada, e seu corpo tremia, os pés delicados, descalços, raspavam o chão impaciente, enquanto o olhar com um fogo demoníaco não parava, faiscando cóleras em volta.

– Os senhores se apoderaram de nossas casas, dos nossos potes, das nossas roupas, do nosso feijão, de nossa farinha, de nosso milho, de tudo quanto tínhamos!! O que querem mais? Não temos mais em que carregar um pingo de água nem o que comer; andamos todos esmolambados, assim! O que querem mais? Tocaram fogo em nossas roças, mataram os nossos filhos e maridos, não estão satisfeitos?! Querem o Conselheiro, não é? Pois bem, não o terão. Já morreu. O pai de nós todos, que me está ouvindo e viu e vê o que os senhores fazem, chamou-o. Está morto. O que mais desejam? A nós, as mulheres? Homens há poucos lá dentro e estes não se entregarão, morrerão todos, um por um, no combate, que é bem melhor do que ser degolado como os senhores têm feito aos desgraçados que lhe vieram pedir socorro. Degolem a todos; degolem os filhos também, para que não reste um só que, como eu agora, amaldiçoe mais tarde, a todos, a todos, raça danada!

– Cala-te, diabo!, impôs uma voz imperiosa.

– Calar-me? Era o que faltava. Querem tirar-me a voz também? Pois é fácil; cortem-me o pescoço, como têm feito às minhas companheiras. Cortem-no, porque enquanto eu puder falar hei de excomungá-los como filhos do Inferno que são. Não tenham dó nem pena. Ah! se me deixarem viva hão de se arrepender. Falarei, gritarei, contarei ao mundo inteiro esta suprema covardia e bestialidade de se degolar prisioneiros, mulheres e crianças!

– Levem esta mulher daqui!, ordenou uma voz.

Alguns soldados tentaram segurá-la.

– Oh! não me toquem, víboras?! Eu irei só. Por onde é o caminho do matadouro das mulheres?

Foi levada aos empurrões para fora do acampamento, onde um dos guardas arrancou de uma faca e, sem amarrá-la pelas costas (como

manda a lei dos degoladores), meteu-lhe dois dedos nos buracos do nariz, forçando-a a erguer o rosto e estirar o pescoço e neste atolou a faca de um lado a outro, rasgando depois a garganta para fora!

O corpo caiu, estrebuchando com os olhos enormes, horríveis e ríspidos de pavor, fixos no verdugo, que, limpando a faca na sola do pé, retirou-se.

Nesta hora, uma descarga medonha, inesperada, rompeu contra o arraial.

Incontinênti, como se esperassem por aquilo, os últimos jagunços responderam cerrando fogo.

Alguns soldados caíram.

Estava marcado, porém, que Canudos seria arrasado neste dia.

Cerca de 400 soldados foram postos fora de combate, ainda!

Não seriam bastante para comboiarem as almas das degoladas, as destes bravos que morriam no cumprimento de um dever desumano?

O clarim deu sinal de degola e a tropa invadiu, por todos os lados, todo o arraial.

Fizeram mão rasa nos habitantes; a idade, o sexo, a cor, as condições fisiológicas dos que foram encontrados neste hediondo dia, em Canudos, não foram respeitados.

As roças foram incendiadas, as casas destruídas com os jagunços dentro.

O perfume podre dos cadáveres insepultos, que alastravam o arraial há dias, fora abafado pelo cheiro de carne assada que tresandava das fogueiras.

Mortos os maridos, a lei dos católicos não foi menos cruel do que a dos filhos de Brahma, para as viúvas.

Era preciso queimá-las e queimaram-nas.

O castigo era pouco e era mister um exemplo pomposo e feroz, que o Tzar da Rússia e Torquemada nunca deram. Respeitaram estes, nas vítimas de sua perseguição, as que se achavam grávidas.

Em Canudos, os ventres em gestação, como caldeiras humanas, aqueceram-se, ebuliram-se e se não estouraram foi devido ao fogo já ter

abrasado as paredes das comportas onde havia embriões e fetos que o fogo ia incinerar.

Demais, se houve brados de socorro e misericórdia, a voz do incêndio e o estrondo do bombardeio abafaram!

Começou o fogo do lado do Santuário.

Homens de facho em punho, bombas de dinamite, rodilhas úmidas de líquidos inflamantes corriam, esgueirando-se por trás dos casebres, ateando o incêndio.

Muitos morreram com as armas incendiárias nas mãos pelas balas dos jagunços.

Os intervalos do bombardeio deixavam ouvir o ruído dos desmoronamentos das casas, através dos escombros das quais o fumo comprimido erguia-se com violência e as línguas de fogo esgarçavam-se nos ares. As mulheres fugiam de casebre em casebre apertadas pelo incêndio.

Estavam cheias as furnas e subterrâneos.

Um homem alto procurou atravessar de um ponto a outro e dois soldados tentaram prendê-lo.

Num ímpeto de rancor hediondo, lançou-se ele sobre a praça que estava mais perto, cingiu-a com dois braços de ferro e, com ela abraçada, atirou-se no meio de uma fogueira ao pé, morrendo ambos!

O acadêmico Martins Horcadas, descrevendo o incêndio a que assistiu, diz o que se segue e que foi publicado no *Jornal de Notícias* da Bahia: “Horror! E mais horror! Só em uma casa encontrei 22 cadáveres já queimados, de mulheres, homens e meninos! Em uma porta uma mulher, tendo sobre uma das pernas uma criancinha e num dos braços outra, todas três quase petrificadas! Em uma porta um jagunço, que perseguia um sargento e ao sair fora vitimado por uma bala, caindo sobre o perseguido que prostrara por terra! Em uma furna 12 cadáveres de jagunços, asfixiados, na ocasião do ultimo assalto! Nem sei se é concebível mais o que vi. O cérebro do homem não pode, nem a pena tem força para narrar os horrores ali presenciados, nem mesmo sei se me exprimo bem, dizendo horror!”

Por fim não se via em todo o arraial senão soldados. Os jagunços tinham desaparecido.

Antônio Beatinho indicou então as furnas onde eles se recolheram, a pedido dos militares.

Na porta destas furnas armaram-se formidáveis coivaras úmidas de querosene e atearam fogo.

Alguns desgraçados menos corajosos tentaram fugir à asfixia, e vieram morrer dentro das fogueiras no momento em que fugiam!

E quando nem mais um gemido, nem estrondos se ouviam, e somente se ouvia o crepitar horrendo das chamas, e se respirava uma atmosfera quente, saturada de cheiro de carne assada, diz o acadêmico Martins Horcadas: “Sons harmoniosos partiam dos clarins a anunciar-nos oficialmente o término da luta; as bandas de música formadas no largo, junto às igrejas, batiam sonoramente o majestoso hino da Pátria e os batalhões com seus respectivos pavilhões saudavam a pátria republicana, enquanto chegavam os generais Oscar e Carlos Eugênio, cavalgando fogosos corcéis a unirem-se ao heroico Barbosa, que a pé e com seu estado-maior estava reunido aos demais oficiais, que se achavam esparsos pela praça ali existente. Depois de passada a revista às tropas, o general-em-chefe apeou-se e levantou o chapéu ante o glorioso pavilhão auriverde, que altaneiro tremulava ao sopro lento da fagueira brisa, erguendo um fervoroso viva à República, que foi correspondido por todos os presentes.

“O entusiasmo tocou ao delírio e para mim não sei até onde foi, mas não era puramente devido à vitória, porque eu encarava-a como consequência de fatos e até não pensei que fosse tão *deslustrada*; porém é que eu via surgir uma nova fase para o meu estado natal – a Bahia.”

Infeliz Bahia que para mudar de fase fora mister assistir coacta à extinção de um povoado e de um povo inteiro, pelo incêndio, pelo fuzilamento, pela asfixia e pela degolação, sem diferença a sexo e a idade!

Desventurada Bahia que teve de quedar-se, perante esta brutal carnificina de seus filhos, e terá mais tarde de suprir tantas vidas de sangue nacional por outras de sangue da Calábria, que hão de custar rios de dinheiro, pelo menos...!

Três dias foram gastos no desmoronamento da cidadela.

Conselheiro, diziam as mulheres prisioneiras, morreu. Mas não sabiam onde fora sepultado.

Beatinho, interrogado a respeito, mostrara a sepultura do rude evangelizador das selvas, dentro do Santuário.

No dia 6 de outubro foi exumado da tosca cova em que os seus regionários o haviam sepultado, cortando-se a cabeça do cadáver putrefato!

Se tivesse receado a morte e fugido, quem sabe o que poderia fazer mais tarde?

Deixou-se matar pela sua fé, como Jesus; ninguém o pode pois chamar de charlatão e ambicioso, quando, com a morte, mostrou ser um verdadeiro crente e mártir da causa que, boa ou má, apostolou.

Ele era um convicto; dirão que convicto no erro; mas aos que erram ensina-se a verdade e não se mata.

Simples, sem cultura intelectual, modesto, sem aspirações no mundo, humilde e bom, ele sabia consolar os desesperados e aconselhar para o bem, de sorte que criminosos, velhacos de todos os sexos, homens e mulheres de todas as posições sociais ouviam-no cheios de contrição e arrependimento, enveredando depois pelo caminho das virtudes. O seu nome será inolvidável na crônica nacional.

Enquanto se passava a lúgubre e profana cerimônia de sua exumação, o penúltimo jagunço preso, por nome de Vicente Camaleão, vulgo Vicentão, com um braço fraturado, era arrastado pelas ruas e degolado para um canto da Fazenda Velha, no leito do Vaza-Barris.

Neste tempo, fortun intolerável e funesto empestava o ambiente.

As dezenas de corpos mal assados, mal enterrados, expostos ao sol e à neblina, apodreciam.

Miríades de varejeiras e moscas tumultuavam pelos ares, gordas, grávidas, levando a peste por onde passavam.

E a peste da varíola caiu violenta e feroz no meio daquela decomposição em vida.

Beatinho, na sua filosofia indutiva de sertanejo rude, porém bem-intencionado, cogitava:

“Não era ele o verdugo de tantas mulheres e crianças, as quais fora entregar no intento de salvá-las? Quanta desgraça! Antes todos reagissem até o derradeiro alento.”

Foi em uma hora que ele assim pensava que o vieram buscar.

Acompanhou o troço, descendo o Vaza-Barris, com quem vai apanhar o caminho de Jeremoabo.

No barranco do rio, ao pé de uma grota funda, viu o cadáver de Sinhozinho.

“Não se salvara então ninguém, depois do cerco?”, pensou tristemente.

Lembrou-se de repente de Tiago.

– Ah! este se salvara ao menos!

Assim fora. Tiago tinha desaparecido do acampamento, depois de denunciar aos companheiros o fuzilamento das mulheres.

“Ao menos aquele, que tudo vira, contaria, pelo mundo, a suprema bravura e desgraça de Canudos!”, pensava Beatinho, quando uma voz acordou-o da meditação.

– Aqui mesmo!

Pararam todos que o escoltavam.

Chegou-se um a ele com uma corda, procurando amarrá-lo por detrás.

– Para que isto, minha gente?, indagou, ignorando ainda a sorte que o esperava, em recompensa dos serviços que prestara.

– Já vais ver, disseram.

Jungiram-lhe por trás os dois braços, e como sobrasse um pedaço de corda prenderam-na num arbusto ao pé.

Da tropilha ordenou uma voz:

– Vamos! Acabem com isto!

E um homem avançou de faca em punho, colocou-se por trás do último jagunço prisioneiro, enfiou a mão por cima da cabeça dele, atolando-lhe dois dedos no nariz, com violência, arregaçou-os, puxando-lhe a cabeça para trás e cortou-lhe o pescoço.

O talho foi ríspido, rápido e profundo. O sangue espirrou em golfadas e o desgraçado morreu ainda amarrado ao pé do arbusto, com a cabeça segura ao corpo pelo couro da nuca, unicamente!

O magarefe era bom!

No quarto dia a varíola grassava de modo devastador, atacando de preferência as mulheres e crianças que escaparam à degola.

A ferocidade de alguns fora tolhida em meio caminho pela indignação de outros.

O coronel Teles, que voltara a Canudos depois de curado, salvara cerca de 50 famílias, fazendo-as acompanhar à Bahia, sem audiência de superiores.

Destas, porém, como de outras que depois vieram, foram arrancados os filhos pelos soldados. Tal como nas feiras dos negreiros.

Outrora os batalhões em marcha, em paradas, em quartel, tinham animais xerimbabos que os acompanhavam, fossem carneiros, cachorros, etc.

A vitória de Canudos modificou isto.

Deram a acompanhar os batalhões, como animais aquerenciados, os filhos das vítimas de Canudos, pequenos jagunços órfãos ou não.

A peste cresceu de tal modo que baixou-se ordem de sair do arraial.

Então, desordenadamente, cheios de saudade e desejos de retornarem aos seus, tontos de pânico pela varíola, precipitados, abandonaram armamento, munição, animais, fornecimento, tudo disparou!

No dia 4, partiram os batalhões de polícia estaduais e no dia 12 principiou a retirada dos corpos de linha.

Desgraçada da prisioneira que caía exausta no meio da estrada!
Aí ficava, ali morria!

Saíram os últimos soldados e do antigo arraial restou enorme tapera enegrecida pelo fumo e fogo do incêndio, sem casas e sem igrejas!

Apenas um paredão do novo templo estatelava-se lavrado de vermelho e negro; adusto na borda do rio enxuto! E aqui, ali, pelos campos, cruces de pau, assinalando sepulcros de oficiais!

Apareceram os primeiros urubus, e a necrópole foi invadida afinal pelas aves negras que desapareceram no tempo dos combates.

A tomada de Canudos custara 5.000 vidas de oficiais e soldados do Exército federal e estadual e milhares de contos ao Tesouro da União.

.....

?

ALGUNS MESES depois, o capitão Jesuíno, guiando uma diligência policial, fora arrecadar os armamentos abandonados em Canudos, assim como os animais reíunos esparsos pelas catingas.

Aqueles estavam oxidados, inúteis.

Uma rama verde cobria as vazantes do rio, onde canteiros de batatas e melancias estrumado, com a decomposição de corpos humanos, cresciam numa exuberância prolífica.

Um soldado, cavando o batatal, encontrou crânios de crianças e recuou.

– Vamo-nos embora.

Os outros riram-se com o escrúpulo do camarada.

– Daqui não saio, enquanto não comer esta melancia, observou outro.

Por fim, o bando levantou acampamento e aprumou para Jeremoabo.

Após, no alto da Fazenda, o vulto de Vilanova apareceu, dirigindo-se para as bandas do Santuário.

Caía a tarde fresca a prometer chuva.

Vilanova procurou, por entre os escombros, chegar-se à quixabeira.

E, aí, encoberto pela sombra, começou a cavar o tesouro que só ele e o Conselheiro sabiam onde estava enterrado.

Quando saiu levava um surrão às costas e encaminhou-se para o nascente.

Súbito, parou, olhando em roda! Era que tinha ouvido perfeitamente chamá-lo: Vilanova!

Em ato contínuo, a figura de Tiago surgiu de umas ruínas.

– Tiago!

Os dois estiveram longo tempo assombrados com aquele encontro.

Depois, sentaram-se e principiaram a conversar.

O sol ia morrendo quando ambos ergueram-se. Toda a história do fim de Canudos Tiago narrara ao filho do Assaré, marido da Pimpona. E ambos sentiam-se tristes!

– E agora, o que vai fazer, Tiago? Quer ir comigo para a minha terra, no Ceará? Lá viveremos em paz! Quem sabe se lá não encontrarei os meus?

– Obrigado, seu Vilanova. Daqui eu me enterro por estes cafundós de Judas e vou sair em Jalapão, no Goiás, onde é turuna o *Volta Grande*. Quem sabe se ainda não tomaremos uma desforra dos danados que fizeram isto?

E apontou para a imensa tapera isolada e triste.

Depois, continuando, exaltado:

– Oh! uma desforra, como seria bom!? *Volta Grande* é o rei dos caboclos de Jalapão, e é lá naqueles fundões que havemos de fazer com que as *imundícies* nos vão atacar! Então veremos! Adeus!

– Adeus!

E cada um seguiu o seu rumo, Tiago para o poente, Vila Nova para o nascente!

O sol, já encoberto para o lado do Caipã, deixara um tom afogueado no espaço.

A taciturna tapera tomava uma cor sinistra que metia assombro.

Os caracará e urubus, que ciscavam por entre as ruínas, restos duros de esqueletos, levantavam voo em demanda das dormidas, um a um.

No alto da Misericórdia um bando de gaviões assustados fugiu pelos ares, ao tempo que, cavalgando um jumento de orelhas bambamente grandes, um vulto alto, espingolado, esguio, arrastando os pés no chão, de chapéu e nu, apareceu como um ser quixotesco ou fantástico!

O asno, farejando a verdura e a água do Vaza-Barris, soltou um ornejo longo, relinchante, que atroou o espaço. O homem, como que despertado pelo relincho da pacientíssima besta, levantou os dois braços enormes e berrou, também, com voz rouca e formidável.

– Eu sou Jararaca, o único animal que mata os filhos!

E a sua voz rouquenha e áspera fez voar assustadas as derradeiras rapinas que ciscavam as ruínas de Canudos, enquanto o asno, pacientissimamente, descendo pela encosta da colina, encobriu-se com o doudo ao lombo, nas várzeas do Irapiranga!

FIM

.....
Índice onomástico

- A**
- ABADE – Ver JOÃO ABADE
- ABERENI, João do – 83
- ABREU LIMA (coronel) – 150, 170
- AGRIPINO (padre) – 118
- ALAO DIM – 57, 58
- ALECRIM, João da Costa – 24
- ALECRIM, Manuel do – 83
- ALENCAR (major) – 249, 252
- ALENCAR, J. Mariano de – 35
- ALENCASTRO (capitão) – 170
- ALEXANDRE – 211
- AMARAL (Dr.) – 225
- AMARAL (tenente) – 249
- ANCHIETA (padre) – 56
- ANDRÉ DA JIBOIA – 122, 219, 253
- ANTONICO – Ver VILANOVA, Antônio
- ANTÔNIO BEATINHO – 61, 118, 121, 175, 176, 178, 195, 200, 218, 219, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 273, 275
- ANTÔNIO CONSELHEIRO – 23, 25, 26, 27, 29, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 86, 87, 89, 91, 94, 96, 102, 105, 106, 107, 109, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 147, 150, 158, 159, 160, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 180, 186, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 207, 219, 232, 238, 239, 240, 247, 253, 256, 258, 259, 261, 263, 264, 265, 266, 267, 270, 273, 274, 278
- ANTÔNIO DIRETOR – 122
- ANTÔNIO FÉLIX – 178, 180, 182, 183, 188, 193, 196, 238, 239
- ANTÔNIO FOGUETEIRO – 122, 125, 253
- ANTÔNIO VICENTE – Ver ANTÔNIO CONSELHEIRO
- APRÍGIO, Joaquim – 41
- ARARIPE (major) – 249
- ARAÚJO 5º (alferes) – 139
- ARAÚJO COSTA – 27
- ARAÚJO, Luciano Domingues de – 32, 34, 35
- ARAÚJO, Manuel de – 37
- ARAÚJOS (os) – 24, 25, 28, 29, 31, 34, 35, 37, 57
- ARGOLO, Francisco de Paula (general e ministro da Guerra) – 150, 161, 204
- ARTUR OSCAR (general) – 170, 204, 207, 208, 209, 212, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 273
- ÁVILA (tenente) – 162
- B**
- BARBEDO, Luís (tenente-coronel) – 170
- BARBOSA LIMA – Ver LIMA, João Barbosa
- BARBOSA, João da Silva (general) – 204, 207, 214, 231, 232, 273
- BARREIRA, Inácio Lopes – 32
- BARRETO LEITE (Dr.) – 231

BARROS, Paraguaçu de (tenente) – 249
 BARROS, Pedro de – 128
 BATISTA, Ato (alferes) – 165, 166
 BEATINHO – Ver ANTÔNIO BEATINHO
 BELINHA – 184, 185, 193, 197
 BENÍCIO – Ver MANUEL BENÍCIO
 BENTA – 63, 64, 65, 80, 81, 86, 88, 90, 101, 104, 105, 108, 110, 112, 113, 114, 115, 119
 BITENCOURT, Carlos Machado (marechal) – 254, 256
 BOURBAKI (marechal) – 147
 BRASILINA – 25, 41, 43, 82, 263
 BRÍGIDO, João (advogado) – 17, 54
 BRITO, Febrônio de (major) – 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 148, 158, 196, 213, 232
 BUCHELE (capitão) – 252

C

CABUNGÁ – Ver PAI CABUNGÁ
 CAETANO (frei) – 130
 CAJAÍBA – 171, 173, 174
 CALDAS, Tupi (coronel) – 249, 250, 252
 CALUMBIL, Joaquim – 147
 CAMPELO (coronel e deputado) – 175, 214, 229, 235
 CÂNDIDO [Candinho] – 63, 64, 65, 66, 68, 70, 86, 90, 101, 104, 109, 110, 111, 112, 113
 CANGUÇU (Dr.) – 197
 CANTUÁRIA, João Tomás da (general) – 167, 199
 CARAMURU – 69
 CARLOS – Ver MACIEL, Miguel Carlos
 CARLOS (os) – 28
 CARLOS EUGÊNIO (general) – 254, 273
 CARVALHO (alferes) – 166

CASTRO, Gentil de (coronel) – 256
 CASTRO, Joaquim José de (tenente-coronel) – 40
 CATINGUEIRA, Inácio da – 83
 CAVALCANTI (alferes) – 249
 CAVALCANTI, Amaro (ministro da Justiça) – 204
 CERINO – 85
 CERQUEIRA, Dionísio de (general) – 136
 CÉSAR – 127
 CÉSAR, Antônio Moreira (coronel) – 120, 142, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 171, 198, 200, 203, 208, 209, 213, 214, 231
 CHICA – 175
 CHICO DA PADARIA – 175, 185
 CHICO EMA – 122, 253
 CIPRIANO – 122, 128, 239
 CISNEIROS (alferes) – 250
 CODESSO (padre) – Ver CODESSO Y MARTÍNEZ
 COELHO (alferes) – 135
 CONSELHEIRO – Ver ANTÔNIO CONSELHEIRO
 CORDEIRO, João – 68
 CORREIA DE VASCONCELOS – Ver VASCONCELOS, Inácio Correia de
 COSTA (tenente) – 152, 154
 COSTA, Antônio de Araújo – 25, 27
 COSTA, Luciano – 32, 33
 COSTA, Manuel Francisco da – 36
 CUNHA LIMA (cadete) – 249
 CUNHA MATOS (major) – 152, 153, 155, 156, 157, 159, 161, 164, 166, 167, 169, 170, 208, 209

D

DANTAS BARRETO (coronel) – 155, 164, 249, 250, 252

DE MARTINO – 136
DIOCLECIANO – Ver MACEDO,
Diocleciano de
DOMINGOS LEITE (tenente) – 159,
166
DOUTOR – Ver RAIMUNDINHO
DOUTOR
DUARTE QUEIRÓS – Ver QUEIRÓS,
Antônio Duarte de

E

ESCOBAR (capitão e tenente) – 261
ESTÁCIO – Ver GAMA, Estácio José da

F

F. R. O. (Dr.) – Ver OLIVEIRA, Fortu-
nato Raimundo de
FABRÍCIO – 122
FARIAS, Joaquim José de – 53
FAUSTINO – 122
FEBRÔNIO – Ver BRITO, Febrônio de
FEITOSA, Vicente – 52, 78, 260
FELISBERTO (coronel) – 141
FELIX GASPAR (Dr.) – 152
FERNANDES, Ricardo – 170
FERREIRA NINA (Dr.) – 155
FERREIRA, Chico – 83, 84, 90, 93, 95, 114
FIEL (Dr.) – 120, 121
FIGUEIRA (tenente) – 159, 162, 166
FILIPE (cabo) – 250
FLORES, Thompson (coronel) – 208,
209, 215
FONTES, Paulo (Dr.) – 121
FONTOURACONSTAT (general) – 153
FRANCISCA – Ver MACIEL, Francisca
FRANCO (capitão) – Ver PEDREIRA
FRANCO
FREITAS, Manuel Procópio de – 27
FRUTUOSO (2º tenente) – 251

G

GAMA, Estácio José da – 31, 32, 33, 34
GANGORRA – 122, 174, 175, 197
GAVIÃO (capitão) – 249, 252
GIRARD (general) – 255
GITIRANA (Dr.) – 118
GOMES FORTES PONTES (juiz) –
139
GOUVEIA, Inácio Henriques de (coro-
nel) – 204, 229, 230
GUABIRABA – 83, 84, 85, 90, 93, 95
GUABIRABAS (os) – 21, 85
GUANABARA, Alcindo – 256
GUERRA, Manuel – 238
GUERREIRO, Inácio Mendes – 27, 37
GUIMARÃES, Carlos Eugênio de An-
drade (general) – 256
GUIMARÃES, Domingos Rodrigues
(Dr.) – 53
GUTIERREZ – 208

H

HELENA – Ver MACIEL, Helena
HONÓRIO – Ver LIMA, Honório de
HORÁCIO – Ver VILANOVA, Horácio

I

IBIAPINA (padre e juiz) – 31, 36
INÁCIO – Ver GUERREIRO, Inácio
Mendes
ISABEL [Isabel Redentora] – 63, 79, 80,
88, 89, 98, 99, 100, 103, 104, 105,
109, 111, 114, 174, 175, 176, 184,
185, 200, 218, 239
ISIDRA – 63

J

JABURU – Ver JOÃO JABURU
JACINTO – 122

JAGUNÇO (capitão) – 198
 JARARACA – 181, 182, 183, 184,
 185, 193, 194, 199, 279
 JERÔNIMO (D.) – 129, 131
 JESUÍNO (capitão) – 120, 121, 156,
 186, 198, 199, 277
 JESUS, Antônia Maria de – 173
 JOANA IMAGINÁRIA – 41, 42
 JOÃO ABADE – 122, 123, 128, 131,
 171, 172, 173, 174, 175, 178,
 181, 184, 185, 186, 195, 196,
 197, 198, 199, 200, 201, 218,
 219, 238, 239, 240, 241, 242, 260
 JOÃO BERNARDO – Ver MAGA-
 LHÃES, João Bernardo de
 JOÃO CARLOS (alferes) – 250
 JOÃO EVANGELISTA (coronel e mis-
 sionário) – 130, 137
 JOÃO JABURU – 114, 115
 JOÃO PAULINO (coronel) – 26
 JOÃO PEDRO – 75
 JOÃO SEGUNDO – 173
 JOÃO TETÊ – 95, 96, 97, 99, 100, 104,
 107, 122, 124, 174, 175, 178, 181,
 194
 JOÃO TOMÉ (major) – 62, 63, 64, 66,
 67, 70, 72, 75, 76, 77, 78, 80, 88,
 91, 94, 95, 96, 100, 103, 104, 105,
 107, 108, 110, 113, 114
 JOAQUIM – Ver MEDEIROS, Joaquim
 Manuel de
 JOAQUIM – 106
 JOBIM (alferes) – 249
 JOSÉ TIBÚRCIO – 118
 JOSEFA – 173
 JUBAL (alferes) – 166
 JUSTOS, João Mendonça – 40, 41

L

LALAU – 122, 175, 181, 187, 188, 190,
 192, 194, 253

LEÇA, Teófilo (coronel) – 26
 LEITÃO (família) – 127
 LEITÃO, Joaquim (coronel) – 127, 128,
 192
 LEITE, Henrique José – 216
 LEITE, Joana – 75, 76, 86, 87
 LEOCÁDIA – 184
 LEONI, Arlindo (juiz) – 126, 136
 LIMA, Amâncio Maciel de – 26
 LIMA, Honório de (promotor) – 128,
 140
 LIMA, João Barbosa – 26, 121
 LIMA, Lourenço Correia – 26, 43
 LOBO, Franco (Dr.) – 155
 LOPES, Vicente – 24, 28
 LORIANO (capitão) – 249
 LOURENÇO – Ver LIMA, Lourenço
 Correia
 LUCIANO – Ver ARAÚJO, Luciano
 Domingues de
 LUCIANO – Ver COSTA, Luciano
 LUÍS (D.) – Ver SANTOS, D. Luís An-
 tônio dos Santos

M

MACAMBIRA, J. – 120, 121, 175, 187,
 189, 193, 201, 253
 MACEDO, Diocleciano de – 122, 174
 MACEDO, Luís Gonzaga de (chefe de
 polícia) – 53
 MACIÉIS (os) – 17, 24, 25, 27, 28, 29,
 31, 32, 34, 37, 38, 42, 57
 MACIEL, Antônio Vicente Mendes –
 Ver ANTÔNIO CONSELHEIRO
 MACIEL, Francisca – 25, 26, 40, 41, 43
 MACIEL, Helena – 25, 32, 33, 34, 37
 MACIEL, Maria – 26, 39
 MACIEL, Miguel Carlos – 23, 25, 27,
 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38
 MACIEL, Vicente – 25, 26, 40

MACOTAS (professora) – 257, 262, 265, 266, 269
MAGALHÃES, João Bernardo de (maior) – 26, 40, 45
MAMORÉ (barão de) – 50
MANGABA, Nicolau – 122
MANUEL BENÍCIO (capitão) – 254
MANUEL PAULA – 128
MANUEL PEQUENO – 174
MANUEL QUADRADO – 68, 70, 85, 92, 94, 101, 102, 103, 106, 108, 115, 122, 175, 177, 185, 200, 238, 240, 242, 253
MARIA – Ver MACIEL, Maria
MARIA – 63, 88, 89, 93, 95, 98, 109
MARIA CHANA – Ver MACIEL, Maria
MARIA ISABEL – 173
MARIA PIMPONA – 71, 105, 115, 122, 177, 185, 186, 188, 237, 238, 240, 241, 242, 278
MARIANA – Ver PAJOBA, Mariana
MARTINS HORCADAS – 272, 273
MARTINS, Julião Augusto da Serra (coronel) – 204, 206, 246, 249, 252, 254
MARTINS, Pedro – Ver VEIGA, Pedro Martins
MATEUS, Alfredo Alves (juiz) – 46
MATOS, Clementino de – 129
MATOS, Miguel de Aguiar – 52, 53
MAXI – 122, 174
MEDEIROS, Joaquim Manuel de (coronel) – 204, 229, 230, 240, 241
MELO, João Capistrano Bandeira de (conselheiro, presidente da província) – 48, 49, 50
MENDES (coronel) – 254
MENDONÇA, João – Ver JUSTOS, João Mendonça
MENDONÇA, Luís de (advogado) – 54

MENESES, Adalberto de (alféres) – 249
MENESES, José Joaquim de – 24, 25, 28, 29
MIGUEL – Ver MACIEL, Miguel Carlos
MIGUEL CARLOS – Ver MACIEL, Miguel Carlos
MIGUEL CARLOS FILHO – Ver MACIEL, Miguel Carlos
MORAIS, Prudente de (presidente da República) – 149, 203, 212
MOREIRA CÉSAR – Ver CÉSAR, Antônio Moreira
MOREIRA, Diogo (tenente) – 249
MOTA, Antônio da – 127, 186, 216
MOTA, Joaquim da – 127
MOURÕES (os) – 24, 25
MÜLLER, Lauro – 256
MUNIZ TELES – 250

N

NAPOLEÃO I – 211
NASCIMENTO (tenente) – 166
NASCIMENTO, Francisco Pereira do (capitão) – 25, 68
NÉRI (coronel) – 252
NICOLAU MANGABA – 175
NINA (Dr.) – Ver FERREIRA NINA
NOBRE, Manuel Antônio Ferreira (professor) – 39
NÓBREGA (padre) – 56
NOGUEIRA – 83, 84, 90

O

OLÍMPIO DA SILVEIRA (capitão) – Ver SILVEIRA, Antônio Olímpio da
OLIVEIRA, Antônio Caetano de – 36
OLIVEIRA, Fortunato Raimundo de (Dr.) – 202
OSCAR – Ver ARTUR OSCAR

P

PAI CABUNGÁ – 177, 186, 190, 238, 241, 242, 243
 PAJEÚ – 122, 172, 173, 175, 176, 180, 184, 185, 195, 196, 202, 238, 243
 PAJOBA – 66, 68, 69, 95, 97, 102, 104
 PAJOBA, Mariana – 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 107, 124, 178, 180, 181, 182, 184, 193, 194
 PANTOJA, Donaciano de Araújo (coronel) – 204, 206, 249
 PARAGUAÇU (capitão) – 249
 PARENTE, Francisco Gomes (capitão) – 25
 PAULO – 128, 129
 PAZ, Simão Lopes da – 34
 PEÇANHA, Nilo – 254, 256
 PEDRÃO – 122
 PEDREIRA FRANCO (capitão) – 166, 167, 169
 PEDRO EREMITA – 57, 58
 PERDIGÃO, D. João da Purificação Marques (bispo) – 48, 131
 PEREIRA, Hermínio (tenente) – 151
 PEREIRA, Manuel dos Santos (D.) – 131
 PEREIRA, Manuel Vitorino (vice-presidente) – 149
 PIMENTEL, André Jacinto de Sousa – 37
 PIMPONA – Ver MARIA PIMPONA
 PINTO, Joaquim Gregório (alferes) – 37
 PIRAGIBE (coronel) – 161
 PIRES FERREIRA (tenente) – 127, 135, 137-138, 141, 198
 PODESTA, Ildefonso (cônsul) – 136
 POLI (alferes) – 154, 158
 PROCÓPIO FREITAS – 31
 PRUDENTE – Ver MORAIS, Prudente de

PURIFICAÇÃO, João da (D.) – Ver PERDIGÃO, D. João da Purificação Marques

Q

QUADRADO – Ver MANUEL QUADRADO
 QUEIRÓS, Antônio Duarte de (juiz) – 31, 34, 35, 36

R

RAIMUNDINHO DOUTOR – 69, 70, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 87, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 109, 111, 113, 114, 122, 123, 124, 131, 174, 175, 176, 177, 178, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 200, 201, 218
 REIS, Ângelo – 243
 REIS, Antônio (tenente-coronel) – 147
 REIS, Timóteo Pereira (alferes) – 122, 252, 258, 260
 ROCHA, Alexandrina – 173
 RODRIGUES LIMA (governador) – 129
 ROLA, Pedro – 127
 ROMANO – 83, 84, 85, 88, 89, 90, 93, 95, 114
 ROQUE (cabo) – 168
 ROSAURA – 183, 196
 RUFINA – 26

S

SABOIA, Domingos Carlos de (major) – 40
 SALES (capitão) – 166, 169, 250
 SALES, Francisco Xavier de Araújo – 25
 SALOMÃO (capitão) – Ver VILARIM, Salomão
 SAMPAIO (major) – 249, 252

SANTOS, D. Luís Antônio dos Santos (arcebispo) – 48, 49, 51, 131
SATURNINO (coronel) – 139
SAVAGET, Cláudio do Amaral (general) – 204, 205, 206, 207, 215, 216, 246, 254, 256
SENHORINHA – 111, 115, 178, 180, 181, 184, 186, 193, 194, 197, 238, 239, 241
SERBETO (capitão) – 140
SERRA MARTINS – Ver MARTINS, Julião Augusto da Serra
SEVERO (capitão) – 156
SILVA, José Balbino da – 128
SILVA, Ricardo Fernando da (coronel) – 150
SILVEIRA, Antônio Olímpio da (capitão, coronel, general) – 166, 167, 170, 204, 251, 261
SIMÕES (capitão) – 166
SINHAZINHA – 106, 108
SINHOZINHO – 265, 275
SIQUEIRA DE MENESES (coronel) – 265
SOARES WOOLF (coronel) – 150, 170
SOARES, Henrique Duque Estrada de Macedo (alferes) – 251
SÓLON (general) – 127, 136, 139
SOUSA MENESES (coronel) – 153, 157, 165, 166, 167
SUE, E. – 122

T

TALIÃO – 34
TAMARINDO (coronel) – 154, 162, 164, 165, 167, 168, 169
TARAMELA, Félix – 122, 175, 184, 219, 238, 261, 262, 263, 264, 265
TELES, Carlos Maria da Silva (coronel) – 175, 204, 205, 206, 207, 239,

248, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 276
TELES, Jaime (alferes) – 152
TELES, Joaquim (alferes) – 154
TELES, Vicente de Paula Doscais (Dr.) – 46
TEODOMIRO – 166
TEOTÔNIA – 71, 105, 122
TETÊ – Ver JOÃO TETÊ
THIEBALT – 210
TIAGO – 180, 195, 199, 219, 238, 239, 240, 243, 265, 269, 275, 278
TIMÓTEO [Timotinho] – Ver REIS, Timóteo Pereira
TOLENTINO (Dr.) – 253
TOMÉ – Ver JOÃO TOMÉ
TORQUEMADA – 271
TRINAS (capitão) – 169
TRISTÃO – 80, 81, 82, 85, 87, 88, 90, 91, 104, 107, 108, 111
TUPI – Ver CALDAS, Tupi

V

VANDERLEI (alferes) – 249
VASCONCELOS, Inácio Correia de (tenente-coronel) – 35
VASCONCELOS, Maria Francisca de – 123
VEIGA, Pedro Martins – 29, 30
VENÂNCIO, João – 121
VENCESLAU – 238
VERAS (os) – 25, 28
VERAS, José Gonçalves (major) – 42
VERAS, Silvestre Rodrigues – 25, 27, 28
VIANA, Luís (governador) – 126, 141, 143, 149
VICENTE – Ver MACIEL, Vicente
VICENTE (padre) – 85
VICENTE CAMALEÃO [Vicentão] – 122, 186, 238, 265, 274

288 Manuel Benício

VIEIRA PACHECO (alferes) – 248

VIEIRA, José – 47

VILALBA (alferes) – 248

VILANOVA, Antônio – 122, 186, 242,
243

VILANOVA, Horácio – 71, 74, 78, 82,
105, 106, 108, 111, 115, 122, 123,
129, 176, 184, 185, 186, 187, 188,
219, 237, 238, 240, 260, 277, 278

VILANOVAS (os) – 105

VILARIM, Salomão (capitão) – 69, 164,
165, 169

VIRGÍLIO (alferes) – 121

W

WOOLF (coronel) –Ver SOARES
WOOLF

X

XAVIER (capitão) – 249

XIMENES, Manuel – 25

O rei dos jagunços, de Manuel Benício,
foi composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia 85g/m²,
nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do
Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em maio de 2013,
de acordo com o programa editorial e projeto gráfico
do Conselho Editorial do Senado Federal.

Manuel Benício refaz os mesmos passos de Euclides da Cunha e relata o genocídio de Canudos. À diferença de *Os Sertões*, o autor romanceia o grande drama vivido no final do século XIX, sem fugir aos fatos históricos e à verdade. “Abastado de provas e documentos, meti ombros à tarefa”, escreve Manuel Benício, que foi correspondente do *Jornal do Comércio* na guerra de Canudos.

O autor também contou com o auxílio do “cronólogo cearense e homem de letras”, o coronel João Brígido, além de se valer de depoimentos de oficiais que estiveram em mais de uma expedição a Canudos. O que temos aqui é um relato vibrante, escrito com a pena encantatória do modo ficcional, o que lhe dá leveza e apreensão dos fatos de maneira amena e entretida.

Contudo, Manuel Benício oferece um ponto de vista diferente. Vale a pena conferir e cotejar um e outro relato sobre Canudos, pois, ao final da leitura, ter-se-á uma visão bem mais ampla. Para os que amam e estudam os fatos ocorridos entre o Exército brasileiro e as forças civis e despreparadas (só animadas pela disposição ensandecida dos místicos) do líder Antônio Conselheiro, este livro é uma fonte de consulta imprescindível.

